

UNIVERSIDADE FEDERAL DE GOIÁS

TITO OLIVEIRA COELHO

**INTERAÇÕES ESPACIAIS RITUALIZADAS EM GIROS DE FOLIA:
UM ESTUDO NO JARDIM DAS AROEIRAS EM GOIÂNIA**

Tese apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Geografia do Instituto de Estudos Sócio-Ambientais da Universidade Federal de Goiás/UFG, como parte dos pré-requisitos para obtenção do título de Doutor em Geografia, sob orientação do Prof. Doutor Carlos Eduardo Santos Maia.

**GOIÂNIA
2012**

TITO OLIVEIRA COELHO

**INTERAÇÕES ESPACIAIS RITUALIZADAS EM GIROS DE FOLIA:
UM ESTUDO NO JARDIM DAS AROEIRAS EM GOIÂNIA**

**GOIÂNIA
2012**

**Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)
GPT/BC/UFG**

C672i Coelho, Tito Oliveira.
Interações espaciais ritualizadas em giros de folia
[manuscrito]: um estudo no Jardim das Aroeiras em Goiânia /
Tito Oliveira Coelho. - 2012.
192 f. : il.

Orientador: Prof. Dr. Carlos Eduardo Santos Maia.
Tese (Doutorado) – Universidade Federal de Goiás, Instituto
de Estudos Sócio-Ambientais, 2012.
Bibliografia.

1. Festa popular – Goiânia (GO). 2. Giros de folia – Jardim
das Aroeiras – Goiânia (GO). I. Título.

CDU:394.2(817.3)

DEDICATÓRIA

Dedico este trabalho a minha esposa Nair Carvalho Melo, pelo apoio emocional.

A Gabriela Carvalho Carneiro.

A minha mãe Angélica Terezinha de Oliveira e ao meu pai José Coelho Neto, que vêm contribuindo com meus estudos acadêmicos.

A meus irmãos Vito Oliveira Coelho, pela ajuda nas horas difíceis, e Ivo Oliveira Coelho.

AGRADECIMENTOS

Agradeço ao Divino Pai Eterno, ao Menino Jesus, a São José e a Santa Maria, e aos Reis Melchior, Gaspar e Baltazar, que proporcionaram uma hierofania superior, como motivos primeiros de nossa pesquisa.

Ainda que nossos corações sejam marcados pelo egoísmo, o altruísmo reluta. Por isso, agradeço ao Prof. Dr. Carlos E. S. Maia, que me orientou nesta pesquisa; à Prof^ª. Dr^ª. Deise N. Mesquita, pelo apoio linguístico. Ao Sr. Miguel Prudêncio Vilela; Emilia A. Cruvinel; Jaislaine de A. J. Cardoso. Aos foliões da Folia de Santos Reis do Jardim das Aroeiras. Aos Me. Anderson L. da Silveira e Me. Glebstoni Rocha. A Tânia Mara e Silvia Rezende. A Me. Lara Satler. A Oscar Bonifácio e Maria de Lourdes Bonifácio. Aos professores do IESA/UFG.

Enfim, aos que colaboraram direto/indiretamente para a aquisição de cada degrau do meu conhecimento e degustam comigo novas experiências em espaços interacionais.

ORAÇÃO AO DEUS DESCONHECIDO

Antes de prosseguir em meu caminho
e lançar o meu olhar para frente uma vez
mais,
elevo, só, minhas mãos a Ti na direção de
quem eu fujo.

A Ti, das profundezas de meu coração,
tenho dedicado altares festivos para que,
em

Cada momento, Tua voz me pudesse chamar.
Sobre esses altares estão gravadas em fogo
estas palavras:

“Ao Deus desconhecido”.

Sou, sou eu, embora até o presente tenha me
associado aos sacrílegos.

Sou, sou eu, não obstante os laços que me
puxam para o abismo.

Mesmo querendo fugir, sinto-me forçado a
servi-lo.

Eu quero Te conhecer, desconhecido.

Tu, que me penetras a alma e, qual turbilhão,
invades a minha vida.

Tu, o incompreensível, mas meu semelhante,
quero Te conhecer, quero servir só a Ti.

Nietzsche

(Traduzida do alemão por Leonardo Boff)

RESUMO

Este trabalho tem como objetivo analisar as interações espaciais durante os giros de Folia de Reis do Jardim das Aroeiras em Goiânia. O trabalho analisa as interações espaciais em folias de Reis, tomando como caso específico a folia promovida pelo “Seu M.”, que fica situada no Jardim das Aroeiras, região leste da capital, por diferentes áreas da cidade de Goiânia e entorno. Procuramos, com este estudo, recuperar a Folia de Reis do JDA (Jardim das Aroeiras) na qualidade de elemento espacial, para perceber e vivenciar o que a folia, como festa em geral, deixa mostrar, na composição cultural dos bairros da capital goiana e suas interações espaciais. Para tanto, fez-se uma pesquisa a partir de obras que enfocam a teoria da interação espacial na área de Geografia Humana, com a finalidade de possibilitar uma visão mais ampla do assunto em pauta. Dessa forma, nosso trabalho é resultado de uma pesquisa do *tipo bibliográfica* (a partir do registro disponível) e *de campo*, que nos permitiu acompanhar, observar e analisar os rituais dos giros da Companhia de Reis de “Seu M.”, resguardados os princípios éticos. Partindo das concepções de Claval (1997), Maia (1999, 2010), Santos (1996a, 1996b), Seamon (1980), Rosendahl (1996), Ullman (1974), Corrêa (1997), Mello (2000), Brandão (1977, 1980, 1989, 2004), entre outros teóricos, discorremos, neste trabalho, sobre interação espacial, fixos e fluxos, peregrinação e ritual. Destarte, almejamos que esta pesquisa possa, de alguma forma, contribuir para o aprofundamento de temas associados à interação espacial a serem vivenciados e experimentado de dentro e de perto; e que este estudo se nos apresente como sendo um instrumento relevante de interpretação da realidade social, histórica e cultural que permeia as relações humanas.

PALAVRAS-CHAVE: Interação espacial. Peregrinação. Deslocamento. Festa Popular. Folia.

ABSTRACT

This work aims to provide analysis of the spatial interactions during the *Folia de Reis* (Folly of the Kings) located at *Jardim das Aroeiras*, Goiânia. Furthermore, the spatial interaction during *Folia de Reis* (Folly of the Kings) is observed taking, for instance, the folly lead by “Mr. M.” at *Jardim das Aroeiras*, Eastern Goiânia. It goes around different city areas in Goiânia and its surroundings. The main objective of this study is to redeem *Folia de Reis* (Folly of the Kings) at JDS (*Jardim das Aroeiras*) as a spatial element in order to experience what the folly itself, as a general celebration, influences the neighborhoods and its spatial interactions in this very capital city. To do so, a research was made from works that deal with spatial interaction in Human Geography field looking forward to broadening the issue. Likewise, our work originates from both bibliographic and camp-related research which allowed us to follow, observe and analyze “Mr. M.” Companionship rituals, as far as ethical principles are concerned. Based on Claval (1997), Maia (1999, 2000), Santos (1996a, 1996b), Seamon (1980), Rosendahl (1996), Ullman (1974) Corrêa (1997), Mello (2000) Brandão (1977, 1980, 1989, 2004), along with other theoreticians this work depicts the spatial interactions, fixed and flux, peregrination and ritual. Summing up, we hope this research can contribute somehow to deepen spatial interaction issues to be experienced from inside and close; as well as show as a relevant tool to interpret social, historical and cultural realities in between our human relations.

KEY WORDS: Spatial Interaction. Peregrination. Popular fest. Displacement. Folly.

LISTA DE ILUSTRAÇÕES

Figura 1 – Origem dos foliões de giro	25
Figura 2 – “Seu As.” e sua primeira casa no JDA	39
Figura 3 – Atual casa de “Seu As.”	40
Figuras 4 e 5 – Na primeira imagem, os foliões remanescentes dos primeiros integrantes da folia e, na segunda, as anciãs da folia	47
Figuras 6 e 7 – Passagem da folia na casa dos familiares de “Dona Dç.”, devota que convocou “Seu M.” para pagar voto e girar a folia pela primeira vez na região Leste de Goiânia em 1991	48
Figuras 8 e 9 – “G.” durante o giro da folia de “Dona R.” em Senador Canedo, em 2006, e seu grupo durante o encontro de folia em 2009	52
Figura 10 – Mapa de localização de Goiânia, Jardim Primavera e JDA	54
Figuras 11 – Triângulo da fé e da reciprocidade entre os foliões e os Santos Reis	67
Figura 12 – Foliões de pousos (almoço e janta) que já fizeram promessas	71
Figuras 13 e 14 – Fez promessa pedindo um filho em 2007 e, no almoço do dia 27/12/2008, realiza o pagamento do voto; engravidar era difícil devido ao sangue B negativo	75
Figuras 15 e 16 – Folia com duas bandeiras: uma do Divino Pai Eterno e outra dos Três Reis Santos, capitão direcionando as bandeiras, pagamento de voto de “Dona D.”	83
Figura 17 – Capitão contando o dinheiro das ofertas para entregar à festeira	84
Figura 18 – Diferença entre deslocar-se de casa em casa até a folia e no giro	88
Figura 19 – Movimento da rua para casa na ocasião do pouso da bandeira	92
Figuras 20 e 21 – Emoção da dona da casa ao pegar na bandeira no arco	96
Figuras 22 e 23 – Dona da casa se emocionando durante a cantoria do Bendito da mesa	96
Figura 24 – Croqui do movimento de foliões e participantes nos pousos da bandeira	98
Figura 25 – Marcação do giro da folia de “Dona D”	102
Figuras 26 e 27 – Saída da jornada 2010/11 do Jardim do Cerrado III, excepcionalmente um giro aberto por não retornar à origem.	103
Figuras 28 e 29 – Benzeção da companhia antes de sair para as ruas, sendo esta uma norma do capitão	109
Figuras 30 e 31 – Palhaço guiando a bandeira e a saída dos foliões ao término do ritual de saída da bandeira	113
Figura 32 – Croqui da interação espacial da marcação do giro à entrega da folia	115
Figuras 33 e 34 – Encontro da folia com uma bandeira do Divino Pai Eterno	123

Figura 35 – Vizinhos olhando por cima do muro ao ouvir a cantoria	130
Figura 36 – Croqui simbolizando a visita às casas.	130
Figuras 37 e 38 – Canto ao falecido, pastorinho à meia máscara e a devota sentindo fortes emoções	131
Figuras 39 e 40 – Palhaço chegando ao portão para perguntar se pode chegar, as crianças se assustam	133
Figuras 41 e 42 – Evolução da meia lua ou caracol ao chegar num almoço	134
Figuras 43 e 44 – Pastorinhos procurando presentes e simulando uma disputa para encontrá-los	136
Figuras 45 e 46 – Pastorinhos agradecendo os presentes encontrados	137
Figuras 47 e 48 – Primeiro e segundo arcos no pouso de janta na casa do professor “G.” ..	138
Figura 49 – Palhaços fazendo a adoração à lapinha	145
Figuras 50 e 51 – Apresentação de catira depois do almoço. “Seu M.”	149
Figuras 52 e 53 – Embaixador distribuindo os pratos no sentido anti-horário.	151
Figuras 54 e 55 – O capitão reza abençoando a mesa e serve o refrigerante ou, no caso, o suco, ao dar a ordem para servir	151
Figuras 56 e 57 – Foliões servindo a comida no sentido anti-horário	151
Figuras 58 – Familiares de foliões, integrante de outro grupo de folia e a esposa de “Seu M.” conversando com uma pesquisadora de Folia de Santos Reis	152
Figuras 59 e 60 – Devotos moradores conduzindo a bandeira e cantando o “Lá Se Vai” para se posicionar para o canto de agradecimento de mesa. Almoço na casa de “Dona Fl.”	153
Figuras 61 e 62 – Cantoria de agradecimento de mesa e o palhaço fazendo seus versos, agradecendo pela comida	156
Figuras 63 e 64 – Retorno da bandeira ao presépio após agradecimento de mesa.	156
Figura 65 – Croqui dos movimentos de pousos de almoço e janta	158
Figura 66 – Café da manhã na saída do pouso de janta na casa do professor “G.”	159
Figuras 67 e 68 – Saída de almoço mostrando a saída do palhaço e, em seguida, o alferes da bandeira	162
Figura 69 – Folião instalando material elétrico no toldo armado na rua no dia da entrega ..	163
Figura 70 – Festeiro interagindo com as cozinheiras na festa de entrega no dia 6 de janeiro de 2010	164
Figuras 71 e 72 – Ornamentação da festa de entrega 2009/10	164
Figura 73 – Preparo da comida na entrega do dia 6 de janeiro de 2010	165
Figuras 74 e 75 – Participação de uma foliã no preparo da comida e o capitão da folia observando o trabalho	165
Figuras 76 e 77 – Chegada na casa dos festeiros, rei e rainha 2009/10	170

Figuras 78 e 79 – Passagem da coroa	175
Figuras 80 e 81 – Festeiros velhos e festeiros novos durante o ritual de passagem da coroa	175
Figuras 82 e 83 – Festa de entrega da bandeira do dia 6 de janeiro de 2009	178
Figura 84 – Foliã se despedindo da bandeira no final da entrega	179
Figura 85 – Croqui da saída e entrega da bandeira do giro de 2009/10	180

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO	13
Primeira Parte: PREFIXOS E CONJUNÇÕES NO LUGAR DE PARTIDA	33
CAPÍTULO 1. O JARDIM DAS AROEIRAS: ESCRITURAS PALIMPSÉSTICAS – DA EXPERIÊNCIA DO ESPAÇO AO ESPAÇO COMO EXPERIÊNCIA	35
1.1 A Criação do Jardim das Aroeiras: Trâmites Legais	37
1.2 Entre Mudanças e Andanças: a Implantação das Folias no Jardim das Aroeiras	45
1.3 Tempo-Espaço Festivo no Cotidiano das Cidades	54
1.3.1 Os eventos e o cotidiano	57
CAPÍTULO 2. OPORTUNIDADES INTERVENIENTES INICIAIS: SEUS PONTOS E CONTOS	65
2.1 O Voto e a Promessa: Motores das Interações Espaciais	66
2.2 Peregrinação: Modo Ritualizado de Interação Espacial	77
2.3 A Esmola e a Dádiva	79
2.4 A Proximidade e o Distanciamento, a Casa e o Giro, a Rotina e a Festa	87
2.5 A Ocupação, a Espera e a Emoção	93
Segunda Parte: SAÍDAS, CHEGADAS, ENCONTROS E DESPEDIDAS: OS RITUAIS DE FOLIA	99
CAPÍTULO 3. DA MARCAÇÃO DOS GIROS À SAÍDA DA BANDEIRA	101
3.1 A Marcação do Giro	101
3.2 A Saída da Bandeira	104
3.2.1 O primeiro apito	108
3.2.2 O segundo apito	110
3.2.3 O terceiro apito	111
3.2.4 O quarto apito	114
3.3 Caminhando, Cantando e Rezando	115
3.4 Encontro de Bandeiras	120
CAPÍTULO 4. VISITA ÀS CASAS E O POUSO DA BANDEIRA	125
4.1 Visita às Casas: uma Interação Entre os Espaços “Casa” e “Rua”	125
4.1.1 Canto ao falecido	131
4.2 Rituais do Almoço	133
4.2.1 A saudação ao “santo da casa”	135
4.2.2 Vivas, procura de presentes e saudação ao arco	136
4.2.3 A entrada: os arcos e a porta	138
4.2.4 O canto do Nascimento	142
4.2.5 A adoração ao presépio ou lapinha	143
4.2.6 O pedido de comida, outros vivas e a desarriação/desarriamento dos instrumentos ...	145
4.2.7 O pouso da bandeira	146
4.2.8 O almoço propriamente dito	148

4.3 Saída do Pouso da Bandeira	158
CAPÍTULO 5. RITUAIS DE CHEGADA E ENTREGA DA BANDEIRA	163
5.1 O Movimento Horizontal de Coisas na Comezaina: Preparação da Entrega da Bandeira	166
5.2 A Cantoria de Chegada	170
5.3 A Passagem Pelos Arcos	171
5.4 A Passagem da Coroa	173
5.5 Entrega da Bandeira	176
CONSIDERAÇÕES FINAIS	181
REFERÊNCIAS	184
ANEXOS	193

INTRODUÇÃO

As festas em geral exercem importante papel social na vida do ser humano, permitindo-se estar pre-sente em tempo-espacos transcendentales a partir de comportamentos simbolicos. Paralelamente, conforme observa Durkheim (1989), a festa está relacionada com a gênese da consciência humana, constituindo-se em atitude ritual na qualidade de rito positivo ou ato de comunhão que consolida os valores morais do grupo. Assim, a participação festiva proporciona revitalização às pessoas, desencadeando emoções que redimensionam o mundo vivido, tornando-se aí sensível certa satisfação espiritual, já que se preenchem lacunas existenciais do cotidiano. Não queremos com isso dizer que as festas sejam somente funcionais, pois, como observa Cavalcanti e Gonçalves, os ritos não são somente “expressões” ou cumprem “funções sociais’ ou políticas”, mas “são, antes de tudo, constitutivos das diversas formas da vida social” (2009, p. 17).

As ‘festas de santos’¹ trazem ao ser humano, particularmente, a possibilidade de comunicação com divindades nas quais se crê e essa prática simbólica fomenta e ressignifica o espaço e as relações sociais. Cabe ressaltar que estas (as festas de santo) são dimensões do culto externo e, relacionando-se à religião, fazem parte daquele ‘grande enigma’ comentado por Cassirer, qual seja o de que

a religião continua sendo um enigma não só num sentido teórico mas também ético, e repleta de antinomias teóricas e contradições éticas. Promete-nos uma comunhão com a natureza, com os homens, com os poderes sobrenaturais e com os próprios deuses. No entanto, seu efeito é exatamente o oposto. Em sua aparência concreta torna-se fonte das mais profundas dissensões e lutas fanáticas entre os homens. Afirma estar de posse da verdade absoluta; mas sua história é uma história de erros e heresias. Oferece-nos a promessa e a perspectiva de um mundo transcendental – muito além dos limites de nossa humana experiência – e continua humana, demasiado humana. (1977, p. 122)

Constitutivas desse ‘grande enigma’, as festas geram ocupações esporádicas, cargos, relações de prestação de auxílio mútuo e poderes, e ainda (re)criam paisagens, territórios, lugares em que conflitos diversos subsistem. Em homenagem ao santo, os participantes cantam, tocam, cozinham por gostar, sentir prazer, devoção, fé e até podem pagar votos com essas práticas; mas nesses lugares também se discrimina quem é devoto e, por isso, deve ser

¹ Daqui em diante, utilizaremos aspas simples (‘), consoante Mesquita, “para ressaltar o valor significativo de uma palavra ou expressão”; já que “aspas duplas são empregadas para indicar o início e o fim de uma citação, de modo a diferenciá-la do restante do texto” (2007, p. 555).

‘atendido pelo santo’, de quem não é. A cultura culinária do seu local de ocorrência é notada no preparo de comidas típicas e inúmeros pratos, doces, bolos, bebidas, misturando ‘natureza’ e ‘cultura’. Note-se, ainda, que danças, músicas e dramatizações também nos remetem ao enraizamento espacial da festa, apenas para citar alguns exemplos. Se nos atentarmos para detalhes da paisagem, perceberemos que os participantes se vestem com a melhor roupa ou a carater, enfeitam o ambiente com folhagens, bandeirolas, flores e fitas de papel, balões, etc.; ouvem-se vozerios às vezes relacionados com brincadeiras engraçadas e divertidas, num cenário em que se misturam vários aromas e texturas. Isso demonstra que as festas de santo possuem uma espacialidade significativa, a qual não pode ser relegada, seja em quermesses, romarias, procissões, festas juninas ou do ciclo natalino, etc.

Em relação à festa abordada neste trabalho, exaramos logo que, de acordo com Almeida, as folias foram inicialmente festas urbanas levadas para o meio rural. Contudo, “assiste-se, pois, seu retorno ao urbano” (2011, s.p.). As folias nos remetem, destarte, à discussão sobre interações ocorridas noutros tempos-espaço, estando repletas de elementos para se pensar as interações espaciais do passado, do presente e do futuro.

Note-se que o culto aos Reis Magos (Gaspar, Melchior e Baltazar) é característico da cultura brasileira e se manifesta de formas distintas, conforme os costumes de cada região e lugar. Os Reis fazem parte das narrativas sobre o nascimento de Cristo, ocorrido na Judéia e em Belém. Não se sabe da sua procedência; todavia, seriam sábios astrólogos, matemáticos e ‘astrônomos’ da Pérsia, Mesopotâmia e Egito, sendo isto de difícil investigação pela falta de registros e documentação primária, tendo-se que recorrer a fontes eletrônicas tais como sítios, revistas e blogs, além de textos impressos, como base bibliográfica sobre o tema. Além disso, são muitas interpretações sobre os nomes dos Três Reis Magos do Oriente. As mais usuais são as de que eles se chamavam Gaspar, Baltazar e Melquior; mas, para o mestre Irineu Serra², são Titango, Agarrube e Tituma (*Eu peço a Jesus Cristo*, 2001). Os antepassados dos Reis

² Irineu Serra foi fundador, no Acre, de um ensinamento religioso chamado Santo Daime. Era negro de robusta estatura, filho de ex-escravos, natural de São Vicente Ferret-MA, nascido em 15/12/1892, foi migrante no movimento de extração de látex e trabalhou em diversos lugares como seringueiro. Faleceu em 06/07/1971, recebendo o título de General Juramidam, no Astral. Bomfim (2006, s.p.), ao elucidar o Hino de número 64, argumentou que: a estes três seres divinos Deus confiou o poder de zelar pela luz resplandecente da corte celestial. Para retribuir a pureza e o amor manifestados pelos Reis do Oriente, Mestre Irineu, reverente, confiou a eles a entrega de todos os trabalhos realizados sob seu domínio. A celebração desta data - Noite de Reis - é encerrada com uma cerimônia de apresentação e entrega individual dos trabalhos espirituais pelos seguidores da Doutrina ao seu superior hierárquico. Significa o encerramento do ano litúrgico daimista. [...] Os nomes dos Reis Titango, Agarrube e Tituma, cantados muito mais tarde no hinário do Mestre Irineu, possivelmente seriam reminiscências desses chamados no início da história. Desse modo, cita-se aqui uma proveniência dos Reis que não é fundamentada em quaisquer evidências científicas, mas numa ‘revelação’.

magos do Oriente são um mistério para a atual sociedade, sendo necessário recorrer às leituras bíblicas, ‘tocar’ em algumas metáforas e apontar algumas intuições.

Após o Nascimento, os estudos católicos dizem que os Reis foram os gentios e os últimos a homenagear o Menino Jesus na lapinha de Belém. Segundo versão impressa no jornal *O Lيدador* (12/01/1911), que dissemina a leitura católica, os magos “vinham do Oriente da Palestina. Eram homens doutos, príncipes da casta sacerdotal: seu nome monge significava sacerdote, padre da luz, ministro do fogo. Eram sucessores de Balaam que cedo lobrigára a vinda do Messias, anunciando que uma estrella sahiria de Jacob”.

Boff também considera que os Reis Magos do Oriente pertenceram ao mesmo grupo de homens da antiga Israel: Abraão, Enoque, Noé, Melquisedeque, Balaão e rei Ciro. Os três Reis eram sábios do atual Iraque, da região da grande Babilônia, na Mesopotâmia. “As Escrituras judaico-cristãs deixam claro que Deus não se revelou apenas aos judeus. Antes de surgir o povo de Israel com Abraão, revelou-se a Enoque, a Noé, a Melquisedeque, depois a Balaão e ao rei Ciro. Os reis magos pertencem a este grupo. Quem eram eles? Eram astrólogos vindos provavelmente da Babilônia” (BOFF, s.d.). Buonfiglio adverte que “Gaspar era um iniciado que vivia na Pérsia e na Índia; Melquior era filho de um rei árabe, e Baltazar, um iniciado egípcio” (2003, p. 83). Interpretando as concepções de Boff, podemos dizer que ‘reis magos’ são personagens de uma tradição muito antiga e datada dos tempos posteriores, na concepção bíblica, a Adão. Mas o que nos interessa neste estudo não são questões relacionadas à teologia, e sim as interações espaciais por ocasião das festas de folias de reis em Goiânia.

Destarte, a folia de Reis, recorte temático desta tese, é uma grande referência festiva do espaço brasileiro, sendo complementar ao ciclo natalino, um tempo-espaço especial em que a casa se abre ao ‘mundo’ exterior. Ao receber a folia, a fronteira do mundo vivido é transcendida a outro que se acredita existir. Na bandeira, são retratados os Santos Reis, São José, Santa Maria e o Rei Messias recém-nascido, os quais exercem uma força imensa sobre quem tem fé. É tempo de comungar, comunicar e suplicar à santidade sem necessitar se deslocar até a igreja. Assim, “todo folião se reconhece marcado pela obrigação de reproduzir essa viagem [...]” (PESSOA, PESSOA e VIANÊS, 1993, p. 108), vista como uma missão que Deus deixou para ser cumprida.

No tocante à tradição da folia de Reis, Tremura assevera que ela “reencena a viagem dos Reis Magos a Belém para adorar ao Deus-Menino, no qual seus participantes em troca de ofertas recebidas, oferecem benção e proteção em nome dos Reis Magos” (2004, p. 2). Na visão de Canesin e Silva, “a Folia dos Santos Reis é uma forma dos devotos repetirem a

viagem que os Três Reis Magos fizeram em busca do Menino Jesus para adorá-lo” (1983, p. 31). Dessa forma, “uma das marcas da folia de reis é a forte religiosidade de seus participantes e a relação de fé que os mesmos têm com os seres divinos” (TREMURA, 2004, p. 2).

A estruturação da folia é complexa, demandando a movimentação de ideias, pessoas e mercadorias, movimentação esta manifesta, por exemplo, em devotos de giro (cantadores) e de pouso, festeiros, promessas³ e votos a pagar, produtos para as comilanças, etc. Podemos dizer que “[...] se pode definir a Folia de Reis como um grupo itinerante de homens devotos” (PESSOA, PESSOA e VIANÊS, 1993, p. 120).

De forma semelhante aos Três Reis Magos, que teriam peregrinado pelos caminhos, reinados e cidades nos desertos (do Oriente para Belém da Judéia), os foliões reproduzem de forma simbólica a viagem, andando pelas casas na zona rural e urbana no Brasil. Quanto às folias de Reis como parte dos festejos natalinos, Tomás argumenta que: “simbolicamente reproduz a viagem dos Reis Magos e, em alguns Estados no Brasil, peregrina do Natal até o dia de Reis” (1972, p. 10). A folia de Santos Reis é uma forma de rezar, benzer o ambiente, celebrar, referir-se aos Três Reis Santos e suplicar a Deus Menino de forma cantada. Para falar com a divindade, de forma coletiva, o modo mais comum, segundo DaMatta, “é através da cantoria, onde a prece faz com que se juntem todos os pedidos num só, que deve ‘subir’ aos céus levado pelas harmonias das vozes que o entoam” (1991, p. 110). Na hora da cantoria cria-se um elo vertical que liga a casa ao ‘Céu’, ou seja, ao poder Universal Superior, e somente o devoto morador e alguns foliões podem sentir⁴. Para Tremura, “através das toadas e de seus versos sagrados, os participantes expressam sua crença nos Reis Magos como interventores de suas necessidades e enfatizam valores cristãos de reciprocidade, aceitação, submissão, e humildade” (2004, p. 2). Para o devoto, é um momento de transcendência da alma com as fronteiras terrenas e conexão com a morada dos “anjos, os santos e todas as entidades que nos podem proteger e guiar os destinos” (DAMATTA, 1991, p. 110). Portanto, o ritual de visita da folia é um meio de se chegar às ‘regiões superiores’ a partir das intensas relações intersubjetivas gestadas, em zonas urbanas, no bairro visando a festa. Por isso, nosso recorte espacial refere-se particularmente ao Jardim das Aroeiras, embora não possamos

³ Ao discorrer sobre o conceito de promessa, Cesar (1975, p. 138) esclarece que se trata de um processo dividido em três partes principais: pedido ou súplica ao santo, promessa de um sacrifício (andar de joelhos, dar um pouso, um instrumento, dinheiro) e pagamento depois de alcançada a graça: “Promessa, do latim **pro-missio** - cumprir o prometido. Promessa é o que se promete no momento que se faz um pedido a um santo ou entidade milagreira qualquer. O que se pretende fazer ou oferecer em troca de um favor que se pede a um ente celeste que mereça confiança do pedinte. Depois do pedido, da súplica, é que vem a promessa, o prometido, para pagamento do que se pretende obter ou se obtém”.

⁴ No subcapítulo 1.3.1 discutimos Rohden (1989) em sua interpretação sobre fé.

estabelecer referências às conexões que são feitas a partir daí com outros setores e com a Região Metropolitana de Goiânia.

Para o devoto, a folia é um complemento ao dia de Natal, uma vez que foram os Três Reis que visitaram o Menino Jesus que, atualmente, são retratados nas lapinhas e presépios. Natal, folia e ano novo formam um triângulo festivo muito significativo, no Brasil, por causar movimento, deslocamento e mobilidade nas cidades, nos povoados e na zona rural. Isso porque temos duas festas devotadas a Jesus Cristo que fogem ao controle do catolicismo oficial, sendo articuladas especialmente nos movimentos familiares, de vizinhança e de bairro.

Faz parte do ritual de folia o *giro*. “De modo mais específico, é o nome do trajeto feito entre os pousos, quando a folia cumpre a obrigação de passar de casa em casa, pedindo esmolas em nome de Santos Reis” (BRANDÃO, 2004, p. 355). O giro de folia de Reis é um ritual que mobiliza os habitantes de um bairro, região, cidade, povoado como um tempo-espaço especial, sendo complementar aos dias de trabalho. Os devotos nem sempre são avisados da visita dos ‘Santos Reis’, havendo em geral uma surpresa.

Na igreja católica se celebra a memória de Cristo através dos rituais de consagração da hóstia, todavia, os fenômenos considerados como excesso, efervescência e fortes hierofanias ocorrem nos lares e em outros lugares por onde a folia passa. É a massa dos homens que compõe os fluxos de foliões rumo aos pousos (fixos), perfazendo uma Geografia dos Lugares. De forma geral, são os grupos e categorias sociais que têm no tempo-espaço festivo lugar garantido e oportunidade de participar da vida social religiosa em todo o território nacional. Ao discorrer sobre rotinas e ritos DaMatta argumenta que:

No Brasil, como em outras sociedades, há uma classificação dos eventos sociais segundo sua ocorrência. Os eventos que fazem parte da rotina do cotidiano chamado no Brasil de ‘dia-a-dia’ ou simplesmente ‘vida’, e os eventos que são situados fora desse ‘dia-a-dia’ repetitivo e rotineiro: as ‘festas’, ‘os cerimoniais’..., as ‘solenidades’, os ‘bailes’, ‘congressos’, ‘reuniões’, ‘encontros’, ‘conferências’, etc., onde se chama a atenção para seu caráter aglutinador de pessoas, grupos e categorias sociais, sendo por isso mesmo acontecimentos que escapam da vida diária. (1983, p. 37)

A festa é articulada nas andanças (giro de casa em casa) por meio da cantoria, do peditório, dos gracejos dos palhaços e do convite para a cerimônia final. O giro é o trajeto percorrido por determinada área para arrecadar alimentos, valores pecuniários e convidar os devotos para festejar os Santos Reis, São José, Santa Maria e o nascimento do Menino Jesus. O fluxo de foliões liga os fixos (casas, ruas, quadras, pousos) pela peregrinação, simbolizando e simulando a procura do Menino Jesus pelos Reis Magos do Oriente. É uma trajetória em ziguezague, arrebanhando devotos pelas casas em rituais religioso-festivos.

É uma reprodução da viagem ou peregrinação dos Três Reis Magos que gera forte interação espacial, uma vez que ocasiona o deslocamento de foliões até a casa do capitão, do festeiro e de outros integrantes; a peregrinação de foliões da saída, passando pelas ruas e casas até a chegada à recolhida; a mobilização de familiares, parentes e vizinhos do festeiro para convidar as pessoas, arrecadar donativos fora dos dias do giro; e outros. No dia da festa há grande deslocamento de pessoas para a entrega: rituais de chegada, saudação dos arcos, rei e rainha, enfeites, quadros e imagens santas; adoração, passagem da coroa, entrega e depois o jantar, a grande festa.

Quanto ao reconhecimento de uma folia de Santos Reis, alguns distintivos são destacados e o pastorinho é a característica principal. Além do palhaço fardado com chitão e uma máscara, “os distintivos do folião de Reis são três: o distintivo da lapela, as fitas coloridas nos instrumentos e a toalha de pescoço” (PESSOA e FÉLIX, 2007, p. 234).

Brandão considera que

Deus-Filho, nascido de uma família terrena, ainda que através de recursos divinos, sujeito de uma pátria, pessoa de um povo e morador de pelo menos uma cidade, Nazaré, Cristo é antes de um deus da história, como enfatiza a Igreja pós-conciliar, um ser humano da geografia. (1989, p. 27)

O autor, desse modo, justifica o adjetivo geográfico por Cristo não somente ser um ‘Ser’ de história, mas que viveu sua história em um tempo-espaço que se tornou modelo de todos os outros, possuindo uma biografia desde o nascimento até o recolhimento para as ‘alturas’. Sem nos adentrarmos nessa celeuma, cabe ressaltar que o nosso tempo histórico – ocidental – é contado a partir de Cristo e é comum, em todo o Brasil, observar igrejas de Bom Jesus, Santa Cruz, comemorar o Natal, a Epifania, a Semana Santa, proporcionando vários rituais. As missas celebradas nas igrejas são em Sua memória e os festejos são a um Ser Divino de festas e romarias⁵. O autor esclarece que Suas festas são realizadas com ciclos completos durante todo o ano com diversos rituais: “a reza, a folia (pois Santos Reis existem em função do Menino Jesus), a festa, a novena, a procissão, a dança (como a de Santa Cruz) e

⁵ Ao estudar a Festa do Divino Pai Eterno em Trindade-GO, Coelho explica que “No Brasil inteiro, comemoram-se o Deus Filho (Natal, folias de Reis, festas de Nosso Senhor em suas diversas manifestações) e a Terceira Pessoa da Trindade (o Espírito Santo). A Festa do Divino Espírito Santo, de Pirenópolis-GO, por exemplo, apresenta-se como uma das mais importantes de nosso país, mas há outros lugares, conforme mencionamos, onde o Espírito Santo é comemorado. Porém, em Trindade (com grande multidão) e em outras cidades de Goiás (cuja dimensão não conhecemos) comemora-se o Divino Pai Eterno (Primeira Pessoa), geralmente, no início de julho – coincidindo tal período estrategicamente com final das colheitas e início das estiagens” (2003, p. 11).

a romaria” (1989, p. 28). Desse modo, negar sua historicidade e geograficidade⁶ religiosa revela uma cegueira materialista que impede de ver as relações transcendentais que tratamos aqui.

Nas folias se simula, assim, a viagem dos Reis Magos e suas comitivas, séquitos, companhias ou como se queira interpretar; viaja-se em busca Dele simbolicamente, em direção ao lugar de seu nascimento, retratado na casa do festeiro. Nesse sentido, a distinção da peregrinação das folias em relação às romarias, procissões e festas é que se viaja a sua procura, como teriam feito os Reis. O ritual de festa itinerante da folia, nesse sentido, é um rito de passagem à santificação, comemorando-se a memória do nascimento do Messias segundo a cultura judaico-cristã. Com o passar dos séculos, tudo se modificou e há uma tendência de se celebrar um mesmo acontecimento que agrega, ao ritual, normas, movimentos e deslocamentos que antes não existiam.

Mas a folia cria um drama e atores que às vezes possuem posição hierárquica bem distinta daquela do cotidiano. Assim, na folia de “Seu M.”, grupo focal que estudamos neste trabalho, o capitão pode ser, na vida real, um pedreiro, mas no *giro* ou *jornada* exerce o poder emanado do céu; o embaixador que exerce a profissão de pintor, servente, lavrador e outras atividades laborais passa a conduzir a toada; a dona de casa faz vozes; os jovens tocam pandeiro e caixa; o trabalhador ‘veste a farda’ de palhaço. O objetivo e o subjetivo se conectam ao mesmo tempo em que se distanciam na realidade da folia. Analisaremos esse drama a partir de dados que obtivemos a partir de 2009, mas, embora seja este o nosso recorte temporal básico, nos remetemos ao final dos anos 1980 para entender como este grupo se compôs no Jardim das Aroeiras.

Quanto ao aspecto conceitual, ressalta-se que as interações espaciais são tidas como fenômenos que se materializam mediante fluxos diversos entre zonas (ULYSSÉA NETO e KÜHLKAMP, 2002) e, no caso de nosso estudo, inclusive pelo deslocamento de pessoas de um lugar para outro segundo tradições de antanho. As interações espaciais aí realizadas

⁶ Brandão ressalta tais aspectos ao observar que Deus Pai se distingue do Deus Filho na Terra por ser um Deus do espaço e o outro ser o Deus do lugar; o povo vai a Cristo porque antes Ele veio ao povo: “Jesus é um deus do lugar, oposto ao Pai, deus do espaço. A Cristo se vai, porque antes ele veio” (BRANDÃO, 1989, p. 27). Logo, Cristo é um ser Divino do lugar pelo fato de ter nascido em um tempo-espaço profetizado e situado, reproduzido pelas folias de Reis, romarias e festejos a Ele. Jesus é um ‘ser geográfico’ para o devoto por ter nascido em um lugar ermo, tendo os anjos mobilizado os pastores para ir ter com Ele e, principalmente, por se manifestar em hierofanias. É um Ser de festa através das folias de Reis que, ao saírem em busca da lapinha onde nasceu, passam nas casas anunciando o evangelho em suas cantorias e convidando para a grande celebração na entrega. É um Ser de festa por ser feita uma grande cerimônia seguida de mesa farta, danças e catira. “Entre os camponeses ele, um ‘santo’ de festa e através dos Santos Reis que o buscam a cada ano entre casas e campos, é um ser de *folia*” (BRANDÃO, 1989, p. 30).

traduzem, de certo modo, as condições em que ocorrem as relações entre o homem e o meio em múltiplas temporalidades.

Efetivamente, o trabalho analisa as interações espaciais em folias⁷ de Reis, tomando como caso específico a folia promovida por “Seu M.”, localizada no Jardim das Aroeiras, região leste da capital, e que gira por diferentes áreas da cidade de Goiânia e entorno. Procuramos recuperar a dimensão espacial da Folia de Reis do Jardim das Aroeiras (JDA) para revelar como a folia, na qualidade de festa popular, compõe uma dinâmica cultural dos bairros da capital goiana cujas interações espaciais são condição *sine qua non* disso.

Em nossa análise, abordaremos as interações espaciais constituídas a partir da relação recíproca entre foliões e devotos dos mais diversos bairros por onde a folia do Jardim das Aroeiras (substantivo definido no parcelamento da gleba) gira. Nossa intenção é analisar o deslocamento de pessoas e as formas como estas realizam trocas simbólicas durante as andanças, gerando interações nos tempos-espços de giros⁸ de folia. É nítida a troca de informações, com mais ou menos intensidade, entre os componentes de uma folia, em forma de discussão a respeito da cantoria, da harmonia musical dos instrumentos, vozes, na definição dos horários e outros. Nesse sentido, Corrêa (1997) nos sugere algumas ideias ao demonstrar as formas de deslocamento de pessoas, capitais e informações sobre o espaço com mais ou menos intensidade como indicativos de interações espaciais. Esses aspectos da interação espacial dependem da distância, da direção, dos propósitos e outros, observados na articulação e realização de um giro de folia de Reis.

Um dos motivos que nos levou ao desenvolvimento da pesquisa na folia de “Seu M.” foi a observação do movimento de pessoas e coisas durante as jornadas deste grupo, o qual tivemos a oportunidade de conhecer em dezembro de 2005, mediante convite de um dos integrantes para participar da saída da bandeira em sua casa. Lá contatamos o capitão da folia

⁷ Folia é definida como “dança rápida ao som do pandeiro, folgança ruidosa, pândega” (CUNHA, 2007, p. 363). Para Cascudo “antigamente, em Portugal, era uma dança rápida, ao som do pandeiro ou do adufe, acompanhada de cantos” (2001, p. 242). Para Brandão “a folia de Reis é um grupo precatório de cantores e de instrumentistas, seguidos de acompanhantes e viajores rituais, entre casas de moradores [...]” (2004, p. 347), estejam estes no meio rural ou urbano. No Estado de Goiás existe uma variedade de folias: de Santos Reis, do Divino Espírito Santo, do Divino Pai Eterno, de São Sebastião, São Lázaro e outras. Cada uma delas com processos rituais distintos, conforme as raízes e tradições em que foram formadas. Em se tratando de folia de Santos Reis há variações quanto ao modo de girar e cantar; de pedir esmola, descanso, comida, agradecer, etc.

⁸ Giro de folia de Santos Reis trata-se do deslocamento peregrinatório dos foliões da casa do festeiro, surpreendendo devotos entre os pousos de almoço e janta até retornar à casa de onde saiu (caso de giro fechado) ou a outra casa (quando o giro é aberto). O giro de folia tem a função de visitar os devotos, fazer cantoria de benção, peditório para a festa de entrega (dinheiro e gêneros alimentícios) e satisfazer as necessidades espirituais das pessoas. É como se chama a “jornada cumprida pela companhia” (BRANDÃO, 1977, p. 22), ou seja, o percurso ou trajeto entre saída, visita às casas, almoços e pousos antes de retornar ou chegar à recolhida da folia. É no deslocamento que a folia “cumpre a obrigação de passar de casa em casa, pedindo esmolos ‘em nome de Santos Reis’” (BRANDÃO, 1977, p. 22) para cumprir a missão do festeiro.

e outros integrantes. Passamos a conhecer também um pesquisador que estava realizando seus levantamentos de campo, despertando-nos ainda mais o interesse de estudar o grupo. Os integrantes do grupo foram receptivos quanto à pretensão de pesquisá-los e se dispuseram a colaborar no que fosse necessário.

Em termos teórico-conceituais, fomos impelidos inicialmente a abordar como os giros de folias ocasionam fortes interações espaciais na cidade, quer dizer, “conexões horizontais entre lugares” a partir de um “movimento físico de bens e pessoas” (ULLMAN, 1974). Essa definição clássica de interações espaciais, conceito pouco explorado pelos geógrafos, serviu de ponto de partida para procurarmos ampliar as discussões acerca disso, ou seja, de redimensionarmos tal conceito a partir de variáveis então relegadas, conforme discutiremos melhor ao longo do trabalho. Não negamos, porém, que tal conceito nos introduziu na investigação empírica, mostrando-nos que, no caso específico, essas conexões fazem-se mediante andanças, nas quais se realizam trocas simbólicas com fundamentação devocional; o que nos possibilitou investigar as interações espaciais por um viés ainda não explorado, partindo-se de uma abordagem da experiência do espaço, que as definições tradicionais de interações espaciais permitem, para se chegar ao espaço como experiência, nosso propósito fundamental. De outro modo, considera-se que os giros de folias promovem a conexão horizontal entre lugares a partir de trocas simbólicas (representadas pelas visitas e doações de esmolas, por exemplo) e andanças, em que os atores envolvidos buscam proteção, saúde e bonança; demonstrando, paralelamente, sua devoção ao Menino Deus e aos Santos Reis (MAIA; COELHO, 2006) em interações que transcendem à apreensão do mero ‘espaço empírico’. Desse modo, como observa Corrêa (1997), as interações revelam transferências de bens materiais e imateriais entre os lugares e, nas festas de folias de Reis, relações de transcendência, fé e devoção entre um mundo físico e outro espiritual.

Assim, nesta pesquisa expõe-se a importância da interação espacial em nossas vidas, uma vez que esse fenômeno revela-nos uma das formas de a sociedade articular sua sobrevivência. Esse conceito, aliado à teoria dos fixos e fluxos (SANTOS, 1996), possibilita-nos compreender a movimentação e circulação dos homens para, assim, formar uma determinada realidade geográfica, já que, por meio dos deslocamentos territoriais, os sujeitos interagem e desenvolvem suas características sociais, culturais, econômicas, políticas, religiosas, entre outras.

Inúmeros fenômenos peregrinatórios e suas mais diversificadas causas e razões servem para explicitar essa realidade. No caso da cultura brasileira, um dos aspectos mais elucidativos dessa mobilidade é a movimentação de grupos movidos pela fé religiosa. Alguns desses casos

são as manifestações promovidas pelas romarias, folgedos, folias de Reis e outras, principalmente no interior e em áreas rurais do país. Embora Goiânia seja uma grande metrópole, ainda é possível identificar esses grupos organizados em áreas periféricas, a exemplo das Folias de Reis do Jardim das Aroeiras, onde estava situada a Associação dos Catireiros e Foliões do Estado de Goiás, que giram em diferentes regiões da cidade e entorno promovendo interações espaciais. Em particular, a Companhia de Santos Reis do “Seu M.” nos chama a atenção por ser uma das mais solicitadas para apresentações não apenas durante as comemorações sazonais, de 27 de dezembro a 06 de janeiro, quando se celebra a Epifania do Senhor, mas ao longo de todo o ano, quando devotos convidam os foliões para ajudar a ‘pagar o voto’.

Motivados então por aquelas motivações empíricas – os contatos com o grupo de folias de “Seu M.” – e teóricas – a insuficiente definição clássica de interações espaciais como base para a abordagem das trocas simbólicas realizadas nos rituais de giros de folias – optou-se, então, pelo tema desta dissertação: ‘Interações Espaciais Ritualizadas em Giros de Folia’, com o intuito de demonstrar, por este estudo, as interações espaciais nos rituais de folias de reis, cuja linha de pesquisa está inserida na área da Geografia Humana, do Programa de Pós-Graduação em Geografia do Instituto de Estudos Sócio-Ambientais da Universidade Federal de Goiás/UFG. É um estudo de relevância para o Programa de Pesquisa e Pós-Graduação em Geografia por tratar-se de uma análise do movimento cultural-religioso no Leste da capital goianiense e seus efeitos em outros lugares, contribuindo com o conhecimento da realidade local, vindo somar-se ainda ao estudo das festas populares, que têm sido amiúde investigadas por professores, mestrandos e doutorandos deste Programa em dissertações, teses, comunicações em eventos e artigos pelos conceitos de território-territorialidade, paisagem, espaço, lugar, redes; mas não de interações espaciais. É uma análise importante enquanto qualificação profissional e pessoal pela possibilidade de conhecer cientificamente uma manifestação cultural marcante do território goiano, a qual me remete às minhas próprias raízes, pois me recordo das folias de reis de Ceres, Rialma, Carmo do Rio Verde e outros municípios. As reminiscências são dos palhaços e suas brincadeiras, das toadas, de pessoas ajoelhadas diante da bandeira em lágrimas, da abundância de comida e outros. No tocante aos aspectos teóricos, esta tese é relevante, uma vez que aprofunda algumas reflexões que já fizemos sobre interações em um trabalho que publicamos em coautoria com nosso orientador nos anais do I Simpósio Nacional Sobre o Rural e o Urbano no Brasil, evento realizado na USP em 2006. Naquela oportunidade, recebemos algumas críticas e incentivos no sentido de investigar o assunto e o conceito de interações e transformar a pesquisa numa tese de

doutorado. Além disso, nosso esforço em dialogar com outras disciplinas e trazer suas contribuições para o estudo das festas numa perspectiva geográfica é outro ponto que destacamos na relevância teórica e nas motivações originárias deste trabalho, ainda que reconheçamos a necessidade de aprofundamento deste diálogo.

A partir da movimentação de pessoas e ‘coisas’ que acompanhamos no giro de folia, debatemos os deslocamentos ritualizados como campo de investigação da geografia cultural⁹ alicerçados, então, no conceito de interações espaciais, conforme dissemos – outro ponto que serve para destacar a relevância teórica da pesquisa, dado que tal conceito não foi focado pelos geógrafos culturais. A nosso ver, avançamos no sentido de propor novas variáveis como ritual, voto, dádiva, fé e crença nos Santos Reis que nos possibilitam ‘ler os textos’ que se inscrevem no espaço como experiência para o devoto. Tal aspecto não seria cumprido a contento se não tivéssemos participado como folião e vivenciado a festa e seus diversos rituais, inserindo-nos como atores nas relações interpessoais que ela promove. Vários *insights* surgiram nesse modo de descobrir a festa, inclusive sobre as variáveis que deveríamos tratar num estudo das interações espaciais ritualizadas, diferentemente das interações espaciais meramente ‘funcionais’ dos estudos clássicos. Assim, enfatizamos que as discussões teóricas que propomos aqui traduzem uma *práxis*, num sentido amplo do termo.

No Estado de Goiás já foram realizados alguns estudos sobre as folias de Santos Reis. Brandão (1977), em sua obra *A folia de Reis de Mossâmedes*, discutiu a definição de folia de Reis, seus rituais, seus componentes, suas regras, a nomenclatura de um lugar para outro, o linguajar, a hierarquia, as danças, os deslocamentos, o posicionamento, o direcionamento, a disciplina do grupo, os atributos religiosos e as obrigações rituais. O autor definiu dois pousos¹⁰ principais da bandeira: pouso de almoço e pouso de janta. Já Canesin e Silva (1983), ao estudarem a folia de Reis de Jaraguá, analisaram as folias sazonais e as temporãs para cumprimento de promessas, tempo de existência das folias de Santos Reis no mundo, parentesco entre foliões e encargos, disciplina, momentos rituais da folia e outros. Moreyra (1982) abordou a chegada das folias de Santos Reis no Brasil como dança de fundo religioso e manifestação paralitúrgica nas missões jesuíticas, caracterizando-as como cortejos rituais peregrinatórios desde a colonização portuguesa.

⁹ Claval adverte que “o objetivo da abordagem cultural é entender a experiência dos homens no meio ambiente e social, compreender a significação que estes impõem ao meio ambiente e o sentido dado às suas vidas. A abordagem cultural integra as representações mentais e as reações subjetivas no campo da pesquisa geográfica” (2002, p. 20).

¹⁰ Pouso de folia de Santos Reis é o lugar onde se marca uma parada para que os foliões se recomponham. O objetivo é descansar, comer, fazendo-se cantorias de chegada no arco, altar, presépio ou lapinha; pedido de descanso, comida aos donos da casa e, se o pedido for aceito, o devoto pousa a bandeira onde expôs as imagens. Se não montar o presépio ou altar o costume é de pousá-la em cima da cama do casal ou em outro lugar.

Pessoa, Pessoa e Vianês (1993), na obra *Meu senhor dono da casa: os 50 anos da folia de Reis das Lages*, trataram do histórico e da viagem de um grupo de foliões do município de Itapuranga. Pessoa e Félix (2007), no livro *As viagens dos Reis Magos*, relataram a viagem dos Três Reis Magos em direção a Belém com várias ilustrações temáticas, mostrando a musicalidade das folias no Brasil, a espiritualidade dos Magos atualizada a cada ano durante as jornadas, a reciprocidade entre o padroeiro e os foliões em forma de generosidades, benção e proteção mediante compromisso e dedicação dos devotos. Nessa obra a dádiva é discutida como dar, receber e retribuir na ocasião da festa em que promessa e voto constituem os fatores de agregação devocional. Para os autores, o giro é uma interação com os seres divinos e com a fé do povo, destacando a mistura de historicidade, fé, imaginação, arte e literatura nas viagens. Almeida (2011), em seu artigo “Festas rurais e turismo em territórios emergentes”, analisa a origem das folias de Reis, suas características na dinâmica dos giros, o Encontro de Folias em Goiânia, que atrai devotos e turistas, promovendo relações espaciais e territoriais. A autora considera o encontro e as folias de Reis como patrimônio imaterial, carecendo de ações políticas nas esferas governamentais. Mota (2011), em sua dissertação de mestrado intitulada “‘Senhor dono da casa, se não for muito custoso, vem abrir a vossa porta que nós viemos de pouso’: as territorialidades produzidas pelos Grupos das Folias de Reis em Goiânia”, discutiu identidade, potencialidades turísticas, espaço vivido e experienciado pelos devotos, tradição, território, territorialidades e paisagem simbólica nas folias de Santos Reis.

Os questionamentos que nos levaram a pesquisar e dialogar com os trabalhos mencionados foram:

- i. *em que contexto começaram as folias de Reis em Goiânia?* Não respondemos totalmente esta questão devido ao tempo que dispomos para realizar a pesquisa. Assim, nos restringimos a contextualizar a construção do Jardim das Aroeiras (JDA) e o surgimento do Grupo de folia de “Seu M.”, no início dos anos 1990. Investigamos fatos ocorridos na formação do capitão da folia, suas andanças pregressas até firmar-se como morador no JDA; a implantação desse jardim residencial e a formação do grupo de folia. Futuramente, pretendemos retomar esta questão e respondê-la melhor, conforme nossas pretensões iniciais;
- ii. *Quem são os foliões do Jardim das Aroeiras e por que participam dos giros?* Observamos que os componentes do grupo de folia de Santos Reis do JDA, atualmente, são adultos e jovens do sexo masculino e feminino deste e de outros setores da cidade e de cidades do interior (figura 1), sendo os chefes de família trabalhadores(as)

assalariados(as) de classes menos favorecidas, cujas razões para participar dos giros serão expostas no decorrer do trabalho. Já os acompanhantes das folias nos pousos e as pessoas que os fornecem são religiosos, músicos e líderes sociais que gostam de folias, não importando a classe social; há ainda devotos-penitentes, embaixadores de outras folias e profissionais das mais diversas áreas, como mercadores, professores, entre outros.

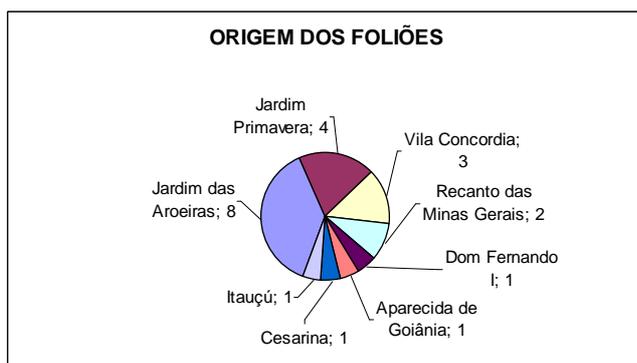


Figura 1 – Origem dos foliões de giro.

Fonte: Trabalho de campo de Tito Coelho. Questionários aplicados aos foliões na jornada de 2009/10.

- iii. *Que conexões horizontais são estabelecidas entre os lugares nos giros?* Este questionamento nos levou a refletir principalmente a partir das variáveis destacadas por Corrêa e Ullman para o estudo das interações e a observar os limites dos conceitos então formulados, suscitando o interesse de superá-los;
- iv. *Quais as 'variáveis' implicadas na dinâmica ritualística da festa e, paralelamente, como o estudo dessa festa 'amplia' as possibilidades compreensivo-explicativas deste conceito a partir da consideração de 'dimensões simbólicas'?* Este questionamento nos legou que, além da conexão dos fixos através do fluxo material de pessoas e mercadorias, interligando os lugares durante a peregrinação de casa em casa, há grande 'movimento de coisas', que adquirem relevância simbólica ímpar na festa, sendo necessário que se resgate o voto, a crença, a fé e a dádiva na sua interpretação – ponto crucial de nossa tese.

Quanto ao *objetivo geral*, procura-se demonstrar como ocorrem as interações espaciais em festas populares e o seu significado para os participantes. No tocante aos *objetivos específicos*, poder-se-iam citar os seguintes:

- i. analisar as interações espaciais de um grupo de folias por meio das variáveis clássicas relacionadas a esse conceito (distância, oportunidade interveniente, complementaridade, fixos e fluxos, deslocamento, circulação, informação);

- ii. propor novas variáveis analíticas das interações espaciais pertinentes a festas populares e, mais especificamente, aos giros de folias: peregrinação, voto, crença, musicalidade, promessas, prece, fé e ritual;
- iii. contextualizar aspectos de Geografia Cultural de Goiânia, especialmente a emergência e a continuidade do grupo de folia de Santos Reis do Jardim das Aroeiras;
- iv. descrever e analisar a geograficidade de uma folia de Santos Reis específica, mediante a ritualidade das interações espaciais.

Quanto à *metodologia*, desenvolve-se, neste trabalho, uma pesquisa qualitativa, não se pretendendo empregar dados estatísticos ou “não quantificáveis do objeto” (ESTRELA, 2005, p. 168) como centro de análise de nossa problemática. O nosso foco, a partir disso, foi a análise de situações particulares e complexas, com base no inter-relacionamento das variáveis levantadas pelos estudos clássicos, com as novas que aqui propomos para compreender, de modo rigoroso, as trocas simbólicas nos movimentos-rituais festivos. Tal perspectiva nos possibilitou, entre outros aspectos, perceber as mudanças materiais e imateriais existentes no tempo-espaço da festa, a criação e a circulação de ideias, e as características das relações sociais dos foliões. Desse modo, a conexão horizontal nos giros, cabe revelar, não pode ser vista inicialmente a partir da variável distância, por exemplo, como propõem os estudos clássicos, posto que esta é mediatizada pela devoção e por trocas de favores que só têm sentido quando analisados sob a luz da fé e da crença, do voto e da promessa, que redimensionam a percepção do espaço e produzem horizontalidades e verticalidades específicas.

Nossa pesquisa participante foi realmente de “grande interação entre pesquisador e pesquisados” (ESTRELA, 2005, p. 168), havendo interferência do pesquisador e incorporação dos demais foliões como membros ativos do processo. Isso foi possível pelo fato de o pesquisador ter raízes na cultura foliã, ter se tornado participante do grupo em 2005 e constituir-se como músico desse grupo. Nesse sentido, pesquisador e pesquisados foram sujeitos de um trabalho comum, com situações e tarefas distintas nas ações ritualísticas, havendo efetivamente uma cooperação entre as partes. Não vemos isso como um empecilho à pesquisa, mas sim como um enriquecimento, já que foi imperioso adentrar na dimensão ritualística e, como observa Hatzfeld (1993), os rituais não são feitos para serem assistidos, e sim para que se tome parte. Assim, pudemos compreender as regras esperadas pelo grupo, já que, como assevera Parkin (1992), no ritual a “atenção pública” revela antes uma exigência para reconhecermos que as pessoas esperam que haja regras do que um apelo para gravarmos

ou deciframos regras sequenciais precisas. Assim, a exposição que fazemos dos rituais a partir da nossa participação não deve ser vista como uma receita de como se faz uma folia de reis e de regras indelévels que a perpassam já que, complementando, o ritual não se define por ter uma “fórmula rígida, pois existem rituais que abrem o mundo, pulverizando todas as regras” (DAMATTA, 1983, p. 30).

Sendo orientados por uma pesquisa qualitativa em folia de Santos Reis preocupamos antes com a percepção do que se oculta no conjunto ritual durante os giros, “identificando processos que, por serem rotineiros, tornam-se ‘invisíveis’ para os atores que deles participam” (BORTONI-RICARDO, 2008, p. 49), em nosso caso, os foliões e outros participantes¹¹. Quem está acostumado com processos rituais (rotina-no-giro), sente dificuldade em perceber e identificar os significados ritualísticos; como eles se encaixam numa sociedade; ou melhor, como que, nos rituais, “é a sociedade que pensa no seu conjunto, e como pode, os seus valores e as suas crenças” (HATZFELD, 1993, p. 124), mas, neste trabalho, procura-se revelar isso.

Em termos de procedimentos, recorremos à pesquisa *bibliográfica e de campo*. Na pesquisa bibliográfica, resgataram-se registros disponíveis, recorrendo-se a trabalhos concluídos por meio de documentos arquivados, livros, artigos, monografias, entre outros. Optou-se por esse tipo de pesquisa porque ela “utiliza-se de dados ou categorias teóricas já trabalhados por outros pesquisadores e devidamente registrados” (SEVERINO, 2007, p. 122). Ou seja, é um tipo de pesquisa que recorre aos textos disponíveis, tomando referências e fontes do assunto a ser pesquisado. Essas pesquisas nos apresentam versões sobre as folias dadas por diferentes autores, segundo suas bases teórico-metodológicas, as quais nos iluminaram em relação às dimensões simbólicas das folias, mas careciam da abordagem das interações. Por outro lado, a literatura geográfica sobre interações espaciais, como falamos, restringia-se a certas dimensões, nas quais os aspectos simbólicos foram ‘esquecidos’. Esse procedimento nos orientou em todo o trabalho, mas foi especialmente básico nos capítulos 1 e 2.

Ainda, foi trabalhada a pesquisa de campo, já que pesquisamos, *in loco*, a realidade geográfica goianiense durante os rituais dos giros da Companhia de Reis de “Seu M.”. Nossa pesquisa de campo consistiu na “observação de fatos e fenômenos tal como ocorrem

¹¹ Já houve discussão a respeito do apito por parte de um caixeiro e um embaixador, uma vez que se trata de um pequeno instrumento oculto no bolso deste, preso por um cordão, corrente, fita, etc. O objetivo é não chamar a atenção e manter a latência do ego das pessoas, por isso o apito deve ser exposto somente na hora de chamar os foliões, iniciar e encerrar as cantorias. Não é todo folião, mesmo tendo sete anos de participação, que percebe todos os interditos de uma folia. Só os percebe efetivamente quem participa de todos seus rituais.

espontaneamente, na coleta de dados a eles referentes e no registro de variáveis que se presume relevantes, para analisá-los” (MARCONI e LAKATOS, 2007, p. 188). Selecionamos a observação de movimentos, deslocamentos e mobilizações adequadas aos objetivos preestabelecidos, discriminando o que devia ser coletado mediante pesquisa bibliográfica prévia. Isso nos auxiliou na proposição das novas variáveis para se analisarem as interações espaciais em folia de Santos Reis e nas festas de modo geral.

Suertegaray (s.d.) ressalta que a relação sujeito e objeto é a expressão de forma distinta em diferentes métodos e momentos históricos, existindo diferentes formas de leitura do mundo. Os diferentes métodos encaminham formas distintas de pesquisa de campo “e estas diferentes práticas vão expressar diferentes Geografias” (SUERTEGARAY, s.d., s.p.). Para a autora, vemos o campo a partir do método como expressão da concepção de mundo que temos; o trabalho de campo é “um instrumento de análise geográfica que permite o reconhecimento do objeto e que, fazendo parte de um método de investigação, permite a inserção do pesquisador no movimento da sociedade como um todo” (SUERTEGARAY, s.d., s.p.).

Dentro da pesquisa de campo, analisamos o giro sazonal (do tempo) e temporão (fora do tempo) da folia de Santos Reis do Jardim das Aroeiras, na região Leste de Goiânia, lugar de moradia do capitão¹² da folia e parte de seus foliões. É no giro da folia que podemos realizar o que foi proposto por Magnani (2002, s.p.) no espaço cosmurbano, ou seja: “a simples estratégia de acompanhar um desses ‘indivíduos’ em seus trajetos habituais revelaria um mapa de deslocamentos pontuado por contatos significativos, em contextos tão variados como o do trabalho, do lazer, das práticas religiosas, associativas etc.”.

O caminho para coletar dados e informações de campo inicial partiu, além do levantamento feito na bibliografia, da observação estruturada para interpretar os aspectos da realidade-ritual durante as jornadas e interpretá-las cientificamente. Foram feitas anotações em diário de campo da observação participativa nos giros que redundaram em publicação de pequenos artigos em jornais. Utilizamos entrevistas com livre-narrativas (não-diretivas) com o capitão, “Seu A.” (sanfoneiro), com o pastorinho “R.”, para checar informações sobre a construção do JDA, as experiências adquiridas e os diversos versos utilizados nos rituais.

¹² Capitão de folia, como é o caso de “Seu M.”, trata-se de pessoa experiente, com habilidades musicais, repentistas, sociais e espirituais capaz de resolver todos os problemas que podem surgir durante o giro de uma folia. Como ele nos disse: “tem que resolver os problemas todos, tem que saber tudo... se for numa folia e tiver um problema, como é que faz? Tem que saber resolver tudo, tem que saber mais que os outros... o embaixador não sabe tudo” (Entrevista concedida a COELHO em 16/11/2011). Os problemas mais frequentes são com o ensino das toadas aos embaixadores e vozes, disciplina, perda de voz por interferência espiritual, desafinação misteriosa de instrumentos e enfermidades.

Recorremos, ainda, ao registro fotográfico (material ilustrativo) e em vídeo (para facilitar a análise e interpretação das cantorias) dos deslocamentos, movimentos e mobilizações durante os giros da folia. Foi feita a aplicação de 15 (quinze) questionários por amostragem (são cerca de vinte foliões permanentes na jornada) aos foliões de giro na jornada de 2010/2011 para checar a realização de voto, dádiva, deslocamento e rotina. Dos 21 (vinte e um) pousos, fez-se uma amostra com 18 (dezoito) entrevistas diretivas aos foliões de pousos na ocasião da marcação desse giro para verificar o tempo de participação, os votos com os Santos Reis, a dádiva entre a Divindade e os homens, a mobilização, o movimento e a emoção. Utilizamos a amostragem probabilística de forma conhecida, sorteando os participantes das entrevistas (SILVA, s.d.).

Foram aplicados, ademais, 21 questionários experimentais durante o giro de 2009/2010 aos integrantes da Folia de Reis do Jardim das Aroeiras, no intuito de realizar um levantamento geral de dados sobre os foliões e a folia. Utilizamos perguntas factuais nos questionários experimentais; nos definitivos, de opiniões e atitudes, desvendando sentimentos e credos; e de informação, para checar o que os foliões sabem da folia e sobre o comportamento em relação ao outro (SILVA, s.d.). Checamos os dados para verificar a consistência das informações e poder analisá-las mediante as variáveis levantadas.

As pesquisas de campo, nas quais fizemos observações, realizamos entrevistas e aplicamos questionários, nos deram algumas pistas analíticas para a primeira parte do trabalho e foram essenciais na construção da segunda, em que expomos a folia na rua e a geograficidade ritualística de seu giro.

Nosso problema de pesquisa foi identificar e interpretar quais são os fixos e fluxos que se articulam nas interações espaciais em uma região metropolitana (como Goiânia), a partir de uma movimentação de grupos residentes na periferia (como os do Jardim das Aroeiras), durante uma festa popular, no caso os Giros de Folias de Reis (como os da Companhia do “Seu M.”), motivados por razões simbólicas e práticas ritualísticas. A maior dificuldade foi interpretar os movimentos, deslocamentos e a mobilização com olhar na peregrinação e no ritual da folia, com vistas à interação espacial, baseada na movimentação de pessoas, ideias e coisas no espaço. Outra foi a percepção dos fixos e fluxos (SANTOS, 1996a, 1996b) traduzidos nos momentos que antecedem o giro e durante a sua execução.

Nossa hipótese partiu do princípio de que a tradição das Folias de Reis no Brasil é uma representação simbólica do deslocamento dos três magos que, segundo registros bíblicos e seus apócrifos, ou melhor, de acordo com a tradição cristã, guiados por uma estrela, saem de locais distantes com destino a Belém, local onde a Sagrada Família, Maria e José, oculta

contemplativa o filho de Deus, o menino Jesus, em uma singela manjedoura. Esse cenário apresenta lugares (países, cidades, estradas, palácios, pousos, estábulos, etc.), pessoas (reis, comitivas, soldados, pastores, escribas, sacerdotes, etc.), objetos (presentes, suprimentos, aprovisionamentos, utensílios, indumentárias, etc.), informações (profecias, histórias, mitos, crenças, etc.) e outros elementos que constituem os fixos e fluxos representativos das interações espaciais daquela época. Trazida para a atualidade, essa travessia é reproduzida em momentos ritualísticos nos giros de Folia e os aspectos que a constituem acabam por expressar, também, uma nova realidade geográfica, ou seja, outra interação espacial, promovida por uma manifestação religiosa, a Folia de Reis.

Pesquisamos nas bibliotecas da Universidade Federal do Rio de Janeiro – UFRJ e da Universidade Estadual do Rio de Janeiro – UERJ; na Biblioteca Nacional, na Cinelândia, Rio de Janeiro; na biblioteca da Faculdade de Antropologia da UFRJ, em São Cristóvão, Rio de Janeiro; e na biblioteca do Museu do Folclore no Palácio do Catete, Rio de Janeiro. Essas instituições foram procuradas para que fosse possível realizar o levantamento bibliográfico da parte teórica da tese e de parte substancial das obras específicas relativas ao tema estudado. Fizemos, ainda, um levantamento bibliográfico na biblioteca da Universidade Federal da Paraíba (UFPB) em busca das raízes da cultura de Santos Reis no Brasil; na biblioteca do Programa de Pós-Graduação em Ciências da Religião da Universidade Católica de Goiás (UCG), onde se encontram monografias, dissertações e artigos a respeito de folias de Reis; na biblioteca do Instituto de Filosofia e Teologia de Goiás (IFITEG), em busca de fundamentos teológicos para a pesquisa; na biblioteca da Universidade Federal de Goiás (UFG), para o levantamento bibliográfico inicial e final da pesquisa. Recorreremos também a pesquisas preliminares em sítios de busca da internet para explorar o tema da viagem dos Três Reis Magos até Belém da Judéia.

As dificuldades ao longo da pesquisa se deram pela busca da fundamentação do procedimento teórico-metodológico, pouco abordado por geógrafos. Foi necessário muito diálogo com o orientador e com professores da Universidade Estadual do Rio de Janeiro, além da reflexão e análise de seus ensaios a respeito da interação espacial. Como se trata de um conceito trabalhado por poucos, como Ullman (1974), Corrêa (1997) e Maia (1999; 2010), foi preciso pensar cada detalhe teórico para concatenar os deslocamentos, os movimentos e as mobilizações necessários a um giro de folia de Santos Reis.

Quando relacionamos a teoria dos fixos e fluxos de Santos (1996b) a partir da leitura da tese de Mello (2000), que aborda a questão dos deslocamentos e movimentos em Seamon (1980), tivemos melhor elucidação teórica das interações espaciais. Essas teorias nos levaram

à análise da Geografia do Movimento proposta por Santos e Silveira (2001), que desvela os círculos de cooperação intensificados pelo meio técnico-científico-informacional, permitindo mais compreensão dos deslocamentos na atualidade. Não é tarefa fácil relacionar teorias da peregrinação, deslocamento, movimento, mobilidade e interação espacial num grupo focal determinado pela sua cultura. De outra forma, podemos pensar que essas teorias com vistas às movimentações sócio-culturais-religiosas estão em fase embrionária em relação às análises da Geografia Econômica, Agrária, Urbana e outras.

A respeito da correlação interação espacial/peregrinação, procuramos em Mello (2000), Seamon (1980) e Pereira (2006) os fundamentos básicos em relação a grandes e pequenas distâncias. As discussões sobre circulação e comunicação foram elucidadas por Raffestin (1993); sobre mobilidade por Trewartha (1974); e sobre deslocamento e peregrinação por Arnt (2006). Para os fundamentos da Geografia do Movimento, baseamos-nos em Santos e Silveira (2001). Sobre o conceito de peregrinação especificamente, tomamos as ideias de Calvelli (2006), que abordou o conceito para explicar a motivação dos romeiros, considerando o turismo religioso. Para compreender as interações espaciais ritualizadas num giro ou jornada de folia de Reis baseamos nossa análise em Eliade (1996, 2001), Rosendahl (1996), Durkheim (2000), Maia (2010) e Porto (1982). Quanto ao conceito e aos aspectos da dádiva, estabelecemos uma discussão a partir de Mauss (1974, 2003), Lanna (2000), Sabourin (2008) e Godbout (1998) para tomá-la como variável que nos possibilita compreender o movimento de pessoas, ideias e bens a partir da troca de coisas, espiritualidades e generosidades.

Quanto à estrutura, o trabalho constitui-se de duas partes. Na primeira, denominada “Prefixos e Conjunções no lugar de partida” expomos as condições e razões que levam às interações espaciais na festividade. Assim, no capítulo 1, denominado “O Jardim das Aroeiras: escrituras palimpsésticas – da experiência do espaço ao espaço como experiência” abordamos a construção do JDA em fontes primárias adquiridas na Prefeitura de Goiânia e em outros órgãos e textos jornalísticos. Discutimos mito e religião baseados em Cassirer (2000); fé, transcendência, milagre, razão em Jacob (2000); as teorias do ser em Heidegger (1988); ritual e emoção em Maia (2010), resgatando suas relações com o que os foliões dizem a respeito de suas experiências ao estarem presentes no giro. Nessa parte do trabalho, analisamos a teoria dos autores citados e a empiria dos foliões da Folia de Santos Reis do Jardim das Aroeiras. A última parte desse capítulo foi escrita com base no histórico da chegada de “Seu M.” no referido ‘jardim residencial’. Já no capítulo 2, “Oportunidades intervenientes iniciais: seus pontos e contos”, tratamos do voto e da promessa como motores

da interação espacial na folia de Santos Reis; discorremos ainda sobre ritual, sacrifício, penitência e pagamento de promessas em festas religiosas.

A segunda parte, iniciada no capítulo 3, intitula-se “Saídas, Chegadas, Encontros e Despedidas: os rituais de folia”. Primeiramente, no próprio capítulo 3, tratamos, “Da marcação dos giros à saída da bandeira”, demonstrando, paralelamente, a necessidade de se fazer um exercício de Geografia considerando-se a direção a ser tomada da saída do giro até a chegada. Expomos os rituais de saída da bandeira como benzeção da folia, posicionamento dos foliões para cantar, dos movimentos-rituais de despedida e deslocamento para a rua, iniciando a jornada em busca dos devotos moradores nas casas.

No capítulo 4, “A visita às casas e o pouso da bandeira”, procuramos enfocar os rituais em deslocamento e em movimento baseados, principalmente, na abordagem dos moradores pelos palhaços, nas cantorias de visita até a chegada nos pousos de almoço e jantar da folia. Para obter as letras de todas as cantorias foi necessário acompanhar os giros, ouvir e interpretar as letras das toadas, pois, a depender do momento e da situação, os embaixadores podem improvisar versos diferentes. Fizemos a checagem das letras junto ao capitão da folia para não correr o risco de escrevermos rimas e trovas incoerentes. Os versos do pastorinho foram interpretados e checados com o pastorinho “R.”, mais experiente na folia. Para analisar os movimentos e deslocamentos-rituais da jornada foi imprescindível exaustiva observação participativa em todos os passos da folia nos giros de 2009/2010 e 2010/2011.

Essa segunda parte finaliza com o capítulo 5, “Rituais de chegada e entrega da bandeira”, em que discutimos os movimentos, deslocamentos e mobilizações para o preparo da festa de chegada ou recolhida da bandeira. Nesse sentido, analisamos as interações espaciais dadas pela movimentação de pessoas e alimentos para o provisionamento, preparo da comida e ornamentação da casa do festeiro. Estando preparado o lugar da festa, discutimos os rituais de chegada, os movimentos de passagem pelos arcos na chegada, de passagem da coroa dos festeiros velhos para os festeiros novos, do ritual de entrega da bandeira e da comilança na festa.

Em seguida, apresentam-se as “Considerações finais” deste estudo, onde se tenta elaborar um diagnóstico do presente e colaborar com a necessária compreensão dos interessados que estejam buscando uma (re)leitura da Geografia Humana nas pesquisas e práticas sobre os rituais de folias de reis.

Primeira Parte: PREFIXOS E CONJUNÇÕES NO LUGAR DE PARTIDA

Apesar de o lugar não ser o conceito fundamental de nosso trabalho, aqui o definimos, naquela ‘tradição geográfica’ que o considera relacionado à afetividade e à identidade (RELPH, 1980; BUTTIMER, 1985; TUAN, 1983), constituindo-se como lócus de ‘enraizamento do ser-no-mundo’. Tuan, particularmente, difere o espaço “amplo, ameaçador e em movimento” do lugar “seguro, estável e em pausa” (1983, p. 6); tal definição satisfaz os nossos propósitos, pois, nesta primeira parte, falamos do surgimento e da composição do Setor JDA à maneira de lugar em que se ‘enraízam’ as relações identitárias e afetivas dos foliões. Desse modo, discutimos como, apesar de os urbanistas que planejaram Goiânia terem construído o JDA como um ‘setor’, segundo concepções ‘modernas’, a nosso ver, aí se constituíram relações ‘tradicionais’ de co-presença¹³ que se verificam em ‘bairros’ periféricos de outras cidades brasileiras.

Desse modo, exploramos, a seguir, que o JDA, assim como os bairros em geral, apresenta, como assinala Souza, uma realidade social composta pela dialética entre objetivo-intersubjetivo que lhe fornece “uma identidade mais ou menos inconfundível para todo um coletivo” (1989, p. 148), a qual aqui se relaciona, em parte, pela realização da folia de Reis. Iniciamos nossa argumentação por aquela dimensão objetiva destacada pelo mesmo autor, relativa à definição de seus limites como um ‘fragmento urbano’ que guarda ‘unidade de composição material e social’. Para além dessa dimensão, inserimos, no final do capítulo 1 e ao longo do capítulo 2, a dimensão intersubjetiva constituída a partir das folias, dimensão esta que constitui o espaço como experiência para os seus habitantes, ou seja, aí se “constitui para o indivíduo um espaço vivido e sentido”, realizando-se, como sugere o próprio Souza, uma “**bairrofilia**” (1989, p. 149-150).

As nossas diretrizes aqui se encaminham na tentativa de revelar, tal qual Maia, inspirado nas reflexões de Souza, como os bairros, nas festas populares, em sua dimensão objetiva, além de se constituírem como limites em que se inserem as festas (escolas de samba no caso visto por Maia), compõem determinada tessitura social, demonstram áreas segregadas e oferecem formas para a própria preparação e realização da festa (as quais serão integradas

¹³ Heidegger define ‘co-presença’ como um modo de ser-no-mundo relacionado à situação com o ‘outro’. “Os ‘outros’ não significa todo o resto dos demais além de mim, do qual o eu se isolaria. Os outros, ao contrário, são aqueles dos quais, na maior parte das vezes, ninguém se diferencia propriamente, entre os quais também se está” (HEIDEGGER, 1988, p. 169-70).

por fluxos, como explicitaremos). Já no aspecto subjetivo, argumenta o autor, “no bairro desencadeiam-se interações face a face promotoras de elos de vizinhança, do sentimento de pertencer (*pertinescere* – estar ligado a) e de criação de uma identidade comum entre os habitantes – desde que haja disposição para isso” (MAIA, 2003, p. 202).

Assim, nesta parte veremos que no JDA se estabelecem essas conexões entre objetivo-intersubjetivo, sem as quais não podemos compreender as folias como festas e o sentido dos seus diversos rituais numa abordagem geográfica rigorosa. Sugere-se, ainda, que o ‘bairro’, à maneira de espaço como experiência, compõe aquela intertextualidade assinalada por Duncan (2004) em que se relacionam “textos históricos, paisagens e rituais”, mas também e fundamentalmente “textos e práticas sociais que se tornaram textualizadas” e que nos permitem interpretá-lo, daí as metáforas que utilizamos nos próprios títulos desta parte e dos capítulos.

CAPÍTULO 1. O JARDIM DAS AROEIRAS: ESCRITURAS PALIMPSÉSTICAS - DA EXPERIÊNCIA DO ESPAÇO AO ESPAÇO COMO EXPERIÊNCIA

A quantidade de interações na sociedade como um todo tem aumentado de maneira vertiginosa, permitindo notar-se a interferência de um maior número de variáveis nos fenômenos que ocorrem diariamente. A globalização, ao mesmo tempo em que homogeneíza, torna os lugares singulares e específicos, neles notando-se que os elementos espaciais se especializaram: os seres humanos, as instituições e o meio ambiente. Cada lugar é diferenciado do outro, “mas também claramente ligado a todos os demais por um nexos único, dado pelas forças motrizes do modo de acumulação hegemonicamente universal” (SANTOS, 1996a, p. 34). Essas ideias demonstram que nos mais diversos lugares ocorrem interações espaciais a partir da interligação de oportunidades, sendo certas variáveis comuns em todo o planeta. O homem não vive isolado, as interações espaciais o tornam um ser ainda mais social, embora provoquem, ademais, sua individualização e radicalização, como no caso dos fundamentalismos, dos guetos culturais e outros.

No espaço urbano, as residências de todos os tipos são próximas umas das outras, o que modifica a dinâmica tempo-espaço das interações. Estas se modificam na cidade, pois o tempo-espaço exige modos próprios de deslocamentos e transferência, ou seja, há oportunidades intervenientes específicas na locomoção urbana, particularmente àquelas relacionadas ao lugar de moradia, mas também entre outros bairros e entre uma e outra cidade.

A folia de Reis do Jardim das Aroeiras (nome dado nos trâmites de parcelamento da gleba), em Goiânia, reflete essa dinâmica, demonstrando-nos a singularidade de um lugar em tempos de globalização e as variáveis que interferem no deslocamento local (no próprio ‘bairro’), entre os bairros vizinhos e nas cidades do entorno e áreas adjacentes: Senador Canedo, a leste de Goiânia; Nerópolis, ao norte; e Trindade, na saída oeste da capital. Observamos e percebemos que se trata de um deslocamento não só de pessoas, mas de uma atividade cultural tradicional em uma localidade ‘alheia’ em relação à sua origem. Isso proporciona inter-relações culturais e simbólicas entre uma área e outra, demandando muito mais do que apenas meios para se deslocar e circular no espaço, mas também modos de transmitir uma tradição e certa identidade cultural.

Para entender as interações que ocorrem na construção de um novo espaço urbano tomamos as concepções de Corrêa, ao analisar a grande cidade capitalista em diferentes usos, distintas áreas, formas e conteúdo social, servindo de reserva para a expansão e a organização do espaço fragmentado. Assim,

o espaço de uma grande cidade capitalista constitui-se, em um primeiro momento de sua apreensão, no conjunto de diferentes usos da terra justapostos entre si. Tais usos definem áreas, como o centro da cidade, local de concentração de atividades comerciais, de serviços e de gestão, áreas industriais, áreas residenciais distintas em termos de forma e conteúdo social, de lazer e, entre outras, aquelas de reserva para futura expansão. Este complexo conjunto de usos da terra é, em realidade, a *organização espacial* da cidade ou, simplesmente, o espaço urbano, que aparece assim como espaço fragmentado. (CORRÊA, 2002, p. 7)

O espaço urbano é reflexo da sociedade ao materializar a divisão da sociedade em classes sociais nos espaços segregados, bem como pela sua construção de forma fragmentada e simultaneamente articulada, refletindo distintas ações e a história da sociedade urbana. Mas é também condicionante da sociedade, pois existem obras determinadas pelos projetistas (objetos) e leis fixadas pelos legisladores (regulamentos das ações) que regem a maneira como a sociedade se reproduz.

Como reflexo e condição da reprodução social, o espaço de uma cidade é constituído por partes (áreas segregadas) que mantêm relações entre si muito diversificadas. Isso se demonstra pelas formas como as interações espaciais ocorrem entre elas, uma vez que há necessidades específicas que definem o fluxo de veículos e pessoas, a carga e descarga de mercadorias, os deslocamentos entre residências e áreas de serviços, o comércio, as indústrias, o local de trabalho, os lugares de consumo no centro ou as lojas existentes no 'bairro'. As interações espaciais ainda revelam as necessidades de se visitar parentes e amigos, prestar auxílio mútuo, ir ao cinema, ao parque, ao bosque, à igreja, participar de uma festa de santo, girar uma folia e outros 'lazer' e 'divertimentos'.

Goiânia foi pensada para substituir a Cidade de Goiás como capital do Estado, tendo sua forma planejada, zoneada e setorizada. No plano original da cidade não eram previstos os bairros e as vilas isoladas para não dificultar a execução do plano de zoneamento e setorização, que atendia às necessidades específicas de serviços, comércio, indústria e habitação. A *divisão natural* de uma cidade em zonas, como demonstraram, teoricamente, os estudiosos da Escola de Chicago, maximizava a sua funcionalidade urbana, ao passo que demonstrava o seu processo geral de segregação (MAIA, 1994). Primariamente, pode-se interpretar o setor como subdivisão de uma zona, ou uma área intencionalmente criada para

segregar um tipo de ator social ou atividade. No plano ‘piloto’ de Goiânia não havia previsão de dividi-la em bairros e vilas, resquícios de um antigo modo de ocupação do espaço urbano, mas sim de construí-la numa concepção ‘moderna’ de zonas e setores, o que supostamente facilitaria a manutenção do plano original, evitando o crescimento desordenado da cidade. Os Jardins (como o JDA), bairros, vilas, residenciais, conjuntos e outros - como existem atualmente - não estavam previstos no projeto original da cidade para evitar transtornos urbanos. Monteiro (1938) ratifica, em sua obra intitulada *Como Nasceu Goiânia*, que a ideia de zoneamento visava satisfazer as tendências da modernidade da época, localizando os elementos da capital em zonas demarcadas para organizar o serviço público, evitar problemas técnicos, econômicos e sanitários.

Mas os espaços segregados são também áreas de (con)vivência, de enraizamento de valores, de sociabilidades – e isto os ‘planejamentos’ não conseguem prever. Desse modo, por mais que se queira dar a uma cidade, como no caso de Goiânia, uma concepção urbana ‘moderna’, os habitantes podem antes buscar as suas tradições, como as folias de reis, e é isso que procuramos analisar neste capítulo.

1.1 A CRIAÇÃO DO JARDIM DAS AROEIRAS: TRÂMITES LEGAIS

Na análise espacial dois conceitos são fundamentais: sítio e situação. O primeiro refere-se às condições locais de uma área, definindo como campo de estudo as relações entre os homens e o ambiente. O segundo refere-se aos efeitos de uma área ou aos fenômenos de uma área em outra área, devendo concentrar-se nas conexões entre elas quanto à circulação, interdependência regional, difusão ou centralização. O conceito situacional é definido como interação espacial, tornando positivos e dinâmicos os conceitos de situação, relações e circulação (ULLMAN, 1974). Veja-se que na Vila Yate (antigo lugar de moradia de parte dos habitantes do JDA) as condições eram adversas aos moradores, havendo relações difíceis entre estes e o ambiente insalubre, daí a luta por outra área. A vinda para o Jardim das Aroeiras (JDA) proporcionou outras relações a partir da composição de vizinhança, da instauração da associação de ‘bairro’ e dos ideários que surgiram e se difundiram a partir disso.

O Jardim das Aroeiras foi um loteamento criado para atender à demanda não solvável (que não possui bens garantidores) da capital goiana em sua área de expansão urbana. Corrêa

(2002, p. 22) explica que, na sociedade capitalista, “o capital não tem interesse em produzir habitações para as camadas populares”. Na sociedade goianiense, parcela considerável da população não tem acesso à casa própria e nem condição de pagar aluguel (moram nas ruas, debaixo de lonas, em invasões). Os promotores imobiliários lançam-se na produção de habitações para atender à demanda solvável e, em último caso, reivindicam do Estado ajuda para “tornar solvável a produção de residências para satisfazer a demanda não-solvável” (CORRÊA, 2002, p. 22) da população. Assim, no memorial descritivo do ‘assentamento’ Jardim das Aroeiras, parte integrante da Fazenda Retiro - lote 06, com uma área de 33,8155ha ou 338154,80m², de interesse da Companhia Habitacional de Goiás/COHAB-GO, consta que este “é um Loteamento de Natureza Social, destinado ao atendimento de famílias com uma renda abaixo de 2/5 Salários Mínimos Mensais” (MEMORIAL DESCRITIVO, 24/09/1987).

Para a demanda solvável, são construídos condomínios verticais e horizontais de luxo, caso dos inúmeros prédios edificadas em um só lote ou em áreas mais espaçosas, como o condomínio horizontal Aldeia do Vale e outros na saída para Anápolis. Para essa parcela da sociedade são construídas residências próximas às áreas de lazer, aos espelhos d’água (que proporcionam amenidades ou microclimas) e aos shoppings centers, tendo como um exemplo mais recente a área do Parque Flamboyant, onde os imóveis são de alto custo, finos, luxuosos e não acessíveis às pessoas de baixa renda. Por outro lado, o JDA foi criado devido à intensa pressão popular no final dos anos 1980. O Programa Habitacional Comunitário, por meio da Secretaria de Assuntos Comunitários e da Superintendência para Assuntos de Posse Urbana e Habitação Popular, forneceu um manual contendo um informe de sua proposta¹⁴.

O manual continha a planta da ‘casa’ (conhecida popularmente como barraco ou barracão), mostrando a cobertura, o corte AB e a fachada principal em ‘meia água’, o corte CD e a fachada lateral e locação; detalhe de cobertura para telhado de barro em meia água, detalhe de fundação, elevação, cobertura de cimento e amianto; detalhe de madeiramento da cobertura para telha de barro e outra para amianto; na folha 3 das plantas foram mostrados o embrião da casa e os estágios em que deveriam ser construídas, do 1º ao 5º. Na última capa do manual foram indicadas as ‘informações importantes’, utilizando-se ícones ilustrativos.

O informativo demonstra como o poder público controla a aquisição, a construção e a manutenção do imóvel adquirido, indicando uma das formas de trâmites utilizadas nos

¹⁴ Esse informe observava o seguinte: “Através do Programa Habitacional Comunitário realizado pela Secretaria de Assuntos Comunitários, você está adquirindo um lote semi-urbanizado e material construtivo para realizar o grande sonho de sua vida: a casa própria. Você, sua família, seus amigos, a Prefeitura, o Governo do Estado e o Governo Federal se unem, numa iniciativa pioneira na grande tarefa de proporcionar a milhares de goianos o acesso à moradia. É o Governo Henrique Santilo, respaldando o compromisso com o Social” (PROGRAMA HABITACIONAL COMUNITÁRIO, s.d.) O referido manual, em sua íntegra, encontra-se anexo.

projetos de moradia para a demanda não solvável relacionada a migrantes que chegaram à cidade de Goiânia em busca de novas oportunidades.

Conforme relatos do jornal *Diário da Manhã* (06/07/1988a), 29 (vinte e nove) famílias da área de posse da Vila Yate foram transferidas (a partir de 01/07/1988) para o Jardim das Aroeiras. Como as famílias tinham mais de dois filhos por casal, foram deslocadas mais de 200 (duzentas) pessoas de uma faixa de terra entre a rodovia BR-153, a Avenida das Indústrias e a Supergasbrás da Vila Yate para o JDA. Uma das justificativas para essa transferência era o gás expelido dos reservatórios, que prejudicava a saúde dos habitantes; outra, a luta da Associação de Moradores de três vilas: Morais, Dom Bosco e Yate. Os assentados no Jardim das Aroeiras receberam documentação e material para construir uma pequena casa em um lote de 300m². Nesse contexto, o jornal *Diário da Manhã* informava: “os novos moradores do Aroeiras já estão com documento da tomada de posse em mãos e a garantia do material para a construção dos três cômodos pré-estabelecidos no programa de assentamento: uma sala, um quarto ou cozinha e um banheiro, num lote que mede 12 por 25 metros” (06/07/1988a, p. 6). Essa área era muito pequena para uma família, só havendo condições para edificar um barracão de meia água, com dois cômodos divididos por um banheiro.

Segundo artigo publicado pelo jornal *Diário da Manhã* no dia 26 de julho de 1988, a maioria dos assentados tinha dificuldades para custear a construção de uma casa de meia água com uma sala, um quarto e cozinha. O “Seu As.”, pedreiro de 44 anos, construiu, na época, um sobrado (figura 2) com dois pavimentos e dez cômodos. A intenção era abrigar seus quatro filhos, sendo dois casados, num total de 11 pessoas, mas os vizinhos diziam que quem fazia um sobrado não necessitava da área doada.



Figura 2 - “Seu As.” e sua primeira casa no JDA.

Fonte: Biblioteca da SEPLAN, 2009, *Diário da Manhã*, 26/07/1988b, p. 13.

De acordo com essa mesma matéria, o pedreiro contou que vendeu seus melhores móveis, os filhos o ajudaram com parte do vencimento e trabalho sem descanso, inclusive em dia santo. Disse que construía o sobrado sozinho e não possuía nada além da área em que construiu. Era de pouca escolaridade, com apenas quarta série primária, mas sua matemática não tinha erro: o projeto era simples e benfeito, sem oferecer risco de desabamento.

Diante da ‘hostilidade’ dos habitantes, “Seu As.” pediu para investigarem sua vida em Jussara (GO) e no setor Capuava, onde morava a nove anos de aluguel na Rua Independência, n. 260, qd. 9, lt. 9. O sobrado estava sem acabamento, mas mudaria na mesma semana para o JDA e em cinco anos terminaria a obra. Os vizinhos, com isso, até cogitavam retirá-lo da posse. Os lotes obtidos no Jardim das Aroeiras não foram gratuitos, mas previam-se mensalidades e havia o risco de perder a área¹⁵.

Observa-se, na figura 3, que até os dias atuais “Seu As.” ainda não concluiu a construção da casa e sempre faz mais um ‘puxadinho’ para aumentar o espaço da residência, num tipo de construção característico do proletariado:



Figura 3 - Atual casa de “Seu As.”.
Foto: Tito Coelho, 2010.

Em 1988, os moradores investiram na construção da escola, juntamente com o diretor “J.”, que, além da direção desta, exerceu também as funções de servente e de pedreiro, ademais de professor na falta de docentes. Para ensinar as crianças era usado um madeirite

¹⁵ Sobre isso, o documento informava: “O lote que você está adquirindo para construir sua casa terá, no mínimo, 250 metros quadrados. A localização e área serão definidas por sorteio. Os lotes estão localizados em setor com ruas abertas e com energia elétrica. As prestações mensais serão no valor de 10% do salário mínimo regional. Os recursos financeiros arrecadados com as prestações serão utilizados em seu setor, em obras e melhorias a serem definidas pela comunidade. A planta da casa está de acordo com as leis municipais de edificações. Posteriormente, as casas poderão ser ampliadas com os seus próprios recursos e poupança familiar. Construa sua casa dentro das normas e prazos estabelecidos. **O não cumprimento do prazo e das normas implica em perda do imóvel.** O imóvel destina-se exclusivamente a moradia de sua família. Por isso, durante o período de pagamento das prestações, você não pode vendê-lo nem alugá-lo, para não perder seu direito de propriedade” (PROGRAMA HABITACIONAL COMUNITÁRIO, s.d. – grifos nossos).

pintado de preto como quadro negro e não havia telhado para abrigar alunos e funcionários do sol ou da chuva. Em interação espacial no loteamento, cerca de 510 famílias se movimentaram para ajudar na construção da escola, que funcionava durante três períodos e atendia, ainda, a outros três ‘bairros’: o Jardim Dom Fernando I e II e a Vila Concórdia¹⁶.

Existia certa preocupação dos órgãos públicos em relação à escrituração da gleba, atualização dos dados topo-cadastrais equivocados e ‘bem-estar’ dos habitantes, como era o caso da horta, da área de preservação ambiental, dos loteamentos em locais indevidos e outros. No ano de 1993, o Instituto de Planejamento Municipal (IPLAM), juntamente com o Núcleo de Urbanização e Habitação (NUH), Núcleo de Circulação e Transporte (NCT), Núcleo de Lazer e Meio Ambiente (NLA), Núcleo de Equipamentos Sociais (NES), Núcleo de Cartografia e Cadastro (NCC) e Acessória Jurídica (AJU), em atendimento à solicitação da Superintendência de Assentamento Urbano (SAU), processo n. 189.916-4, que submeteu à análise técnica, solicitou “aprovação e regularização da posse Urbana denominada Jardim das Aroeiras”. Após vistoria *in loco* e estudos foram feitas várias exigências¹⁷.

No dia 17 de outubro de 1994, o Núcleo de Cartografia e Cadastro do IPLAN, em atendimento ao Despacho n. 644/93 NCI, da Secretaria de Finanças, informou que “o loteamento Jardim das Aroeiras, é um parcelamento Urbano que se encontra em fase de regularização” e que “tramita neste Instituto através do Processo n. 189.916-4; encaminhado ao Gabinete da Presidência em 05/05/93” (I-CGPI/NCC/NSR, n. 0720/94, 17/10/1994), com as exigências contidas no documento supracitado de número 0307/93, aguardando-se o seu cumprimento pela Secretaria de Ação Social e Trabalho. Deveriam ser executados a limpeza e o replantio adequado do bosque, além da remoção e do reassentamento de cerca de 100 (cem) famílias por parte do poder público federal, que precisaria apresentar o documento de domínio da gleba, juntamente com o projeto de urbanização e memorial descritivo da área.

¹⁶ Uma matéria de jornal publicada à época nos informa sobre o assunto: “O material de construção para a escola foi negociado pela Secretaria de Assuntos Comunitários junto à iniciativa privada. Mesmo sem acabamento, houve um semestre de aulas, utilizando-se fossas secas (privadas ou casinha), energia puxada diretamente dos fios na rua (os chamados gatos) para atender somente um pavilhão, bebedouro com somente um filtro em cima de um tambor de óleo, além de outras precariedades. Merenda não havia devido à falta de instalações adequadas para armazenar e manter a higiene da cozinha. “J.”, para remediar, ergueu uma cantina e um armário de tábua, mas a inspeção da merenda escolar não aprovou o improvisado” (DIÁRIO DA MANHÃ, 26/07/1988b, p. 13).

¹⁷ As exigências foram: “[...] retificar a escritura da gleba apresentada; deverá ser efetuada uma atualização no levantamento topo-cadastral, adequação do projeto de regularização, em razão de que o mesmo não confere com a realidade, como exemplo verifica-se que a Escola Est. Parque das Aroeiras encontra-se na quadra 18-A; a Área Pública Municipal destinada no projeto como ‘horta comunitária’, deverá ser alterado o uso para bosque, bem como deverá ser efetuada a remoção dos invasores e o reflorestamento e destiná-la a Área Pública Municipal – Bosque; deverá retirar os lotes de 01 a 14 da quadra 16, contíguos a área que será destinada a bosque e efetuar seu reflorestamento; a área institucional proposta na quadra 20 destinada a escola deverá ter seu uso substituído para área de praça; indicar os equipamentos existentes e a infra-estrutura implantada; re-ratificar a escritura da gleba [...]” (I-CGPS/NCC/AJU-NSR – n. 0307/93, 05/05/1993).

Por meio do ofício n. 028/95, o vereador Paulo de Souza solicitou ao Instituto de Planejamento Municipal – IPLAN – informações sobre as Ruas JDA 01 e 06; quadras 01, 02, 09 e 10 do Jardim das Aroeiras; plantas urbanísticas; memorial descritivo da situação de origem; e possíveis mudanças de uso dessas áreas. Em resposta a esse documento, o Núcleo de Cartografia e Cadastro do IPLAN (25/04/1995) informou que:

- a) O parcelamento denominado Jardim das Aroeiras encontra-se em fase de regularização, aguardando sejam cumpridas as exigências contidas no parecer I – ICGP/CGPI/CACP/AJU – NSR n. 1003/93, deste instituto, tendo como loteador a Secretaria de Ação Social e Trabalho do Estado de Goiás.
- b) As ruas e quadras das quais são requeridas as informações, são parte do sistema viário e lotes do parcelamento, que a época do assentamento por parte do Estado, eram ocupados [...] pela empresa Queiróz – Galvão, como oficina e garagem de máquinas e são de propriedade do Estado de Goiás.
- c) As plantas urbanísticas estão sujeitas a modificações, por tratar-se de parcelamento em vias de legalização e as quais poderão ser alteradas.

O Jardim das Aroeiras foi regularizado pelo Decreto 1.833, de 18 de setembro de 1998, fundamentado nas disposições da Lei 6.806, de 31 de outubro de 1989, com alterações introduzidas pela Lei 6.967, de 17 de junho de 1991, artigo 40 e seguintes da Lei Federal 6.760, de 19 de dezembro de 1979, tendo em vista o constante no processo 1.231.183-4/98, de interesse do Estado de Goiás (DIÁRIO OFICIAL DO MUNICÍPIO, n. 2.205, 03/11/1998, p. 6). O citado decreto regularizou o Jardim das Aroeiras com uma área total de 264.316,18 m², localizada na Região Leste em Zona de Expansão Urbana do Município de Goiânia, sendo de propriedade do Estado de Goiás. A área total da gleba era de 338.154,73 m², destinando-se aos lotes 160.262,32 m², com 559 unidades loteadas; 77.218,41 m² ao sistema viário; 26.833,45 m² às áreas públicas municipais e uma área remanescente de 73.838,55 m². Conforme o artigo 3º do referido decreto, de acordo com o artigo 132 da Lei Complementar n. 031/94, o loteamento foi previsto como Zona Especial de Interesse Social II (ZEIS-II), exceto as áreas públicas e os usos para Zona Mista de Baixa Densidade (ZM-BD).

O JDA foi estruturado na época com sete (07) Áreas Públicas Municipais (APMs), sendo uma praça de esportes na Avenida Anápolis; um parque municipal de 10.577,90 m²; um colégio do Estado de Goiás, o Colégio Estadual Jardim das Aroeiras; um posto policial; uma área destinada à Associação dos Moradores e uma creche com área de 1.500,88 m²; uma área destinada à Oficina Social e à Associação de Entidades Comunitárias, com 1.370,38 m²; e espaço para área verde de 413,43 m² (tabela 1).

Tabela 1: Demonstrativo das áreas públicas no JDA

ESPECIFICAÇÃO	NÚMERO DE UNIDADES	ÁREA EM M ²	%
Lotes residenciais	559	160.262,32	60,634
APM-1- praça de esportes	001	10.577,90	4,002
APM-2- parque municipal	001	14.919,27	5,644
APM-7- área verde	001	413,43	0,156
Total das áreas de lazer	003	22.015,23	8,329
APM-3- escola	001	1.734,63	0,656
APM-4- posto policial	001	212,33	0,080
APM-5- Associação de Moradores e Creche	001	1.500,88	0,568
APM-6- Oficinas comunitárias	001	1.370,38	0,518
Total das áreas institucionais	004	4.818,22	1,823
Total das áreas públicas municipais	007	26.833,45	10,152
Sistema viário	-	77.218,41	29,214
Total da área urbanizada	-	264.316,18	78,164

Fonte: SEPLAN, dezembro de 2009 (Projeto de regularização enviado ao SEPLAN pela Secretaria Especial da Solidariedade Humana/Diretoria de Habitação e Assentamento Urbano, 01/04/1998, p. 4. Os dados conferem com o DECRETO 1833 de 18/09/1998).

O Projeto de regularização de assentamento do Jardim das Aroeiras foi elaborado pela Diretoria de Habitação e Assentamento Urbano da Secretaria Especial da Solidariedade Humana (GO), em conformidade com a Lei Federal n. 6.766/79 e Lei Municipal 6.063/83. O imóvel era parte integrante da Fazenda Retiro, com matrícula n. 40.480 do Cartório de Imóveis da 4ª Circunscrição de Goiânia, sendo seu proprietário o Estado de Goiás¹⁸.

Como justificativa do assentamento pela Diretoria de Habitação e Assentamento Urbano foram realizados estudos, por meio de levantamentos, informando que o terreno não possuía declividade superior a 30% (trinta por cento), com pequena inclinação no sentido Norte/Sudoeste. Foi constatado solo de boa permeabilidade e lençol freático a 17 metros de profundidade, cuja instalação de fossas sépticas ou sumidouros não os poluiria, juntamente com a água corrente. Isso levou a crer que o terreno era dotado de condições ideais ou suportáveis quanto à poluição ambiental. Em relação às condições naturais do solo, observou-se sua formação pela decomposição da rocha mãe, situada logo abaixo da superfície, afastando qualquer possibilidade de ocorrência de aterramento com material nocivo à saúde humana.

¹⁸ Tem-se o seguinte registro: “O referido assentamento está localizado a aproximadamente 6,5 Km do centro de Goiânia e é parte integrante da Fazenda Retiro na Região Sudeste, distrito 48, Vila Pedroso, confrontando ao Sul com a Fazenda Garantã, ao Norte com a Rodovia GO – 010 ou Avenida Anápolis, a Leste com terras pertencentes ao Convento Mãe Dolorosa e Jardim Dom Fernando I, e a Oeste com terras pertencentes à Arquidiocese de Goiânia [...]” (PROJETO DE REGULARIZAÇÃO, DHAU/SESH/GO, 01/04/1998, p. 2).

O parcelamento da área foi destinado ao assentamento, com a finalidade de suprir o *déficit* formal habitacional para a população menos favorecida, “cuja implantação e ocupação aconteceram em 1987, promovidas pelo Estado de Goiás através da Secretaria de Assuntos Comunitários e Secretaria de Desenvolvimento Urbano e Meio Ambiente” (PROJETO DE REGULARIZAÇÃO, DHAU/SESH/GO, 01/04/1998, p. 5). A reorganização do assentamento visava obter aprovação do projeto e registro dos imóveis ‘anelos’ dos moradores ocupantes, “tendo sido excluída do projeto a área denominada ‘Buracão das Aroeiras’, onde se encontram os posseiros urbanos em situação de risco que deverão ser removidos, ficando esta área remanescente para estudos posteriores” (DHAU/SESH/GO, 01/04/1998, p. 6).

No dia 05 de maio de 1998, a Divisão de Cartografia da Secretaria Municipal de Planejamento informou à Divisão de Ordenamento Urbano os dados contidos em seu parecer de número 500/98 em deferimento por sua parte, no tocante a leis, normas técnicas do sistema de coordenadas, fluxos, dimensões de lotes, perímetro e planta cadastral¹⁹.

O certificado e a aprovação do assentamento Jardim das Aroeiras foram firmados por meio do DOFT/DCG n. 390/99, processo n. 1231183-4/98, e informados à Secretaria de Cidadania e Trabalho, antiga Secretaria Especial de Solidariedade Humana, em 06/07/1999. No documento se afirma:

Certificamos por solicitação do interessado e para os fins que se fizerem necessários, que a gleba de terras com superfície de 338.154,73 m² parte integrante da Fazenda Retiro, onde fica aprovado o assentamento Jardim das Aroeiras, matrícula n. 40480 do Cartório de Registro de Imóveis da 4ª Circunscrição Imobiliária, encontra-se localizada na Zona de Expansão Urbana do Município de Goiânia, por força da Lei complementar n. 060 de 30/12/99. (DIVISÃO DE CARTOGRAFIA DA SECRETARIA MUNICIPAL DE PLANEJAMENTO, 06/07/1999)

Pese a toda a burocracia e o legalismo, as interações espaciais na ocupação de áreas residenciais como o JDA vão se formando a partir do uso informal e, às vezes, ilegal do perímetro urbano, materializadas em lutas sociais de reivindicação por melhorias, benesses e direitos. Isso, mormente, faz-se acompanhar de novos decretos, projetos e estudos de caso *in loco*, bem como do estabelecimento de modos de convivência.

¹⁹ O parecer informava: “Após análise da proposta de regularização apresentada em conformidade com a Lei 6266/79 e 6063/83, verificamos estar de acordo, com normas técnicas e diretrizes, no que se refere a amarração ao sistema de Coordenadas UTM, altitudes, cotas de eixo Ruas, cálculo e dimensões dos lotes elementos do perímetro, planta cadastral. A Certidão de Registro referente a matrícula RI-40480 de 24 de dezembro de 1994 do Cartório de Registro de Imóveis da 4ª Circunscrição Imobiliária de Goiânia a descrição do perímetro e superfície conferem com a proposta de regularização. Da área documental existe um remanescente de S=73838,55 m² objeto de posterior regularização, posse urbana denominada de Buracão das Aroeiras” (DIVISÃO DE CARTOGRAFIA DA SECRETARIA MUNICIPAL DE PLANEJAMENTO, 05/05/1998).

1.2 ENTRE MUDANÇAS E ANDANÇAS: A IMPLANTAÇÃO DAS FOLIAS NO JARDIM DAS AROEIRAS - JDA

No Jardim das Aroeiras havia dois grupos de folia: o de “Seu M.” e o de “G.”, este último falecido no dia 06 de outubro de 2010. O grupo que acompanhamos de perto é o do capitão de folia “Seu M.”, natural de Inhumas-GO, nascido em 1953, sendo seu pai natural de Franca-SP e a mãe de Patos-MG. Aprendeu a benzer com um benzedor de Crixás-GO quando tinha 18 anos de idade. Seu irmão lhe ensinou o restante dos rituais de benzedura e a rezar o terço, elementos essenciais para ser um capitão de folia.

“Seu M.” iniciou-se como folião na Folia de Reis de Aracu-GO, na qual aprendeu vozes, a dançar ‘o catira’ sertanejo e a tocar violão a partir da convivência com os foliões. Foi trabalhador rural em sua cidade natal (Inhumas), em Itauçu e em Itaberaí-GO; migrando para Goiânia em 1975, veio para o Jardim América, onde morou até 1982. Mudou-se para uma pequena propriedade rural em Pedro Afonso (lugar chamado Agrovila, a 45 km da cidade), no Norte de Goiás, juntamente com 305 (trezentas e cinco) famílias.

Em Pedro Afonso tirou a ‘primeira folia’, chamada de Folia do Menino Jesus, em 1985, antes de retornar à região metropolitana de Goiânia. O retorno foi devido às condições químicas do solo e à interrupção no repasse de recursos do governo para o assentamento. A terra era de cultura, mas com altíssimo teor de alumínio e, como o costume era atear fogo nos roçados, o metal fundia-se e criava uma camada que prejudicava a plantação de cereais, como nos narra “Seu M.”: “A terra era de cultura, mas tinha muito alumínio e não podia por fogo, batia a plantadeira, o alumínio descia e o arroz morria [...]” (Entrevista concedida a COELHO, 03/05/2009).

Nesse ínterim, a esposa ficou doente e lhe disse para escolher entre ela e a terra. Então os dois voltaram a Goiânia para realizar o tratamento na Santa Casa. Nessa interação espacial de retorno à Goiânia, a distância dos hospitais foi decisiva na oportunidade de escolha da assistência hospitalar. Acerca da influência da distância nas interações, cabem as seguintes palavras de Ullman (1974, p. 33):

Um fator final necessitado em um sistema de interação é a distância, medida em verdadeiros termos de tempo e preço. Se a distância entre o mercado e uma provisão fosse demasiado grande, demasiado grande e demasiado cara para superar, a interação não se realizaria apesar da complementaridade ser perfeita e faltar oportunidade interveniente.

O depoente disse que, quando assentado, o governo mandava verba, mas os administradores desviavam os recursos e “só levavam milho para fazer fubá e comer”. Dessa forma, não havia como permanecer no assentamento rural e a melhor alternativa foi retornar para Itaberaí, onde trabalhou na colheita de sementes de capim para terceiros, de servente, de encanador e realizou outros serviços que surgiram.

A esposa adoeceu novamente e vieram morar na Cidade Satélite São Luiz, no Município de Aparecida, permanecendo ali durante dois meses, em 1987. Foi quando soube da inscrição para adquirir um lote que o governo estava disponibilizando para as pessoas sem moradia própria.

Os lotes sorteados destinavam-se a invasores urbanos e um funcionário não queria deixá-lo participar do sorteio. Eram mais de 500 (quinhentos) lotes no Aroeiras e cerca de 3.000 (três mil) no Jardim Curitiba, no extremo oeste da capital. O sorteio foi realizado próximo à Praça Tamandaré, na Secretaria de Assuntos Comunitários, por meio de papéis com endereços colocados em uma ‘caixa’. Ao ser contemplado com um lote, o assentado era transportado em caminhões e recolhido na sua casa. Disse que chegaram todos os sorteados ao JDA no mesmo dia, estando ele com o pessoal da invasão do Capim Puba. Ao chegar, notou que havia muitas barraquinhas no meio do capim brachiaria e dos pés de cagaita.

Não conhecia ninguém e, em dezembro de 1988, deixou os pertences sob a barraca e foi visitar a família da esposa em Uruana, Minas Gerais, próximo a Unaí e Urucuia. Retornou ao JDA no dia 30 do mesmo mês e tudo estava em ordem dentro da barraca. No dia 31, foi para Itaberaí para ‘tirar’ a folia de 1º de janeiro de 1989, a qual girou até o dia 06 daquele mês, quando retornou ao JDA para cuidar dos afazeres e trabalhar como pedreiro no ‘bairro’. Ainda tirou uma folia em Itauçu, sem saber precisar a data, entregando-a na igreja da cidade.

Um fato relevante nas interações espaciais relativas à formação do grupo de folia do JDA foi a chegada do sanfoneiro ao ‘bairro’, “Seu. A.”, natural de Itaguara (GO), nascido em 1945, cujos pais são naturais de Itaberaí (GO). Viveu, até 1977, na propriedade dos pais, um sítio pequeno, devido ao número de filhos (seis filhos para seis alqueires de terra). A partir dali, tentou a sorte em Inhumas, mas lá só tinha vaga para ajudante de oleiro; por isso, voltou para sua terra. Reservou um dinheiro e convidou sua esposa para passear em Goiânia na casa de seu padrinho, que trabalhava na Ultragas da Vila Yate. “Seu. A” perguntou se havia emprego no lugar onde seu padrinho trabalhava e, a partir dessa conversa na empresa, tornou-se entregador de gás. Conseguiu efetivar-se na empresa e foi terminar a colheita, retornando cerca de um mês depois com seus cinco filhos. Alugou uma casa próxima ao trabalho e viveu lá durante 11 (onze) anos. “Seu. A.” informou-nos que as assistentes sociais passaram nas

casas para ver quem era invasor e quem era inquilino, pegaram o talão de energia da dona da casa e fizeram a ficha. O sorteio foi feito no Setor Oeste. Contou que tinha um saco cheio de papeizinhos com o número dos lotes: “eu soquei a mão num saco só aqui da Aroeira” (Entrevista concedida a COELHO, 10/05/2009).

“Seu M.” disse que para formar seu grupo de folia foi importante conhecer “Seu A.”, vizinho que ganhou um lote perto de sua casa. Pelo diálogo, obteve conhecimento de seu talento e expôs a necessidade de um acordeonista na folia. Quando “Seu M.” o convidou para ajudá-lo, disse: “Não [...] sou da folia goiana em Itaguaru... não... não... não conheço a mineira não”. Seu M.: “Sou da mineira em Itauçu, vamos” (Entrevista concedida a COELHO, 03/05/2009). Foram e “Seu. A.” logo se adaptou ao grupo, começando a realizar ensaios na casa de um e de outro ao chegarem a Goiânia novamente. “Seu M.” convidou os conhecidos de “Seu. A.” e outros, compondo um grupo de 15 (quinze) foliões homens. Dos primeiros foliões estão vivos três integrantes homens, incluindo “Seu M.”, e três mulheres, que se integraram à folia a partir de 1990, como mostramos nas figuras 4 e 5:



Figuras 4 e 5 - Na primeira imagem, os foliões remanescentes dos primeiros integrantes da folia e, na segunda, as anciãs da folia.

Foto: Tito Coelho, janeiro de 2010.

O grupo do “Seu M.” surgiu, mais precisamente, em decorrência do cumprimento de um ‘voto’ feito por Sebastião (dito Bastião, seu irmão mais velho, já falecido) devido a um grave problema de saúde das filhas, em que a retribuição aos Santos reis, caso fosse válida (se as filhas fossem curadas), seria girar com uma folia dez anos consecutivos, saindo da casa de cada um de seus irmãos, residentes em Itauçu-GO. No final dos dez anos, a bandeira seria entregue na igreja depois da última recolhida (SOARES, 2006).

Em janeiro de 1990, tirou a primeira folia nas proximidades do JDA, Vila Concórdia, para cumprir um voto de “Dona Dç.”, zeladora de uma igreja do mesmo lugar, iniciando a interação espacial do grupo com a região leste de Goiânia. No ano de 1991, “Seu M.”

levantou sua folia ‘com coroa’, saindo de sua residência no dia 1º de janeiro. A coroa foi passada para o folião conhecido como Mineiro, “Seu Os.” (falecido em 2008), festeiro no giro de 1992. Nesse ano, o sorteado para festeiro foi “Gs.”, que fez a festa na casa de “L.” por não ter uma moradia adequada (morava em um barracão na invasão do buracão) e pelo fato de sua esposa ter falecido. Até os dias atuais os familiares de “Dona Dç.”, recebem a folia de “Seu M.” (figuras 6 e 7).



Figuras 6 e 7 - Passagem da folia na casa dos familiares de “Dona Dç.”, devota que convocou “Seu M.” para pagar voto e girar a folia pela primeira vez na região Leste de Goiânia em 1991.
Foto: Tito Coelho, janeiro de 2011.

Os devotos do bairro e vizinhos interagiram, positivamente, com o grupo de folia de “Seu M.”, de modo que seis dias (de 01 a 06/01) foram insuficientes para atender à demanda por almoços e pousos. Ou seja, a folia tornou-se cada vez mais conhecida e propalada e, por conseguinte, solicitada. Isso proporcionou interação espacial do grupo com outras localidades.

Com o passar do tempo, a folia passou a girar de 27 de dezembro a 6 de janeiro, aumentando o giro de seis para onze dias. “Seu M.” disse que a interação (reciprocidade) é devido às suas exigências para girar em sua folia: “São mais de dez exigências: 1º não beber em botecos, pois generalizarão que todos são pinguços e cachaceiros; 2º não namorar na folia; 3º não ficar com brincadeiras de passar a mão nos outros; 4º cumprir horário; 5º ter respeito com o companheiro; 6º acatar suas recomendações; 7º aceitar ser benzido; 8º não sair da companhia sem comunicá-lo; 9º não “gravar” os companheiros (não fazer chacotas); 10º não cobrar para girar na folia, fazê-lo por devoção aos Três Reis Santos; 11º zelar dos instrumentos, não os deixando para trás e nem nas mãos de terceiros; 12º usar o uniforme da companhia” (Entrevista concedida a COELHO, 03/05/2009).

Essas exigências ocorreram devido a problemas já enfrentados em giros anteriores, tais como abandono de instrumentos, repasse de instrumentos para quem repentinamente chegasse à folia, namoro de forma indevida, gestos obscenos. Efetivamente, resolveu adotar essas medidas rígidas para evitar querelas dentro e fora do grupo com o ‘público’ que atende: “Eu já cheguei a tomar copo de pinga de folião na hora do almoço e na janta nos pousos. O

problema mais difícil foi a pinga [...]” (Entrevista concedida a COELHO, 03/05/2009). Percebe-se, nitidamente, que essas medidas foram uma forma de intervir no giro da folia.

Novas interferências nos antigos costumes dos giros de folias foram adotadas, rompendo-se com uma tradição e ‘inventando-se’ outra, que procurou expungir certos hábitos inconvenientes. Isso reflete a mudança como uma possibilidade inerente à tradição (MAIA, 2002). Segundo relatos de “Seu M.”, os foliões tinham por tradição ficarem sem tomar banho durante o giro, que podia ser de até 30 (trinta) dias; além disso, não havia mulheres e crianças acompanhando as folias:

Em Itauçu, na roça, banhava só os pés, eu tomava banho... não podia trocar a roupa... com a roupa que saía tinha que chegar... eu tomava banho e lavava [a roupa]... vestia até meio molhada... tava fedendo suor demais. Aquela época... tinha folião que não tomava banho não, ninguém chegava perto dele de catanga não. Não podia seguir a tradição dos antigos, aliás eu não segui nada dos antigos... não tomar banho, não podia ter mulher, ainda com menino... minha folia é moderna... é escola, tem que aceitar menino. Nunca concordei de não ir mulher, não podia ir menino [...]. (Entrevista concedida a COELHO, 03/05/2009)

Vieira (1987, p. 48), ao pesquisar sobre as folias de Itauçu e Itaberaí, constatou alguns costumes, sendo um deles relacionado à higiene:

o festeiro não sai com a folia;
os instrumentos são devolvidos no dia 6 de janeiro;
o palhaço dança lundu;
antigamente os foliões não tomavam banho nem mudavam a roupa;
atualmente já tomavam banho, só não mudam a roupa;
no dia da festa, estão barbeados e com roupa limpa.

Nos giros pelas fazendas e chácaras, os embaixadores não permitiam que os foliões se ausentassem do pouso (da casa em que a bandeira pousava) e havia privilégios em relação ao embaixador, único a pernoitar no interior da casa; os demais deveriam dormir no chão e em outros lugares. Os embaixadores faziam remédios com pinga – alguns costumam dizer que é desculpa para justificar a bebida – e sempre havia uma pessoa para transportá-la. Seu M. não concordava com isso e fez uma promessa para os Três Reis Santos: caso se tornasse capitão, mudaria tudo. O voto dele foi somente para ser capitão, não firmando outro compromisso, tal como girar, ser palhaço ou outro. Podia girar em folia de outros coordenadores, mas resolveu montar a própria quando firmou moradia no JDA.

“Seu M.” conta que sofreu muito no início, quando era apenas catireiro e tinha que suportar as ‘regras’ em silêncio e burlá-las às vezes. Informou-nos que dançava, ainda adolescente, apenas a catira, e não podia intervir nas regras: “Dançava catira, Eu não era

folião de cantar [...]” (Entrevista concedida a COELHO, 03/05/2009). Quando começou a girar como folião, tinha entre 12 (doze) e 13 (treze) anos de idade, ficando com os antigos foliões até os 15 (quinze) anos.

Quando jovem, não podia intervir nos antigos costumes, apesar de não concordar com eles, pois eram os mais antigos aqueles que decidiam as ‘regras’ do giro das folias. Nas fazendas, o povo gostava de folia porque tinha bailes, catira, bebidas e outras farras. “Seu M.” ‘quebrou’ os velhos costumes dos giros na região de Itauçu, Inhumas e Itaberaí, adotando a folia por devoção com normas rígidas de comportamento.

Interrogado sobre o que tinha aproveitado das antigas folias, informa: “Foi muita coisa que eu tirei do povo... eu não aproveitei nada... aproveitei sim, a bandeira, os Três Reis, o resto nada...” (Entrevista concedida a COELHO, 03/05/2009). Nesse sentido, podemos notar na fala que houve uma oportunidade interveniente nas interações espaciais para a criação do grupo de folia do citado ‘bairro’, qual seja, a reinvenção de uma tradição.

Para formar o grupo de folia de Reis no Jardim das Aroeiras, vieram foliões de Itauçu, complementando os foliões que foram encontrados em Goiânia-GO. O giro de 1990 foi composto por: “Seu M”, capitão e embaixador; “L.” (cunhado de “Seu A.”), 1ª voz; “Seu A”, sanfoneiro e 2ª voz; M. (já falecido), 3ª voz; D., 4ª voz; G., 5ª voz; V., 6ª voz, revezando na caixa; S. (irmão falecido de “Seu M.” de Itauçu) e V. (falecido), caixeiro. Em 1991, vieram 7 (sete) foliões de Itauçu para completar a folia: o embaixador D. G., ainda vivo; A., 5ª voz; C., caixeiro; I., 3ª a 6ª vozes; “M. Vermelho”, 1ª e 2ª vozes; P. e C., como pastorinhos. Essa é uma parte das interações espaciais ocorridas no JDA, na ocasião de sua formação concomitante à folia de Reis e, conforme Corrêa (1997, p. 279), “as migrações em suas diversas formas (definitivas, sazonais, pendulares etc.)” e outros exemplos nos envolvem de alguma maneira nas interações espaciais²⁰.

A folia de “Seu M.” já se enraizou no JDA e se preocupa com as novas gerações, demonstrando que as interações espaciais são parte integrante do processo de transformações sociais, e não simplesmente deslocamentos de indivíduos humanos, mercadorias, capitais e informações no espaço. No tocante à organização do espaço socialmente produzido, as interações espaciais espelham as diferenças de lugares, já que, em geral, caracterizam-se pela assimetria, ou melhor, por relações que favorecem um lugar em detrimento de outro,

²⁰ Em relação ao movimento migratório, Pessoa, Pessoa e Vianês percebem que “apesar de já terem sido verificados casos de folias até mesmo em grandes cidades como Rio e São Paulo, eles não passam mesmo de casos extraordinários em situação de migração” (1993, p. 107). Silva propõe que os foliões estão “direta ou indiretamente, ligado ao processo migratório” (1987, f. 96) no tocante à forma de ser e de pensar, pois reproduzem a viagem dos Três Reis Magos do Oriente para Belém. Não é uma reprodução fiel, mas uma semelhança no tempo-espaço do ciclo natalino.

afirmando as diferenças e transformando esses lugares. Esse processo é notável no JDA, uma vez que o grupo de folia criou uma identidade de bairro, pois, onde se apresenta, suscita indagações nas pessoas que o assistem, querendo saber a origem do grupo. Isso faz lembrar o que apregoa Maia (2002, p. 37):

[...] se a tradição é de um ‘lugar originário’ (esta é uma possibilidade de se compreender aquele lugar, compreendo-se a si mesmo como sendo ‘dali’, tanto quanto a própria tradição o é também ‘dali’), tende-se a estabelecer, nesse modo de compreensão, um poder discriminativo entre quem é ou não ‘dali’.

Diante do exposto, o que se percebe é que as interações devem ser consideradas como parte da história do homem e de suas gerações. Esse grupo, depois de consolidado, criou uma folia mirim, pois *algo tradicional* é sempre dado como herança às futuras gerações. A participação mirim iniciou-se a partir de dois meninos que integravam a folia adulta. “Seu M.” e “G.” (já falecido, foi coordenador dos Reizeiros da Bahia) foram a Brazabranes-GO e observaram uma folia mirim que usava instrumentos e bandeira feitos de modo mambembe, tendo a ideia de formar um grupo mirim em Goiânia.

No dia 30 de janeiro de 2005 ocorreu a primeira reunião dos foliões mirins para articular os ensaios. Foi muito difícil definir que instrumento cada integrante tocaria, quem vestiria a farda de pastorinho etc.; mas, com o passar do tempo, todos foram se “encaixando” em suas funções segundo as vocações, habilidades e disposições próprias, sendo necessária a intervenção do “Seu. M.” na definição do embaixador e de outras funções.

Para formar o grupo de catira, “Seu M.” procurou saber se os meninos queriam aprender; como a resposta foi positiva, inteirou-se com os pais para organizar o grupo. Aceita a proposta, o primeiro ensaio da catira mirim foi em meados de março de 2006, sob a instrução do catireiro “N.”, do Recanto das Minas Gerais. Hoje em dia, uns aprendem com os outros, sem precisar de instrutor. Desse modo, a catira entre os foliões mirins já confere à tradição um ‘caráter normativo’, orientando as ações de seus praticantes e estabelecendo certa rotina, dado que foram ensinadas pelos guardiões da tradição mais experientes (THOMPSON, 1998; MAIA, 2002).

Além da folia de “Seu M.”, existia um grupo de foliões baianos que atuava no JDA – os Reizeiros²¹ da Bahia –, grupo coordenado pelo baiano “G.”, que não girava com a bandeira pelos bairros há mais de quatro anos, mas apresentava-se em eventos festivos (figuras 8 e 9). Só em janeiro de 2010 voltou a girar com a bandeira, o que justifica mencioná-lo com menos

²¹ O nome ‘reizeiros’ está com a grafia dada pelos foliões, sendo que a nomenclatura deriva de reis, o qual deveria ser reiseiros.

minudência. O coordenador do grupo era “G.”, que faleceu em 6 de outubro de 2010. Esse grupo trazia consigo uma identidade regional e local que transcendeu as fronteiras do Estado da Bahia e se reterritorializou em Goiânia.



Figuras 8 e 9 – “G.” durante o giro da folia de “Dona R.” em Senador Canedo, em 2006, e seu grupo durante o encontro de folia em 2009.

Foto: Tito Coelho, janeiro de 2006 e janeiro de 2009.

O grupo baiano era formado por retirantes com habilidades musicais específicas e características de uma região, os quais tocam flautas de metal e bambu (que chamam de gaita), tambores, pandeiros, triângulos, reco-recos e giram com a bandeira dos Três Reis Magos do Oriente (COELHO, *Tribuna do Planalto*, 20/03/2006). Segundo informações dos integrantes do grupo ‘latente’, a maioria deles sofreu processos de desterritorialização forçada e migraram para Goiânia em busca de melhores condições de vida. Historicamente, esse grupo de rezeiros foi formado por “V. G.”, procedente de um lugar conhecido como Currais, nas adjacências de Santa Maria da Vitória-BA. “G.” conta que “V. G.” “fundou a folia baiana em Aparecida de Goiânia-GO, bairro Colina Azul II, com o nome de folia baiana, mais conhecida como Folia do ‘V. G.’” (Entrevista concedida a COELHO, 12/07/2009). Foi uma forma de agregar os baianos que habitavam o lugar, por volta dos anos de 1969-1970. “G.” nos informou que girou na folia de “V. G.” até 1982-1983, tocando pandeiro, triângulo e reco-reco. Nessa época fundou outro grupo de folia baiana, que ficou conhecido como Folia do “G.” até seu falecimento. Para ele, esta é uma tradição de seus antepassados e, uma vez que não havia folia baiana em Goiânia, decidiu dar continuidade aos rituais baianos, evitando deslocar-se até a Bahia para cultivar os Reis em sua cultura original.

A existência de foliões baianos no JDA relaciona-se com a presença de retirantes nordestinos deslocados para Goiânia em busca de trabalho como servente e pedreiro, pintores e outros serviços ou, ainda, à procura de assistência médica para a família. Os foliões foram se encontrando pelas andanças na capital e entorno até conhecer “G.”, o coordenador falecido da

folia. “Seu J.”, por exemplo, é proveniente de Serra Dourada-BA, nas proximidades de Santa Maria da Vitória e veio trabalhar em Brasília, em 1990, como pedreiro, tendo morado na expansão do Setor O. Em 1996, migrou para Goiânia a fim de trabalhar nas construções, fixando residência na Vila Pedroso, onde mora atualmente. Na Bahia, era lavrador e disse que veio “[...] caçar melhora em Goiânia”.

Outro participante desse grupo, “Seu L.”, nasceu em Santa Maria da Vitória-BA, no ano de 1952, e veio para Goiânia em 1982 trabalhar como pedreiro. Morou no Jardim Novo Mundo até 1986, quando se mudou para o Jardim das Oliveiras, no município de Senador Canedo, fronteira com a capital. Na Bahia, era pedreiro e lavrador. Em 1982, sua esposa veio em busca de recursos hospitalares para Goiânia e ele foi ficando para cuidar dela no hospital. Era gaitero de folia (tocador de uma espécie de flauta com som de píforo) em sua terra natal e encontrou “Seu G.” por intermédio de “Seu J.”, já conhecido na Bahia.

Caso semelhante é o do “Seu J. R.”, nascido em Riachão do Barreiro-BA, município de Canápolis, onde era lavrador. Veio para Goiânia, em 1992, para acompanhar o filho ao hospital. Foi morador do Bairro Alvorada, em Senador Canedo. Encontrou trabalho de servente de pedreiro, o que o ajudou a cuidar do filho. Outro que veio procurar serviço de servente nas construções no ano de 1991 foi “Seu J. S.”, nascido em Acudina, no município de Santa Maria da Vitória-BA, e, em 1944, instalou-se em Senador Canedo. “Seu J. S.” já era folião tocador de gaita em sua terra e encontrou “G.” em Goiânia.

Já o caso de “Seu S.” é diferente, pois se trata de um folião nascido em Morada Nova-MG, próximo a João Pinheiro, tendo migrado com os pais para Anicuns-GO com 04 (quatro) anos de idade. Atualmente, é integrante da folia de Reis do Bairro São Joaquim, em Goiânia, onde atua como *alferes da folia* baiana a convite de “G”. Apresentamos menos detalhes na formação desse grupo de folia por não ter havido giros nos últimos anos, tornando-se difícil a coleta de informações de seus integrantes. Para conseguir informações relevantes às interações espaciais, necessita-se de mais convívio e experiência com os foliões. Logo, essa parte precisará de mais interpretação e aprofundamento em outras pesquisas.

Ressaltamos que “Seu M.” girou (de forma temporã nos primeiros dias de dezembro) com seu grupo de folia de Santos Reis durante 20 (vinte) anos no Jardim Primavera, até que, em dezembro de 2009, entregou a bandeira para que os festeiros a conduzissem para a igreja. Um dos motivos principais disso foi a distância de sua residência até o lugar, tendo que se deslocar com instrumentos. Nas idas e vindas o capitão da folia era quem tinha que articular tudo, necessitando de recursos financeiros e favores para o transporte. Em relação à distância, Ullman comenta: “um fator final necessitado em um sistema de interação é a distância,

medida em verdadeiros termos de tempo e preço” (1974, p. 33). Já Rémy e Voyé explicam que “o espaço é um modo de composição de mobilidades e de temporalidades várias, investe no domínio dos possíveis, partindo da hipótese segundo a qual a distância dificulta o contacto” (1994, p. 18). Então, a distância pode ser um fator inicial que favorece ou não os deslocamentos nas folias de Reis, mas isto nem sempre acontece, sendo mediatizada por outras variáveis, conforme veremos ao longo do trabalho. Veja a distância do Jardim Primavera e do JDA no mapa de localização da figura 10:

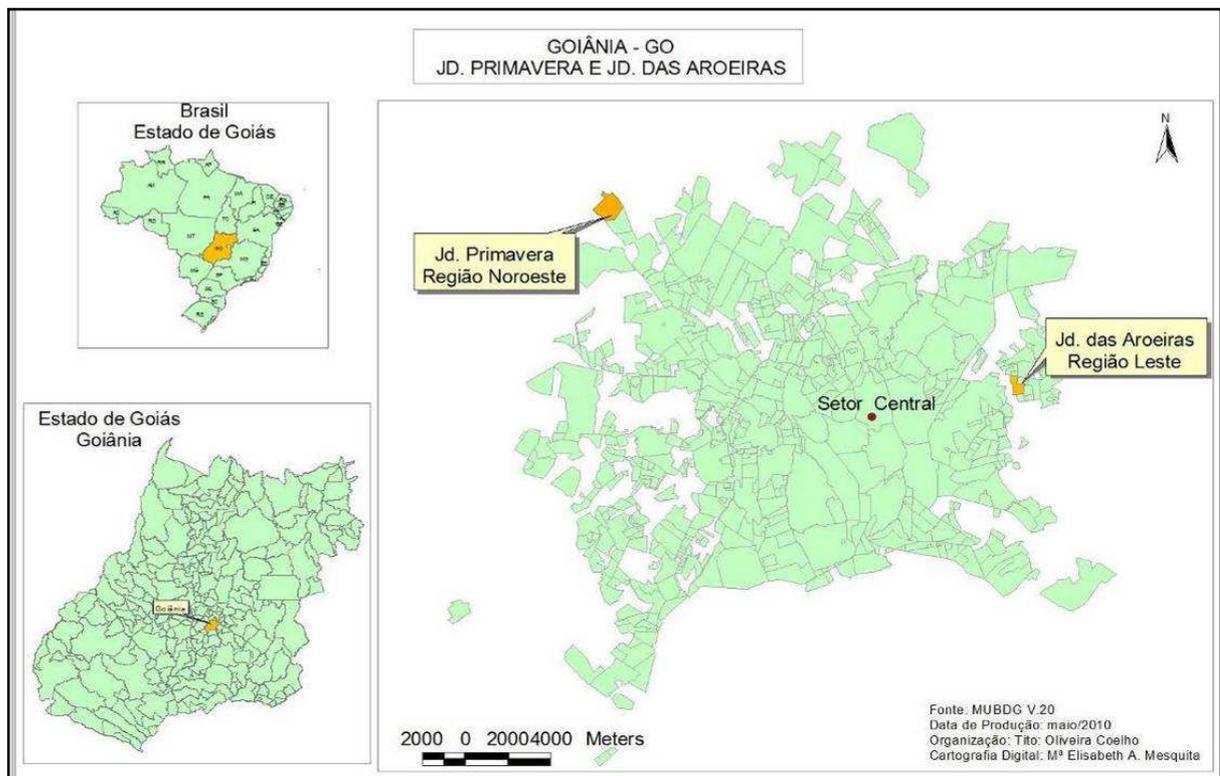


Figura 10: Mapa de localização de Goiânia, Jardim Primavera e JDA.

1.3 TEMPO-ESPAÇO FESTIVO NO COTIDIANO DAS CIDADES

Continuemos a discussão do papel da distância. Acerca da sua influência na formação das áreas culturais, Claval (2007) observou que certos problemas enfrentados pelos homens são universais, tais como formar as crianças, organizar a sociedade e controlar os desvios de conduta do indivíduo. Contudo, cada área cultural tem uma resposta específica à determinada necessidade e problema a resolver. Há casos que dependem das condições geográficas, a exemplo do cultivo de uma variedade de plantas que demandam ambiente específico ou da

disponibilidade de materiais de construção, que muda de um lugar para outro: madeira, terra, tijolos ou pedra. O autor notou, ainda, que o material dos utensílios de cozinha também varia segundo o modo de vida e o ‘avanço’ técnico de cada sociedade: madeira, fibras vegetais, terra cozida, cobre, ferro, esmaltados, etc.

Mas uma área cultural não é hermética, pelo contrário, quando se inventa um procedimento mais eficaz, útil pelo aperfeiçoamento da transformação, tem-se uma vantagem substancial que, em geral, rapidamente é aceita, mesmo vindo de alhures. De outro modo, a difusão de novas técnicas avança no ritmo dos transportes e da comunicação e, se uma solução mostra-se como ‘mais racional’ (o que, mormente, se traduz em ser mais barata ou de fácil acesso), favorece certa ‘homogeneização do espaço’. Com a instantaneidade dos meios de comunicação e a velocidade dos transportes na contemporaneidade, isso ocorre de forma rápida em alguns lugares, substituindo-se artefatos regionais, relacionados a determinadas áreas culturais, por produtos padronizados. No entanto, não há uma superação completa do papel estrutural das culturas locais, que continuam interferindo na maneira como se realizam as interações espaciais, embora se note que triunfem, às vezes, ‘técnicas sofisticadas’ no sentido de obterem valor universal.

Isso é percebido na folia de Santos Reis que estudamos, pois pudemos notar a difusão de uma nova maneira de articulação do tempo-espaço festivo no cotidiano, inicialmente aqui relacionado à dinâmica local-global, especialmente em alguns aspectos técnicos, como na uniformização dos foliões, que usam elementos na indumentária produzidos pela grande indústria (fitas coloridas, toalhas-divisas, flores, etc.); bem como em alguns instrumentos que também não são artesanais (sanfona, viola, violão, cavaquinho) e na compra de parte dos produtos para as comilanças em mercados e supermercados.

Todavia, além dessa forma de articulação do tempo-espaço tem-se outra que relacionamos àquela dinâmica denominada por Claval (2007) de difusão de próximo em próximo, isto é, a interação de boca em boca, própria das relações cotidianas, que ocorre de uma pessoa para outra(s) pessoa(s). Aqui, cabe ressaltar o valor dos ‘costumes’ que são difundidos e como estes são difundidos nesse tipo de interação, que ocorre por meio de processos simples, ou seja, pelo contato face-a-face, porém passíveis de modalização. Quanto aos modos de fluxos dessas interações – gestos e relatos –, cumpre-nos resgatar as ideias de Certeau, Giard e Mayol, que apontam a “condição para uma nova estética urbana” (1996, p. 199), ou seja, a rede de gestos e relatos como verdadeiras cadeias de operações edificadas sobre e com o vocabulário das coisas: “os gestos e os relatos manipulam e deslocam objetos, modificando-lhes as repartições e os empregos” (CERTEAU, GIARD e MAYOL, 1996, p.

199). Os gestos são os arquivos da cidade, sendo eles o passado reempregado em usos do tempo-espaço presente. Os gestos refazem “diariamente a paisagem urbana. Esculpem nela mil passados que, talvez, já sejam inomináveis e que menos, ainda, estruturam a experiência da cidade” (CERTEAU, GIARD e MAYOL 1996, p. 200). Os relatos são instrumentos influentes que fazem crer e agir, sendo os seguintes: de crimes, festanças, de racismo, de lendas populares, de contos extraordinários, de piadas e perversidades. Os relatos exigem uma gestão democrática do crível urbano, sendo o poder público e a mídia produtores de relatos para si, pois “sem eles, os bairros novos permanecem desertos” (CERTEAU, GIARD e MAYOL 1996, p. 201). O papel dos relatos em forma de propaganda aumenta a intensidade das lendas, dos desejos, da memória das pessoas, e abrem espaços oníricos e mitológicos.

Em se considerando tal variável, notamos em nosso estudo que o grupo tinha dificuldade de girar devido ao receio de inconvenientes por parte dos devotos moradores ao receber uma folia. No entanto, os novos modos de se portar (principalmente com a restrição de consumo de bebida alcoólica) foram satisfazendo gostos, critérios e exigências dos devotos, e, difundidos de boca em boca, suscitaram novas solicitações por pousos da bandeira, ou seja, surgiram mais pedidos para receber o grupo, dar descanso e comida, participar dos rituais emocionantes proporcionados pela folia, etc. A inovação dos procedimentos disciplinares de “Seu M.”, difundida nessa interação de boca em boca e mediante relatos, é vista como ‘interessante’; quem participa dos rituais não hesita mais em receber uma visita e/ou dar um pouso para a bandeira, expressando novos gestos urbanos relacionados a relatos prévios. Observamos que nos lugares em que o grupo não era conhecido havia dificuldade em marcar um pouso, mas, quando o boato corria de boca em boca, muitos se deslocavam para ver e poder averiguar a verdade do que até então era boato. Para tomar a decisão de receber o grupo, o ‘incrêu’ esperava que alguém das proximidades fizesse o convite antes, geralmente vizinhos, parentes e amigos, e então decidia receber a folia e dar pouso para a bandeira ao ter constatado o que antes só sabia pela interação de boca em boca. Tem-se, então, uma interação espacial assentada na movimentação e na circulação de ideias e informações de próximo em próximo, facilitada pela composição do espaço urbano e no encurtamento do distanciamento, no sentido heideggeriano (HEIDEEGER, 1988) do termo, pela co-presença.

Aqueles que acolhem os procedimentos dos foliões ampliam, desse modo, os nós de relações, formando hierarquias festivo-urbanas nas proximidades, como discutiremos no capítulo quatro deste trabalho ao analisarmos os depoimentos dos foliões de pousos. Nesses nós, fixos ou pontos de referências, a proporção de “pessoas instruídas é maior, e também as informações originais chegam mais rapidamente através do testemunho daqueles” (CLAVAL,

2007, p. 163) que participam dos rituais e se emocionam, conferindo sentido ao evento, conceito que discutimos a seguir²².

1.3.1 OS EVENTOS E O COTIDIANO

Nas análises de Milton Santos a respeito do tempo (os eventos) e do espaço, o *evento* é apontado em complexos sentidos e nomes: *momento*, *instante*, *ocasião* e série de instantes. O momento é a tentativa de realizar uma possibilidade vivida como totalidade, esgotando-o ao ser realizado. Se o mundo é um conjunto de possibilidades, “o evento é um veículo de uma ou algumas dessas possibilidades existentes no mundo” (SANTOS, 1996b, p. 115). O evento pode ser vetor de possibilidades num país, região, lugar, como conjunto circunscrito e limitado em relação ao mundo. O lugar é o receptor espacial do evento num instante do tempo e num ponto do espaço, ou melhor, um ponto no espaço-tempo, e “o princípio da diferenciação deriva da combinação de uma ordem temporal e de uma ordem espacial” (SANTOS, 1996b, p. 115). Os eventos mostram uma presentificação e ocorrem em determinados instantes, nas frações do tempo, e são [os eventos] “simultaneamente, a matriz do tempo e do espaço” (SANTOS, 1996b, p. 115). Nesse sentido, o tempo *é* devido ao acontecimento e, no lugar (*onde*) em que ocorre um evento, o tempo está. Assim, os eventos criam o tempo e trazem em si a ação presente, complementando a noção de momento.

O evento que já se passou transporta uma presença anterior (presente/passado), e o evento futuro significa uma suposição, ou melhor, a possível realização de algo. Por isso, os eventos são atualidades e esgotam suas possibilidades no ato de sua ocorrência. Eles passam e não se repetem, mas ficam situados nas coordenadas do espaço e do tempo. São todos novos no sentido de propor uma nova história. As novidades contidas no evento são a essência da história, contudo, os eventos “mudam as coisas, transformam os objetos, dando-lhes, ali mesmo onde estão, novas características” (SANTOS, 1996b, p. 116). Os fenômenos *extraordinários* se sucedem no decorrer do tempo-espaço dos eventos, dissolvendo as velhas coisas e identidades, e propõem a renovação e novos saberes. Em se estando diante “da nova história e da nova geografia é o nosso saber que também se dissolve, cabendo-nos reconstituí-

²² Isso foi notado na casa do professor “G.”, local em que a folia parou pela primeira vez no dia 1º de janeiro de 2008, na Rua Santa Maria, quadra 185, lote 27, Jardim Novo Mundo, Goiânia-Goiás, tendo sido este avisado por meio de um processo de informações, envolvendo outro professor e um aluno (ambos foliões), que lhe avisaram. Os três faziam parte do Colégio Estadual Jardim das Aroeiras. Nesse ‘bairro’ a sociedade é economicamente pouco diferenciada, as pessoas se deslocam a pé, a circulação de ideias é feita ao ritmo dos deslocamentos rotineiros de casa para o trabalho, e foi assim que a folia criou novos fixos nesse bairro.

lo através da percepção do movimento conjunto das coisas e dos eventos” (SANTOS, 1996b, p. 117). Nessa parte, levamos em conta o fluxo infinito dos acontecimentos em movimento, ou seja, de sucessivos eventos religiosos resultantes da ação e interação entre os homens foliões, considerando-se os impactos no tempo-espaço de uma jornada, bem como a forma em que se dão e modificam as práticas cotidianas esporadicamente. De outra forma, podemos dizer que os giros ou jornadas de todos os anos levam o grupo a ensaiar suas cantorias, tendo que se deslocar e reunir na casa do capitão; que atender solicitações para apresentações em instituições e em eventos públicos e pagamento de voto esporadicamente; modificam o relacionamento interpessoal das pessoas; e outros. Tudo isso provoca um movimento incessante, mudando as coisas, transformando objetos e presentificando o espaço da festa.

Segundo análises de Michel de Certeau, as práticas cotidianas trazem consigo “uma subversão comum e silenciosa, quase de um rebanho – a nossa” (1994, p. 309). O autor destaca dois sintomas dela: a ubiquidade do lugar (que está em toda parte por forças sutis) e os fracassos no tempo. Nessa perspectiva, sugere que “os espaços sociais, estratificados são irreduzíveis à sua superfície controlável e construtível e que avatares reintroduzem o impensado de um circunstancial no tempo calculado” (CERTEAU, 1994, p. 309). A diferença que define os lugares estratificados não é somente a justaposição das coisas, “mas tem a forma de estratos imbricados” (CERTEAU, 1994, p. 309) por meio de elementos exibidos sobre a mesma superfície, tornando-a tratável. As renovações nas cidades privilegiam as necessidades concebidas nos laboratórios, dando respostas funcionais a elas. Sutilmente, sob as novas ‘escrituras’ no espaço, relutam os lugares opacos e teimosos, ou seja, “as revoluções históricas, as mutações econômicas, os caldeamentos demográficos aí se estratificaram e aí permanecem, ocultos nos costumes, nos ritos e práticas espaciais” (CERTEAU, 1994, p. 309). Desse modo, sucumbido à antiga superfície, a linguagem transporta os fragmentos como elementos essenciais para realizar uma colagem em outro lugar, mostrando-se como ubiquidades por toda parte. A folia de Santos Reis do JDA aconteceu pela recriação de um lugar teimoso com os moradores, que foram construindo suas casas e trazendo consigo usos, costumes e práticas culturais-religiosas da zona rural e de pequenas cidades (a religião, dança de catira, culinária, etc.), que romperam com o tempo-espaço calculado pelos planejadores da capital, inserindo no JDA uma imbricação entre racionalidade e emoção.

Note-se que as formas e o tempo são elementos essenciais na análise do sistema urbano, pois “as aglomerações são, todas, objetos geográficos ou, ainda melhor, uma coleção de objetos geográficos, isto é, *formas*” (SANTOS, 2008, p. 62). A divisão do trabalho em seus variados momentos permite a compreensão da essência das formas em suas dimensões

sociais, econômicas e políticas. As formas não são envoltórios dos instantes que marcam o desenvolvimento progressivo da sociedade global, “mas a condição para que a História se faça” (SANTOS, 2008, p. 62). A todo momento assistimos à criação de novas formas para atender a novas necessidades, tendo velhas formas adquirido novas funções, cedendo lugar a nova geografia edificada sobre antigos objetos. As formas não são constituídas das mesmas “significações ao longo da história universal, do país, da região, do lugar” (SANTOS, 2008, p. 63). Examinando as formas isoladamente, podemos perceber que representam acumulação de tempos, se consideramos as divisões do trabalho do passado. O importante é que “seu valor atual e real, depende da divisão do trabalho atual” (SANTOS, 2008, p. 63). Na criação do JDA as novas casas construídas formaram novos fixos, tal como a residência do capitão da folia (lugar de benzeções, curas, aconselhamento) e de outros integrantes, somando-se aos foliões de pousos com múltiplas significações religioso-festivas; os moradores desses fixos formaram parte do fluxo de foliões (de giro e de pouso) no decorrer do tempo, dando novos significados ao lugar e à vizinhança.

O espaço só evolui mediante a existência do tempo histórico e a sociedade só se realiza no espaço, assim, “a sociedade evolui no tempo e no espaço” (SANTOS, 2008, p. 63). Nessa visão, tempo e espaço são dotados de um movimento contínuo e, ao mesmo tempo, descontínuo e irreversível (sincrodiacronia). Ocorre no tempo-espaço “um empilhamento de camadas heterogêneas. Cada uma, semelhante a uma página de livro, estragada, remete a um modo diferente de unidade territorial, de repartição sócio-econômica, de conflitos políticos e de simbolização identificatória” (CERTEAU, 1994, p. 310). Para Certeau, “o lugar é o palimpsesto” que exige técnicas especiais para realizar uma sobreposição.

O relevo no qual foram construídas as residências no JDA era constituído de pastagens para animais e plantas do cerrado. Durante a remoção de famílias de outros bairros para o novo lugar houve uma ‘raspagem’ do projeto-loteamento frio para que os habitantes pudessem formar um lugar movimentado por um grupo de folia de Santos Reis capaz de modificar a cotidianidade da região. Além de uma ressignificação do lugar e da vizinhança, o grupo passou a simbolizar e identificar o JDA numa dinâmica contínua-descontínua-irreversível, tendo havido uma sobreposição festivo-religiosa em movimento no espaço. Os impactos tempo-espaciais são nitidamente percebidos nas residências através da reinvenção do espaço da vida por intermédio da folia de Santos Reis. Metamorfoses palimpsésticas ocorreram em diversos lugares. Castro (2008) percebeu que, nos festejos de São João na Bahia, nos anos 1980, houve novo desenho das festas do ciclo junino a partir da iniciativa de prefeituras, empresas, comerciantes e governos estatais no Nordeste, dando um viés

espetacular da festa no espaço urbano e havendo, dessa forma, metamorfoses nas relações familiares e socioculturais, causando impactos na configuração espacial das residências. Na zona rural e na periferia urbana os terreiros em que se fazia a fogueira do São João foram transformados em jardins e

internamente... a sala de visitas da atualidade perdeu seu simbolismo de salão familiar de festas do passado. Na dimensão das festas juninas, pode-se dizer que a importância da esfera familiar diminuiu ou foi ressignificada, uma vez que a casa é tão somente lugar de passagem, no qual as pessoas se vestem, se alimentam e planejam o seu itinerário festivo. (CASTRO, 2008, p. 189)

Já Costa (2010) demonstrou que a vida cotidiana e as práticas socioespaciais mostram a criatividade humana, a fim de viver num espaço programado através de estratégias de apropriação do espaço, que vão edificando o lugar da vida. Com isso, “o que não é permitido pela planificação racional é reinventado nas mais variadas formas de uso do espaço” (COSTA, 2010, p. 48). A autora nos leva a pensar que estudar a vida cotidiana é permitir outras possibilidades além da racionalidade do mercado, tornando o lugar mais criativo, com práticas festivas como “fissuras por onde passa o desejo [...], embora cooptada pela troca” (COSTA, 2010, p. 48), persistindo nas metamorfoses da vida na cidade.

Há metamorfoses nesse tempo-espaço, uma vez que há reconstruções e renegociações devido a interconexões, por via de novas tecnologias de comunicação vindas de todo o mundo. Ademais, existe uma tendência paralela de recolhimento da família nuclear e novo crescimento das comunidades muradas. Isso quer dizer que: “algumas fronteiras estão sendo desfeitas, algumas renegociadas e ainda outras – as novas – estão sendo construídas” (MASSEY, 2008, p. 253). Tal perspectiva é relevante para nosso estudo, pois como uma casa pode ser, como a cidade, temporariamente o lugar de encontros casuais durante a folia? O espaço não é a condição da existência da diferença e do encontro dos diferentes? Não é tarefa fácil analisar a plenitude do espaço; ainda há propostas da organização social do tempo-espaço nos laboratórios e no lar como “tentativas de regular, ainda que de modos muito diferentes, o alcance e a natureza das aventuras e dos encontros casuais que são permissíveis” (MASSEY, 2008, p. 254). Cada tempo-espaço – trabalho e lar, por exemplo – implica em meios de lidar com os múltiplos devires do espaço, e a característica relacional direciona a natureza das imbricações, nas distintas e interligadas geometrias de poder das entidades e identidades relacionais em movimento de construção. A autora ressalta que “isto os torna construções em processo que são nossa contínua responsabilidade, o lugar como eventualidade em processo que precisa ser considerado” (MASSEY, 2008, p. 255).

No caso de um giro de folia de Santos Reis, temos duas situações exemplares em se tratando do tempo-espaço: a conexão dos fixos pelo fluxo de foliões pela casa do festeiro (saída e chegada) e nos pousos da bandeira para alimentação e descanso dos foliões; e uma segunda situação, o encontro ocasional dos foliões com as casas entre os fixos. Nesta, percebemos o encontrar-se-ao-acaso no processo de fechamento/abertura e abertura/fechamento, no tempo-espaço da jornada dos Três Reis Magos, cujo evento é reproduzido todos os anos pelos grupos de folia de Santos Reis, formando, assim, uma das possibilidades existentes no mundo. Essa geografia entre lugares é uma nova forma de olhar para as festividades populares e de nos dirigir para a espacialidade das festas e suas relações de construção por meio de interconectividades, isto é, de interações espaço-tempo-culturais e sociais.

Segundo análises de Claval,

os geógrafos sempre tinham tido uma grande dificuldade para tratar dos fatos religiosos: eles descreveram as igrejas, os templos, as mesquitas, as grandes cerimônias; eles falaram do calendário religioso, das festas, da quaresma, do ramadão, mais ignoravam a fé, as crenças. A sua perspectiva era somente exterior. (2008, p. 20-21)

Desse modo, a categoria especial de espaço era o sagrado diferenciado do profano circundante constatado, porém sem explicações analíticas. As experiências adquiridas nas pesquisas em eventos religiosos têm modificado essa situação, uma vez que, *presente* no espaço sagrado, podemos perceber “uma carga emotiva muito forte” (CLAVAL, 2008, p. 21). Isso causa uma força de atração poderosa quando parte das pessoas se deparam com as forças divinas, usualmente consideradas sobrenaturais.

O tempo-espaço das festas religiosas como um todo é a dimensão do sagrado, da alegria, do sacrifício e dos conflitos. Isso “cria uma centralidade temporária que transforma a vida dos moradores, muda o uso das ruas, mistura o sagrado e o profano” (COSTA, 2010, p. 92). Em outras palavras, entendemos que a centralidade temporária suscita outra forma de uso do espaço por intermédio da festa, ou melhor, no tempo-espaço em que o pedreiro vira capitão, o servente é embaixador, o pintor se insere como cantor, e assim por diante. As ruas são os caminhos da festa; as casas redefinem sua rotina, transformando a sala, a garagem, a área de serviço, o quintal e a rua em tempo-espaço-ritual-festivo. O ‘terreiro’ da casa e a rua podem se transformar numa barraca de festa, montando-se um toldo ou construindo-se uma palhoça para abrigar os participantes. Assim, a festa pode durar o ano todo se contabilizarmos o movimento dos articuladores do evento para pagamento de votos, para ensaios, bem como

apresentações em solenidades, escolas e outros lugares. Podemos pensar num tempo-espaço de trabalho para organizar a festa (processo) e um tempo-espaço de festejar, cantar, fazer devoções e transcender de um sítio a outro (produto/resultado).

Estar na festa é uma forma de se deslocar no tempo-espaço, transformar e transformar-se no anonimato de aglomeração ao cantar, tocar, ouvir cantorias, rezar, orar, comer, dar, receber e retribuir. Vimos que o tempo-espaço festivo é marcado pela valorização do homem simples que, muitas vezes, é esquecido no cotidiano; portanto, “o tempo da Festa é um tempo de transformação” (COSTA, 2010, p. 93).

Tomando como exemplo a folia de Santos Reis, não a consideramos ‘perigosa’, mas verifica-se, nitidamente, que exige disciplina, força de vontade e determinação para poder entrar na dimensão sagrada e, assim, receber orientações para gerenciar o grupo. Segundo Corrêa, “o sagrado, como um dos atributos da espacialidade, se traduz através de práticas culturais eivadas de sentido religioso, de crenças, mitos e divindades. Práticas culturais e, portanto, sociais que marcam a existência dos homens e sua organização em sociedades em sua expressão espacial” (2008, p. 163). O grupo de folia marca a existência dos homens no JDA, atribuindo movimentação de pessoas e coisas em suas práticas devocionais para que o giro aconteça e dê continuidade nas festividades de Santos Reis em interação espacial com os lugares. Diante do exposto, observamos que o tempo-espaço festivo no cotidiano das cidades nos revela como, por exemplo, as pessoas registram a sua história (processo de produção de sentidos), marcam seus compromissos, realizam suas possibilidades; mas, também, como circulam, transitam, transportam-se de um sítio para outro, caminham, espalham boatos, sonham.

Para finalizar este capítulo, destacamos que a cidade e a vida urbana contemporânea são reproduzidas em suas múltiplas formas, inclusive pela diversidade cultural e religiosa. A lógica dos vários tempos-espaços de manifestação da vida religiosa pressupõe a compreensão de uma suprarracionalidade na análise do espaço e das manifestações da religiosidade popular, nas quais se articulam os cidadãos para a reprodução de valores sagrados. Isso metamorfoseia o sentido do espaço, da vida, despertando novas necessidades e sobrepondo construções materiais e imateriais por meio do tempo-espaço festivo-religioso, característico da religiosidade popular. Para analisar a reprodução do tempo-espaço dessas festas, percebemos a necessidade da passagem de uma mera razão para a extrarrazão ou super-razão do cotidiano, das emoções ocasionadas pela ruptura com o tempo-espaço rotineiro e do espaço para a renovação das forças vitais do ser humano. O homem “se sente angustiado com os problemas oriundos da zona ego-consciente da sua zona mental, refugia-se, não raro, no

inconsciente ou subconsciente, em busca de paz” (ROHDEN, 1989, p. 102). É uma forma de escapar da realidade cotidiana com os problemas de uma sociedade que se movimenta em busca de trabalho e da satisfação de necessidades básicas, o que provoca certas angústias nos indivíduos.

No dia a dia as pessoas se deslocam de casa para o trabalho e deste de volta ao lar para o ‘descanso’ noturno. Os finais de semana oferecem um descanso mais prolongado, mas os indivíduos enfrentam uma dura jornada de trabalho semanal “e a dolorosa problemática da vida diária recomeça, talvez com redobrada violência” (ROHDEN, 1989, p. 103). Essa rotina faz emergir como necessária uma passagem das condições físicas e rotineiras para uma emocional-vital-transcendente. Incorporando-se nessa condição emocional-vital-transcendente, o homem busca se harmonizar e adquirir forças para o enfrentamento do cotidiano rotineiro. É o que Rohden considera super-gestão ou “em grego *‘pístis’*, em latim *‘fides’*, em português *‘fé’*” (1989, p. 103). A fé é sinônimo de fidelidade, sintonia e harmonia. A fé é uma espécie de hospedeira da recepção da sintonia com os seres divinos para o crente. Sem fé é impossível a recepção da ‘luz’ emitida pela fonte que, através da ubiquidade do espírito, irradia uma frequência que só os que creem estar e estão em sintonia podem receber. Em outras palavras, se o indivíduo não tem fé (sem fidelidade, sintonia e harmonia) nos Santos Reis, ou seja, na oração e na frequência da ‘luz’ emitida por eles como devotos, não sentirão emoção, alívio e harmonia com eles e, com isso, romperão as fronteiras físicas e cotidianas do ‘bairro’ e se inteirarão com outros lugares ‘apenas para festar’. A rotina do bairro/setor é quebrada pela consonância com os Santos Reis ao estar consciente e presente num mundo cósmico que escapa à racionalidade *tecno-lógica*.

Rohden observa que “a presença simplesmente objetiva de Deus não resolve nenhum problema humano; eu tenho de conscientizar subjetivamente essa presença objetiva, para colher os benefícios dessa presença” (1989, p. 104). É a fé (sintonia e harmonia) que proporciona a recepção do bem-estar divino para a alma e promove as interações entre os habitantes do JDA e outros setores da capital goianiense. Nesse processo, o espaço reproduzido é fundamentado na devoção nos Santos Reis e na ‘lógica da fé’, ainda que esta possa ser cooptada pelo capital, como adverte Costa, pois “os caminhos a percorrer, o lugar onde morar, a escola onde estudar, a praça onde descansar, tudo aparece como elaborado para o homem e, no entanto, só é acessível ao consumidor” (2010, p. 42). Não negamos que a cidade se torna cada vez mais o espaço dos interesses do mercado em detrimento do lugar das práticas cotidianas da vida, em harmonia com certas necessidades vitais para seus habitantes.

As práticas transcendentais de reprodução da vida, como é o caso da folia, não interessam ao mercado e ao estado, a não ser se turistificadas e fetichizadas como mercadorias. De outro modo, as ideologias econômicas e seus interesses – baseados na lógica do lucro – são contrários à vida cotidiana plena e transformam “a paisagem e o lugar, sem se preocupar com os interesses dos que nele vivem” (COSTA, 2010, p. 43). Assim, não se planeja que nos bairros/setores possa haver manifestações como folias, mas os habitantes as resgatam e demonstram sua capacidade de transcendência e ampliação espaço-temporal da *vida* na cidade.

CAPÍTULO 2. OPORTUNIDADES INTERVENIENTES INICIAIS: SEUS PONTOS E CONTOS

Nossa realidade, entretanto, é contraditória. É feita de elementos simbólicos e diabólicos, de verdade e falsidade, de bondade e maldade. Como podemos distinguir um do outro? Como criar uma ordem superior que ultrapasse essas contradições? Precisamos de um Centro ordenador e animador de uma síntese pessoal, social e também cósmica.

Os evangelistas usaram o fenômeno astronômico para apresentar Jesus como aquele Senhor do Universo que vem sob a forma de uma criança para unificar tudo. Essa Energia é divina, mas não exclusiva. Ela se expressa sob muitas formas históricas. Em Jesus, o Cristo, ganhou uma concretização que mobilizou outras culturas com seus sábios vindos do Oriente.

Todos os caminhos levam a Deus e Deus visita os seus em suas próprias histórias. Todos estão em busca daquela Energia que se esconde no significado da palavra Cristo. Esse encontro com a Estrela produz hoje, como produziu ontem, alegria e sentimento de integração. Haverá sempre uma Estrela no caminho de quem busca. Importa, pois, buscar com a mente sempre desperta aos sinais como os reis magos.

(Leonardo Boff, 09/07/07)

Inúmeros fenômenos relacionados à mobilidade humana e a suas mais diversificadas causas servem para explicitar as interações espaciais. No caso da cultura brasileira, um dos aspectos mais elucidativos dessa mobilidade é a movimentação de grupos ou indivíduos movidos pela fé religiosa. Alguns desses casos são expressos nas manifestações promovidas pelas romarias, folgedos, folias de Reis e outros, principalmente no interior e em áreas rurais do país.

Esta tese discute as interações espaciais durante o giro de folia de Reis, como temos dito. As interações espaciais são um tema importante para o campo de conhecimento da Geografia Humana (ULLMAN, 1974), pois revelam uma das formas como as sociedades se constituem. Investigamos aqui a mobilidade de pessoas, coisas, informações e outros fixos e fluxos (SANTOS, 1996a) que, em interação, possibilitam a compreensão dos movimentos espaciais, compondo uma determinada realidade geográfica e, nas variáveis então resgatadas para análise, compõem a dimensão intersubjetiva da espacialidade do JDA que, como ‘ponto’, promove a composição de muitos ‘contos’ sobre folias.

Dissemos anteriormente que a tradição das folias de Santos Reis no Brasil é uma representação simbólica do deslocamento dos três magos que, segundo registros bíblicos e seus apócrifos, guiados por uma estrela, saem de locais distantes com destino a Belém, local onde Maria e José ocultavam o Menino Jesus, em uma manjedoura.

Embora Goiânia seja uma grande metrópole, ainda é possível identificar alguns desses grupos organizados em áreas periféricas, a exemplo das folias de Reis do Jardim das Aroeiras, onde está situada a Associação dos Catireiros e Foliões do Estado de Goiás, que giram em diferentes regiões da cidade e entorno, promovendo interações espaciais. No tocante à tradição de cultivar os Três Reis Santos, em visita à Sagrada Família, a formação e a organização dessa Companhia seguem a mesma estrutura de outros grupos de folia brasileira. Por essa razão, neste estudo é tomada como um caso representativo do universo das manifestações religiosas que provocam interações espaciais dessa ordem.

A Companhia de Santos Reis Jardim das Aroeiras é composta por aproximadamente 45 (quarenta e cinco) foliões, sendo eles crianças, jovens, adultos e idosos entre três e noventa anos de idade. “Seu M.”, o capitão, é o responsável pelo grupo de embaixadores, pelo coral de sete vozes e pelos tocadores de violão, viola, cavaquinho, sanfona, pandeiro, maracá e caixa. Compõe ainda a companhia um grupo de catira que se apresenta mediante solicitação dos devotos. O giro sazonal é antecedido de uma minuciosa preparação, que se constitui do tempo de espera, da marcação dos pousos e almoços, de reuniões na casa do capitão e do festeiro, e dos agendamentos de locomoção. Dentre rituais de giro notam-se a ‘benzeção’ da companhia pelo capitão, suas recomendações, advertências e exigências de conduta durante as visitas, saída da bandeira, visita às casas que aceitam receber a guia, chegada ao almoço e ao pouso, agradecimento de mesa, saída do almoço e pouso, canto ao falecido e de entrega do voto, encerrando com a entrega da bandeira, festa e despedida. Continuemos, a seguir, a exposição da nossa tese de que manifestações culturais promovem significativas interações espaciais, nas quais se devem considerar determinadas variáveis relacionadas ao espaço como experiência (espaço habitado portador de sentido para o ser humano que o habita), muitas delas desprezadas nos trabalhos acerca deste assunto.

2.1 O VOTO E A PROMESSA: MOTORES DAS INTERAÇÕES ESPACIAIS

Ao discorrer sobre a participação em uma festa como sinônimo de sacrifício, Maia observa que o sacrifício é um arquétipo que perpassa o “inconsciente coletivo das festas” (1999, p. 198). Não é como nos rituais fúnebres primitivos, mas “uma renúncia que o folião contemporâneo faz do suprimento de necessidades em prol de um prazer extraordinário por ocasião da festa, ou à maneira de penitência e pagamento de promessas em festas sagradas”

(MAIA, 1999, p. 198). Nas festas não religiosas sacrifica-se por regozijo e exibição, diferentemente da fé e da devoção que orienta o mundo folião. Na concepção de Tremura,

[a] relação dos participantes com os seres divinos propõe um triângulo da fé inspirado em reciprocidade onde promessas transformam-se em bênçãos, proteção, e recompensas para aqueles que determinadamente cumprem suas promessas com os Reis Magos. O triângulo da fé exterioriza a crença popular através da manifestação verbal religiosa, a qual é transformada num sistema de verdade na medida que os elementos do triângulo se completam e transformam positivamente a vida de seus participantes. (2004, p. 2)

Para ilustrar esse triângulo de fé, reciprocidade e promessa, Tremura elaborou um esquema que demonstra uma hierarquia sagrada: Deus, Jesus, São José, Santa Maria e os Três Reis: Belchior, Gaspar e Baltazar. O triângulo demonstra a fé dos foliões em geral, considerando-se integrantes do grupo devotos e outros que creem e, ao ouvirem as toadas, fazem promessas que, por sua vez, retornam em forma de graças, vida e saúde (figura 11). São as toadas que fazem o movimento das preces até os Três Reis Santos, Jesus, São José, Santa Maria e Deus. As toadas também refletem trocas sagradas com a vida das pessoas. Daí o poder de intervenção dos foliões nas casas e na vida dos inúmeros moradores que visitam. Veja no triângulo da fé as toadas como oportunidade interveniente²³ (ULLMAN, 1974), movimentando sentimentos e súplicas aos Santos que, por meio dos milagres, demonstram o atendimento de um problema:

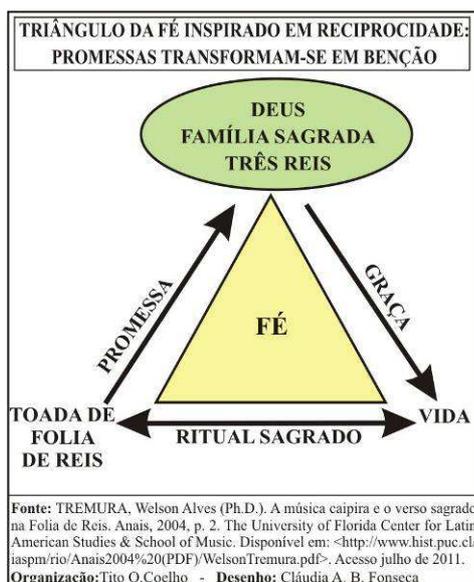


Figura 11 - Triângulo da fé e da reciprocidade entre os foliões e os Santos Reis.
Fonte: Tremura (2004).

²³ A oportunidade interveniente permite interferir nos fatos através da anuência de uma ou mais pessoas. Nesse caso, por exemplo, uma grande distância a ser percorrida pode ser encarada como algo positivo, a exemplo do pagamento de promessa e cumprimento de voto.

A oportunidade interveniente se mostra como variável que pode agilizar e desembaraçar a articulação de alternativas ao se deparar com imprevistos na formulação de novas ideias. “Seu M.” nos disse que a emoção²⁴ (ao chorar), a oração e a súplica também são como as toadas da folia, ou seja, chegam aos Três Reis Santos, que estão na casa de Jesus Cristo, São José, Santa Maria e Deus, segundo os devotos.

O voto é uma das variáveis mais marcantes da interação espacial na folia de Santos Reis. Para Brandão, “um fiel devoto que tenha feito uma promessa, em geral, espera pela ocasião da ‘saída da folia’ para cumpri-la” (2004, p. 381), devido ao seu caráter popular e sem interferência do clero oficial. O devoto formula um pedido aos Santos Reis por conta própria com o compromisso de retribuir em forma de voto; recebendo a graça, considera que este foi válido e o pagamento da promessa torna-se uma obrigação, que só pode ser cumprida com a presença dos foliões para cantar a entrega do voto. Os devotos podem cumprir a promessa durante uma jornada sazonal ou convocar o capitão (no caso da folia do JDA) especificamente para esse fim²⁵. São várias as formas de promessas e pagamento dos votos.

Segundo Silva, “o pagamento de promessas é o motor da ‘Folia’” (1987, f. 61), seja o voto de ser capitão, palhaço, embaixador, alferes, voz, instrumentista (os foliões de giro); dar almoços, ser festeiros (foliões de festa); ou acompanhantes que prometem seguir a folia por um tempo, como é o caso de carregar a bandeira por três ou mais casas; de dar uma oferenda aos Santos Reis como objeto de votos, tal como uma caixa, pandeiro, viola, violão e outros. Os foliões “sempre falam que a folia de Reis foi tirada para cumprimento de promessa” (CANESIN e SILVA, 1983, p. 19). Além do voto, há uma relação temporal com a folia, pois “sete anos deve qualquer dos componentes da folia empreender a jornada dos Reis, quer continuamente, quer com interrupções, na mesma folia ou em outra qualquer” (CASTRO e COUTO, 1977, p. 17). As promessas podem variar segundo o período de tempo para cumprir. Há pessoas que pagam a promessa e depois continuam por gostarem, ou por se tornarem devotos, ou, ainda, por sentirem o preenchimento do ambiente por ‘seres divinos’, bem como para compartilharem da companhia dos ‘foliões’. A promessa do capitão, dos embaixadores e

²⁴ Chora-se pelo fato de sentir, em suas variadas ocasiões, ser um mistério. Pode ser pelo sentir a presença de algo. Supostamente, alterações vibracionais na região do chakra cardíaco e outros; por sentir que um ser divino ou parente falecido está ao lado; por visualizar algo. É um ato-movimento moral na ocasião da alteração do estado de espírito mediante contato com a egrégora. A alegria e a tristeza são os elementos principais da comoção. O sentimento estético-religioso faz oscilar o estado de ‘ânimo’ das pessoas. “Seu M.” nos explicou que “as pessoa sente emoção por sentir que os Três Reis tá na casa deles, por lembrar de alguém, por os Três Reis irem embora [ao se despedir da bandeira]” (Entrevista Concedida a COELHO em 23/03/2012).

²⁵ Ao abordarem as eventuais apresentações de folia antes ou depois do período de 25 de dezembro a 6 de janeiro, Pessoa, Pessoa e Vianês observam que “fora desse tempo, a folia se reúne em situações especiais [...]” (1993, p. 98), quando há, portanto, solicitações para pagar voto ou fazer apresentações em escolas e outras ocasiões.

até mesmo de cozinheira pode ser ‘enquanto vida tiver’. Há devotos que pagam suas próprias promessas²⁶, a dos pais, dos irmãos e de outros parentes de diversas formas, podendo ser até de quem já está morto²⁷.

“Seu M.” conta vários casos de ‘espíritos necessitados de ajuda’, sendo o que mais nos chamou a atenção o de “Zé E.”, ex-vereador de Goiânia, folião de pouso da folia do JDA e dono de uma escola. Este desejava que a folia passasse por sua instituição de ensino durante certo tempo, mas faleceu sem satisfazer o que almejava. O zelador da escola, evangélico, procurou “Seu M.” para que pudesse dar um pouso, pois o espírito do falecido patrão estava aparecendo para ele, dizendo que só ia embora se a folia passasse por lá. Não podia ser outra folia, só a de “Seu M.”, se fosse outra o espírito não deixaria de aparecer. Depois que “Seu M.” passou por lá com seu grupo, diz-se que o espírito desapareceu. Sem entrarmos em discussões ideológicas, psicológicas ou religiosas desse caso, isso demonstra a força da dádiva entre a santidade, os homens e as ‘entidades espirituais’. Ratifica, ainda, que intercambiar com os Santos Reis, para o devoto, é mais fácil e seguro que intercambiar com os homens; porém, muito sério, pois a bênção pode continuar pela eternidade, e a dívida também, caso não seja cumprida a promessa.

São vários os motivos de se fazer voto aos Santos Reis ou a outro santo ou santa. Pode ser por motivo de doença, por ser portador de uma lesão, pedindo um filho no caso de dificuldades concepcionais, por exemplo, para ser aprovado em um concurso, para livrar-se de um mal eminente, comprar ou vender uma propriedade e muitos outros. O voto é a possibilidade de resgatar a saúde, de satisfazer um desejo, de obter proteção, enfim, de receber uma graça. É uma forma de obter aquilo que a ciência e a tecnologia terrena não

²⁶ A existência das folias de Santos Reis depende muito das promessas, dos conhecimentos das profecias bíblicas e daqueles passados de geração em geração. Ao justificar e ressaltar os motivos da existência dos grupos de folia, Silva considera que “a ‘promessa’, essência maior e razão da existência desses grupos enquanto organização, aliada às profecias, objeto de saber dos mestres, são instrumentos que, por outro lado, são a própria continuidade e razão da existência das ‘folias’ enquanto grupos organizados” (1987, f. 62). O autor destaca que a vocação do ‘penitente’ favorece a decisão de fazer a promessa que, não podendo ser rompida, garante a continuidade dos giros de folia. Como solidariedade, os membros da família ou do grupo podem acabar de pagar a promessa de um penitente que trabalhou como palhaço e veio a falecer. Ou, ainda, é comum, na concepção dos devotos, os penitentes falecerem e aparecerem em sonho ou visão para reivindicarem o cumprimento desse compromisso sagrado.

²⁷ Ao relatar uma experiência, Pessoa, Pessoa e Vianês (1993) afirmam que, mesmo depois da morte, o devoto pode conservar o compromisso de retribuição da dádiva recebida. Os autores contam a história de um festeiro que assumiu o compromisso de pagar a promessa de sua irmã falecida. Quando ele era moço saiu de casa para morar longe. A irmã prometeu aos Santos Reis que se o irmão retornasse iria festejar os Santos Reis. O irmão retornou à família e a irmã faleceu antes de pagar e entregar o voto na cantoria, tendo aparecido três vezes em sonho ao irmão, mas sem dizer nada. Ao questionar sua mãe a respeito do significado das aparições, ela contou-lhe que a irmã havia feito tal promessa. Então, disse à sua mãe que ela poderia ficar tranquila e que Deus podia dar-lhe um bom lugar que festejaria os Santos Reis no lugar dela. Em Minas Gerais não houve oportunidade de realizar a festa da irmã; mas, “Em 1943, mudou-se para as Lages. Com o surgimento da folia, ele logo ‘pediu a coroa’” (PESSOA, PESSOA e VIANÊS, 1993, p. 116).

alcançam (como a cura de uma doença) ou superar dificuldades materiais (a exemplo dos pedidos de empregos, casas, etc.), em que o santo é um mediador entre o homem e o Todo Poderoso, ou mesmo, às vezes é ele próprio (o santo) que é diretamente suplicado e tomado como quem agraciou o devoto.

No tocante aos votos feitos pelos foliões, no giro de 2009/2010 perguntamos a 21 (vinte e um) foliões se já participaram de folia para pagar promessa ou voto; 11 (onze) declararam que sim e 10 (dez) disseram que não. Na jornada de 2010/2011 perguntamos a 15 (quinze) foliões se fizeram voto aos Santos Reis para serem foliões; 11 (onze) declararam que não e 4 (quatro) que sim. Constatamos que a variação está na questão ‘pagamento de voto por motivos gerais’, no primeiro caso, e para ser folião, no segundo (a exemplo do capitão, que fez voto para ser designado ‘capitão’ pela intercessão de Santos Reis, e não para ser somente ‘folião’).

Ao indagarmos aos 15 (quinze) integrantes do grupo se ser folião é uma forma de receber uma graça dos Santos Reis e retribuí-la, 14 (catorze) declararam que sim e apenas 1 (um) nos informou que não. Os que responderam positivamente disseram-nos que giram há muito tempo, e, por isso, procuram sempre retribuir aos santos a dádiva recebida. O trabalho para os Santos Reis é uma grande alegria, por se sentirem felizes e se apegarem com os Santos, ou por gostarem e serem fiéis a eles, por serem santos milagrosos e terem fé ou terem sido validos. “Seu O.” disse que “É a única coisa que eu tenho pra pagar a benção Dele... e sempre ele está me dando, todos os dias, todas as horas”. Já a resposta de “Ds.” foi: “Não”, isto é, apenas procura retribuir “as graças recebidas diariamente”. Isso quer dizer que, mesmo pensando que não se retribuem outras dádivas no dia a dia, a depoente, inconscientemente, retribui.

Nas 18 (dezoito) entrevistas com foliões de pouso da bandeira (almoço e jantar), 12 (doze) responderam-nos que não fizeram voto para dar pouso (almoço e jantar) e 6 (seis) disseram-nos que o fizeram (figura 12). Os que não se declararam penitentes nos justificaram que é de espontânea vontade, de coração, por devoção, por criar laços com o grupo, por tradição e por outros motivos. “Seu D.” dá pouso para a folia de “Seu M.” há cerca de dez anos. Disse que não fez voto com os Três Reis Santos para alimentar a companhia, sendo a dádiva de espontânea vontade. “Jt.”, por exemplo, nos informou que não fez voto para dar pouso e almoço, mas foi criando laços com a folia: “Foi passando e pedindo almoço e nunca deixo de dar... mas a gente também é de família de folião: pai, sogro... é de paixão”. A devota “Fb.” expressou que “É um trabalho muito bonito que “Seu M.” faz... os Três Reis viram a estrela... fé... nunca fui para Trindade a pé... é uma maneira de agradecer a Deus”.

“Dona Mg.” justificou dizendo: “fui criada numa região que tinha folia e tem [tenho] compromisso de receber os foliões dele [dos Santos Reis] que está evangelizando, nem que seja arroz e feijão”.

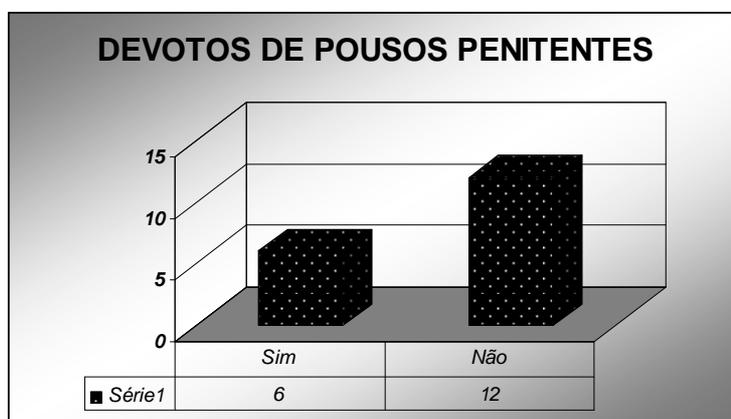


Figura 12 - Foliões de pousos (almoço e janta) que já fizeram promessas.
Fonte: Entrevista com foliões de pousos em 05/12/2010.

Os foliões de pousos penitentes fizeram votos para passar em concursos e conseguir emprego, entre outros. Assim, “Jy.” dá almoço há 02 (dois) anos e declarou: “A primeira vez fui eu e a segunda foi minha mãe [se conseguisse passar no concurso a filha ia carregar a bandeira durante três dias]. A primeira vez foi para conseguir emprego, moradia... não tinha emprego fixo, agora a gente tem”. “Seu Jq.”, devoto e embaixador de folia, afirma que já fez voto, mas, mesmo com a saúde debilitada, não deixa de dar pousos: “Doente, mas dou almoço, pousos... pode ter ou não ter promessa que dou...”. A foliã “N.”, com três anos de experiência em dar pousos, ressaltou que “O primeiro voto foi o meu filho ‘T’ pra ele arrumar serviço... os quatro [da família] pra vender a casa [antiga] e comprar outra [houve uma desavença do filho com um vizinho]”. Isso ressalta a inter-relação do momento festivo com as necessidades cotidianas.

Nas 18 (dezoito) entrevistas com foliões de pousos da bandeira (almoço e jantar), 15 (quinze) responderam que dar pousos (almoço e jantar) é uma forma de receber e retribuir as graças recebidas por intermédio dos Três Reis Santos; 3 (três) relataram de forma negativa. Os que responderam positivamente disseram que as coisas se encaminham, é uma forma de divulgar o milagre, por ter nascido nessa fé a festa deve continuar; é uma maneira de agradecer a abundância, rever os amigos da folia; uma forma de participar de uma peregrinação, mesmo estando em casa.

Cada devoto tem um santo protetor ou alguns santos protetores (que pode mesmo ser tido como seu ‘padrinho’) para recorrer na hora da aflição, estabelecendo elos entre homem e

Deus. Destaque-se que há grande intimidade dos devotos com os Três Reis Santos e vários movimentos são observados ao se aproximarem da bandeira. Ajoelham-se, beijam a bandeira e suas fitinhas, falam, gesticulam, choram e suplicam. Mesmo havendo São José, Santa Maria e o Menino Jesus na bandeira, a devoção é direcionada aos Três Reis Santos. Não dá para saber o que cada devoto direciona a eles, uma vez que tudo é feito em pensamento e em silêncio. Perguntamos a “Seu M.” para termos uma ideia do direcionamento das súplicas, mesmo sabendo que, na composição da bandeira, estão os Três Reis Santos e a Sagrada Família, questionando se há direcionamento de pedidos para eles. “Seu M.” disse: “Faço o pedido para os Três Reis Santo... agradece [cantando] pra todo mundo, todos eles [Jesus, São José e Santa Maria e ao Divino Pai Eterno], principalmente no agradecimento de mesa, fala no nome deles todos”. Quanto aos devotos, disse que “Agradece os Três Reis Santo, você não chega e não fala que os Três Reis Santo vieram te visitar? Os devoto pega a bandeira e fica com o pensamento fixo nos Três Reis Santos, a devoção é com eles, com os Três Reis Santos...” (Entrevista concedida a COELHO, 23/07/2011). Em outros estudos é importante que resgatemos essas questões em relação aos devotos. Muitas vezes o devoto já chega emocionado e nem observa o conjunto de imagens contidas na bandeira. Quando o percebe, as lágrimas embotam seus olhos e já se aproxima com a intenção de ‘falar’ com os Três Reis Santos.

Então, faz-se um voto suplicando uma graça e prometendo pagá-la com uma oferenda. É uma relação pessoal entre as pessoas deste mundo e seus representantes diante de Deus. É uma interação entre o espaço terreno com outro mundo (com o sobrenatural), o qual movimenta inúmeras pessoas de diversas formas, e uma delas é a Folia de Reis. Destarte, o giro de folia proporciona a interação espacial por ser um “conjunto de deslocamento de pessoas” (CORRÊA, 1997, p. 279) entre os espaços para pagar o voto²⁸.

O voto pode ser pago pela pessoa que o fez ou por um terceiro. Para os devotos, no caso de falecimento sem pagar o voto, a ‘entidade’ pode se manifestar física ou extrafísicamente e pedir sua realização. O santo cobra lealdade e “princípio de reciprocidade informal” (STEIL, 1996, p. 101) de seus devotos, pois o voto é um elo entre devoto e santidade, ou seja, é estabelecida uma aliança na hora de se fazer a promessa. Nesse sentido, o voto é um mecanismo de interação espacial por manter em movimento o culto aos Reis; é um

²⁸ Comentando sobre a relação do devoto com a Divindade por meio de súplicas e promessas, oferendas e sacrifícios, DaMatta esclarece que “[...] a promessa é um pacto que obriga os dois lados a alguma ação positiva no sentido de resolver o problema apresentado” (1991, p. 111). Ao receber uma graça (ser valido) o devoto se submete a um sacrifício, retribuindo ao Santo o que foi prometido, podendo ser uma oferta em espécie ou em valor (dinheiro), alguma coisa preciosa ou cumprir um período de abstinência e mesmo abandono definitivo de algo (como a bebida ou o cigarro, por exemplo).

elo entre os homens e os santos que conectam na concepção do devoto a terra ao céu e vice-versa, revelando um movimento de dádivas do devoto para o santo em forma de voto; do santo para o devoto em forma de graça e milagre e, aqui, é visto ainda como motivador de relações intersubjetivas no Jardim das Aroeiras e nas folias em geral.

O voto mobiliza os devotos²⁹ e estes o capitão da folia (para que possa definir a forma de pagamento), o qual aciona os foliões. Isso causa peregrinação e deslocamento, ligando um fixo a outros por fluxos de pessoas e intencionalidades, que fundam o espaço como experiência para o devoto – na dimensão objetiva do ‘bairro’ inscreve-se outra intersubjetiva. A folia, em interação espacial, cria uma rede de relações que envolve muitos, ou seja, diversos grupos: o de folia, o dos devotos e seus vizinhos, o do festeiro, formando uma grande ‘comunidade’ ao participar da festa de entrega da bandeira (recolhida). “Seu M.” a chama de ‘família dos Santos Reis’³⁰.

Os votos, como já explicado, podem ser de entregar uma oferenda, como um instrumento, dar um almoço ou pouso, ser palhaço por sete anos, mas, também, são um contrato com o santo para a vida toda na qualidade de devoto, pois pode ser que se mude de religião e, com isso, os feixes de intencionalidades com o plano divino são alterados, chegando-se mesmo a negar outra santidade que não seja a de Deus em suas Três Pessoas. No caso de “Seu M.”, seu voto é administrar a folia enquanto vida ou disposição tiver. Mesmo o voto sendo entregue, dificilmente o elo com o devoto e o santo termina e, por tabela, as relações intersubjetivas entre os participantes da festa. De qualquer forma, o voto é o motor do movimento dos foliões: o capitão, por ter feito um ‘contrato’ com os Santos Reis até o fim de sua passagem pela terra; os foliões, por vários motivos; os que dão almoço e pouso podem gostar e continuar no ‘ofício’ e serem festeiros da folia um dia; os devotos que recebem a bandeira sempre ficam esperando por uma surpresa. É através do voto que os devotos se relacionam com os santos, com os foliões e com a comunidade, transcendendo as experiências

²⁹ Analisando a romaria de Bom Jesus da Lapa-BA, Steil (1996) nota que o voto relaciona uma complexidade de seres tanto do plano físico (humanos e suas instituições) quanto do extrafísico (chamados de sobrenaturais); para ele, “o voto é, no contexto da romaria, um instrumento relacionador por excelência, não apenas entre os seres humanos e os santos, mas também entre os homens e mulheres que se fazem peregrinos” (1996, p. 102).

³⁰ Os Santos Reis são entidades mundiais, sendo reconhecidos nacionalmente no Brasil. Os votos a eles são locais e domésticos, uma vez que os Santos Reis não têm uma igreja, só capelas. Por isso os votos são feitos nas casas, na ausência ou na presença da bandeira e dos foliões. Os votos podem modificar o giro de uma folia, ou seja, mudar a direção da marcha peregrina, ligando o fluxo de foliões a outros fixos (ruas, casas, comércios). Na casa de um devoto são realizados os rituais domésticos que transcendem os muros da casa, pois o som da caixa, do pandeiro, da sanfona, da viola e dos violões aciona os sentimentos latentes do vizinho. Isso também é movimento. As pessoas podem ou não se deslocar para ouvir a cantoria, comer e, às vezes, fazer um voto.

do cotidiano (mas podendo, inclusive, fundamentar o surgimento de uma relação desse tipo³¹), a realidade puramente objetiva do bairro, e dando um novo sentido ao espaço como experiência, que passa a ser regido pela fé e pelas intencionalidades que levam à participação na festa. O vínculo entre santos e devotos pode ser renovado ou não; em todo caso, isso é algo que parte do devoto.

Para alcançar o santo, os devotos se colocam, pela necessidade e pela fé, a caminho, pelo voto, em busca de um milagre. É uma jornada diferente da jornada física do romeiro, sendo um movimento emocional, mental e etéreo, um ritual silencioso que se materializa com a cantoria de entrega do voto numa razão mítico-religiosa. Nos estudos realizados por Cassirer (2000) sobre mito e religião é possível compreender que aquele não se trata de um caos, de ideias incoerentes e vãs, sendo uma busca do nada e destituído de razão; de outro modo, este não se opõe ao pensamento racional ou filosófico. Os mitos são verdades sobrenaturais e suprarracionais, mas não irracionais. O autor ressalta que “apenas com a razão não podemos penetrar nos mistérios da fé, estes mistérios não contradizem, mas complementam e aperfeiçoam a razão”³² (CASSIRER, 2000, p. 113).

Geralmente o santo de devoção primeiro deve resolver o problema do devoto para, posteriormente, receber o pagamento da promessa. Quando um devoto faz uma promessa aos Santos Reis ele tem o direito de entregar o voto com uma cantoria na ocasião da visita a casa, na rua, no pouso/almoço ou na entrega da bandeira. Nesse ritual, o penitente é chamado a realizar alguns movimentos que o palhaço tem por obrigação orientar e acompanhar. Nas figuras 13 e 14 observamos uma devota que não engravidava, fez a promessa pedindo um filho e, no outro giro, realizou o pagamento do voto, ‘mostrando o bebê’ para os Santos Reis.

³¹ Ao receber a folia há trocas de dádivas entre foliões e devoto-moradores, ou seja, permutam serviços que estejam precisando reciprocamente. Por ocasião da folia pode haver comunicação de necessidades (benzeção, serviço de pedreiro, transporte e outros). Há também relações de afinidades geradas normalmente na folia que acabam se transformando em amizade, namoro, casamento, etc.

³² Tradução do autor. No original: “Con sólo la razón no podemos penetrar en los misterios de la fe, pero estos misterios no contradicen sino que completan y perfeccionan la razón” (CASSIRER, 2000, p. 113).



Figuras 13 e 14 – Fez promessa pedindo um filho em 2007 e, no almoço do dia 27/12/2008, realiza o pagamento do voto; engravidar era difícil devido ao sangue B negativo.
Foto: Tito Coelho, 2008.

Para DaMatta, “tudo indica que o santo atende melhor e reconhece mais claramente o esforço dos mortais quando o pedido se faz de modo solene e respeitoso, com algum formalismo” (1991, p. 111). As orações ou rezas, súplicas e outras formas de pedidos realizam-se com mais eficácia quando se faz com um sinal concreto de comunicação com os santos como forma sólida de ligação com eles. Dessa forma, pode-se construir a religião (no sentido de (re)ligação com os seres divinos) para comungar de forma individual ou coletiva com Deus.

Voto, súplica, promessa e outros são formas de relação e religião popular dos homens com Deus e o milagre, a graça, enfim, a dádiva, é uma resposta superior do Divino aos homens, realizando-se uma forma de interação do espaço terreno com o celeste, muitas vezes tendo-se em vista que o povo simples só consegue se comunicar com seus ‘representantes’ em tempo de eleição, sendo talvez mais ‘fácil’ recorrer a Deus que aos políticos (embora não se possa restringir a isso as razões de se fazer promessa), aos serviços públicos ou ao patrão, por exemplo. Nesse sentido, resta ao povo humilde se integrar com outro mundo e dar sentido à vida, podendo obter alívio do sofrimento, livrar-se da doença, da escassez, do desabrigo, do aluguel e de outras formas de opressão. Na vida terrena nem todos são reconhecidos como pessoas dignas e as leis nem sempre se traduzem no exercício da justiça.

Os votos que levam as pessoas a formar uma folia, girar, dar pouso e almoço, dar oferendas e outros são a retribuição do milagre (ocorrência extraordinária não explicada pela natureza) e da graça (benefício Divino) recebidos³³. Os milagres podem permanecer em

³³ Para apreender as dimensões da hierofania é preciso abaixar as ‘armas’ da razão e, para entender o motivo do ritual de deslocamento, das promessas, dos votos, das dádivas e de outras reciprocidades como o estar presente na folia por dias, enfrentando intempéries de casa em casa, é preciso transcendência. A partir disso, podemos

segredo ou revelados, mas é difícil passar em uma casa sem que o devoto tenha algo a contar, ainda que oculte a dádiva recebida. Cada conto repassado aumenta a fé dos foliões e de outras pessoas, que também passam a acreditar e suplicar ao santo uma graça, retribuindo depois³⁴. Os foliões (considerando-se cantadores, instrumentistas, alferes, palhaços, os que oferecem pousos e almoço, festeiros, serventes e cozinheiras, os que recebem a folia em casa e outros) estão na folia por terem recebido um milagre, ouvido a narração de um ou por pertencerem a uma tradição familiar de foliões que partilham e contam histórias de bênçãos recebidas. Então há contos pessoais, aqueles repassados por parentes e vizinhos, ou mesmo por estranhos, geralmente permeados pela ideia de sacrifício³⁵.

Na folia de Reis há quem faça um sacrifício para que um parente receba os benefícios, ou, ainda, um grupo de pessoas pode se submeter ao sacrifício. Em muitos casos, o chefe da família toma essa decisão por um filho ou por toda a família. O ‘objeto do sacrifício’ são homens ou coisas aos quais o sacrificante endereça o sacrifício, podendo ambos serem atingidos na qualidade de sujeitos do sacrifício com sua presença, cumplicidade, influência ou interesse nele. A irradiação do sacrifício pode, sensivelmente, gerar duplo efeito: um sobre o ‘objeto do sacrifício’ e outro sobre o sacrificante que o fez. O sacrifício é uma oblação (oferenda a Deus ou a um Santo), podendo ser um ex-voto tal como uma caixa, uma viola ou violão ou outro instrumento que fica sob a responsabilidade do capitão da folia. São várias as

perceber melhor o movimento de pessoas simples (no sentido de mansidão, podendo ser rico ou pobre) em interação espacial afetiva, uma confiança dos foliões (em geral) com os Três Reis Santos, uma intimidade na hora da aflição, do perigo, da alegria e da cantoria, expressões e gestos. Não pretendemos enfatizar as ‘coisas’ da fé, da devoção, pois nossa intenção é desvelar os deslocamentos e movimentos que ocorrem no grupo de folia estudado. Não é possível contar os milagres ocorridos durante a folia, contudo, estes seriam inúmeros, segundo os relatos e as crenças dos devotos.

³⁴ É difícil as pessoas aceitarem o milagre. É necessário crer, ter fé e, por conseguinte, sentir. Já para compreender uma peregrinação o pesquisador, o turista e o romeiro precisam ter consciência da transcendência espiritual dos devotos. O milagre não pode ser explicado pela ciência, ou seja, pela razão explicativa. O extrafísico, o misterioso transcendental exige “extra-razão” (JACOB, 2000, p. 310). De outra forma: o motivo que leva à decisão de peregrinar e receber peregrinos excede o experimental e o explicável, o que pode ser testado. “Seu M.” disse que “nós experimentamos cavalo, porco, vaca, galinha... o Santo, o Senhor Jesus não é de experimentar... muita gente já veio me experimentar” (Entrevista concedida a COELHO, 23/07/2011).

³⁵ Ao discorrer sobre o conceito de sacrifício, Mauss e Hubert salientam que este dá a ideia de consagração e que as duas noções se confundem: “[...] é certo que o sacrifício sempre implica uma consagração: em todo sacrifício um objeto passa do domínio comum ao domínio religioso – ele é consagrado” (2005, p. 15). As consagrações podem ser de diversas naturezas, sendo o elemento consagrado o homem ou a coisa, como no caso da unção, em que a sagração muda a personalidade religiosa, mas fora dela “nada é alterado” (MAUSS e HUBERT, 2005, p. 15). Já no sacrifício, “a consagração irradia-se para além da coisa consagrada, atingindo, entre outras coisas, a pessoa moral que se encarrega da cerimônia” (MAUSS e HUBERT, 2005, p. 15). Os autores exararam ainda que o fiel, que forneceu o objeto da consagração, não é o que era antes, pois adquiriu um caráter religioso ou se livrou de uma aflição, elevando-se a um estado de graça ou saindo do estado de pecado. O sacrificante é aquele que recebeu os benefícios ou se submeteu aos efeitos do sacrifício, podendo ser este individual ou coletivo.

formas de sacrifícios, como dar comida a uma companhia, cantar o nascimento estando fora do tempo da folia, realizar uma jornada, etc.³⁶.

O milagre é a forma pessoal mais popular de ligação do homem com o outro mundo ou com o ‘invisível’. É uma resposta ao desespero do penitente como prova da dádiva recebida de Deus. A graça alcançada é retribuída de várias formas, das mais simples às mais complexas, discretas ou indiscretas, sendo o catolicismo popular complementar ao oficial. É no movimento popular que se pode lidar com o milagre mediante emoções de forma veemente, distinto do catolicismo oficial, que atua de forma externa. Para DaMatta, “[...] o popular contém todas as formas que lidam com as emoções em estado vivo, atuando por dentro” (1991, p. 116). Na cantoria de entrega de voto, são expostos os sentimentos e as ideias, concretizando e tornando público a (re)ligação com a Divindade. Nesse sentido, podemos dizer que há uma interação espacial ao comunicar o milagre de forma cantada, mediante certos movimentos rituais³⁷.

A dialética, nessa interação espacial, é a “dos pólos em oposição e em franca comparação, competição ou reciprocidade” (DAMATTA, 1983, p. 79), pois quando o folião está em casa, durante o tempo de espera, pensa ou sonha com a folia e, estando nesta, pensa em casa ou no dia de voltar para o trabalho. De outra forma, ao sair da casa do festeiro ou do pouso pensa-se no almoço, no jantar e em descansar, etc. A reciprocidade, portanto, é muito evidente na folia. As interações espaciais no giro de folia são fortes por ampliarem e transcenderem as do cotidiano, ou melhor, a marcha para o trabalho.

2.2 PEREGRINAÇÃO: MODO RITUALIZADO DE INTERAÇÃO ESPACIAL

Uma questão relevante à análise geográfica é a *peregrinação*. O termo peregrinar tem o sentido de “viajar ou andar por terras distantes” (CUNHA, 2007, p. 595) em forma de romaria e devoção pelos lugares santos. Consoante Arnt, há uma massa de brasileiros que se deslocam em direção a várias partes do mundo para visitar lugares santos: “15 milhões de

³⁶ Mauss e Hubert denominaram “sacrifícios pessoais” (2005, p. 19) aqueles em que a personalidade do sacrificante é afetada pelo sacrifício, e “sacrifícios objetivos” (2005, p. 19) os que objetos reais ou simbólicos recebem a ação sacrificial. Notam, ainda, que a consagração se distingue do sacrifício, uma vez “que a coisa consagrada sirva de intermediário entre o sacrificante ou o objeto que deve receber os efeitos úteis do sacrifício, e a divindade à qual o sacrifício é endereçado” (MAUSS e HUBERT, 2005, p. 17).

³⁷ O culto oficial é um ritual rígido de comunicação com o poder superior e o popular é flexível, sensível e, no caso da folia de Santos Reis, dramatizado na cantoria. O milagre é uma forma de inclusão divina à vida religiosa e maneira de mostrar que se chegou a Deus.

brasileiros fazem suas malas todos os anos com um único objetivo: praticar a peregrinação a centros religiosos e santuários espalhados pelo mundo” (2006, p. 21). Essa maneira de movimentar-se vem aumentando a cada ano. Arnt esclarece:

[...] a peregrinação se dá através da visita a lugares sagrados para cumprir promessas ou pedidos anteriores feitos a divindades ou a espíritos bem aventurados. É considerado um ato de penitência quando o fiel se desloca a locais sagrados, com intenção de redimir-se de seus pecados e culpas, de forma livre ou por meio de conselhos religiosos. (2006, p. 21)

Conforme Calvelli (2006), a palavra peregrinação define o sujeito forasteiro, caminhante, romeiro, que viaja pelo campo; ou estrangeiro de alhures, não autóctone, que encontra ‘o outro’, percorrendo determinado espaço. O termo está relacionado “com o estrangeiro, aquele que não pertence ao lugar por onde passa, ocasionando o encontro com o ‘outro’ capaz de produzir estranhamento” (CALVELLI, 2006, p. 23). Isso quer dizer que, ao se deparar com o ‘outro’, o indivíduo ou o grupo pode refletir sobre seus valores, suas ideias e as instituições que regem suas vidas. Peregrinar é uma forma de interação espacial, uma vez que não é simplesmente o ato de passar externamente pelo desconhecido, mas de realizar o encontro do indivíduo “na direção de seu verdadeiro ‘eu’”. A devoção também é um dos elementos relevantes na decisão de peregrinar desde longa data, motivando os deslocamentos espaciais: “o termo peregrinação tem sido utilizado para designar um grande número de experiências históricas de deslocamentos espaciais motivados pela devoção” (CALVELLI, 2006, p. 24). Ela é praticada em forma de andança aos lugares sagrados, ocorrência de uma hierofania (manifestação do sagrado no espaço em forma de visão, luz, milagre ou poder sobrenatural) e festejos sacro-profanos pelas religiões desde a antiguidade até os dias atuais.

Nesse sentido, podemos pensar na interação espacial promovida pela movimentação de foliões em sua dimensão peregrina. Todavia, a peregrinação ocorre com o movimento do grupo de casa em casa. Trata-se de uma andança que quebra a rotina diária do cotidiano, ou seja, do ambiente de trabalho, escolar, social e familiar. Muda-se totalmente a situação geográfica em termos de movimento, deslocamento e mobilidade das pessoas mediante o ritual da folia. Todos os anos a peregrinação se repete para dar sentido aos símbolos religiosos fundamentais do catolicismo popular itinerante e religar o devoto com Deus e os familiares.

Na concepção de DaMatta

A jornada peregrinatória implica um deslocamento, um caminho que relaciona o mais íntimo com o mais universal, até que se possa retornar novamente à intimidade, já que quando a viagem é bem sucedida – alcançamos novamente a intimidade

perdida com Deus e, por meio dela, com todos os outros homens, inclusive com nossos familiares. (1983, p. 80)

As peregrinações religiosas são típicas de interações espaciais (CORRÊA, 1997) e, no caso da folia de “Seu M.”, esta se insere na rede urbana em que um grupo se desloca dentro e fora de seu espaço (o bairro e a própria cidade). Quando os foliões estão girando seguem um movimento-ritual, dando mais fluidez e sentido religioso ao espaço. A bandeira é um símbolo geral do nascimento de Cristo que leva o despertar da crença universal, mesmo sendo movimentada por pessoas tidas como lideranças. Desde o início dos anos 1990 a folia de “Seu M.” peregrina no JDA, na vizinhança e em outros ‘bairros’ da cidade, formando uma rede de relações em intensa interação espacial. A intensidade se deve à transposição da comunidade local, deslocando-se pelas casas de compadres, vizinhos, amigos e simpatizantes com o grupo. A peregrinação dos foliões foi criando um elo entre peregrinos e devotos, bem como promovendo generosidades e confiança nas casas por onde costuma passar.

Logicamente, o grupo de “Seu M.” se deixa mostrar como iguais, como irmãos em copresença, mas há certa ‘guerra’ de egos, ou seja, pequenos conflitos, competições e querer se mostrar. Tudo isso proporciona um *ethos* que transcende o tempo-espaço do giro para o cotidiano, pois os foliões vão se educando com o passar do tempo. Com a experiência e a vivência, a maturidade vai chegando, ainda que sorrateiramente. As diferenças se diluem no tempo-espaço da peregrinação e da rotina cotidiana, não descartando, porém, a possibilidade de se acirraresem vez a vez. A reciprocidade vai surgindo com a movimentação e a mobilização de parentes, amigos e vizinhos; as parcerias sentimentais/simbólicas se formam durante o giro; todavia, os foliões devem estar em ‘harmonia’ para que a cantoria seja capaz de emocionar os devotos e transmitir o *religare* na manifestação festiva.

2.3 A ESMOLA E A DÁDIVA

Como abordamos a dádiva cumpre destacar que certos homens, mais que outros, mostram-se como representantes da divindade e dos mortos. Presentes aos pobres, dádiva às crianças e preces ‘agradam aos mortos’ e nos mostram como pensar numa “teoria da esmola” (MAUSS, 2003, p. 208), pois “a esmola é fruto de uma noção moral da dádiva e da fortuna, de um lado, e de uma noção do sacrifício, de outro” (MAUSS, 2003, p. 208). Desfazer-se do excesso de riqueza é uma dádiva, ou melhor, uma moral dela transformada em princípio de

justiça, podendo ser doado aos pobres e às crianças o que seria dado em sacrifício com a permissão dos seres divinos. Assim, quando é cantado, “a oferta que vós dá, Deus põe outra no lugar” (verso de visita a casa), percebe-se que “a cantoria estabelece diferença entre tipos de dádivas” (BRANDÃO, 1981, p. 40).

No que diz respeito às ofertas recebidas pela folia, consoante Porto, elas “destinam-se, de modo geral, a cobrir os gastos da festa de encerramento” (1982, p. 15). As cantorias de chegada, peditórios, despedidas, agradecimentos, “são comuns a todas as manifestações do gênero – sejam elas Janeiras, Reis, Aguinaldos ou Foliás de Reis” (MOREYRA, 1982, p. 142). Essas manifestações são evidentes na Folia de Santo Reis do JDA, conforme já destacamos, conectando fixos por fluxos materiais e simbólicos. As interações espaciais se dão no momento da dádiva por fazer o deslocamento de pessoas em direção ao quarto, à despensa e a outros compartimentos da casa, movimentando espécies e valores; isso pode “apresentar maior ou menor intensidade” (CORRÊA, 1997, p. 279) conforme a devoção, a fé, a crença e a disponibilidade de bens materiais dos devotos e a harmonia das cantorias.

A dádiva³⁸ envolve as visitas, festas, comunhões, esmolas, heranças, entre outras características, fazendo com que a vida social seja um constante “dar-e-receber”. É o que chamamos, também, de dar, receber e retribuir como obrigações pessoais nas comunidades, principalmente nos povoados rurais e bairros da cidade. Sabourin salientou que isso “cria um laço de energia espiritual entre os atores da dádiva [...] um vínculo de almas, associado de maneira inalienável ao nome do doador, ou seja, ao seu prestígio” (2008, p. 132). A hospitalidade é uma forma de dádiva, podendo a pessoa que recebe um hóspede (como anfitrião) ser também hóspede em outra ocasião e vice-versa. Assim, ocorre o dar, o receber e o retribuir como uma troca material e espiritual, ou melhor, comunhão. Ao dar, o indivíduo deixa de ser outro, tornando-se semelhante ao se projetar no lugar do outro, havendo sempre uma expectativa de retribuição, quer dizer, de ação e interação espacial, já que a dádiva realiza-se em tempo-espaço apropriado.

Outrossim, Godbout (1998) apresenta dois modos de dádiva:

uma em seu modo *negativo* e outra *positivo*. De modo negativo, entende-se por dádiva tudo o que circula, na sociedade, que não está ligado nem ao mercado, nem ao Estado (redistribuição), nem à violência física. De modo mais positivo, é o que circula em prol do ou em nome do laço social.

³⁸ A dádiva é uma variável importante, pois “produz aliança, tanto as alianças matrimoniais quanto as políticas [...] religiosas (como nos sacrifícios, entendidos como um modo de relacionamento com os deuses), econômicos, jurídicas e diplomáticas” (LANNA, 2000, p. 175), sendo as relações pessoais de hospitalidade uma delas.

O teórico mencionado anteriormente adverte, ainda, que dádiva é o que circula entre amigos, vizinhos, parentes, sob a forma de presentes, hospitalidade e serviço, a nosso ver promovendo a intersubjetividade nos bairros; já na sociedade moderna essa característica circula entre desconhecidos como filantropia, benevolência, doação de sangue, de órgãos e outras doações. Em outras palavras: a dádiva pode ser entendida, consoante Houaiss, “como uma oferta espontânea, uma doação, um favor, uma graça” (2008, p. 209).

A dádiva é uma prática muito conhecida no sistema de hospitalidade rural e dos bairros simples das cidades, em que a formação e a territorialização foram realizadas por pessoas oriundas do campo, principalmente, ou de pequenas cidades. É baseada, por exemplo, na generosidade por hospedar e alimentar o outro, o estrangeiro ou o forasteiro, propiciando fortes elos entre as partes (hóspede/hospedeiro). É, ainda, uma forma de agradar dando quando pedido, recebendo quando oferecido e retribuindo quando é oportuno. Há formação de amizade ao retribuir o que foi dado, como os presentes recebidos com outros presentes, de forma a não lograr o outro.

A prática de trocar presentes é de longa data e, aparentemente, estes são voluntários “[...] mas na realidade obrigatoriamente dados e retribuídos” (MAUSS, 1974, p. 41). É uma cultura de prestação econômica que vem das sociedades consideradas primitivas ou arcaicas e que proporciona o movimento de caráter voluntário, supostamente livre de obrigações, gratuito, mas na verdade ‘imposto e interessado dessas prestações’. Teoricamente, o presente leva ao prazer, proporcionado pelo bom tratamento e generosidade; porém, se trata de ficção, formalismo e logro social, escondendo obrigações e interesses econômicos. Mas que princípios formaram essa modalidade de troca no âmbito da divisão social do trabalho? Como se estabelece uma regra de direito e interesse na ocasião do dar o presente, surgindo a obrigação de retribuir? Que força extraordinária há na coisa dada que o donatário (receptor) se vê na obrigação de retribuir?

A questão moral é um elemento central nessa análise. O que se troca não são bens e riquezas materiais somente, mas também generosidades, comidas, rituais, festas e outros. São, na verdade, ‘prestações e contraprestações’ aparentemente voluntárias pela troca de ‘presentes’, regalos, mas são trocas de obrigações sob o risco de conflitos caso não haja correspondência entre as partes. Isso é chamado de “sistema de prestações totais” (MAUSS, 1974, p. 45) entre parentes, amigos e conhecidos, podendo envolver, como dissemos, ritos, festas, sucessão de bens e sacerdotais na qualidade de atividades complementares na colaboração entre pessoas. Na folia de “Seu M.” podemos notar essas práticas quando alguém o ajuda ou ele ajuda a um vizinho, parente ou conhecido.

O capitão da folia é o intermediário no caso de receber uma solicitação para pagar um voto, ou seja, o penitente solicita e ele mobiliza seus foliões para o deslocamento peregrinatório. O convite para pagamento de voto pode envolver toda a companhia, como foi o caso de “Dona D.”, sendo necessário dividir a companhia de “Seu M.” em duas partes: uma saiu com a bandeira do Divino Pai Eterno e outra com a dos Santos Reis, no período de 24 a 29 de maio de 2010. “Dona D.” tinha dois votos para entregar: um para o Divino Pai Eterno e outro para os Santos Reis. Seu filho queria ir para os EUA. Como a mãe não queria ver seu filho longe temendo algum perigo, o entregou para Santos Reis quando uma folia (a do embaixador “Js.”) passou em sua casa. Em 2002 o jovem viajou, pois estava desesperado para sair do país. Certa noite, sonhou com o filho com as mãos estendidas, pedindo socorro. O filho estava passando mal com outro rapaz da Vila Concórdia. Tomou uma água, comeu uma maçã e passou muito mal. Ficou roxo, amarelo e vomitou. Sua garganta infeccionou e sofreu muito. O amigo o animou. Durante o sonho, “Dona D.” pediu ajuda ao Divino Pai Eterno e fez o voto de tirar uma folia para Ele se fosse valida. Depois se ajoelhou e pediu aos Santos Reis que cuidassem de seu filho e que tiraria uma folia para eles depois.

Passados alguns anos, “Dona D.” solicitou a “Seu M.” para tirar a folia dos Santos Reis e ao embaixador “Js.” para girar com a bandeira do Pai Eterno. “Dona D.” exigiu que “Seu M.” coordenasse e se responsabilizasse pelas duas bandeiras. “Js.” aceitou no início, mas quando soube que “Seu M.” ficaria responsável por sua companhia também utilizou de subterfúgios para não participar da missão. “Dona D.” chorava muito imaginando que somente uma promessa seria paga. “Seu M.” entrou em oração e buscou uma solução com o Pai Eterno e os Santos Reis. Mobilizou sua folia dividindo-a em duas para atender a solicitação. Como era mês de maio e seus foliões estavam trabalhando e estudando, teve que fazer contato com seus irmãos “Ap.” e “Gt.”, vizinhos, amigos e outros.

O maior problema era convocar um guia ou gerente para a bandeira do Pai Eterno. Pensou, pensou e o folião “Ol.” repentinamente foi fazer-lhe uma visita. “Seu M.” colocou a situação ao companheiro dizendo que não estava tendo quem tomasse conta da bandeira do Pai Eterno para ele. O folião não tinha muita experiência, mas sabia orações de benzeções e defesas contra o mau. Esse folião citou cerca de cinco pessoas já experientes, mas havia um empecilho que impedia o exercício da função na citada jornada. “Seu M.” logo disse: “Tô pensando em pôr você”. O amigo disse, admirado e surpreso: “Eu, “Seu M.”!!! Eu!!!? Não estou podendo não, mas se o senhor achar que eu dou conta e é para o Pai Eterno eu vou

sim”³⁹. “Seu M.” e o amigo seguiram para a casa de “Dona D.” para avisar que levantaria e entregaria as duas bandeiras somente com seu grupo, dividido em dois. Ao chegar lá ela chorava muito. “Seu M.” a ouviu serenamente e a consolou pedindo calma. Depois dos lamentos da penitente, o capitão informou que tiraria as duas bandeiras (figuras 15 e 16). Nesse momento, as lágrimas de dor se converteram em pranto de alegria. O grupo de “Js.” seria complementar ao de “Seu M.”; mas houve a necessidade e a oportunidade de intervir, complementando seu grupo com foliões alternativos. Tal fato demonstra as relações intersubjetivas fundamentadas na dádiva e mobilizando a folia de Reis.



Figuras 15 e 16 - Folia com duas bandeiras: uma do Divino Pai Eterno e outra dos Três Reis Santos, capitão direcionando as bandeiras, pagamento de voto de “Dona D.”.
Foto: Tito Coelho, maio de 2010.

Nesse caso, a dádiva (jornada das duas bandeiras) criou um vínculo societário entre o capitão da folia e o dono de uma madeireira (o esposo de “Dona D.”), proporcionando uma interação espacial que relacionou, inclusive, o espaço-tempo da festa ao espaço-tempo cotidiano nessa troca de favores. “Seu M.” precisou de madeiramento para colocar o telhado em sua construção. Como o esposo de “Dona D.” é proprietário de uma madeireira lhe propôs vender a madeira para ser paga em suaves prestações. Mas “Seu M.” não adquiriu a madeira com o esposo de “Dona D.” por causa do tipo de madeira que o capitão da folia estava procurando.

O importante é que a dádiva trata-se de um mecanismo que ‘obriga’ o donatário a retribuir pela ‘generosidade’, podendo iniciar-se numa relação ritual e estender-se ao cotidiano, como no caso explicitado. A razão moral e religiosa são forças imensas nesse processo, podendo firmar uma amizade, mas, também, promover rivalidade quando uma das partes não é correspondida. É um “sistema de oferendas contratuais” (MAUSS, 2003, p. 194) em que a honra e o prestígio são centrais. Por isso a mesquinha é um adjetivo perigoso,

³⁹ Ol. conta que estava com um serviço difícil de fazer. Por suas próprias forças era incapaz de conseguir concluir seu trabalho. Demandava tempo, força de vontade e disciplina para realizá-lo. Encerrada a folia foi à luta. Houve um momento em que visualizou grande força Divina. Foi contar ao capitão da folia o ocorrido. Mas este recomendou para que ficasse ‘calado’, não contasse nem a ele. A magnitude de bênção poderia levar às pessoas a considerá-lo louco.

pois pode aguçar o espírito de traição à pessoa que prestou generosidade⁴⁰. Isso suscita interação espacial, uma vez que a doação deve seguir adiante e pôr em cena trajetórias espaço-temporais. Na folia, as coisas são semelhantes, uma vez que uma promessa valida pelos Santos Reis se torna uma ‘dívida’, ou melhor, há uma obrigação de retribuí-la. Até depois de falecido, desencarnado, recolhido para a ‘eternidade’, ou como se queira interpretar, a entidade é cobrada, item que será discutido posteriormente neste trabalho.

A cantoria é uma doação, um presente para os que têm fé nos Santos Reis, retribuída por uma esmola em dinheiro ou em agrado. Quem não tem dinheiro dá um cafezinho ou faz um agradecimento simbólico (de coração, como se diz) à maneira de retribuição. O pouso e o almoço são uma retribuição aos Santos Reis em forma de voto, podendo ser uma devoção (gostar) na qual eles abençoam e não deixam que nada falte para seus devotos. A festa de entrega é uma dádiva para retribuir em comedoria as ofertas arrecadadas de casa em casa. O devoto dá esmola aos Santos Reis retratados na bandeira, o capitão (figura 17) repassa para o festeiro e este retorna aos devotos em forma de festividade (comida e bebida, ajuntamento de pessoas e confraternização). Tudo isso movimentava forças mágico-religiosas nas pessoas e aciona diferentes trajetórias espaço-temporais pela interação de lares, ruas, lugares de compra de mercadorias para a festa e para a igreja, por exemplo.



Figura 17 - Capitão contando o dinheiro das ofertas para entregar à festeira.
Foto: Tito Coelho, 29 de maio de 2010, na entrega da “Dona D”.

⁴⁰ Hyde comenta, nesse sentido, que “pode-se guardar um presente de Natal, mas ele deixa de ser um presente no verdadeiro sentido da palavra se quem o recebe não o retribui” (2010, p. 30). O autor ressalta que “o essencial é apenas o seguinte: *as coisas dadas devem estar sempre em movimento*” (HYDE, 2010, p. 30, grifos do autor).

A dádiva é um vínculo de direito pelas coisas dadas, ou seja, uma obrigação subjetiva pelo vínculo criado a partir da relação material ou simbólica da coisa doada⁴¹. A troca por dádivas é um sistema de prestações totais em que é preciso retribuir ao doador como parcela de sua natureza e substância, “[...] pois, aceitar alguma coisa de alguém é aceitar algo de sua essência espiritual, de sua alma [...]” (MAUSS, 2003, p. 200). Reter a coisa doada é se submeter ao perigo e à morte, uma vez que a doação vem de uma pessoa de forma moral, física e espiritual: “essa essência, esse alimento, esses bens, móveis ou imóveis, essas mulheres ou esses descendentes, esses ritos ou essas comunhões, têm poder mágico e religioso sobre nós” (MAUSS, 2003, p. 200). A dádiva não é estática, sem movimento em si; mas ‘animada’ com forte tendência em retornar à sua origem.

Além da retribuição dos presentes recebidos ainda temos duas variáveis importantes nesse sistema de obrigações que geram movimento entre lugares e pessoas: “obrigação de dar, de um lado, obrigação de receber, de outro” (MAUSS, 2003, p. 201). Não dar, não convidar e se negar a receber pode causar um conflito, uma vez que é o mesmo que negligenciar a aliança e a comunhão, enfim, é recusar o elo do doador. O donatário tem direito de propriedade sobre os pertences do doador por meio de um vínculo mágico-espiritual. Por isso, formam-se elos de alma entre doador, donatário e doador-donatário. De outra forma, podemos imaginar uma mistura de direitos, deveres, vínculos transcendentais, entre as coisas-almas e pessoas-coisas. Há uma mentalidade de que tudo “é matéria de transmissão e de prestação de contas” (MAUSS, 2003, p. 203), tudo se movimenta para lá e para cá constantemente, em forma de troca espiritual, entre homens e coisas e vice-versa.

Ficou claro que os presentes são generosidades que produzem alianças, mas, também, rivalidades, pois os espíritos ‘desencarnados’ assistem e participam de tais cerimônias na visão dos que creem: dar, receber e retribuir. Deixar de passar numa casa para marcar um pouso deixa o devoto morador vazio, com o sentimento de desamparo, menoscabado e irado. Os foliões de pouso ficam o ano todo esperando a visita do capitão da folia para marcar o dia do almoço ou do jantar. Os conhecidos, amigos e parentes cobram deles ao se encontrarem pelas ruas, ao lhes fazerem uma visita.

No caso de nosso estudo nota-se que é “mais fácil e mais seguro intercambiar” (MAUSS, 2003, p. 206) com os Santos Reis do que com outros homens, mas estes é que materializam tal movimentação. É uma forma de contrato entre santidade e homens pela

⁴¹ Ao comentar sobre esses elos espirituais, Mauss nota que “o vínculo de direito, vínculo pelas coisas, é um vínculo de almas, pois a própria coisa tem uma alma, é alma. Donde resulta que apresentar alguma coisa a alguém é apresentar algo de si” (2003, p. 200).

súplica. Quando o devoto é valido (recebe a graça ou milagre) fica devendo o objeto do voto aos Santos Reis. O santo também é visto como justiceiro e sempre ouvimos os foliões expressar: “os Três Reis é vingativo”. Eles cobram de seus devotos muita perseverança, assiduidade nas interações-rituais, requerendo muita vigilância de seus ‘trabalhadores’.

As dádivas são como dons oferecidos aos devotos por meio da cantoria (rogando aos Santos Reis bênçãos, proteção contra doenças, cura), mas por qual motivo eles retribuem com inúmeros tipos de dádivas? Pode ser alimento, bebidas, dinheiro, material de higiene pessoal e outros. Brandão explica que são “trocas de ofertas de dons e contradons” (1981, p. 41). O autor observa que isso vem das dádivas entre Deus, Jesus e os Três Reis Magos, que ofertaram ouro, incenso e mirra ao Menino. Podemos dizer que o trabalho dos Magos, em viagem peregrinatória até Belém para dar seus presentes ao Messias, foi pago com a santificação deles. As toadas são sequências dessa troca ocorrida no tempo-espaço do nascimento, que foliões e devotos cultivam até os dias de hoje: “dar, receber, retribuir” (BRANDÃO, 1981, p. 42) como regra da jornada. “Os que recebem Santos Reis entendem que aceitam as regras da jornada [...]” (BRANDÃO, 1981, p. 45). Como disse Seamon (1980), esse ritual é repetido de casa em casa devido à propriedade do corpo-sujeito intrínseca ao homem, e os versos mudam conforme a configuração familiar, pedido de canto ao falecido, entrega de voto, café e outros, ou seja, as trajetórias de espaço-tempo em cada casa conformam a maneira como se faz ali a interação espacial pela prática ritualística⁴².

Essa parte do ritual é uma interação espacial estabelecida nas dependências das moradias, na qual os foliões, guiados pelos Três Reis Santos, anunciam sua chegada com bênçãos, pedem ofertas (o devoto pode tirar o dinheiro do bolso na hora do verso), justificam dizendo que é para cumprir uma missão (no tempo) ou pagar uma promessa (fora do tempo); ao final, anunciam a bênção e se despedem proferindo que os Santos deixarão vida e saúde para os moradores. Cada parte está cumprindo com o ‘contrato’, por intermédio de uma dádiva simbólica e outra material⁴³. Nesse ritual, os fixos são interligados por um fluxo de pessoas andando de casa em casa (préstito), praticando o peditório para fazer a festa dos Santos Reis, num verdadeiro movimento de “bens e dádivas” (SILVA, 1987, f. 77). Desse modo, em se considerando as festas de folias, as dádivas são variáveis que não podem ser

⁴² Observando a repetição de entradas e saídas das casas, Pereira salientou que “A sucessão de ‘entradas’, ‘estados marginais’ e ‘saídas’ se reproduz quase infinitamente ao longo de todo o processo ritual” (2009, p. 9-10) das folias. Brandão (1981) considera essa troca de dádivas como a estrutura contratual da folia, sendo o palhaço o mediador entre foliões e dono da casa através de versos precatórios.

⁴³ Assim, a finalidade dos rituais é, em geral, fazer com que os devotos “estejam em comunhão e estejam dispostos a ouvir com a devida atenção e reverência” (COSTA JR., 2011, p. 29) as cantorias e permitir a comunhão com os Três Reis Santos.

relegadas às interações espaciais e nisso reside a importância desta tese, já que os estudos sobre interações espaciais desprezam essa variável.

2.4 A PROXIMIDADE E O DISTANCIAMENTO, A CASA E O GIRO, A ROTINA E A FESTA

O ser-em, a pre-sença, é um modo de ser no espaço por estar no interior de um mundo “circundado pelos limites extensos de alguma coisa extensa” (HEIDEGGER, 1988, p. 148), em que o interior e o seu circundante se dão no espacialmente. *Ir-girar-na-folia* é se inserir num espaço no sentido de, como diz Heidegger sobre a espacialidade em geral, “modos de ser de entes que vêm ao encontro dentro do mundo” (1988, p. 152), criados pela jornada de casa em casa. Durante o percurso, os foliões lidam com o que lhe é familiar, ocupam-se com os devotos que vêm ao encontro dos foliões no portão e deste para dentro da casa. É o encontro de dois mundos: o da casa com o mundo que está na rua, a egrégora⁴⁴ dos Santos Reis. É o distanciar-se no sentido de “fazer desaparecer o distante”, pois a essência da “pre-sença é essa possibilidade de dis-tanciar”, do como fazer que os entes “venham à proximidade” (HEIDEGGER, 1988, p. 153).

Em busca de esclarecimento, perguntamos a 15 (quinze) foliões: ir de casa para a folia é diferente de andar de casa em casa? 12 (doze) deles responderam que sim e 3 (três) que não, afirmando a fé, a tradição e a ligação que têm com o giro, mesmo sendo preciso atravessar a cidade (figura 18). Os que declararam ser diferente deslocar-se até a folia disseram-nos que o fazem, estando no giro, porque “Vai anunciar o nascimento de Jesus (Depoente “Dn.”)”; por ficar à vontade na casa do capitão, (Depoente “Vq.”); por ser o giro um trabalho feito para a “Divindade” (Depoente “Ds.”); por ser uma caminhada emocionante, como ressalta “Lc.”: “a

⁴⁴ O termo egrégora ‘gera’ vários sentidos. Para os espiritualistas, pode significar a aura de um lugar, local e espaço em que há reuniões de grupo. Pode-se interpretar como a aura de um grupo (pré-sença) espiritual: de oração, prece, reza e, no caso de folia de Santos Reis, cantorias. Pode significar entidades autônomas, persistentes e intensas. Nelas são criadas correntes mentais e psicomentais. São forças ocasionadas pelas energias físicas, emocionais, mentais e etéreas em um grupo reunido para determinada finalidade. Uma egrégora pode acumular energias de várias frequências, ou seja, de crentes, devotos e sacerdotes dedicados a orações, invocações e evocações de forças sutis. Diz-se que quanto mais ‘poderoso’ for o devoto, mais ‘força’ receberá da Divindade para transmiti-la aos outros. “Seu M.” diz que benzer estando no giro da folia é mais ‘forte’. A fé e a crença do benzido influenciam na recepção de ‘forças’ do benzedor. Não há limites para essas forças ou frequências. Elas podem proporcionar egrégoras elevadas ou de baixas frequências vibratórias, positivas ou negativas. Necessitamos de uma análise profunda dessas vibrações no espaço festivo-religioso. Sabe-se que elas se somam no Éter, sendo capazes de construir ou destruir, adoecer e curar.

saída da casa do capitão até o dia da entrega é só emoção”; o coração bate mais forte por ser um lugar especial e por estar voltado aos Santos Reis. Um embaixador que se deslocou de Inhumas-GO para o JDA disse: “É bem diferente... sair de lá pra cá é uma coisa...”. Outro embaixador afirmou que “Até o jeito de cantar é diferente... nas casas pede esmola e agradece”.

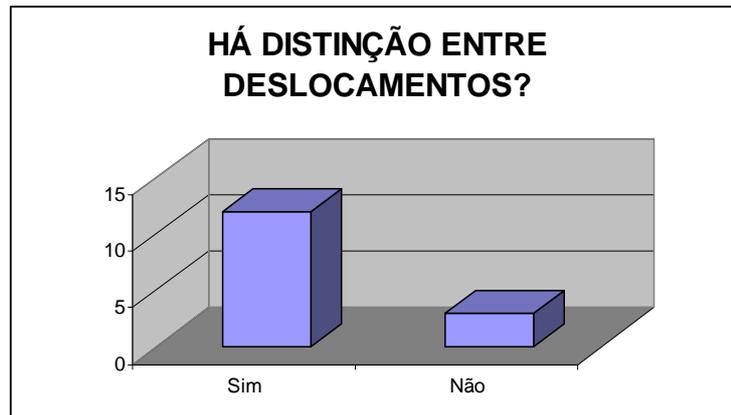


Figura 18 - Diferença entre deslocar-se de casa até a folia e no giro.
Fonte: Questionários aplicados aos foliões de giro 2010/2011.

Cada folião tem um sentimento ao estar presente na folia. Um dos depoentes respondeu “não”, mas afirmou que “Se eu estou na folia aqui e tá lá... é porque nós temos fé”, sendo difícil formular uma resposta para a transcendência do estar em casa e no giro. “Seu A.” justificou dizendo que é “a tradição que a gente tem que seguir”. “Seu O.” já nos disse assim: “Quando eu saio de casa já tô ligado aqui... minha mente já tá ligada aqui... eu tenho muito serviço, quando eu tô aqui eu não lembro”, reforçando a religação transcendental do tempo da folia com o tempo-espço sagrado. Já quando perguntados se estar na folia é diferente de estar em casa ou no trabalho, todos os 15 (quinze) foliões questionados responderam, veementemente, que sim⁴⁵. “Jpr.” declarou: “Aqui nós estando cumprindo uma missão... em casa você tem fé, mas não está junto com os companheiros”, dando destaque à pre-sença (estar inserido em outro mundo), à co-presença e à co-participação⁴⁶. “Seu O.”

⁴⁵ Ressaltamos que os foliões podem pedir licença do trabalho, trocar dias, faltar e até mesmo abandonar o emprego. Principalmente “Seu M.”. É pedreiro e pintor. Quando é giro sazonal ou solicitado a ‘pagar’ voto por um penitente, suspende ou abandona totalmente seu trabalho para girar. Não pode faltar ao seu compromisso com os Santos Reis.

⁴⁶ “Vq.” destacou a emoção de trabalhar para os Santos Reis: “Porque na folia a gente estar (sic) trabalhando para os Três Reis e é muito emocionante”. Estar na folia é, segundo “Ds.”, “momento sagrado, de inteira harmonia com Deus”. Obtivemos, ainda, a resposta de “Lc.”, enfatizando que é o momento de se sentir “outra pessoa”. “Seu A.” já disse que a folia “é também minha casa, saí de casa, mas tô na casa dos Três Reis... Ele está olhando a minha casa e eu estou aqui”. “Seu B.” disse que é diferente por gostar de cantar “pros Três Reis Santo”. “Gd.” declarou que na folia pode fazer os pedidos, “então tô retribuindo... é um jeito de retribuir”. “Pl.” disse que estar na folia lhe proporciona, além de estar trabalhando para os Três Reis, estar “conhecendo gente

destacou a distinção de estar ligado ao serviço e à devoção: estar na folia significa receber graças e a roça é o lugar de trabalhar. Veja como ele expressou sua percepção: “Porque lá só ligado no serviço, e aqui estou ligado na devoção... é daqui que recebo as graças lá... lá na roça... pra família roçar...”. Diante desses depoimentos notamos que, para os devotos, estar na rotina, na roça, é estar presente no mundo do trabalho, e estar participando da folia é sentir-se inserido no mundo da devoção – ação de graças, numa relação de familiaridade.

Nessa visão, os pontos *fixos* interligados pelos *fluxos* de foliões são os entrefixos que não estão distanciados um do outro, pois possuem intervalos marcados por essa ‘dis-tância’. É uma forma de recuperar a teoria dos fixos e fluxos em interação espacial pela aproximação na circunvisão, em que a velocidade forçada pela tecnologia aponta para a superação da distância, mas não é de modo algum determinante, pois isso importa também em certa compreensão do ser. Heidegger (1988) comenta que, pelos meios de comunicação, a ‘pre-sença dis-tância’ faz com que o mundo se amplie e destrua o mundo circundante cotidiano. Então, a pre-sença sendo, é dis-tanciamento, ou seja, um ente espacial modificador do espaço descoberto dentro da circunvisão do distanciar dos entes que ‘vão-ao-encontro’ no espaço, direcionados numa região.

O folião, ao sair de sua casa, se dis-tancia para se aproximar e ser encontrado em um local, pois, como observa Heidegger acerca do cotidiano, a “ocupação exercida na circunvisão é um dis-tanciamento direcional” (1988, p. 157). Ocupar significa ser-no-mundo e estar presente na folia é um sinal de direcionamento em busca de devotos e de levar a bênção dos Santos Reis a eles. A região em que gira a folia de “Seu M.” foi sendo descoberta por meio de suas andanças no Leste de Goiânia. Marcar os pousos, no início, foi difícil pela falta de intimidade com os devotos; todavia, com o dis-tanciamento e direcionamento às casas, o modo de ser da folia criou uma ocupação para o grupo: girar e dis-tanciar dos devotos, penitentes e simpatizantes na circunvisão de uma dada região, pois o dis-tanciamento é um modo de aproximação. “É deste direcionamento que nascem as direções fixas de direita e esquerda” (HEIDEGGER, 1988, p. 157), como aquela para sair e chegar à casa do festeiro.

Maia (2010) observa as regras ritualísticas e seus movimentos simbólicos, encenações concretas da fantasia, podendo ocorrer individualmente ou em um grupo de pessoas. Aproximando-se do outro na coletividade afirma-se um compromisso do indivíduo com os outros. Isso ocorre pelo fato de os rituais serem dotados de movimento corporal,

diferente, fazendo amizade”. Um dos embaixadores nos disse que, na folia, “você tá cumprindo uma missão, abençoando as pessoas nas casas; eu considero a folia como se fosse uma novena”. Nesse caso, sente-se útil por poder levar a bênção para as pessoas e por quebrar a rotina do mesmo modo que reza em casa.

posicionamento e formas de controle, já que se delegam atribuições a um líder para que organize os movimentos. Para o autor, em termos geográficos, “os posicionamentos e direcionamentos, mais do que as palavras, definem os rituais” (MAIA, 2010, p. 97); cada folião sente-se útil ao realizar a função reconhecida em determinado ‘nicho’ e somente ali. Desse modo, “os rituais têm um conteúdo emocional e produzem interações espaciais” (MAIA, 2010, p. 98), sentindo-se o folião, ao ver o outro se emocionar, motivado a cantar, tocar e rezar em certos fixos ao qual ele se põe em fluxo direcional. Daí os gestos, os sorrisos, as lágrimas, a expressão corporal, a concentração, o silêncio, o “dito e o não dito nos rituais” (MAIA, 2010, p.), uma vez que os motivos da emoção do outro nem sempre são revelados.

É comum ouvir dos devotos que sentiram ou perceberam algo nas cantorias do canto ao falecido, no pagamento de voto, no agradecimento de mesa. Quando a folia chega num arco, por exemplo, percebemos os olhos avermelhados e irrigados por discretas ou compulsivas lágrimas que correm pelos olhos. Mas não é comum ouvirmos falar a respeito dos motivos de tais emoções. Portanto, essas emoções, como adverte Maia baseado em Sartre, não são um acidente ou “desordem” (MAIA, 2010, p. 102), mas uma das manifestações do homem na qualidade de ser-no-mundo. É praticamente impossível um devoto de Santos Reis contornar as emoções ao sentir ou ‘perceber’ uma hierofania, visto haver uma alteração involuntária do estado de alma ao visualizar a bandeira e ouvir a cantoria; algo de sagrado se manifesta em determinado espaço.

Maia (2010) questiona como abordar interações espaciais a partir dos rituais, aventando que, para isso, é necessário recuperar os participantes como “co-presenças” ou “ser-no-mundo” que reconhecem o outro também como “ser-no-mundo”. Maia ressalta, ainda, que há certa identidade entre os coparticipantes, mas não existe total harmonia, visto cada partícipe apresentar-se como sujeito “nesse modo de ser no ritual”, não se excluindo “hierarquias, negociações, resistências, conflitos, tensões, etc.” (2010, p. 105). Na folia de “Seu M.” verificamos essas características, por exemplo, no tocante à gerência do capitão e às inúmeras intervenções dele para negociar os mais variados tipos de problemas: desde a resistência dos foliões na dificuldade de superar a indisciplina, os conflitos do embaixador com os que fazem vozes ou tocam, até conflitos e tensões com foliões de pousos e outros. O posicionamento dos foliões (quadro 1) “define um conjunto de funções, prerrogativas e até um status social” (PESSOA, PESSOA e VIANÊS, 1993, p. 120), na folia.

Quadro 1. Posição e função dos foliões.

Posição	Quantidade	Função
Capitão	01 “Seu M.”.	Exerce todas as funções. Vozes, benzeção, marca pousos, gerencia a folia, enfim, tudo é de sua responsabilidade.
Embaixador	05 embaixadores na folia.	Embaixar: cantar na frente para as vozes responderem.
Alferes	01 alferes.	Carregar e vigiar a bandeira, receber as ofertas.
Pastorinho (palhaço)	04 pastorinhos.	Observar, vigiar e guiar a bandeira, procurar quantas pessoas existem na casa, se há voto para pagar, quando ajoelhar no chão perguntar se é voto, canto ao falecido ou devoção, saldar o arco, os santos, o altar, a lapinha; fazer adoração, passar as coroas.
Vozes	Varia a cada ano.	Responder aos versos cantados pelo embaixador.

Fonte: Trabalho de campo de Tito Coelho, abril de 2011.

O posicionamento dos foliões, para Brandão, pode ser organizado de duas formas: “a) através das posições dos integrantes segundo o exercício de controle interno do ritual; b) através das posições dos integrantes segundo a atuação no ritual” (2004, p. 347). Em outros grupos de folia de Reis é comum hierarquia e posições de controle na seguinte ordem: embaixador, gerente ou guia e foliões. Mas, na folia do JDA, “Seu M.” exerce a função de capitão e as demais posições, sendo os embaixadores, pastorinhos, alferes, festeiros e outros foliões ‘submetidos’ à sua coordenação. Ele sempre diz: “os foliões é dos Três Reis Santo, eu só ministro [administro]” (Entrevista concedida a COELHO, 05/06/2010). É como se fosse um gerente, empregado dos Três Reis Santos, o responsável pelo giro e pelos foliões.

Sobre os movimentos em copresença no fixo representado pela casa e o modo de ser no ritual, os foliões de pousos mostram o maior movimento da rua para a casa nos dias de ‘festa’. Dos 18 (dezoito) foliões entrevistados, 17 (dezessete) responderam positivamente à pergunta sobre se há mais movimento da rua para a sua casa no dia do pouso da bandeira; 1 (uma) disse que não (figura 19). “Seu Dv.” afirma que nos dias de “festa nunca faz as compras direito... durante o dia aqui é cheio, aqueles que moram longe já posam aqui”. “Seu Cs.” relacionou o dia da semana com o pouso de almoço e de jantar: “Dá meio de semana o pessoal tá trabalhando, se fosse poso dava mais”. “Gd.” salientou que se não fosse a folia não conheceria tanta gente: “Tem muito movimento, graças a Deus e Santos Reis; pessoas que me conhecem me cumprimentam porque veio na folia de Santos Reis: ‘oi professor, quando vai ser a folia?’ Se não fosse a folia não conheceria tanta gente... o povo respeita e tem amizade

por conta da folia”. “Me.” apontou que até evangélicos participam dos rituais: “Como tem... até os evangélicos, mais ou menos quatro vizinhos evangélicos...”⁴⁷.

A devota que respondeu negativamente ao questionamento disse: “Não, não vem muita gente não, se for meio de semana é só os folião e a família”. Ela quis dizer que, em sua casa, não comparecem vizinhos, amigos e outros nos dias de semana, mas deixa claro que, se fosse final de semana, o movimento seria maior. O movimento mostra-se maior, em geral, com destaque aos pousos de jantar e finais de semana quando não há trabalho.

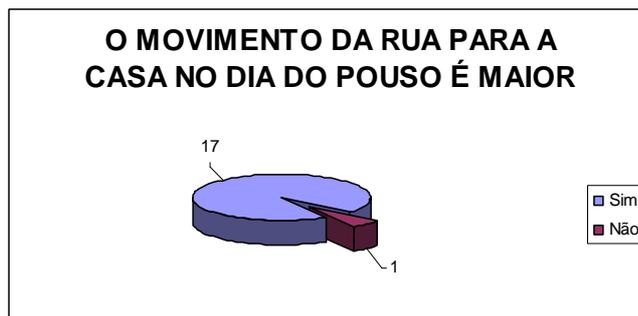


Figura 19 - Movimento da rua para a casa na ocasião do pouso da bandeira.
Fonte: Entrevista com foliões de pouso em 05/12/2010.

Complementando a análise anterior, vejamos o que muda nas casas nos dias de almoço e jantar. “Seu Dv.” observou o grande fluxo de veículos automotores e autoridades em sua festa: “Essa rua fica tapada até em cima: caminhão, carro, ônibus... só de delegado vêm três todo ano”. Sua filha complementou dizendo que “Papai fica triste quando não vem folia”, e “Seu Dv.”, melancólico, ressaltou: “Fica ruim, uma coisa que você tem prazer de fazer e não faz...”. Podemos verificar a satisfação de se fazer a festa, receber os amigos, como preenchimento do espaço, quebrando a rotina do dia-a-dia. “G.” percebe a mudança no calor atmosférico em sua casa com a amizade, as bênçãos que recebe, e partilha da fartura proporcionada pelo motivo festivo: “Muda a própria atmosfera... confraternização, bênçãos, amizade, a casa fica repleta de bênçãos, a atmosfera fica de amizade, partilha, fartura”. “Nv.” destaca que a rotina muda com o número de pessoas para pernoitar: “A rotina, uai... vem mais

⁴⁷ “Dona Fl.” disse que triplica o número de pessoas no dia da festa: “O triplo de gente... porque convidado e eles gostam da festa”. “Js.” convida os amigos de trabalho que são devotos: “Convidei... tem gente do serviço que é tradição”. “Lç.” indicou os partícipes na hora dos cânticos e da comida: “As pessoas quem vêm aqui é porque fazem parte... o movimento é na hora da cantoria e da comida”. “Gv.” demonstrou que há mais movimento de ajudantes no dia da festa: “Na hora da festa... no dia os ajudantes”. “Zé F.” percebe mais movimento, ao fazer a comida, de pessoas de toda região: “Na hora que começa a fazer a comida... é um entra e sai... chega gente de fora, vem gente da região toda”. “Seu J.” disse haver pouco movimento por ser um lugar de muitos evangélicos: “Sim, mas é pouco... não é muito não... mais é crente que tem por aqui”.

gente que dorme... o palhaço...”. Enfim, as folias modificam a casa, integrando-a a rua e redimensionando o que se entende como público e privado⁴⁸.

Notamos que a presença da folia nas casas dos foliões de pousos muda totalmente a rotina cotidiana, movimentando o ambiente, proporcionando mais emoção, satisfação, alegria; os devotos se sentem abençoados com o dever cumprido. Fazer a festa é algo ímpar durante o ano e preenche o vazio provocado pela rotina na entrefesta. Quando os foliões de pouso se despedem da bandeira, a casa fica repleta de algo que só o devoto pode dizer. Eles comentam que fica abençoada, proporcionando felicidade. Sentem saudade da folia e tristes por estarem vendo que os Três Reis estão indo embora, por isso, o momento da partida é melancólico, num misto de alegria e tristeza⁴⁹.

2.5 A OCUPAÇÃO, A ESPERA E A EMOÇÃO

Podemos pensar, então, na interação espacial a partir do ser no ritual pela passagem do individual ao coletivo, ao tornar-se ‘ser-com’ como partícipe junto aos outros participantes,

⁴⁸ “Dona Jd.” destacou a emoção, a felicidade e o clima festivo: “O nosso clima emocional fica mais feliz... a gente fica em clima de festa”. “Dona Fl.” apontou a agitação, a correria para completar os materiais necessários para a festa nos supermercados do lugar: “Fica agitado... é correria total, vai ao supermercado...”. “Lç.” também observou a pressa, a expectativa, destacando, ainda, a animação e a emoção diante da Divindade: “Correria, preocupação de dar tudo certo, animação e emoção de receber o Espírito Santo, os Três Reis Mago... quem sou eu, né?”. “Mg.” percebe que a casa é harmonizada, fica mais feliz com a presença da folia: “Tudo... comportamento, as brigas acabam, alegria, tem prazer de servir os foliões”.

⁴⁹ Ao se despedir da bandeira, “Seu Dv.” disse que a casa fica: “Uma bênção... fico com saudade do ano que vem”. “Cs.” ressalta a bênção, fica feliz, recebe força para ajudar o outro e abundância: “A casa fica abençoada... eu fico feliz pela força que ele me deu para eu ajudar as pessoas, faz aumentar”. “G.” sente saudades e fica com esperança de receber a folia novamente e ser folião: “Saudade... fica saudoso na esperança que no ano que vem receba novamente e seja melhor... gostaria de ser folião enquanto vida tiver”. “Jd.” disse que fica com saudade do outro ano e sente que fica em paz: “Já sente a saudade do outro ano... fica aquele clima assim... muita paz”. “Cl.” sente que a bênção dos Três Reis Santos por ter lhes acolhido “como se tivesse acolhido Jesus Cristo quando ele nasceu”. “Me.” demonstrou tristeza por estar se despedindo, mas a supera por poder acompanhar o grupo: “Ai, ai, ai... aí a casa começa entristecer, porque o povo vai embora, né? Não acho tão ruim porque acompanho os Três Reis Santos, né?”. “Dona Fl.” sente a bênção, a virtude, sem saber expressá-las, mas diz que algo fica no ambiente: “Sinto a minha casa de bênção... de tanta coisa boa, de virtude... não tem como explicar... sinto que eles vão e ficam ao mesmo tempo”. “Fb.” menciona um vazio, mas que algumas pessoas ficam dialogando sobre a folia: “Fica uma sensação de vazio... mas ficam umas pessoas conversando, discutindo... o que envolve esses assuntos do Santo Rei, né?”. O caminhoneiro “Gv.” disse que fica desolado e com vontade de acompanhar o grupo: “Fica meio descabriado (sic)... fico achando ruim, a gente tem que sair [trabalhar], se pudesse acompanhar...”. “Mg.” menciona a bênção e que o grupo se ausentou, mas o espaço da casa permanece cheio e, no outro, dia recebe pelo que gastou: “Abençoada... dentro da casa... na hora que dá a bênção dá uma sensação de que os foliões vão, mas a casa ainda está cheia... parece que os foliões foram, mas fica... o dinheiro no outro dia aparece... o Santo Rei manda”. “Zé F.” exalta a proteção, a alegria, a purificação durante o ano: “Protegida..., mas é por causa da alegria... parece que o ambiente fica purificado... aqui fica o ano todo, aquela alegria”.

distinguindo-se dos estranhos numa ligação fundamentada em aspectos inter-subjetivos irradiados a partir do JDA⁵⁰. Assim, ir à folia é ir ao encontro de ocupações orientadas por uma circunvisão no ‘mundo circundante’, é sentir-se localizado num espaço habitado ao se ocupar no ritual. Expomos, a seguir, o resultado da pesquisa no que se refere aos questionamentos que dizem respeito à ocupação.

Ao questionarmos a 15 (quinze) foliões de giro se a participação individual e dos demais companheiros na folia é importante, a maioria deu parecer positivo. “Jpr.” disse que “é porque a gente tem que estar junto com os companheiros”, demonstrando coleguismo, afetividade e importância de estar com o outro. “Dn.”, uma foliã, nos falou que “sem os foliões não sai nada”, enfatizando a necessidade do outro como elemento indispensável aos rituais. “Vq.” proferiu que “se nós não formos unidos não podemos girar com a folia”, resgatando a necessidade de pre-sença e coparticipação, pois, sem o outro, é impossível a festa, dado o caráter coletivo dos rituais⁵¹. “Seu O.” valorizou a participação do outro no cumprimento de sua função: “Eu só não dou conta de resolver a função... eu dependo dos companheiros”. Outros destacaram a amizade, um não soube responder e outros não se manifestaram.

A temporalidade da festa é marcada por uma “compreensão do movimento historial” (MAIA, 1999, p. 200), dando-se importância à preservação da fé, à tradição de estar com o outro, à emoção como partícipe, ao fato de ter construído um grupo, ao apego com o Santo e, ainda, ao tempo de poder descansar. Isso torna o giro da folia significativa, caracteriza e promove a composição do préstito. O tempo de espera durante o ano é difícil, pois estar com o outro por meio da fé é importante para os foliões. De outro modo, tempo-da-festa é um tempo esperado e “conta-se com sua realização”, vivendo-se um “tempo custoso” (MAIA, 1999, p. 201). O folião “Jpr.” nos disse que espera o ano todo: “Eu tenho fé e gosto de estar com os companheiros através da fé”, e continua seu relato afirmando que, em um ano afastado do grupo, sentiu muita saudade: “Nossa...!!! Senti!!!”. “Vq.” disse que espera para “poder girar e

⁵⁰ Para Heidegger, “O ‘com’ é uma determinação da pre-sença” e o “‘também’ significa a igualdade no ser enquanto ser-no-mundo que se ocupa dentro de uma circunvisão” (1988, p. 170), entendidos existencialmente, e não como categoria. É o que o autor chama de mundo compartilhado com os outros (mundo da pre-sença) e ser-com os outros (ser-em), pois o “ser-em-si intramundano destes outros é *co-pre-sença*”.

⁵¹ “Ds.” deu importância para a constituição do todo ao afirmar que “Cada um forma o todo da folia”, sendo a folia um todo e suas partes, sabendo-se da diversidade e das adversidades que ocorrem. “Lc.” apontou a característica coletiva da folia, já que “sem os componentes não podemos sair”. “Seu A.” relatou que para “seguir a tradição, se você não gosta, não faz. Somos nós, se fica só... você fica sozinho”. “Rb.” destacou a obrigação de cada um, dizendo: “Eu só não tenho como eu girar folia, todos têm obrigação”. “Seu B.” observou a satisfação de estar com o outro: “Porque é bom estar com os companheiros... contar um causo, contar outro, lembrar dos antigos...”. “Dona S.” percebeu a importância dos cantores e instrumentistas, ressaltando que é “mode os que cantam, os que tocam...”.

se emocionar e trabalhar para os Santos Reis”. O alferes da bandeira espera o ano todo para andar com a bandeira dos Santos Reis, dizendo: “Porque gosto... me peguei com ele e ele me valeu, né?”. Um dos embaixadores enfatizou a experiência de estar no grupo desde o começo: “Porque tô nela [folia] desde que começou... eu tô nela”. Para “Seu O.”, que se prepara o ano todo, a folia é um descanso: “Vou trabalhando e vou preparando esse dia... o serviço não acaba, então vou trabalhando e já tá mais ou menos organizado, desligo do serviço e descanso a cabeça do serviço”. Ao se aproximar do dia da saída, a ansiedade aumenta, pois são “instantes de ‘vigia’ e ‘preparo’ marcados pela extrema expectativa” (MAIA, 1999, p. 202). A véspera, para o autor, é o intervalo de tempo real e mais próximo do evento, mas vivenciada como o “mais ‘demorado’”, em que o sentimento “mágico-emocional” supera o “psíquico-racional”. Costa observa que “o tempo da Festa é esperado com ansiedade por muitos” (2010, p. 93), pois se passa o ano todo preparando a festa e na expectativa de realização de algo.

Ao entrevistar os festeiros de “Seu M.”, alguns dados novos e surpreendentes foram constatados em relação ao tempo de espera. Há pessoas que esperam para ser festeiros de Santos Reis anos e anos. A festeira de janeiro de 2007 disse: “Esperei a vida inteira para ser festeira dos Três Reis, era meu sonho ser coroada. Conheci folia na Bahia desde seis anos de idade e sei cantar os versos dos Reis e do Espírito Santo baianos até hoje”. “Dona F.” dá pouso para a bandeira de “Seu M.” há aproximadamente 18 anos. A primeira vez que colocou o nome no sorteio foi na entrega de 06 de janeiro de 2006 e já foi sorteada. Conhecendo a folia de “Seu M.”, o festeiro do giro de 2009 e 2010, “Zé F.”, declarou: “esperamos nove anos para sermos sorteados e coroados festeiros” [no dia 06 de janeiro de 2009]. Ele conta que sentiu arrepios no momento: “Arrepiei quando peguei a coroa... a roupa dos palhaços... aí foi tudo tranquilo durante o ano”.

Quando questionados se ficam ansiosos ao se aproximar o dia da saída da bandeira, os 15 (quinze) foliões declararam que sim. Os depoentes destacaram a emoção, a festividade, a fé e, como disse “Jpr.”, “a gente canta até melhor”. “Vq.” afirmou que é muito “emocionante para quem tem fé”; “Ds.” complementou dizendo que é um tempo “de alegria; de desejo de harmonizar com os Santos. É pura emoção!”. “Seu A.”, sanfoneiro de folia, expressou, com ar de reminiscência: “Não só da folia do tempo, mas de dezesseis folias por ano... dezesseis esse ano... só em Trindade foram três ou quatro”. Um dos pastorinhos da folia ressaltou que “É porque revê os amigos, irmãos, né? Que são foliões dos Três Reis...”⁵².

⁵² Nas declarações dos depoentes, a saúde também foi citada como elemento importante para os foliões, a exemplo dos dizeres de “G.”: “ansioso pedindo saúde pra acompanhar a bandeira”. Para o alferes “Dona S.”, a ansiedade é por poder tocar nos santos retratados na bandeira, sente-se como se estivesse de mãos dadas com

Quanto à parte do ritual, que mais emociona os foliões de pousos, concluímos que todos os rituais são emocionantes, com destaque do canto ao falecido (figuras 20, 21, 22 e 23). A falta do cônjuge falecido, dos pais, dos avós e de outros causa grande estado de ânimo, mesmo que não se entoe esse cântico. Assim, a folia, como temos dito, não estabelece apenas, para o devoto, uma comunicação com os Santos Reis, mas também com falecidos, os quais são rememorados e também inseridos nesse contexto de devoção. “Cs.” se emocionou ao relatar a falta da esposa: “Agradecimento da mesa, quando chega... com a perca da mulher... a gente fica mais, né? Porque no tempo que as folia vinha aqui, né? Ela era da frente, a gente sente a falta dela, né? Emociona, né?”. Ao anunciar a mudança da cantoria para cantar para o falecido algo “parece” ser inserido no lugar, ou seja, fazer-se presente⁵³.



Figuras 20 e 21 - Emoção da dona da casa ao pegar na bandeira no arco.
Foto: Tito Coelho, dezembro de 2009.



Figura 22 e 23 - Dona da casa se emociona durante a cantoria do Bendito da Mesa.
Foto: Tito Coelho, dezembro de 2009.

eles: “porque vou pegar na... na... os Três Reis...”. As toadas, como rezas cantadas, também foram assinaladas por um dos embaixadores: “A cantoria é linda, como se estivessem rezando...”. “Seu O.” se situou como muito emocionado: “Porque às vezes eu fico lá pelejando pra sair, tem que arrumar as coisas, mas meu sentido já tá aqui”.

⁵³ O professor “G.” se emociona com todos os rituais, mas quando canta para sua mãe a emoção é maior: “Da chegada até a oração de despedida, mas emocio mais quando canta para minha mãe falecida, parece que ela está juntinha da gente”. “Jd.” gosta da chegada, dos palhaços, mas se emociona quando canta para o pai: “Quando canta pro meu pai, para os que faleceram”. “Cl.” disse que se emociona ao ouvir a toada do nascimento: “Toda vez eu arrepio”. “Lç.” sente-se emocionada em todos os momentos, mas enfatiza: “Quando canta para minha avó... a emoção dela passa pra mim como se ela estivesse do meu lado, quando ela fazia a festa”. “Fb.” disse que se emociona com tudo, da chegada até a saída, mas a chegada “lembra muito a família da roça... recorda tudo isso, então você vive tudo”.

Embora os foliões de giro em geral se sintam emocionados com todos os rituais da folia, alguns depoimentos nos chamaram a atenção: “Todos! Quando se canta é um momento de louvor e encontro com o Astral”; “Pra mim é tudo igual, tô cantando pro povão, mas tô cantando pros Três Reis, se o povo acha bom é eles que vê”; “Prá mim tudo é bom, não tem separação não”. É uma maneira de lidar com o mundo dentro de outro criado pela santificação do espaço, estando-se presente na folia. Os versos são muito importantes na comunicação entre os homens e o mundo cósmico. Para Tremura, é por meio do verso que surge “o equilíbrio entre as partes na comunicação entre o mundano e o espiritual” (2004, p. 7).

A emoção é, assim, uma variável que se mostra como elemento relevante para nossa análise, pois ocorre no tempo-espaço festivo do giro de folia de Santos Reis como ritual de passagem de um ano a outro. Em geral, a falta dos ritos da folia significa deixar um espaço vazio durante todo o ano. É deixar de receber os Santos Reis, os amigos, os parentes que se ‘supõem existir’, mesmo tendo falecidos. Por conseguinte, o que se observou, no giro de Folia de Santos Reis, é que a emoção é um valor, uma utopia e um sentimento de as pessoas estarem alhures, suscitando, destarte, direcionamentos, deslocamentos, movimentos e posicionamentos espaciais ritualizados retratados nos gestos, nas expressões corporais, nos sentimentos revelados nas lágrimas, que, muitas das vezes, são difíceis ou impossíveis de conter. Os encantamentos oferecidos pela folia transformam as relações com o mundo ou com o outro mundo e permitem a interação espacial, afirmando um movimento religioso e sua propriedade sagrada (MAIA, 2010).

Corrêa afirma que existe uma interação espacial social e cultural em movimento, ou seja, referentes aos pontos ou nós da cultura em suas relações com suas áreas e adjacências, das áreas com suas hinterlândias. Para ele, a rede geográfica é um elemento espacial muito importante na análise das interações espaciais, uma vez que as localizações articuladas entre si, por vias e fluxos, permitem efetivamente a realização das interações. Pela rede geográfica se distribuem os fixos, interligados por fluxos de pessoas, informações, cargas e outros, já que “as redes são essenciais para a existência, reprodução e transformação social desde os tempos antigos, quando elas eram trilhas em direção a um poço d’água, à caça, estradas que levavam a um clã e uma cidade” (CORRÊA, 1997, p. 306).

A partir das considerações anteriores, podemos relacionar as interações espaciais aos fixos, aos fluxos e aos movimentos ritualizados, como é o caso dos contidos em uma folia de Reis. Por meio desses elementos, podemos ainda analisar as vias e os pontos como estrutura para o movimento de pessoas e coisas; os motivos pelos quais os homens se deslocam; e como se dão os movimentos nas práticas espaciais, gerando-se vários contos.

No croqui do movimento do giro (figura 24) a linha verde demonstra o trajeto dos foliões de casa em casa, sendo a linha seccionada em alaranjado o trajeto de deslocamento do grupo, embarcado em veículos de integrantes da folia, festeiros e outros. As setas em vermelho indicam o movimento de pouso em pouso da bandeira (almoço e jantar). As setas em rosa indicam a convergência de pessoas para participar dos rituais de pouso da bandeira. Podemos perceber as interações formadas pelo giro da folia, em que os nós ou fixos recebem e emitem fluxo de pessoas de um para outro. Na segunda parte do trabalho, analisaremos melhor esses movimentos.

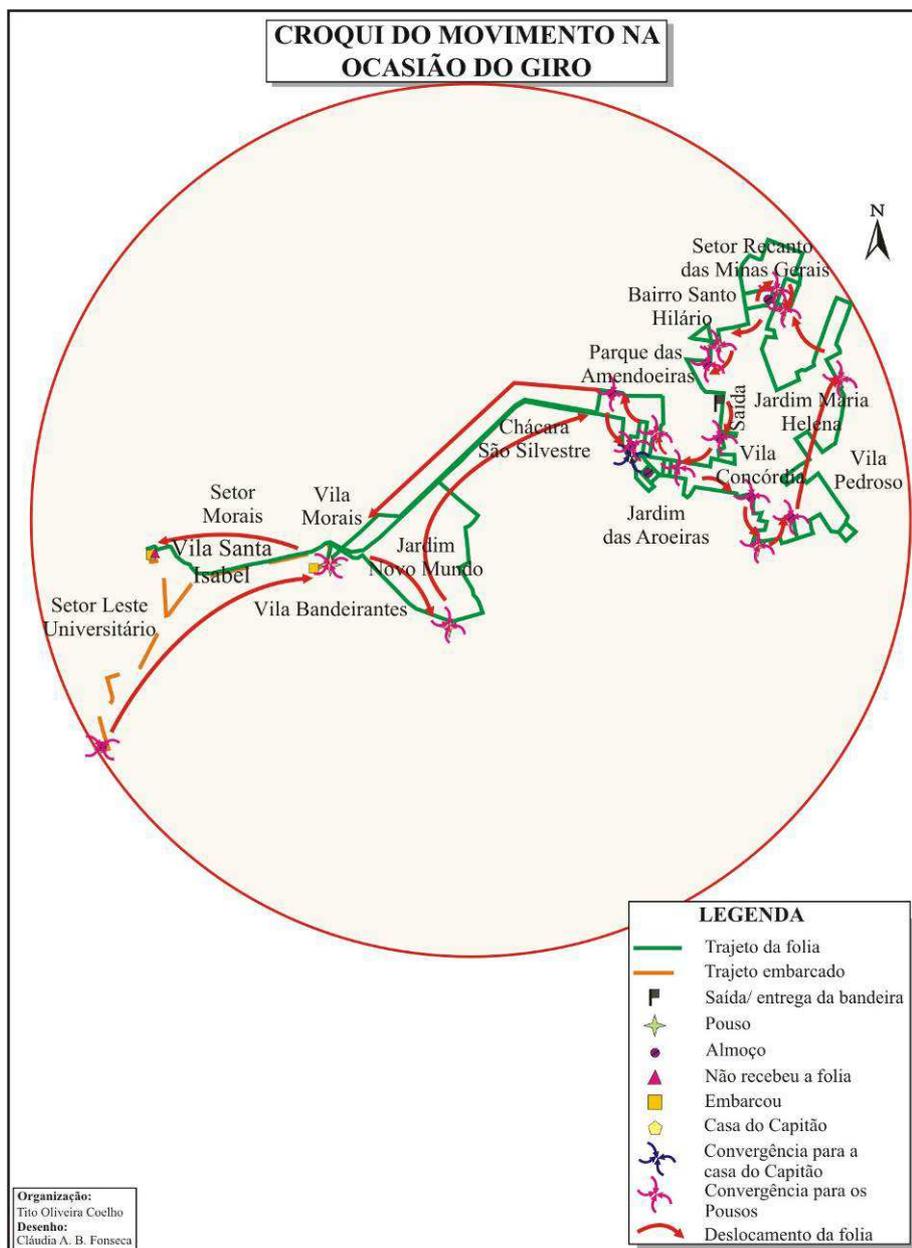


Figura 24 - Croqui do movimento de foliões e participantes nos pousos da bandeira.
Fonte: Trabalho de campo de 27 de dezembro de 2009 a 06 de janeiro de 2010.

Segunda Parte: SAÍDAS, CHEGADAS, ENCONTROS E DESPEDIDAS: OS RITUAIS DE FOLIA

Marcar um giro de folia não é tarefa fácil, uma vez que exige relação com os lugares e com seus habitantes. No primeiro caso, há necessidade de planejamento dos pontos de paradas, considerando-se os pagamentos de votos, as distâncias e o tempo disponível a cada dia de andança. No segundo, é importante a confiança que os ‘donos e donas de casa’ atribuem ao grupo, ao chefe da folia e à organização ritualística ao chegar, permanecer e sair do pouso. Em outras palavras, podemos dizer que é relevante o poder de mediação do ‘chefe de grupo’ entre devotos moradores e os integrantes da folia.

Preparar a saída de um grupo religioso em interação espacial entre rua e casa exige persistência no treinamento dos músicos; habilidade em manter a coesão do grupo por meio da crença e da fé, estar atento aos movimentos-rituais e prever supostos empecilhos aos quais estão sujeitos. Na saída de uma folia observam-se normas-rituais, coerência nas toadas, interdições e permissividade. A visita a uma casa também demanda experiência, habilidade e capacidade para realizar os deslocamentos, movimentos e interpretar várias situações nas quais se encontram, tal como imagens, símbolos e solicitações sutis.

Para chegar e sair de um pouso de bandeira requer-se percepção do espaço, da paisagem (arcos, enfeites, indicações), de informações e capacidade de improvisação. Os movimentos principais observados são a abordagem dos donos da casa, a evolução até o arco, a passagem da rua para a casa, a entrada para pousar a bandeira, o encontro com o outro, a comilança, o agradecimento, o levantamento da bandeira e, ao despedir-se, a saída para a rua novamente. A cantoria em todos eles segue normas, sob pena de aprisionamento da bandeira, do palhaço e outras.

Na recolhida de uma bandeira a organização do espaço, a paisagem e os rituais são específicos desse acontecimento. Há interdição do trânsito, montagem de abrigo, acrescentam-se símbolos ao arco (estrela guia), enfeita-se o salão, há maior fluxo de pessoas e modificam-se os rituais após a adoração ao presépio. O dia da entrega (festa final) é um dia de muito trabalho por parte dos festeiros, ou seja, de aquisição de elementos para que a festa seja realizada com sucesso. Tudo tem que estar pronto até a chegada do grupo de foliões e dos convidados para a festa, sendo necessário tempo para estar bem trajado para o recebimento da bandeira.

No dia dos festejos finais observamos grande movimento de pessoas para a casa do festeiro a fim de participar das cantorias, rezarem, fazer promessas, pagar votos, pedir cantoria para falecidos; se divertir com as brincadeiras dos pastorinhos, enfim, de poder comer e interagir com o outro. A entrega é o dia de se despedir dos companheiros de jornada, dos conhecidos, dos festeiros, do capitão como gerente da folia, dos Santos Reis. É dia de se desculpar e pedir perdão dos mal entendidos, reconciliar e superar possíveis ressentimentos causados pelas atitudes desagradáveis. Vejamos tudo isso, de modo detalhado, nos capítulos seguintes.

CAPÍTULO 3. DA MARCAÇÃO DOS GIROS À SAÍDA DA BANDEIRA

Neste capítulo, analisaremos especialmente as interações espaciais nas ocasiões de marcação do giro ou jornada e saída de bandeira da Folia de Reis do Jardim das Aroeiras. Nesse evento estão imbricadas a marcação de pousos da bandeira (almoço e jantar) e a saída da bandeira da casa do festeiro. O giro da folia de “Seu M.” começa com rituais populares, sem a presença de sacerdotes oficiais, e sua essência é o culto coletivo aos Santos Reis e, por tabela, a Deus-Menino, sob a responsabilidade total do capitão. Como descreveu Brandão ao estudar a Folia de Reis de Mossâmedes: “O que tem sido dito para outros grupos de foliões do interior do Brasil pode ser atribuído aos de Mossâmedes” (2004, p. 347).

3.1 A MARCAÇÃO DO GIRO

Para marcar o giro de uma folia é necessário que o capitão faça um “pequeno exercício de geografia” (PESSOA e FÉLIX, 2007, p. 200), considerando a saída pelo lado direito e a chegada pelo esquerdo. “Seu M.” tem um mapa mental já formado e cristalizado em sua memória ao longo de duas décadas. O giro é marcado conforme a localização da casa do festeiro, que cria uma centralidade na festa, a qual dispõe a trajetória da interação espacial entre os pontos de pousos, tendo-se que observar, então, a ‘direção’ de saída e retorno. Não cruzar a bandeira é um interdito, sob pena de falecer um festeiro e um folião, segundo a crença do folião. Sair pela esquerda também o é, pois isso pode causar problemas, como “os foliões enrouquecerem, os instrumentos não se afinarem ou, no limite, alguma doença impedir os foliões de seguirem em frente” (PESSOA e FÉLIX, 2007, p. 200). Por isso, é necessário pensar e planejar a trajetória previamente.

Na marcação do giro podemos perceber o espaço como uma composição de mobilidades e temporalidades várias e também observar que a distância é uma variável considerada nessa interação espacial. No dia de marcar os ‘pousos’ necessita-se de meio de transporte, custeio com combustível e disposição para fazê-lo⁵⁴. Nesse caso, a interação

⁵⁴ A marcação do giro pode durar um dia e parte da noite, pois são percorridas 21 (vinte e uma) casas pelos setores da região Leste da cidade, podendo ocorrer imprevistos tais como chuva e o fato de não encontrar os moradores em casa, além de outros.

espacial proporciona a produção de uma rede de relações essenciais para a existência, reprodução e transformação social mediante a movimentação de pessoas e coisas, de dimensões materiais e imateriais no espaço. Essas interações espaciais são então influenciadas pela distância, que pode aumentar o custo da transferência e o tempo de deslocamento⁵⁵. No dia de marcar o giro da folia “Seu M.” sai com os festeiros e se reúne com os familiares dos devotos moradores para articular o pouso da bandeira (figura 25).



Figura 25 - Marcação do giro da folia de “Dona D.”.
Foto: Tito Coelho, 02 de maio de 2010.

Na marcação do giro, a folia evita incluir em seu trajeto o centro comercial da cidade, pois os possíveis devotos estão trabalhando ou são moradores de apartamentos. As jornadas são marcadas preferencialmente pelas ruas onde as famílias devotas podem receber os Santos Reis nas suas residências não condominiais em forma de casas. Desse modo, as práticas cotidianas da cidade interferem nos grupos, favorecendo que estes prefiram uns lugares a outros.

Note-se que o giro de uma folia pode ser aberto ou fechado. No caso do giro fechado, “acontece quando ela retorna, no dia 6, à casa onde saiu [...] o lugar da saída é, então, o mesmo da entrega” (BRANDÃO 2004, p. 351), ou seja, a casa do festeiro⁵⁶. Os festeiros sorteados na folia 2009/2010 eram moradores do JDA e ganharam uma moradia popular no Jardim do Cerrado III, próximo à Trindade, há aproximadamente 35 quilômetros do lugar de origem. O fato causou insatisfação aos foliões devido à variável distância. Cogitou-se fretar um ônibus para o transporte dos foliões nos dias da saída e da entrega da bandeira. Contudo, o pai da festeira (que morava no JDA) faleceu três meses antes do dia da entrega (06/10/2010) e resolveu-se levantar a bandeira no extremo da cidade (Rua das Camomilas, qd. 4, lt. 23,

⁵⁵ A distância pode fazer declinar ou favorecer as interações espaciais (CORRÊA, 1997). Paralelamente, manifestações culturais específicas podem dar origem a interações espaciais reguladas por visões particulares da distância, estabelecendo-se graus distintos de mobilidade.

⁵⁶ O giro aberto é geralmente aquele das jornadas temporãs (fora do tempo) para pagamento de voto, como foi o caso da folia de “Dona D.”, que saiu da Vila Pedroso, em Goiânia, e foi para uma chácara pertencente ao filho dela, no município de Leopoldo de Bulhões. A bandeira saiu de uma casa e foi recolhida em outra.

Jardim do Cerrado III, Região Noroeste de Goiânia), girar em quatro casas por lá, almoçar no Setor Universitário e entregar a bandeira no JDA, abrindo o giro (figuras 26 e 27).



Figuras 26 e 27 - Saída da jornada 2010/2011 do Jardim do Cerrado III, excepcionalmente um giro aberto por não retornar à origem.

Foto: Tito Coelho, 27 de dezembro de 2010.

A jornada sazonal da folia do JDA foi aberta em 2010, saindo do Jardim do Cerrado e entregando a bandeira na casa do finado pai da festeira no JDA, Região Leste de Goiânia (Avenida das Aroeiras, qd. 8, lt. 11). Na folia sazonal de “Seu M.” a jornada é sempre fechada, um giro propriamente dito, saindo e retornando para a mesma casa. Em casos de jornada aberta, Porto considera que: “isso não é, contudo, rígido. Há folias que admitem a saída de uma casa e o encerramento noutra” (1982, p. 26), como foi o caso supracitado⁵⁷.

Assim, a determinação dos pousos é um processo em que se “avisa aos moradores dos pousos em que dia a folia deverá chegar a suas casas” (BRANDÃO, 1977, p. 8) para que os devotos possam preparar a recepção (arco, toldo, presépio, lapinha, altar, comida) e, com isso, convidar as pessoas, o que amplia a dimensão espacial das interações. Para representar uma jornada de Folia de Santos Reis, Brandão esboçou um diagrama (quadro 2) com as seguintes variáveis: “*pouso de janta giro pouso de almoço giro pouso de janta*” (1977, p. 8). O primeiro pouso da bandeira (no jantar) é o lugar de saída a cada manhã; o giro, o percurso ritual de pedir esmolas; o pouso de almoço significa o meio do dia, horário para almoçar, mesmo que seja após as 14h; o pouso de janta é o lugar de chegada ao fim do giro do dia, para o jantar e repouso dos foliões.

⁵⁷ Quando o giro é aberto, mais característico de uma jornada, no caso de os festeiros montarem o presépio, tem que cantar o Nascimento na saída e na chegada (caso excepcionalmente ocorrido na folia do JDA na jornada de 2010/2011). Isso porque a bandeira não retornará ao lugar de origem. Quando a bandeira sai de uma origem e retorna a ela como destino não precisa cantar o Nascimento na saída, pois na chegada ou recolhida é feita essa cantoria.

Quadro 2. Esquema da jornada dos Três Reis Santos

POUSO DE JANTA	GIRO	POUSO DE ALMOÇO	GIRO	POUSO DE JANTA
Lugar de saída a cada manhã.	Percurso ritual do peditório de esmolos.	Pouso do meio-dia para almoço.	Percurso ritual do peditório de esmolos.	Lugar de chegada ao fim do dia para jantar e repouso.

Fonte: Brandão (2004, p. 351).

3.2 A SAÍDA DA BANDEIRA

Iniciemos este subcapítulo partindo da seguinte premissa reflexiva:

Muitas pessoas sentem-se cansadas de doutrinas religiosas, de reflexões teológicas e de discursos sobre Deus e sobre o Sagrado. Mas escutam atentamente quem fala a partir da experiência de Deus. Elas mesmas querem sentir Deus ou fazer aquela experiência, interpretada como sendo a emergência de Deus. Então, perguntam-se: como experimentar Deus e Ter um encontro com Ele? (BOFF, 2000, p. 145)

Assim, ao tratar da questão espaço sacro-profano, Raffestin, à semelhança de Boff, considerou que, “do mesmo modo que a língua, a religião é um sistema sêmico, cuja função é assegurar uma mediação” (RAFFESTIN, 1993, p. 119). Ou seja, mediação do homem (profano) com Deus (sagrado) ou do homem com o sobrenatural. Dessa maneira, podemos observar que há interação entre homens e seres divinos de um modo geral na sociedade, a qual aufere distintas formas de poder àqueles. Tal interação diz respeito a relações de poder por distinguir, de imediato, o espaço sagrado do espaço profano⁵⁸. Há relações recíprocas (relativas às interações espaciais) no espaço sagrado intermediadas pelos fatos culturais, isto é, embora os espaços sagrado e profano sejam distintos eles, ao mesmo tempo, se entrelaçam.

Assim, a religião administra as coisas sagradas; ela é a soma das relações das pessoas com esse universo, sendo, ainda, um instrumento eficaz de comunicação e comunhão dos indivíduos, já que há produção e circulação de mensagens sagradas durante os rituais. Ao perceber a complexidade do fato religioso como elemento histórico, Eliade elucidada que “a mais nobre mensagem religiosa, a mais universal experiência mística, o mais comum dos

⁵⁸ Segundo Eliade, “a primeira definição que se pode dar ao sagrado é que ele se opõe ao profano” (2001, p. 17). Para o autor, é possível conhecer o sagrado, porque se *manifesta* e se mostra como diferente do profano, em forma de *hierofania*: algo de sagrado se revela. Pode-se dizer, então, que são manifestações das realidades sagradas em objetos, pedras, árvores (hierofania elementar) ou a encarnação de “Deus em Jesus Cristo” (hierofania suprema), conhecida como Epifania do Senhor. Também Rosendahl adverte que “o ser humano, ao aceitar a hierofania, experimenta um sentimento religioso em relação ao objeto sagrado” (1996, p. 27).

comportamentos humanos - como, por exemplo, o temor religioso, o rito, a prece - singularizam-se e delimitam-se à medida que se manifestam” (1996, p. 27).

Estudar as interações espaciais no ‘espaço-ritual’ das folias é uma forma de se pensar a movimentação de pessoas em espaços festivo-religiosos. Por isso, o estudo dos conceitos de rito e ritual são ‘luzes’ para a compreensão desse processo. Ferreira define rito como “[...] regras e cerimônias próprias da prática de uma religião [...] culto; religião” (2004, p. 649). Como ritual, o autor argumenta que é “relativo a ritos... liturgia, cerimonial, etiqueta”. Já Cunha conceitua rito como o “conjunto de regras e cerimônias que se devem observar (na prática de uma religião)” (2007, p. 686). Durante o giro de uma folia, é possível observar várias regras ritualísticas desde a saída até a entrega da bandeira.

O ponto de origem dos deslocamentos da folia de Reis tem, como base, o movimento da casa dos foliões para a casa do capitão ou do festeiro nas vésperas, no dia ou durante o giro; a casa do capitão fica aberta aos foliões que chegam de Itauçu, Cesarina, Aparecida de Goiânia (os mais destacados), de vários bairros da cidade e do JDA. Assim, a folia é formada por “movimentos e passagens diversos” (DAMATTA, 1983, p. 79), marcados pelo ritmo dialético da casa e da devoção, fé e decisão de se deslocar pela vontade de estar na folia. Relativamente, o tempo do folião urbano é o tempo da folga, mas sua passagem para outro setor (bairro) depende do frenesi ou *rush hour* dos ônibus ou do trânsito caótico, que os fazem levantar cedo e se colocarem em marcha em direção à folia. O autor não enfatiza o momento da passagem, ou seja, da marcha, “mas o momento da saída ou da chegada” (DAMATTA, 1983, p. 79). A passagem de casa para o lugar do ritual é o momento da pressa/lentidão do fluxo de veículos, mas o que importa é o momento de saída ou de chegada da folia. Podemos compreender, assim, que o deslocamento pelo meio da cidade em direção à casa do festeiro (a marcha) não importa; mas, estando no grupo para se deslocar, a passagem pelas casas torna-se importante.

Ressalta-se que “no mundo ritual, ou melhor, no mundo deslocado do rito e da consciência, ocorre, – parece-me – uma diferença fundamental: *é a marcha que se torna importante*” (DAMATTA, 1983, p. 79, grifos do autor). Sair de casa e chegar à folia é menos importante do que a peregrinação propriamente dita, “que passa a ser o elemento realmente ritualizado e, por isso mesmo, pleno de consciência” (DAMATTA, 1983, p. 79). O deslocamento de casa para o trabalho, seja de carro próprio, ônibus, bicicleta ou a pé, é uma ação mais inconsciente e banalizada (*rush hours*), mas o giro, a peregrinação, a jornada por

devoção ou festividade religiosa⁵⁹ é revestida de sentido simbólico, em que caminhar e chegar geram sentimentos mágicos no peregrino. É diferente da marcha funcional, racional e operacional para o ‘trabalho’ cotidiano: prestar serviços, negociar, estudar e se sustentar.

A partir dessa constatação, compreendemos que os rituais contidos no giro de uma folia de Reis são cultos a seres espirituais superiores (os que estão na guia, simbolizados pela bandeira, e nos presépios, a saber: Jesus, Maria, José e os Reis Belchior, Gaspar e Baltazar), a Santíssima Trindade, os anjos, os familiares falecidos dos devotos e outros. Em todas as religiões existem formas ritualísticas e a execução da operação ritual é muito diversa em cada uma delas, podendo ocorrer sem a interferência da divindade no indivíduo. “Em todo culto há práticas que atuam por si mesmas, por uma virtude que lhes é própria e sem que nenhum deus se intercale entre o indivíduo que executa o rito e o objetivo buscado” (DURKHEIM, 2000, p. 17). Existe um formalismo religioso em relação às pronúncias, aos movimentos executados ao ouvir as trovas cantadas, que, transformados em atitudes ritualizadas, direcionam e orientam o deslocamento dos foliões.

Durkheim (2000) classifica os fenômenos religiosos em duas categorias: *crenças* e *ritos*. A primeira categoria é o estado, momentâneo ou não, das opiniões e representações; já a segunda “é vista como modos de ação determinados” (DURKHEIM, 2000, p. 19). É a separação do pensamento e do movimento, logo, o ritual mostra-se como elemento de relevância para se pensar as interações em dimensões de espaço. Crenças religiosas são ‘forças’ que exprimem a natureza dos elementos sagrados e suas relações entre si ou com os considerados profanos; “os ritos são regras de conduta que prescrevem como o homem deve comportar-se com as coisas sagradas” (DURKHEIM, 2000, p. 24). Dessa forma, a folia de Reis é dotada de regras de conduta, reivindicando uma série de comportamentos durante todo o processo de deslocamento. Essa dimensão espacial do ritual é igualmente enfatizada por Parkin, que o define como uma “fórmula que é levada, em um espaço dado, por um grupo de pessoas que são conscientes da sua natureza imperativa ou obrigatória e que podem ou não posteriormente informar essa característica espacial com palavras faladas” (1992, p. 18).

Ao estudar os ritos nas folias de Reis, Porto afirma que “o homem sempre cria ritos. As diversas manifestações folclóricas têm os seus ritos. As Folias de Reis também têm os

⁵⁹ Ao definir o conceito de religião, Durkheim constatou que a espiritualidade de toda espécie e de toda ordem, com a qual os povos atribuíram sentido à natureza, são objetos de ritos ou de culto regular. Os ritos e rituais são realizados ‘por devoção’ a um Ser Espiritual: as almas dos mortos, os espíritos de toda espécie e de toda ordem, com que a imaginação religiosa de tantos povos diversos povoou a natureza, são sempre objeto de ritos e, às vezes, até de um culto regular; no entanto, não se trata de deuses no sentido próprio da palavra. Mas, para que a definição os compreenda, basta substituir a palavra deus pela de ser espiritual, mais abrangente (DURKHEIM, 2000, p. 11).

seus” (1982, p. 28). O espírito religioso anima e motiva o deslocamento dos foliões, pois “o espírito de fé e a disposição para o sacrifício animam todas as atividades de um folião” (PORTO, 1982, p. 28). O autor classificou o deslocamento como ritos possíveis de analisar, quais sejam: “i) chegada a uma casa; ii) louvação; iii) encontro de folias; iv) encontro com um pobre ou visita a uma família pobre; e iv) festa de encerramento”. Paralelamente, Tremura analisa as relações de fé dos foliões e o elo destes com os Santos Reis a partir da interligação dos versos das toadas. As cantorias podem ser interpretadas de forma individual ou em combinações casuais. O autor também dividiu e conceituou os rituais de folia de Santos Reis em sete tópicos analíticos interligados nos versos-rituais:

(1) Crença. Este é a razão fundamental da tradição (*raison d’etre*); (2) Fé. A crença na religião e nos Reis Magos; (3) Ritual. Este é o giro sagrado, no qual os participantes reencenam a viagem feita pelos Reis Magos até a manjedoura; (4) Família. Que não é limitada a laços de sangue, mas inclui parentes e amigos próximos; (5) Expectativa Social. Está relacionado aos ensinamentos e valores cristãos como o de reciprocidade, respeito, e humildade; (6) Conduta Social. Este tópico expressa o comportamento dos participantes na sociedade como os mensageiros dos Reis Magos na Terra; (7) Agradecimento. Neste tópico os participantes chegam a uma visão de equilíbrio entre o mundo material e o espiritual. (TREMURA, 2004. p. 4)

Se interações espaciais são conexões entre lugares, por meio da transferência e deslocamento de coisas, pessoas e informação, podemos analisar a forma com que isso ocorre nos rituais trovados das folias de Reis. Maia (2010) esclarece que, nos rituais, as pessoas em deslocamento ritualístico são copresenças, ou modos de ser-no-mundo, ao reconhecer também o outro como ser-no-mundo. No processo ritual há passagem do individual ao coletivo e o participante se vê na qualidade de ser-com juntamente com os demais, distinguindo-os dos estranhos. Há diferenciações entre indivíduos, não havendo somente harmonia entre os partícipes no modo de ser no ritual; socialmente, vão surgindo hierarquias, negociações, resistências às ordens, conflitos e tensões (MAIA, 2010).

De acordo com o exposto, infere-se que as interações espaciais podem ser analisadas mediante a fé, a crença, a devoção aos santos Reis e os movimentos promovidos pelos rituais cantados da folia. Nestes podem ser observados os direcionamentos e os posicionamentos espaciais proporcionados pelo deslocamento da bandeira, dos versos trovados e de outros movimentos pertinentes. Outras regras de direcionamento se dão na saída da bandeira, no almoço e no pouso, no agradecimento de mesa e outros. Os componentes da folia seguem um posicionamento nas ruas (o pastorinho, o alferes da bandeira e os demais foliões); já na realização da cantoria, todos os participantes, o devoto, o embaixador, os integrantes do coral

de 1ª à 6ª voz e os responsáveis pela percussão obedecem a uma posição, o que ratifica a dimensão essencialmente espacial dos rituais.

As interações espaciais, no processo ritual da folia de “Seu M.”, consistem no deslocamento de parte dos foliões para a casa do capitão um dia antes da saída da bandeira; ajustes com embaixadores; dos foliões para a casa do festeiro para tomar café (no dia da saída), receber o uniforme composto de uma camisa e uma toalha como divisa na folia; a saída é o início da viagem. Nesses dias, os foliões se encontram, na casa do festeiro do ano, para começar a peregrinação (CANESIN e SILVA, 1983). A toada de saída da bandeira “é cantada no momento que os participantes presentes na casa do festeiro (responsável pela festa do dia de Reis) se despedem do altar (quase sempre um presépio), antes da saída para o giro” (TREMURA, 2004, p. 4).

3.2.1 O primeiro apito

Antes de discutir os movimentos-rituais de giro esclarecemos que a fluidez entre os fixos é marcante nos giros de folia. Neles fixos e fluxos interagem e se alteram mutuamente, percebendo-se a realidade geográfica nos rituais cantados. Mello (2000) esclarece a forma como os espaços estão em interação, a partir da teoria dos fixos e fluxos de Santos (1996a, 1996b). Para o autor, os fixos referem-se aos instrumentos de trabalho, às forças produtivas e à massa dos homens; e os fluxos ao movimento e à circulação, que explicam os fenômenos da distribuição e do consumo: “Fixos e fluxos interagem e se alteram mutuamente” (SANTOS, 1996a, p. 77-78). Em outra versão, Santos salienta que fixos e fluxos interagem e expressam a realidade geográfica atual:

Fixos e fluxos juntos, interagindo expressam a realidade geográfica e é desse modo que conjuntamente aparecem como um objeto possível para a geografia. Foi assim em todos os tempos, só que hoje os fluxos são cada vez mais artificiais e mais fixados ao solo; os fluxos são cada vez mais diversos, mais amplos, mais numerosos, mais rápidos. (SANTOS, 1996b, p. 50)

Sugerimos aqui que fixos e fluxos, além de se constituírem como base analítica das redes numa dimensão técnico-científico-informacional, a compõem ontologicamente. Ou, de outra forma, os fixos e fluxos formam redes geográficas em sua dimensão ontico-ontológica. É nesse sentido que Maia (2002) esclarece a natureza dos fluxos e fixos, baseado em Dolfus e Heidegger. Para nós, tal concepção nos permite propor que o fluxo de pessoas em

copresença nos rituais de folia redimensiona os fixos, dando-lhes novos significados, tornando-os pontos referenciais de festa. Vejamos a seguir os movimentos do ritual de saída da bandeira.

Ao primeiro apito, os foliões devem se movimentar para o presépio e bandeira, a fim de serem bentos pelo capitão⁶⁰ (figuras 28 e 29); se houver pedido, reza-se o terço. É o capitão que dá as advertências em relação às obrigações religiosas dos rituais nas casas em geral, controla horários de chegar e sair (para sair é preciso, necessariamente, avisá-lo)⁶¹, vigia o uso de bebida alcoólica e observa as vozes para colocar cada participante em sua posição adequada, com o intuito de harmonizar a cantoria. Desse modo, as crenças que regem a esfera sagrada normatizam o comportamento ritual e atuam promovendo oportunidades intervenientes.



Figura 28 e 29 - Benção da companhia antes de sair para as ruas, sendo esta uma norma do capitão. Foto: Tito Coelho, 2010.

⁶⁰ Na folia de “Seu M.”, o recurso da benção é, em geral, muito utilizado, fazendo com que “Seu M.” seja considerado uma espécie de curandeiro. Isso provoca grande procura pelo capitão da folia quando se sente uma dor (de cabeça, de dente) ou outro incômodo. As pessoas se deslocam até ele durante a folia e a qualquer dia fora dela. As habilidades sociais, o carisma e os dons espirituais de “Seu M.” são muito diversificados, o que cria um fixo, ou melhor, uma centralidade temporária em torno da sua pessoa, alguém em quem buscar aconselhamento, curas e formação espiritual (além de benzer os foliões, houve dias em que “Seu M.” benzeu mais de cinquenta pessoas por dia).

⁶¹ Ao benzer os foliões “Seu M.” diz que recebe ‘informações sutis’ de todo ‘quadro espiritual’ deles e percebe os perigos que porventura possam ocorrer. Se o folião tenta fugir acaba não conseguindo, pois geralmente ocorre algo e ele retorna à folia. É conhecido o caso de “Seu O.”, que trabalhou como carroceiro durante trinta anos em Itauçu. Em um giro de folia de Santos Reis por lá este lhe pediu para sair, mas “Seu M.” lhe disse: “Não... O Santo Rei precisa de você pra cantar...”. “Seu O.” tentou fugir e ficou dando voltas, passando pelo mesmo lugar, sem encontrar a rodoviária, mesmo conhecendo todos os lugares da cidade. Os demais foliões diziam a “Seu M.”: “O “Seu O.” foi embora “Seu M.””. Este replicava sorrindo: “Foi não, ele só foi dar uma volta por aí, agora mesmo ele volta”. Este é só um exemplo dentre os inúmeros casos relatados na folia.

3.2.2 O segundo apito

Ao segundo apito, o embaixador chama os foliões para tomarem suas posições na seguinte ordem: alferes, embaixador, primeira a sexta vozes, pandeiristas e caixeiro, a fim de dar início à cantoria de saída da bandeira da casa do festeiro, repetindo-se o mesmo ritual a cada manhã, na saída do pouso de janta. Esse momento simboliza a saída dos Três Reis Magos em direção à luz da Estrela Guia. O embaixador exerce o controle movimento-deslocamento do grupo através dos versos cantados ao longo dos rituais.

Em seu discurso sobre a interação e o *controle* no sistema social, Rémy e Voyé exaram que “se se entender por interações as interdependências que resultam de actividades colectivas, o sistema social será a organização destas com referência a prioridades que definem o lugar do poder e a sua capacidade de controle” (1994, p. 28). Já para Raffestin (1993), a mobilidade é de difícil controle pelas organizações interessadas em modificar a repartição e a distribuição dos homens no espaço. É mais fácil analisar as relações de força que provocam a mobilidade do que a natureza que a determina:

Se não é fácil controlar a natalidade e a mortalidade, também não é simples controlar a mobilidade, ainda que isso dependa dos meios de que dispõem as organizações interessadas em modificar as repartições, as distribuições dos homens no espaço [...] De fato, é mais importante analisar as relações de força que provocam a mobilidade do que a natureza daquilo que a determina, como, por exemplo, a guerra ou o trabalho. Diremos que a mobilidade é autônoma quando resulta de uma escolha deliberada, e heteronômica quando resulta de uma coerção. (RAFFESTIN, 1993, p. 88)

O deslocamento para os fixos conectados na folia pode ser visto como uma imposição, mas, também, como um desejo de comungar com a divindade, sentir-se útil, obter ânimo para retornar ao cotidiano ou mesmo exercer alguma forma de poder, combinando assim autonomia e heteronomia. O controle aí se exerce algumas vezes na relação entre sujeitos, pois há observações e comentários personalizados dos indivíduos, no sentido de vigilância recíproca benevolente ou malevolente ao se praticar a solidariedade, a confiança e a simpatia mediante a relação interpessoal.

Os Três Reis Magos se tornaram santos (como se diz) pelo fato de terem percebido a Estrela, ou a Luz Divina, e a terem seguido até a gruta, manjedoura, lapinha ou estábulo, lugar onde nasceu o Filho de Deus. Reiterando as palavras de Dumont, “[...] eles viraram santos porque souberam que alguém muito especial estava nascendo para salvar a humanidade” (2000, p. 27). Como essa peregrinação é reproduzida pelos foliões, podemos dizer que ela

também os abençoa ao passar de casa em casa anunciando o Nascimento de Jesus Cristo: “Da mesma forma como a jornada dos Três Reis os santificou, a folia é uma prática religiosa e santificante, porque reproduz simbolicamente a viagem dos santos cultuados. Ela é percebida como uma situação ritual adequada e suficiente para o cumprimento de obrigações religiosas e devocionais” (BRANDÃO, 2004, p. 383). Sugerimos, também, que a interação espacial dos Reis Magos os ‘santificou’ e, assim, estabelece que o giro ou jornada da folia de reis em deslocamento, movimento e transferência de pessoas e coisas de um lugar para outro é uma forma de santificar os fixos e fluxos ao longo da trajetória percorrida.

3.2.3 O terceiro apito

No terceiro apito iniciam-se os pequenos deslocamentos de saída da bandeira: o embaixador apita chamando a atenção para a introdução da cantoria. Na análise de Tremura, as toadas de folia de Santos Reis apresentam poesia popular, rima e, por meio delas, “fortalecem as relações pessoais, expressam devoção, e cumprem promessas feitas pelos participantes aos Reis Magos com o intuito de ajudar ou favorecer familiares com problemas financeiros ou de saúde” (2004, p. 3-4). Os versos apresentam grande poder de articulação no tocante à formação de ideias, interpretação do tempo-espaço sagrado e de ligação com os Santos Reis como mediadores dos homens com Deus (TREMURA, 2004). Assim cantam-se os versos de invocação da Santíssima Trindade, de benzeção para livrar dos males que vêm, oração, bênção dos Reis, chamando os foliões para viajar com destino a Belém, no sentido de visitar o Menino Jesus simbolicamente:

Pai e Filho e Espírito Santo,
 Vamo nós benzê primeiro
 Vamo nós benzê primeiro,
 Pra livrar do mau que vem
 Pai Nosso, Ave Maria,
 A oração foi Deus que feiz
 Nois tá sen’abençoado,
 Pelo glorioso Santo Rei
 Vamos nós segui viage,
 Com destino a Belém
 Visitá Menino Deus,
 Que nasceu pro nosso bem

Depois de convidar os foliões para a viagem, o embaixador adverte o ‘senhori’ ou a ‘senhora’ (no caso da saída de um ou os dois festeiros) dono ou dona da casa e pede para

levantar a bandeira. É um momento de comoção para todos, pois a bandeira simboliza os Magos, São José, Santa Maria e o Senhor Jesus Cristo recém-nascido. Tremura observa a hierarquia sagrada nos versos: “Na tradição da folia de reis a ordem hierárquica dos seres divinos costuma ser observada quando são feitas referências a Deus, Jesus, Maria, José e os Reis Magos respectivamente” (2004, p. 6). Notamos, porém, que os versos na folia estudada não seguem uma ordem hierárquica precisa a fim de se dar rima às toadas:

Pra nós segui viage,
Alevanta nossa guia.
Santo Rei alevantô,
São José e Santa Maria
Pra cumpri uma missão,
Deste filho de Maria.

Após o festeiro, o palhaço (pastorinho) é chamado para fazer sua obrigação (ajoelhar diante da bandeira já ‘levantada’ pelo dono da casa), beijar a guia e verificar o estado da bandeira para poder entregá-la do mesmo jeito que a pegou para vigiar⁶². Os foliões são advertidos, de forma cantada, para refletir sobre a responsabilidade que estão pegando, juntamente com o alferes. Todos são responsáveis pela vigilância da bandeira dos Três Reis Santos por onde ela andar:

Veja a responsabilidade,
Que acabamo de pegá
O oferi da bandeira,
Também tem que vigiá
A bandera dos Treis Rei,
Por onde ela andá.

Depois dos versos de advertência iniciam-se os versos de despedida: os festeiros se despedem da bandeira e dos foliões, bem como do presépio. Em seguida, o embaixador recua a sua direita, juntamente com os foliões, convidando os festeiros a se deslocarem do presépio (na folia temporã ou fora do tempo há, no lugar deste, o altar para trovar) até a porta de saída, para que os demais o acompanhem.

Na saída da bandeira, o embaixador e os foliões fazem um recuo para a direita para que, à sua esquerda, o festeiro, ou no caso de almoço e pouso, os donos da casa, possam sair com a bandeira e fazer uma parada na porta. Depois de passados os vigias, o embaixador canta que, com o poder dos Três Reis Santos, a companhia vai embora e, finalizando a

⁶² Vejamos os versos: “Pastorinho de Oliveira, da uma chegada prá cá; já cumpriu sua obrigação, Pode se alevantá; arrepara essa bandeira, veja como ela está; do jeito que ela saí, nós devemo entregá”.

cantoria, toda a companhia passa sob a bandeira beijando-a. Após todos terem passado e beijado a guia, o alferes passa a conduzi-la, mediante olhares do palhaço: “Desse momento em diante ela estará ‘em jornada’ ou ‘no giro’ até o dia 6 de janeiro” (BRANDÃO, 1977, p. 22).

O embaixador pede aos donos da casa para fazerem uma parada na porta e, então, benze a companhia. Esse momento causa uma espécie de nostalgia aos donos da casa, por se despedirem dos Santos até o dia da entrega; e aos foliões, por estarem iniciando a jornada ou o giro:

Ocêis despede da bandeira,
Nóis despede da lapinha
Vai saino com a bandeira,
Pra nóis acompanhá
Na porta faz uma parada,
Pra benzer a companhia.

Finalmente, iniciam-se os versos de movimento para a rua e a peregrinação pelas casas. O embaixador ordena, de forma cantada, que os palhaços passem sob a bandeira, vigiando, assim, a saída dos foliões e demais presentes que estejam no ‘salão’ do festeiro (figuras 30 e 31):

Lá do céu já deu sinal,
Vô passá os meu vigia
Com o poder dos Treis Rei Santo,
Vamo simhora companhia
Pai e filho, Espírito Santo,
Para sempre amém, amém.



Figuras 30 e 31 – Palhaço guiando a bandeira e a saída dos foliões ao término do ritual de saída da bandeira.

Foto: Tito Coelho, 27 de janeiro de 2009.

são envolvidos pelo giro para transportar pessoas, girar e preparar a grande festa final. É o momento em que as pessoas “são transferidas do mundo secular e profano para o domínio do extraordinário” (PEREIRA, 2009, p. 9) e, sem que percebam, vão perdendo pouco a pouco a noção do tempo cotidiano: tudo parece ser aqui e agora, sem se preocupar com o relógio, dia e noite. Os foliões, ou parte deles, ficam em estado de suspensão da consciência, em que os “trabalhos cotidianos são temporariamente encerrados” (PEREIRA, 2009, p. 9) e vivem seus momentos de coparticipação na devoção a Belchior, Gaspar e Baltazar, figurando os seguidores de Deus à procura de seu Filho: o Menino Jesus.

O giro, a jornada ou a peregrinação dos foliões reproduzindo a viagem dos Reis é a “essência do ritual” (PEREIRA, 2009, p. 9), momento em que as pessoas cumprem o ‘contrato’ ou promessa com os Santos Reis de várias formas. O grupo, como já dito, sai pelo lado direito e chega pelo lado esquerdo da casa do festeiro, fechando o giro. O movimento obedece a uma orientação solar, pois, saindo pela direita, chegarão pela esquerda, mesmo que o lado direito da porta seja o lado oposto do Oriente. Nesse caso, a folia desce um pouco do lado que saiu, podendo passar por algumas casas, mas, atravessando para o outro lado da rua, passa pelo Leste primeiro, segue para o Oeste e retorna, de forma que fique uma rua sem que a bandeira por ela tenha passado para que se possa chegar pelo lado esquerdo da casa. Dessa forma, não se fecha o circuito do giro.

3.3 CAMINHANDO, CANTANDO E REZANDO

“a prece é um rito religioso, oral, diretamente relacionada com as coisas sagradas”.
(MAUSS, 1979, p. 145)

Estando em peregrinação, o grupo segue a bandeira pelas ruas e calçadas⁶³. O deslocamento tem os palhaços como guias e vigias da bandeira. Só eles devem estar à frente dela (esquema 1). Pode avançar quem for fotografar ou pedir uma informação urgente (capitão, embaixadores ou alguém autorizado por eles). Depois que a bandeira sai da casa do festeiro, das casas que a recebem e dos pousos (de almoço e jantar) os foliões devem seguir os pastorinhos e o alferes (portador da bandeira). Durante o deslocamento nas ruas não se deve

⁶³ Como a bandeira não pode cruzar, como já destacamos, o alferes pode passar pelas calçadas ou pelas ruas. Já o grupo pode seguir na pista, nos ‘bairros’ onde há pouco movimento, ou pelas calçadas, onde o movimento é mais intenso.

fazer algazarras, tocar e cantar, só a caixa rufa para avisar os moradores que a folia está passando. A caixa, avisando que o grupo está próximo, diminui o risco de devotos deixarem de perceber a folia e evita, assim, pedido de retorno às residências e trajeto cruzado da bandeira (um interdito no giro, conforme já observamos)⁶⁴. Ao ouvirem a percussão, os devotos saem para receber a bandeira, pois sabem que se trata de uma folia. No entanto, há pessoas que fecham o portão imediatamente ou correm ao perceber o palhaço por ser de outra religião, negligência ou por outros motivos.

Esquema 1: Organização dos foliões nas ruas



Fonte: Trabalho de campo, 2011.

Ao atravessarem as ruas, os palhaços devem estar atentos ao movimento de veículos automotores. Em locais onde não há grande fluxo (de carros) os foliões atravessam as ruas sem maior vigilância dos pastorinhos; do contrário eles interditam o trânsito para que o grupo possa transpô-las com segurança. Não é comum passar onde haja semáforos, mas quando é o caso os foliões devem obedecer à sinalização. Ao verem a folia passar pelas ruas, os motoristas fazem, em geral, o sinal da cruz ou outra forma de reverência. Nos locais de trânsito com pouco movimento, os pastorinhos abordam os motoristas para pedir presentes, podendo estes descer de seu carro e pedirem uma cantoria, ou buscarem se informar da procedência do grupo.

Durante as andanças nas ruas pode-se encontrar um cruzeiro. Nesse caso, o pastorinho é obrigado a parar a bandeira e saudar-lhe para continuar o giro:

Deus vos salve este cruzeiro que aqui nós encontrô,
Todos sabe que é a cruiz onde morreu o Salvadó.

⁶⁴ No caso de retornar por onde já passou (casos de enfermidades em que a pessoa está impossibilitada de se locomover), o capitão fecha a bandeira. Chegando ao lugar solicitado a abre; ao término da cantoria a fecha para retornar à rua, onde torna a abri-la.

Jesus Cristo morreu na cruz somente prá nos salvá,
 Todos temos na memória, nós não podemos pecá.
 Deus vos salve este cruzeiro com todo enfeite que tem,
 Aonde sofreu Jesus e Maria sofreu também.
 Já fiz a saudação do cruzeiro no alto do carvalho [calvário],
 Pai e Filho Espírito Santo, nas hora de Deus amém.

Nas andanças pelas ruas, aqueles que são devotos de Santos Reis e se deparam com a bandeira se aproximam para beijá-la, pedir cantoria, dar esmola e, como o capitão da folia é conhecido como curandeiro, solicitar uma oração de cura. Pode-se ainda encontrar com mendigos, pessoas em estado de embriaguez e outros que pedem cantoria. É comum interrogarem se tem que ‘pagar’ pelo ritual, sendo que na toada pede-se oferta, mas não há essa obrigação. Dá-se esmola de espontânea vontade. Quando se encontra com um folião o embaixador o convida, de forma cantada, para que acompanhe a companhia. O importante é que se faça o ritual para que os devotos possam fazer suas rezas, orações e preces, e realizarem seu “movimento em direção à divindade” (MAUSS, 1979, p. 114).

A prece, como advertimos, é um fenômeno complexo que, aos poucos, foi se elevando até o ápice da religiosidade em geral, apresentando flexibilidades e formas variadas. Percebe-se que, nesse ato, a fé, a confissão, a súplica, a louvação e o hino popular ou eclesiástico se entrelaçam. Paralelamente, esse fenômeno se mostra, em sua concretude, promovendo movimentos de pessoas no espaço cujas razões são abstratas e intrínsecas à alma dos indivíduos ou dos grupos suplicantes. Nesse sentido, entendemos que a prece recitada ou cantada é um dos aspectos centrais no giro da folia de Santos Reis por conter uma força de convergência e por exigir um movimento e uma expressão do corpo-sujeito.

As melodias, os ritmos, os sons dos instrumentos e a concentração (reverência aos Santos Reis) são uma linguagem que proporciona movimentos com o objetivo de abençoar os devotos e produzir o efeito de receber donativos para a festa de entrega. O ritual cantado une a crença com seus sentidos míticos, imagens e movimentos, deixando-se mostrar uma das razões de girar durante um período cheio de intempéries. Destarte, no tempo-espaço da prece podemos perceber um de seus principais desfechos: a emoção desvelada pelas lágrimas no momento das solicitações à Divindade.

A prece é então, reafirmamos, parte relevante nos rituais religiosos, um elemento socialmente instituído, sistema de fatos cuja extensão e limites não são precisos. Sabemos que a ausência de preces rezadas e recitadas não significa a inexistência delas, uma vez que os cânticos religiosos são observados em diversas ocasiões. Ressaltamos que nem tudo é uma prece, ou melhor, existem impressões, prenoções e intuições de que um ato religioso pode ser

uma prece. É comum sentir nos rituais sensações tomadas como preces ou praticante deles os consideram como prece. “Seu T.” fez a seguinte ressalva:

[...] nem toda reza é uma prece. Uma reza pode se transformar em prece? Pode e deve... isso depende de quem está exercitando a prece. Principalmente se estiver com sentimento positivo... aí vai estar transformando em prece. Toda reza é uma prece? Não. Toda oração não é uma prece. Toda oração está caminhando para uma prece, pois se está procurando conversar com Deus. Quem está orando está se capacitando para fazer uma prece.⁶⁵

A partir do depoimento antes mencionado e do que até então observamos sobre a prece, podemos expor os atos que podem ser assim chamados na folia, pois “definir a partir de impressões significa não definir” (MAUSS, 1979, p. 125). Sabemos que as preces ocorrem segundo condições e estados físicos, emocionais e de alma dos indivíduos, sendo elas de “expição, de ação de graças, hino, prece de solicitação, prece votiva” (MAUSS, 1979, p. 131). Destarte, nas folias se notam preces que surgem num giro específico, não sendo recorrentes em outros; todavia, os traços gerais das preces no tempo-espaço do giro de folia de Santos Reis do JDA são observados em alguns rituais em que se ressaltam determinados direcionamentos e posicionamentos espaciais (assunto a ser explorado adiante), quais sejam: terço, benzeção dos foliões (segredo do capitão da folia, mas provavelmente simples) e de cura (específicos, semelhantes e distintos), cantoria da saída, de visita às casas, de pousos, de canto ao falecido, de entrega de voto, de entrega da bandeira e outros.

Ainda em se considerando a caminhada do grupo pela rua é necessário notarmos o balé do lugar. Acerca disto, destaque-se que Seamon (1980), tomando a tríade homem, tempo e espaço, criou o conceito de balé do lugar partindo da compreensão fenomenológica de corpo-sujeito, visto que, ao absorver as operações básicas de uma atividade, o corpo pode variar seu comportamento de forma mais criativa. A partir disso, o homem ganha a liberdade de se deslocar no espaço e, ao se mover por maiores ou menores percursos, promove a interação espacial:

O movimento, analisado fenomenologicamente, indica que o corpo é inteligente, ativo e, através desta atividade de forma eficiente transforma as necessidades de uma pessoa em comportamentos. Se for avançar efetivamente para satisfazer as exigências da vida cotidiana, seu corpo deve ter no seu alcance os comportamentos habituais necessários. Sem a estrutura do corpo-sujeito, as pessoas estariam constantemente obrigadas a planejar todos os movimentos novamente - para dar uma atenção contínua, realizar cada gesto da mão e iniciar cada passo do pé. Por causa do corpo-sujeito, as pessoas podem gerenciar demandas de rotinas automaticamente e

⁶⁵ Entrevista concedida a Coelho em 26 de junho de 2011 pelo ex-oficial do Exército Brasileiro, advogado e preletor cardecista “T. S.”.

assim ganhar a liberdade dos seus espaços cotidianos e ambientes. (SEAMON, 1980, p. 156-157)

O conceito de corpo-sujeito é considerado como campo de cognição humana que permite o deslocamento das pessoas no espaço, cujos movimentos corporais do passado são reproduzidos futuramente; o corpo é inteligente frente às situações, a exemplo da intencionalidade de mudanças comportamentais no cotidiano; também é

[...] a capacidade cognitiva a qual permite que os gestos e movimentos corporais aprendidos no passado sejam lembrados imediatamente no futuro, o corpo como agente inteligente à frente da situação, não apenas estímulo-resposta, mas um processo intencional de transformação de comportamentos básicos em vida cotidiana. (PEREIRA, 2006, p. 19)

Esses padrões de comportamento transcendem contextos sociais particulares ou temporais, podendo ser encontrados em todas as situações humanas, épocas e lugares. O corpo tem em si a estrutura necessária para a realização das necessidades cotidianas. Se não fosse o processo do corpo-sujeito, o homem teria que se ater a cada movimento de sua rotina. Porém, as pessoas superam esses comportamentos mundanos, tais como ir diariamente ao mesmo lugar, abrir a geladeira, encontrar um objeto, ir ao banheiro para o banho ou escovar os dentes, ir ao supermercado, à padaria, ao cabeleireiro, vestir-se, despir-se, e direcionam sua atenção criativa para coisas maiores.

Ao esclarecer esse conceito, Mello (2000) aponta os movimentos do homem proporcionados pelo balé do corpo, justificando a mobilidade espacial em direção ao lugar de trabalho e outros:

[...] o balé do corpo e as rotinas espaços-temporais compõem o balé do lugar. Por balé do corpo são entendidos os gestos, passos, itinerários e movimentos que fazem parte de uma tarefa ou um objetivo qualquer, como lavar pratos ou operar um maquinário. A rotina espaço-temporal incorpora o balé do corpo e envolve atividades tais como o levantar da cama ou o caminhar para a fábrica. (MELLO, 2000, p. 89)

É a versatilidade do corpo-sujeito que leva o homem a agir de forma complexa, estendendo-se no tempo-espaço para trabalhar, estudar, viajar, ir a uma romaria, procissão ou folgado. A série de hábitos direcionados pelo corpo-sujeito – da forma mais simples, podendo-se fundir às mais complexas –, considerada como balé do corpo, permite-nos pensar em interações espaciais em maior ou menor espaço na folia (movimentos de saída à recolhida, no espaço da sala de saída da bandeira e visita aos devotos, repetindo-se os rituais de casa em

casa, por exemplo). O direcionamento é errante, pois “[...] ao longo do caminho se vai definindo a direção a seguir e os pontos de almoço e janta, em horários nada rigorosos” (PESSOA, PESSOA e VIANÊS, 1993, p. 118). Os foliões, como mensageiro dos Três Reis Santos na Terra, têm grande poder de intervenção na vida das pessoas por meio das orações.

O corpo mostra que o conjunto ritualístico da folia é manual e oral, sendo o primeiro o “movimento do corpo e deslocamento de objetos, os outros em locuções rituais” (MAUSS, 1979, p. 144), ou seja, saídas, andanças, visitas às casas, chegadas e saídas de pousos da bandeira, chegadas na recolhida; as cantorias, os versos, as rezas e outros. Tanto os movimentos - ajoelhar-se diante da bandeira, posicionar as mãos unidas e fechar os olhos, fazer o sinal da cruz - quanto as preces cantadas (rito oral) são eficazes no sentido de emocionarem os devotos de Santos Reis.

3.4 ENCONTRO DE BANDEIRAS

O encontro de duas bandeiras, ou melhor, de dois grupos de foliões de Santos Reis era conflituoso, pois não havia reciprocidade, e sim disputa pelo espaço de giro. Comentando sobre o encontro de duas folias de Reis, Brandão exara que “no passado isto costumava acontecer. Eram muitos os grupos rituais de foliões e poucas as casas de moradores rurais...” (1977, p. 10). A disputa não era apenas simbólica, mas havia disputa corporal entre embaixadores e palhaços. Os primeiros desafiavam um ao outro nos versos e os segundos lutavam entre si. Quem vencesse o desafio ou a luta permanecia ‘trabalhando’. Então “o vencedor arrebatava a bandeira da Folia perdedora” (BRANDÃO, 1977, p. 10). Diz-se que havia embaixadores que utilizavam feitiçaria para prejudicar a voz do outro, desafinar os instrumentos do grupo rival e até mesmo chegava a fazê-lo perder a letra da toada.

Pessoa e Félix observam que a “civildade” no encontro de bandeiras, existente a partir do final do século XX, tem sido bem vista por diferentes atores: “todos nós, foliões e pesquisadores, estamos de acordo que foi benéfica” (2007, p. 205). Os benefícios foram a conscientização no sentido de não praticar a barbaridade, o exercício da democracia e a constatação de que “a sobrevivência de um grupo não passa necessariamente pela morte do outro”, salientam os autores. Então, no passado, a folia vencedora da batalha de versos despojava tudo da derrotada: “bandeira, esmolos já arrecadadas, instrumentos e os próprios foliões” (PESSOA e FÉLIX, 2007, p. 205). O vitorioso na batalha de versos era quem sabia

responder todos os versos do adversário. “Seu M.” nos informou que “é quem vencer nas perguntas”. Mas, quando solicitada explicação sobre como vencer nos versos, nos disse: “Aí nós não sabemos”. Isso vai depender da capacidade de improvisação de cada embaixador e seus subterfúgios ao responder o desafiante. Não pretendendo nos ensinar essas coisas, “Seu M.” somente deu um exemplo de desafio em versos para que pudéssemos ter uma noção desses repentes:

O meu nobre imbaxadô,
 Você qué saber de mais.
 Então me responde,
 O que Cristo falou prá sataná.

O outro embaixador teria que saber responder, caso contrário perderia no desafio. “Seu M.” também citou um exemplo de versos de coisas que não existem, na tentativa de embaraçar o outro embaixador:

O meu nobre imbaxadô,
 Eu vou te perguntar.
 Quantos botões têm,
 Na veste de Jesus.

São versos enigmáticos de coisas que não se pode provar, uma vez que Jesus Cristo, supostamente, não usava camisas, calças ou indumentária com botões. Há foliões que dizem ser sete botões, mas sabe-se, usualmente, que Cristo usava túnicas e, nelas, não se usam botões. Não sabendo responder, o embaixador vencedor improvisaria versos para o derrotado a fim de arrebatá-la bandeira, o alferes e os foliões:

O meu nobre imbaxadô,
 Escuta o que eu vou cantar.
 Não sobe responder os verso,
 Passa a bandeira prá cá.
 Passou sua bandeira,
 Agora passa o seu oferi.
 Você perdeu o desafio,
 Não vai cantar mais não,
 Agora passa os seus folião.

Para saber quem continuaria como pastorinho (palhaço), estes teriam que entrar em luta corporal com seus bastões e o vencedor continuaria o giro; em outros casos, eles também teriam que fazer desafio em versos para decidir a farda e a máscara.

“Seu M.” explicou que isso já não existe, pois é ignorância, e nos interrogou: “tem jeito de brigar com sua foto, com você mesmo? Que sentido tem os Três Reis brigar com os Três Reis? Como é que Santo Briga com Santo? É porque querem mostrar que sabem muito e não sabem nada. Os antigo canta coisa com coisa [...]” (Entrevista concedida a COELHO, 09/07/2011). No Estado de Goiás já houve embaixadores que se aventuraram a desafiar “Seu M.”, mas sem êxito. Então ele foi ficando reconhecido, temido e não há notícias recentes de aventureiros que o desafiem. No início de sua jornada como folião, antes mesmo de se tornar capitão, houve tentativas de ‘embates espirituais’ com ele, mas foi sábio e teve fé para superar os desafios sutis que encontrou⁶⁶. Disse-nos que não desafia outra folia, mas, no caso de encontrar com outro grupo, faz a saudação à bandeira e aos foliões⁶⁷.

Quando havia encontro de bandeiras algumas folias, que partiam de diferentes lugares, consideravam tal momento o encontro dos Reis no caminho antes de passar por Herodes. Brick chamou os versos do encontro dos magos de “Passo do Encontro dos Três Reis” (2000, f. 78) em saudação e resposta:

Pelas partes do Oriente
São encontrados os três reis
A procura do Deus menino
Que tudo criou e fez (2000, f. 78).

Resposta:

Deus te salve, bom devoto
Que saudou nossa bandeira
Há de ser reconhecido
De um Deus tão verdadeiro. (2000, f. 78)

⁶⁶ Após o ensaio do dia 09 de julho de 2011, “Seu M.” nos informou que, quando foi tirar a primeira folia, em Itauçu, as pessoas faziam feitiço: “Batia o pé e as pessoas corriam. Tem que cantar com fé, senão não canta. O finado “B.” mexia com centro, com espírito mal. O pessoal ia na casa dele sem fé. Aí ele fazia o que ele queria. Só pega quem acredita”. Quando foi tirar a segunda folia o irmão de “Seu M.” disse: “Olhe, se marcar pouso na casa de fulana de tal e de “B” nós não saímos de lá. Eles são feiticeiros”. Então “Seu M.” retrucou: “Não, meu irmão... pode marcar lá que vai dar tudo certo”. O folião “P.” ficou com medo de cantar na casa da ‘feiticeira’, que era sua tia, dizendo para “Seu M.” que não cantasse na casa dela, mas este novamente falou: “Não, meu filho, é você que vai cantar... eu preciso olhar a turma...”. “P.” se assustou, sem compreender o que “Seu M.” estava planejando, pois nem sabia cantar direito. Chegando ao referido pouso de almoço, “Seu M.” colocou “P.” como embaixador. Quando começou a cantoria “P.” ficou tonto e começou a cair. “Seu M.” nos afirmou: “Só pus a mão na cabeça dele... canta “P.”... e ele cantou”. Então a ‘feiticeira’ se assustou e mandou avisar o ‘feiticeiro’ “B.” para não fazer nada, pois “Seu M.” era mais forte do que eles. Sequer foi precisou fazer oração, só pôs a mão na cabeça do embaixador e este recobrou a consciência. Então “B.” desistiu de suas artimanhas e, segundo “Seu M.”, “não colocou letreiro e nem nada pra atrapalhar”. Ao chegar ao pouso de jantar na casa de “B.”, este já se manifestou dizendo que não tinha feito nada, que nada iria fazer para atrapalhar e, inclusive, pediu ajuda.

⁶⁷ Os versos são os seguintes: “Deus vos salve essa bandeira, que aqui nós encontramos; Deus vos salve os pastorinho, e também os imbadô; Deus vos salve o oferi, e também os folião; já fiz a sondação, nas hora de Deus, amém; ocêis tá indo pro Egito, nós tá indo prá Belém”.

Ao pesquisar a folia das Lajes, Pessoa, Pessoa e Vianês observaram que

A Folia das Lages tem uma vizinha bem de perto, a Folia da Santa Rosa. Muitas vezes elas chegam a passar pelas mesmas casas. Mas os embaixadores fazem os devidos desvios para não se encontrarem. O encontro expressaria um duelo entre as duas e a perdedora, como castigo, enterraria a coroa, o que significa deixar de existir. (1993, p. 133)

Já nos arredores de Jaraguá-GO, “na região de Córrego Grande, o encontro de folia é visto como um desafio. Os foliões não aceitam o desafio e não fazem cantoria” (CANESIN e SILVA, 1983, p. 50). Muitos embaixadores hoje em dia não cantam em desafio a outra folia, pois consideram fora de regra, pois o “Santo é um só, não se pode cantar brigando, não dá certo brigar pelo mesmo Santo”.

Durante as andanças que participamos na folia de “Seu M.” não ocorreram encontros com outra folia nas ruas. Só com uma bandeira do Divino Pai Eterno, no dia 28 de dezembro de 2009, na Rua Sebastião C. Rosa, qd. 04, lt. 21, Residencial Sonho Dourado, próximo ao JDA (figuras 33 e 34). Nessa residência, “Dona A.”, proveniente da cidade de Tocantinópolis-TO, ao notar que a folia estava passando pelas casas de sua rua, esperou-a (individualmente) com uma bandeira do Divino Pai Eterno. O alferes da bandeira da folia de Reis trocou a bandeira com ela e toda companhia foi recebida em sua casa. Um dos embaixadores ficou assustado com a situação, pois nunca se sabe quem está à espera, mas a presença do capitão deu segurança a ele.



Figura 33 e 34 - Encontro da folia com uma bandeira do Divino Pai Eterno.
Foto: Tito Coelho, dezembro de 2009.

“Dona A.” disse que a bandeira dela girou em Redenção do Pará e que aqui não tem foliões para girar com uma folia. Todo ano sai girando, com a bandeira, na companhia de duas meninas (bisnetas), dentro do bairro.

Após a exposição dos rituais relacionados à saída e às andanças, bem como das interações espaciais promovidas, levando-se em consideração as variáveis então destacadas, passemos a abordar a visita às casas e o pouso da bandeira.

CAPÍTULO 4. VISITA ÀS CASAS E O POUSO DA BANDEIRA

Neste capítulo tratamos dos rituais de visita às casas, cantorias de benção, peditório de ofertas, despedida, benção e brincadeiras dos palhaços com os devotos moradores. Abordamos os movimentos de chegada nos pousos de almoço e jantar, rituais de passagem pelos arcos, chegada ao presépio ou altar, pedido de descanso e comida, pouso da bandeira e rituais de comilança; deslocamentos para servir a comida, agradecer à santa mesa, levantar a bandeira e sair novamente em direção à recolhida da folia com cantoria nos arcos e presépio. Nesses momentos, a rua e a casa são espaços complementares em interação e o morador é sujeito como solicitante; já o embaixador destaca-se hierarquicamente, pois executa as cantorias para todos se movimentarem, observando o que é cantado. Se uma folia está cantando em uma casa, o embaixador tem que atender a todas as solicitações dos moradores. A casa não se mistura à rua, mas, no caso de uma visita dos Reis, ambas também não se excluem. Dentro da casa – no caso da visita – é que se estrutura o espaço-interativo-ritual.

4.1 VISITA ÀS CASAS: UMA INTERAÇÃO ENTRE OS ESPAÇOS “CASA” E “RUA”

Ao observar o movimento rotineiro das cidades brasileiras no deslocamento de casa para o trabalho (ida e volta), DaMatta, percebeu uma interação espacial em espaços complementares: “a casa e a rua interagem e se complementam num ciclo que é cumprido diariamente por homens e mulheres, velhos e crianças” (1991, p. 23). Sair de casa a pé ou em veículos forma a estrutura da rotina diária das pessoas. Casa e rua são espaços distintos, divididos, mas complementares um ao outro, que separam a vida social da população tanto quanto reúnem.

O mundo da casa é quase o mesmo todo o dia, mas o da rua é o da prestação de serviços, do movimento mais frenético, da surpresa, de desejo veemente e de diversas provocações. O autor ressalta que a rua também é o espaço típico do lazer, “o lugar do movimento, em contraste com a calma e a tranqüilidade da casa, o lar e a morada” (DAMATTA, 1991, p. 23). A folia de Reis, ao ser aceita pelo devoto morador, quebra a

monotonia rotineira da casa, ou seja, reciprocamente há uma interação espacial dos peregrinos com o morador, rompendo o silêncio momentaneamente.

Durante a visita da folia, a fronteira da casa com a rua é redimensionada, mesmo mantendo-se o sentimento de proteção dos pertences, dos membros da família e da moralidade individual. É por isso que o capitão da folia recomenda não tocar em nada nas dependências dos moradores. Mesmo que seja uma residência simples, a casa possui uma identidade individual ou do grupo familiar que ali reside. Um objeto, plantas, flores e frutos fazem parte da identidade dos moradores. A casa é um espaço exclusivo e inclusivo no sentido de pertencer aos chefes familiares, seus agregados, além de ser um espaço de convívio com os vizinhos, de modo que os anônimos não podem violá-lo, pois são considerados intrusos.

A visita às casas dos devotos torna-se, então um dos momentos mais expressivos de exercício religioso, devoção e fé, mantendo-se, de forma perene, individualmente, o fervor e a confiança. Por isso, “[...] quem recebe e agrada os foliões, recebe e trata bem os próprios Reis Magos, indo para Belém” (PESSOA, PESSOA e VIANÊS, 1993, p. 114). Todos são coparticipantes prestando ajuda na cantoria, no recolhimento de donativos, carregando guarda-chuvas, e as mulheres e os mais idosos ajudam a olhar as crianças. Tremura salienta que “durante o ritual sagrado os versos são cantados em toada para atender as necessidades dos participantes e refletir a realidade das famílias que o grupo ou companhia visita” (2004, p. 4). Os movimentos e as operações básicas da folia são repetidas nas casas conforme o que se encontra: presépio, imagens e outros.

Quando a cantoria emociona o devoto morador há criação de um contrato ‘invisível’ da folia com o dono da casa, sensibilizando-o a dar esmola. Nota-se que, pela disciplina do grupo, os moradores despertam o interesse por dar almoço e pouso para o grupo em outra data como ato de retribuir a cantoria e a visita. A dádiva (cantoria emocionante e percebida como abençoada) dirige a contradádiva em forma de retribuição por meio de poderes ‘invisíveis’; então, o devoto morador é ‘tocado no coração’ a dar ofertas e presentes, obtendo proteção e auxílio espiritual.

Percebemos que “o ritual nas casas do giro é muito mais simples do que nas casas de pouso” (BRANDÃO, 1977, p. 22), havendo uma rápida ruptura do distanciamento entre foliões e morador(es), bem como são breves as interações espaciais nesse tipo de visita. Ele consiste em: a) abordagem do palhaço batendo no portão e perguntando se aceita a visita; b) transferência dos foliões para o espaço da casa, sendo que o alferes sede a posse da bandeira ao devoto morador; c) posicionamento dos foliões diante do morador e da bandeira,

preparando-se para a cantoria; d) silvo de apito do embaixador, marcando o início da toada; e) cantoria com anúncio de chegada dos reis, bênção, pedido de esmola, justificativa da missão, aviso de despedida, desejando vida e saúde para quem na casa mora; f) silvo de apito avisando o final da cantoria; g) viva do palhaço aos Santos Reis, aos santos de devoção dos moradores retratados na parede e nos móveis da casa, aos devotos moradores, aos foliões e aos que estão presentes; h) versos de pedido de presentes por parte do palhaço; o morador pode escolher se a dádiva é para a bandeira ou para o pastorinho; i) versos de agradecimento e desejo de bênçãos do palhaço ao morador.

Quando uma folia passa pela primeira vez em uma moradia há mais resistência do devoto em recebê-la. Quando já é conhecida, os devotos não estranham os foliões, podendo enquadrá-los no espaço do lar temporariamente. Casa e rua são mais que espaços físicos para DaMatta: “São também espaços de onde se pode julgar, classificar, medir, avaliar e decidir sobre ações, pessoas, relações e moralidades” (1991, p. 33). É onde o devoto pode decidir se recebe ou não uma folia, pois no vizinho não se pode decidir, sendo espaço alheio. Os espaços da casa e da rua, nesse sentido, são complementares quando há interação baseada na reciprocidade por devoção. Com isso, a folia é um movimento peregrinatório que envolve os que estão ‘de dentro’ e os ‘de fora’; ademais, “[...] a bandeira vai de casa em casa – diante do devoto e do altar – levando gestos, símbolos e cantos de fé, atendendo e motivando as promessas de quem está dentro ou fora da Companhia” (SOARES, 2006, p. 207).

Ao comentar sobre a visita das folias às casas, Brick argumenta que “ocorrem aqui todos os passos que descrevem a peregrinação dos magos, com referências bíblicas sobre a vinda do Messias” (2000, p. 74). O giro de folia também alegra as pessoas ao reviver a peregrinação dos Três Reis Magos do Oriente na ocasião do nascimento de Cristo “[...] no Brasil, em forma de folias, o povo canta e alegra as noites de janeiro em uma verdadeira devoção popular. É o jeito de reviver a viagem desses três reis do Oriente” (DUMONT, 2000, p. 27).

Na visita às casas também é cantada a entrega do voto por intermédio das promessas que foram validas, sendo as salas, quartos, garagens, alpendres e até mesmo portas e portões transformados “em espaços ritualizados onde vão acontecer as trocas entre a Folia e os devotos” (CHAVES, 2003, p. 14). Podemos dizer que nesses espaços ocorrem as interações espaciais pela transferência de pessoas e coisas entre uma parte e outra. Isso é motivado pela oportunidade de bênção, de realizar uma devoção (como o canto ao falecido), de entregar um voto aos Santos Reis, bem como de se emocionar; e, de outro, da oferta, da esmola ou do muito obrigado, ainda que seja simbolizado nas lágrimas.

Durante a visita a uma casa, seja para realizar uma cantoria de benção e peditório, há várias interações espaciais (entre a casa e a rua, dentro da própria casa e entre a casa e a vizinhança), notando-se transferências de símbolos, gestos, pessoas e coisas entre o espaço da rua e o das casas, atingindo a vizinhança; ali se pode encontrar com parentes, conterrâneos, amigos, colegas de trabalho, enfim, com foliões, devotos e não devotos. Os elos entre os devotos e o Santo são fortalecidos quando a folia entoia os versos e “paga promessas e votos” (CHAVES, 2003, p. 14).

Conforme a oração que solicitam como cantoria de entrega de voto, peditório, agradecimento, despedida e saída, a folia pode se demorar mais ou menos em uma casa. Por exemplo: quando o palhaço aborda o morador e este aceita a bandeira, os foliões se transferem para o interior das casas, acompanhando o devoto morador. Enquanto os foliões tomam posições, o devoto pode conduzir a bandeira para os quartos da casa e pelo quintal para benzer a moradia. A cantoria sazonal é realizada em frente ao presépio, árvore de natal, altar e, se não houver, pode ser na porta da casa, na entrada da sala para a cozinha, no alpendre, na garagem ou em lugar conveniente. Ao som do apito, o embaixador canta anunciando a chegada dos Reis, a visita, pede oferta, abençoa o morador e a família, se despede e anuncia a saída. Nesse momento se deseja a dádiva de vida e saúde para os moradores da casa⁶⁸.

Quando a folia gira pela primeira vez numa ‘região’, o grupo pode aumentar ou cristalizar-se no lugar, pois os devotos podem transcender “suas lealdades de grupo, classe ou categoria social” (DAMATTA, 1983, p. 81). Mas, para isso, a folia tem que demonstrar organização, disciplina e confiança aos devotos, mesmo que estes sejam embaixadores e coordenadores de um grupo de folia. Ressalta-se que todas as vezes que encontrar uma lapinha ou presépio nas casas obrigatoriamente canta-se o nascimento, que citaremos no ritual de pouso de almoço. Não importa se o presépio está incompleto, faltando a estrela da guia ou um dos reis, pois estes estão simbolizados na bandeira. A negligência do embaixador, nesse caso, sujeita a apreensão da bandeira pelo devoto morador e isso pode interromper o giro da folia. Onde há lapinha ou presépio os palhaços não podem entrar na morada. Permanecem do lado de fora até o embaixador cantar para que eles façam a adoração. Na folia de “Seu M.”, como já explicado, o nascimento é cantado em todas as casas, mesmo as que possuem presépio, uma vez que “[...] Belém se concretiza em cada casa. É como se em cada casa já

⁶⁸ Vejamos os versos básicos da cantoria: “Os Treis Rei aqui chegou, ele vei te visitá; ele vei abençoa, o sinhor e a família; os Treis Rei lhe pede oferta; veja lá se pode dar; a oferta que vos dá; Deus põe outra no lugar; os Treis Rei abençoou, se despede e vai se embora; vai deixar vida e saúde, prá quem nessa casa mora”.

tivessem chegado ao final da viagem. Ali se dá plenamente o motivo da viagem, que é lembrar e repetir o gesto dos Magos, saudando o Recém-Nascido” (PESSOA e FÉLIX, 2007, p. 193). Já houve devotos que, por receio do capitão, tomaram a atitude de cobrir a lapinha com um lençol.

Havendo um presépio, como já dissemos, o embaixador tem que cantar o nascimento na folia de “Seu M.”; mas, no passado, existiam embaixadores que evitavam passar onde este estava armado (montado) antes do lugar da entrega. No caso de alguém solicitar a cantoria, cantava-se “pequena parte da adoração, porque, em sua forma completa, ela só poderia ser feita no presépio da casa ‘da entrega’” (BRANDÃO, 1977, p. 11). Tudo era esclarecido depois, pelos gerentes de folia, para o dono da casa e os foliões, pois a cantoria completa do nascimento só podia ser feita em Belém, simbolizado pela lapinha montada na casa do festeiro, onde nasceu o Salvador. Por isso, cantar o nascimento antes é como se já tivesse chegado ao lugar/local do nascimento.

Na maioria das vezes o devoto recebe a surpresa do Santo sem ter que sair de casa, havendo interação rua-casa, e não casa-rua-igreja. A surpresa, a presença do grupo precatório, a cantoria e a religação com o passado (tempo de infância ou de um parente falecido que era folião) pode tomar o devoto morador de emoção. Daí a sensibilidade e a satisfação em ofertar.

No caso de haver brincadeiras de mau gosto, ébrios, fumaça de cigarros ou alguém que viole a individualidade alheia (apanhar frutos ou tocar nos objetos da propriedade), o devoto pode se ‘desligar’ da folia e observar os movimentos e as atitudes em suas dependências. Nesse caso, há interferência nos momentos emotivos do devoto, como já comentamos nas advertências de saída pelo capitão. Os foliões oferecem e recebem homenagens, trocando dons de imenso poder ‘sobrenatural’ de acordo com suas crenças. Na folia, pais, filhos, tios, primos, vizinhos, desconhecidos e até mesmo pesquisadores são transformados em foliões ou irmãos de “todos os outros peregrinos” (DAMATTA, 1983, p. 80), deixando de lado as indiferenças, as distinções “materiais, morais e espirituais” (DAMATTA, 1983, p. 80). Observamos também casos em que os vizinhos são atraídos pela melodia e olham por cima do muro para participar da visita dos foliões (figura 35).



Figura 35 - Vizinhos olhando por cima do muro ao ouvir a cantoria.
Foto: Tito Coelho, janeiro de 2011.

Ao realizar uma cantoria, a folia supera a “dicotomia casa/rua, criando seu campo social próprio” (DAMATTA, 1983, p. 81). Na folia, os Santos Reis vão à frente de todos (com exceção do palhaço que os guia) conduzidos pelo alferes, irmanando os devotos que mostram seus sentimentos de devoção. “Assim, o santo, quando passa, vai criando filiações que se estabelecem muitas vezes pelo olhar ávido de fé dos seus devotos” (DAMATTA, 1983, p. 81), sendo isso também uma forma de interação espacial e suscitadora de movimento. Nesse caso, algumas pessoas passam a acompanhar a folia.

Vejamos, na figura 36, os movimentos, os deslocamentos e o posicionamento dos foliões e dos devotos moradores durante a visita a uma casa. As setas cor de rosa indicam a entrada dos foliões para cantar e as verdes indicam a saída depois da cantoria. Dentro e fora da casa as pessoas permanecem ouvindo a toada, podendo ficar dialogando depois e até acompanharem a companhia durante certo tempo.

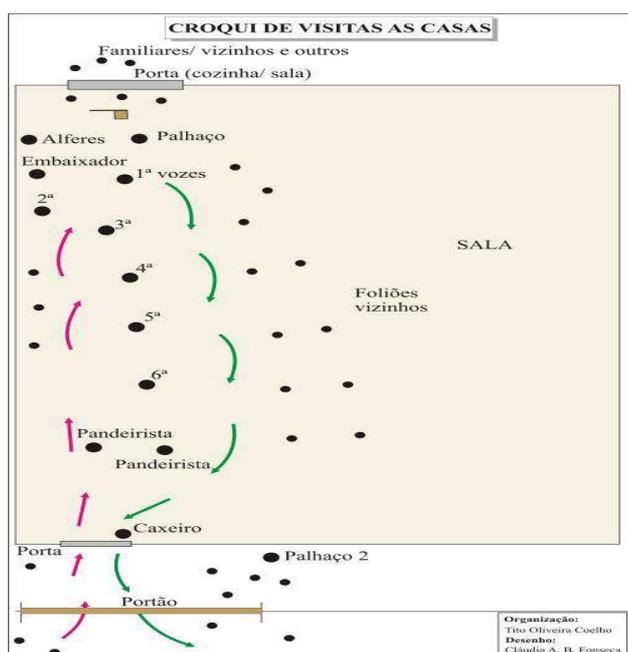


Figura 36 - Croqui simbolizando a visita às casas.
Fonte: Trabalho de campo, 2010.

Nas casas se oferece água, refrigerantes, café, bolos e até mesmo pinga e vinho, materializando a inter-relação entre o devoto e o grupo, pois “[...] todo o espaço fica ocupado por quem está relacionado com o santo. A atmosfera criada é de transferência de lealdades e de abertura para o campo sagrado” (DAMATTA, 1983, p. 81). Isso provoca fortes e rápidas interações espaciais no espaço interno da casa pelo fato de o devoto mobilizar sua família para fazer café, retirar a comida dos armários e geladeiras, ligando a sala à cozinha, à área de serviços, à garagem e a outras dependências. As portas ficam abertas, cadeiras e sofás à disposição para o descanso, tudo faz parte da interação no espaço ritual.

Terminados os rituais de despedida do palhaço, os foliões retornam para a rua e seguem o giro. Ao observar os movimentos de retorno ao giro, Brandão afirma que “é costume que o dono os acompanhe até a próxima casa de giro. Quando o dono for um antigo folião a despedida pode ser seguida de cenas de emoção. Não são raros os donos que choram, “ao despedir da bandeira” (1977, p. 24). Ao verem a bandeira se distanciar os devotos podem sentir uma espécie de nostalgia, parecendo estar se despedindo de alguém que só voltarão a ver no ano seguinte.

4.1.1 Canto ao falecido

Se houver pedido de canto ao falecido, o embaixador adverte que vai parar a cantoria. Para a caixa, o pandeiro e, no caso, outro instrumento de percussão que porventura esteja tocando. Anuncia que vai cantar para o falecido, devoto dos Reis. O palhaço (a meia máscara) pede para o devoto se ajoelhar, apoiando a ponta do cabo da bandeira no chão, e canta em memória do morto, implorando a sua bênção e salvação onde estiver (figuras 37 e 38).



Figuras 37 e 38 - Canto ao falecido pastorinho à meia máscara e devota sentindo fortes emoções.
Foto: Tito Coelho, janeiro de 2010.

Quando o embaixador anuncia que cantou para o falecido, volta a percussão, solicitando ao devoto para erguer a bandeira e se levantar. O palhaço coloca de volta a máscara e acompanha o morador, que pode ter dificuldade para se levantar. Geralmente, o devoto chora muito, e essa emoção pode afetar o palhaço, os foliões, os parentes e quem estiver por perto durante esse ritual. Vejamos o canto ao falecido:

O meus nobre folião,
 Vô mudá a cantoria.
 Vô cantá pru falcido,
 Que era devoto da nossa guia.
 Há muito tempo Deus levou,
 Foi morá na eternidade.
 Num cantim lá no céu,
 Bem juntinho de São José.
 Os Treis Rei te dá a bença,
 No luga onde estiver.
 Quem te dá a salvação,
 É Jesus de Nazaré.
 Já cantei pru falcido,
 Nas hora de Deus amém.
 Alevanta a nossa guia,
 Pode se alevantá tamém.
 Pai e Filho e Espírito Santo,
 Pra sempre amém amém.

O canto ao falecido é feito antes de pedir a esmola, tendo ou não o canto do nascimento. Usualmente, o devoto avisa para o palhaço que quer o canto ao falecido ou entregar um voto. O embaixador tem que ser avisado antes ou quando a cantoria já iniciou, pois senão pode ficar um voto sem ser entregue e só no ano seguinte poderá o ritual ser feito novamente. Encerrada a cantoria de visita, o palhaço saúda os Reis, os foliões, o dono da casa e sua família, depois faz versos para o morador pedindo oferta para os Três Reis ou presentes para si. Ressalte-se que o canto ao falecido pode ser solicitado na visita às casas, nos pousos da bandeira, nas saídas de pousos e após o canto do nascimento, na entrega da bandeira, promovendo interações espaciais entre os que chegam (foliões) e o dono da casa, motivadas pelas saudades dos que ‘partiram’ (falecidos), interações estas centralizadas no lugar em que é solicitado o ritual (sala, rua, alpendre, etc.)

Além do canto ao falecido pode haver um ritual de outros devotos para pegarem na bandeira e realizarem suas devoções. Podem ser membros da família, vizinhos, visitantes ou alguém que percebeu não ter a folia passado em sua casa. Se houver outros devotos, o embaixador repete os versos de saudação, oferta, despedida e bênção, sendo possível dar a esmola para o alferes nesse momento. Terminada a cantoria, o palhaço chama o morador para uma conversa trovada a fim de pedir presentes: “Patrão, os Três Reis mandou falar um verso

pro senhor”. O morador aceita a recitação e aquele diz: “Os Três Reis vem girando, tão alegre e tão contente, o que o senhor tem pra me dar de presente?”.

4.2 RITUAIS DO ALMOÇO

Como já dissemos, o espaço da casa e o da rua se opõem em muitas situações, mas, em algumas, eles se tornam extensões um do outro, como acontece na visita de uma folia. Nos dias de festejos (pousos de almoço e janta) a casa é o complemento da rua e a rua o da casa, ficando difícil determinar onde começa um espaço e termina o outro, embora se mantenham alguns espaços da casa com seu caráter de acesso privado ou restrito. Vejamos o depoimento de “Dona F.”, foliã de pouso e festeira, no dia 6 de janeiro de 2007: “O arco no portão o dia inteiro indica que tem folia... vai chegando gente, a casa é do povo. Todos que chegam é filho dos Santos Reis... a vontade nem peço alguém pra ficar de olho. É como se fosse um dia normal, como se estivesse só eu” (Entrevista concedida a COELHO, 16/01/2010). Tem-se a compreensão de que, oferecendo almoço e pouso, os Santos Reis abençoarão, aumentando os bens e protegendo os familiares: “Todos acreditam que o ato de dar obriga Deus a retribuir, em nome dos Três Reis (mediadores sobrenaturais) e através do trabalho religioso dos foliões (mediadores humanos)” (PESSOA, PESSOA E VIANÊS, 1993, p. 106).

Antes de chegar ao arco é costume dos palhaços, ou do capitão da folia, se aproximar dele e indagar aos moradores se já podem chegar (figuras 39 e 40). Quando isto é feito pelos primeiros, pode haver crianças que se espantam com eles e correm com medo:



Figura 39 e 40 - Palhaço chegando ao portão para perguntar se pode chegar, as crianças se assustam. Foto: Tito Coelho, dezembro de 2009.

Na chegada do almoço, na rua, os palhaços organizam duas filas, com a bandeira ao meio. Ao silvo de apito, fazem uma evolução simples, ou em forma de coração, ao som de uma marcha, e seguem até o portão, guiados pelos pastorinhos. “A chegada em um pouso é sempre muito festiva. Desde a aproximação do grupo, as pessoas da casa começam a soltar fogos. O grupo aproxima-se do quintal da casa tocando os seus instrumentos. Faz as evoluções do caracol e se aproxima cantando” (BRANDÃO, 1977, p. 24) até o arco ou portão onde estão os moradores a esperar pela bandeira (figuras 41 e 42). Nas chegadas, “em geral, o dono da casa tem em suas mãos um quadro com alguma imagem de santos padroeiros” (BRANDÃO, 2004, p. 368) para ‘encontrar’ com os Santos Reis. Assim, se estabelece uma interação espacial ritualizada ainda na rua entre o santo protetor do lar, que é retirado do seu nicho, e os Santos Reis, então chegados e representados na bandeira.



Figuras 41 e 42 - Evolução da meia lua ou caracol ao chegar num almoço.
Foto: Tito Coelho, dezembro de 2009.

Os devotos moradores montam um arco com folhas de palmeiras, bananeiras, balões e outros “[...] e lá escondem uma prenda que deverá ser achada por eles” (VIEIRA, 1987, p. 48), os palhaços. Estes fazem a saudação aos Reis, aos foliões, aos donos da casa, perguntam se no portão ou arco tem presente e, caso positivo, pedem licença para procurá-los no arco ou no chão, de dentro ou de fora da casa, quantos forem. Encontrando-os, agradecem e passam a folia para o embaixador. Vejamos como é a saudação do arco pelos palhaços:

Viva os Treis Rei do Oriente.
Os fulião envem girano e chego muito contente,
Vamo todos dar um viva nos Treis Rei do Oriente.
Os Treis Reis envem girano e chego até aqui,
Vamo dá um viva nesse arco feito cum foia de bacuri.
Deus vos salve o belo arco todo feito de folhagem,
Que foi feito para arreceber os Treis Reis que chegaro de viagem.
Deus vos salve o belo arco enfeitado de flor e corrente,
Que foi feito pra dá passage pros Treis Rei do Oriente.

Deus vos salve o belo arco enfeitado de fita de papel,
 Vamos todos dar um viva nos Treis Rei que tá no céu.
 Os Treis Rei envem girano com amor no coração,
 Vamos todos dá um viva nesses nobre fulião.
 Os Treis Rei envem girano e aqui está parado,
 Vamo todos dá um viva nesses nobre convidado.
 Os Treis Rei envem girano com amor e alegria,
 Vamo todos dá um viva no dono da casa e sua famia.
 Sua casa tem quato canto, cada canto tem virtude,
 Os Treis Rei manda perguntar como vos passa de saúde?
 Tem passado muito bem porque Deus tem ajudado.

Fonte: pastorinho “R.”, 27 fev. 2011.

4.2.1 A saudação ao “santo da casa”

Se os moradores estiverem portando uma imagem ou quadro de um santo, um dos palhaços pode saudá-lo para que o embaixador economize tempo na cantoria, pois as pessoas podem estar famintas e o giro tem que continuar depois do almoço⁶⁹. Se for uma imagem de Nossa Senhora Aparecida, comum nas casas dos católicos e outros religiosos no Brasil, é possível fazer uma saudação específica. Se o palhaço não souber a saudação dessa Santa, o embaixador tem que cantar saudando-a e, para encurtar a cantoria, o pastorinho pode recitar os versos de forma mais rápida, a fim de seguir com os rituais:

O Senhora Aparecida, padroeira do Brasil,
 É uma Santa poderosa com seu manto cor de anil.
 Foi encontrada dento de um rio por aqueles pescador,
 Hoje está no jardim florido todo coberto de flor.
 O padroeira do Brasil, o nossa mãe querida,
 Proteja todos doentes com a esperança cheia de vida.
 O rainha do Brasil, padroeira das nação,
 Proteja os dono da casa e todos folião.
 E foi dento de um rio que aquela Santa apareceu,
 Foi um grande milagre que na hora aconteceu.
 Hoje Ela consagrada, uma Santa milagrosa,
 O padroeira do nosso Brasil, essa Santa poderosa.
 Venho a ti o Santa beijar com o mais puro coração,
 Pra guiar o nosso povo e não deixar-nos cair em tentação.
 E foi Deus que escolheu para ser nossa mãe,
 Nosso povo brasileiro tem sua mãe querida.
 Todos tem a grande fé,
 Na Senhora Aparecida.
 Depositamos nossa esperança nesta santa tão querida,
 Nossa Santa poderosa, é a Senhora Aparecida.

⁶⁹ A saudação ao ‘santo da casa’ na bandeira pesquisada é feita com os seguintes versos: “Os Treis Rei envem girano,/ cansado de viajá;/ agora peço licença pra nosso juei no chão nós colocar./ Os Treis Rei envem girano e chego com seu encanto;/ agora peço os dono da casa pra saudá o quadro santo./ Deus vos salve o belo encontro das image com a bandera,/ aqui são image, mas no céu são verdadeira./ Já falei meus poco verço nas hora de Deus amém;/ peço pra todos fecha os olhos e fazê o Nome do Pai tamém./ Sinhori dono da casa,/ escuta o que eu vô falá;/ agora peço a sua licença prá nós alevantá” (Pastorinho “R.”, 27 fev. 2011).

Injueiemo meus folião, injueiemo minha gente,
 Injueiemo todos devoto e também os aqui presente.
 O Senhora Aparecida, venha abençoar todos devotos e todos presentes,
 Abençoi todos convidados, os folião e também os penitente.
 Protegei todas as pessoa, protegei toda famia,
 Protegei os foliões e também os inocentes.
 Já terminei meus siple verso,
 Vamos todos dá um viva em Nossa Senhora Aparecida.

Fonte: pastorinho "R.", 27 fev. 2011.

4.2.2 Vivas, procura de presentes e saudação ao arco

Concluída a saudação da imagem ou quadro santo, os palhaços continuam o ritual de chegada, dando vivas aos que se encontram à espera da bandeira⁷⁰. O dono da casa, concedendo a licença, permite que os palhaços procurem os presentes, buscados até que se encontrem. No caso de haver presentes, os palhaços se deslocam para os lugares em que foram dadas as pistas do enterro (esconderijo). Podem estar no arco, nas árvores do lado de dentro ou de fora, ou enterrados no jardim (figuras 43, 44, 45 e 46)⁷¹. Se não houver presente, os palhaços podem fazer um verso pejorativo para os convidados rirem: “Os Três Reis vem girando, andou no claro e no escuro, vamos todos dar um viva no patrão que é um pão duro”; nesse caso, todos dão gargalhadas, quebrando o silêncio entre os donos da casa, foliões e convidados. Feito esse ritual de chegada, o palhaço passa a voz ao embaixador dizendo: “Lá do Céu desceu uma voz, quem mandou foi o Senhor, pra continuar nossa jornada, continua embaixador”.



Figuras 43 e 44 - Pastorinhos procurando presentes e simulando uma disputa para encontrá-los.
 Foto: Tito Coelho, dezembro de 2009.

⁷⁰ Os versos entoados são: “Os Treis Rei envem girano com amor no coração;/ vamo todos dá um viva nas criancinha de mão./ Os Treis Reis envem girano tão alegre e tão contente;/ agora prigunto os dono da casa se nesse arco tem presente?/ Os Treis Rei envem girano,/ cum amor no coração,/ mando nois priguntá se tá em cima ou no chão?/ Os Treis Rei envem girano e isso aqui tá ficano bão;/ mando priguntá se é tatu ou avião./ Os Treis Reis envem girano lá das banda do Oriente,/ peço licença pus meu patrão,/ mode caça nossos presente”.

⁷¹ Encontrados os presentes, os palhaços agradecem, dizendo: “Arrebebo esse presente tão alegre e tão contente;/ quem vai colocá oto no lugá é os Treis Rei do Oriente./ Agradeço esse presente com amor no coração;/ quem vai pô oto no lugá é os Treis Rei os Treis irmão”.



Figuras 45 e 46 - Pastorinhos agradecendo os presentes encontrados.
Foto: Tito Coelho, dezembro de 2009.

Ao silvo do apito, começa-se a cantoria de benção da companhia, saudação do arco, a benção das mãos que o enfeitou, saudação às correntes ou fitas de papel, se houver, e às ramagens. O dono da casa, como mencionamos, pode estar com uma imagem ou quadro santo e o embaixador improvisa os versos de encontro dela com os Três Reis retratados na bandeira:

Pai e Filho e Espírito Santo,
Vamo nós benzê primeiro.
Vamo nós benzê primeiro,
Pra livrar do mal que vem.
Pai Nosso Ave Maria,
A oração foi Deus que fez.
Nóis tá seno abençoado,
Pelo glorioso Santo Rei.
Que encontro tão bonito,
Que os Treis Rei encontro.
Encontrou com um belo arco,
Todo enfeitado de flor.
Abençoada é a mão,
A mão que enfeitou.
Os Treis Rei do oriente,
Já te abençoou.
Encontrou imagem Santa,
Que com os Rei vei encontrá.
Deus vos salve essas corrente,
Também essas ramagem.
Deus vos salve essas fita,
E também estas foragem.
Deus vos salve esse lindo arco,
Com todo enfeito que tem.
Deus vos salve imagem santa,
Que presente aqui está.
Terminei a saudação,
Nas hora de deus amém.

Cada embaixador e grupo de folia de Santos Reis têm seus próprios versos e maneira de proceder nas chegadas de pousos. Na concepção de Tremura, “o verso na folia de reis expressa a crença popular nos seres divinos, e como este é parte do imaginário popular e criatividade dos participantes, assume muitas formas de grupo para grupo” (2004, p. 4). Não

há versos definidos rigidamente para os rituais de folia e o embaixador vai improvisando os versos conforme o que se encontra no tempo-espço-ritual.

4.2.3 A entrada: os arcos e a porta

Até a saudação do primeiro arco não há deslocamento durante a cantoria. A troca da bandeira pelo quadro ou imagem santa inicia os movimentos e os deslocamentos do ritual de chegada no almoço. Maia, analisando o ritual e a emoção nas interações espaciais no tempo-espço das festas populares, romaria e folgedos, discute os ritos de passagem, incluindo a passagem de uma situação a outras, do mundo cósmico social ao cósmico-espiritual. Recuperando Van Gennep, ele nota que essas passagens se agrupam em “ritos de separação, de margem e de agregação, que estabelecem distinções entre as populações que os praticam e os conjuntos cerimoniais praticados” (MAIA, 2010, p. 95). Nessa ótica, os rituais de separação são os comportamentos simbólicos, nos quais há afastamento do grupo de um ponto fixo contido na estrutura social ou nas condições sociais e vice-versa. Isso pode acarretar mudanças nos lugares, no estado emocional das pessoas e na posição social dos indivíduos. Há ritos de agregação no encontro dos foliões com os devotos moradores e, nessa união, permite-se passarem da rua para a casa. A identidade dessa passagem de situações sociais com a passagem material é observada nas passagens pelos arcos (figuras 47 e 48), portas, presépios e altares, da sala para os quartos e outras dependências das moradas. As folias de Reis são “incontáveis momentos de passagens” (PEREIRA, 2009, p. 10).



Figuras 47 e 48 - Primeiro e segundo arcos no pouso de janta na casa de professor “G.”.
Foto: Tito Coelho, janeiro de 2009.

Parkin, ao criticar Lévi-Strauss, discutiu ritual como ação que prescinde de palavras, notando que a lógica ritualística é distinta da mítica, que sugere diretamente isso (expressão por palavras): “Podemos ser perdoados por imaginar que ele até mesmo reprovava a ação ritual por ela ser destituída de palavras e que, para ele, somente o mito poderia suscitar o raciocínio logocêntrico que tem caracterizado as formas de racionalidade ocidentais” (PARKIN, 1992, p. 11). Sabemos do poder mágico das palavras, sendo difícil imaginar um mundo sem pronúncias e ações. Para o autor, o mito privilegia as palavras e o ritual a ação física, “mas é uma ação que só pode ser entendida como movimento no sentido corporal ou posicionamento em relação a outros movimentos corporais e posições” (PARKIN, 1992, p. 12). Esses movimentos são característicos nos rituais de passagem nos arcos em pousos da bandeira, em que os palhaços fazem seus versos, louvam os santos, procuram seus presentes e os moradores podem dialogar com eles. Isso se relaciona com a observação do autor de que “uma implicação dessa visão é que todos os rituais são, de algum modo, ritos de passagem: em outras palavras, que eles pressupõem movimentos *de fase*, direcionamento e posicionamento” (PARKIN, 1992, p. 12).

Nos movimentos, posições e cantorias os participantes emitem pareceres da satisfação ou insatisfação da maneira com que os rituais foram realizados, mantendo-os vivos, ao que Parkin chamou de “agência na ausência” (1992, p. 12). Nesse caso, certas pessoas organizam e mantêm esses rituais, criticando a capacidade ou aptidão e os movimentos corporais dos foliões saindo da rua em direção a casa e suas dependências: portões e porta da casa com ou sem arco, lapinha, presépio ou altar, quartos e mesa para comer. Esse agenciamento, estando ausente e oculto, é ato sutilmente conhecido à maneira de rivalidades silenciosas na tentativa de controlar a “conduta dos rituais objetivando a legitimação dos papéis de liderança” (PARKIN, 1992, p. 13). Nas passagens da rua para a casa em rituais de folias de Santos Reis são comuns olhares e juízos por parte de pessoas experientes, foliões e embaixadores de outras folias atentos a cada passo, verso e movimento. Se tudo ocorrer bem há julgamentos positivos e palhaços, embaixadores, vozes, instrumentistas e capitão são elogiados. Isso pode sensibilizar os devotos, levando-os a convidar a companhia para pousar a bandeira em suas moradas, solicitar cantoria em suas casas, oferecer-lhes café e outros, ampliando as interações espaciais do grupo.

Os foliões podem passar de casa em casa sem encontrar empecilhos e sem perceberem a gerência no anonimato dos participantes. Parkin discute a questão do regulamento, na qual “os participantes em um ritual podem contestar a conduta apropriada da cerimônia ou podem reconhecer sua ignorância e pedir às demais explicações quanto ao que fazer ou o significado

de alguma ação ou objeto” (1992, p. 15). Quando a folia chega numa morada em que os devotos não são experientes em dar pouso para a bandeira, estes ficam em dúvida quanto aos procedimentos de preparo da comida, sobre como fazer o altar e montar o arco; ao se depararem com a chegada, normalmente precisam se informar com os palhaços a respeito dos procedimentos. O alferes da bandeira também auxilia na orientação dos movimentos rituais necessários na passagem pelos arcos. Os participantes, pesquisadores e outros também se informam com o capitão da folia a respeito do significado dos elementos e movimentos rituais a todo momento.

Nos rituais de passagem da rua para a casa são observados os precedentes sagrados para que o evento seja eficaz e a apresentação seja apropriada. Os devotos podem condenar a conduta dos foliões no caso de embriaguez e violação da privacidade dos moradores, causando dispersão da atenção. O costume também é observado nas análises de Parkin como sendo similar ao ritual, mas o autor ressalta que são distintos pela função de alerta ritual; o costume é silencioso e sutil, mas, se sua prática for mal procedida, as falhas são percebidas de imediato; já o ritual é vivo e brilhante, mesmo sem expressões e sereno, sem ruídos. O olhar público é capaz de definir o êxito ou não de um ritual. Nesse sentido, o regulamento “é um convite para nós, observadores do exterior, não gravarmos ou decifrarmos regras sequenciais precisas, mas sim reconhecermos que as pessoas esperam que haja regras como condição do ritual público” (PARKIN, 1992, p. 15). Observadores e participantes são unidos pelo sentido da ocasião influenciada por regras que se espera que existam, sem as quais os rituais não se completariam, não teriam eficácia e se tornariam inapropriados.

Outro argumento de Parkin que nos auxilia no entendimento da passagem do arco e da porta e suas interações espaciais ritualizadas refere-se à direcionalidade contida nos eixos, nos pontos cardiais, nas zonas concêntricas e nas expressões de orientação e movimentos espaciais. Parkin não se apegou a esses métodos, mas aproveitou os elementos espaciais por eles analisados. Em sua visão existem duas abordagens:

1) aquela que tende a tratar de ritual como um processo de significância interna, para não dizer consistência, que nos é fornecida só uma idéia limitada daquele movimento do ritual através do espaço social e 2) aquela que, em vez disso, enfatiza o ritual como claramente ligado com a direcionalidade e construindo uma jornada ou passagem tomada e/ou marcada pelos participantes posicionados em relacionamentos espaciais entre si. (PARKIN, 1992, p. 16)

No ritual de chegada da folia de Santos Reis do JDA observamos seu significado interno para os integrantes do grupo que pratica tal movimento ritual socialmente estabelecido

numa região urbana: o direcionamento é criteriosamente observado na construção de uma jornada ou giro e seu conjunto intrincado de passagens; o posicionamento e suas relações no tempo-espaço do movimento ritual são minuciosamente estabelecidos pelo capitão da folia. O ritual de chegada é totalmente ligado ao movimento, direcionamento (a bandeira deve estar virada para frente na entrada e saída das casas) e orientação espacial mediante as preces cantadas e trovadas. Parkin sugere “possibilidades combinatórias infinitas para mudanças direcionais e orientação espacial que quase mesclam ritual e arte e ainda, em conjunção com sua natureza proposital, torna o ritual não só performativo, mas performativo para algum objetivo e para alguém” (1992, p. 17). Nos deslocamentos e movimentos de chegada esse aspecto performativo é observado na combinação de teatro, poesia e música. Os palhaços fazem verdadeiros teatros cômicos ao recitarem seus versos trovados; já os embaixadores, os instrumentistas e as vozes entoam melodias emocionantes e cativantes criando, com isso, um novo tempo-espaço.

Como já mencionamos, os palhaços e os embaixadores podem se deparar, nos rituais de entrada, com letreiros, cruzeiros, ferramentas, frutas e outros elementos para recitar ou cantar o significado deles, o que ressalta sua atuação ritualística e hierarquia no grupo. Trata-se daquilo que Parkin consigna como “ação política segundo o qual as pessoas lutam para conseguir posição através de uma idéia apriorística e dominante de autodeterminação e autopromoção” (1992, p. 24). Na passagem dos arcos os palhaços e os embaixadores têm que realmente saber fazer o ritual, do contrário pode haver arrebatamento da bandeira, prisão do palhaço e outras consequências, extirpando sua autopromoção. Assim, existem elos bastante intrínsecos entre a dimensão política do ritual (hierarquia estabelecida) e a geográfica (o que se deve fazer em cada lugar), o que ressalta o nosso estudo das interações espaciais por esse viés.

No percurso do portão até a entrada da casa pode ser montado mais um arco, mostrando que o devoto planeja ficar mais tempo ouvindo a cantoria ou ‘experimentar’ os embaixadores. É feita a saudação do segundo arco com todo enfeite que tem. Se tiver uma fita ou uma corrente de papel, o embaixador improvisa um verso pedindo para cortá-las a fim de poder seguir viagem. Na entrada da porta, os devotos podem colocar um arco, tendo-se que saudá-lo também com os elementos nele fixados⁷².

⁷² Vejamos como ficam os versos dessa parte do ritual: “Sinhore dono da casa,/ filho da virgem Maria./ Arecebeu a nossa bandeira,/ arecebe a companhia./ Arecebeu a companhia,/ vira sua frente pra lá./ Vai seguindo com a bandeira,/ pra nós acompanhá./ O Deus salve o segundo arco,/ com todo enfeite que tem./ O Deus salve essas fitas,/ os Treis Rei está pedindo,/ corta ela pra nós passar”.

Quando a bandeira chega à porta da casa é feita uma parada. A interação espacial ocorre com o deslocamento da porta para o fixo composto pela lapinha ou altar e, se não houver nenhum dos dois, até a porta de entrada da sala para a cozinha, copa ou outros. Em muitos casos a lapinha, ou o altar, é montada na garagem para dar mais espaço aos foliões e convidados e manter a privacidade da casa, tendo-se que improvisar os versos.

4.2.4 O canto do Nascimento

Quando há uma lapinha (no chão) ou presépio (em cima de uma mesa) e se está na folia sazonal, obrigatoriamente é preciso cantar o nascimento. Nessa parte do ritual são cantados a concepção de Maria e o nascimento de Jesus num lugar ermo, simples e sem conforto. Por tradição, diz-se que o Menino nasceu bem pobrezinho numa cama de capim, sendo que era rico e podia nascer numa cama de marfim. Como não tinha agasalhos, os animais bafejaram nele para aquecê-lo:

Vinte cinco de março,
A virgem concebeu.
Vinte cinco de dezembro,
Menino Jesus nasceu.
Numa pobre manjedoura,
Numa caminha de capim.
Quem podia nascer rico,
Numa cama de marfim.
Bafejado de animal,
Ele não tinha cobertor.
Pra dá exemplo ao mundo,
Nasceu pobre o Salvador.

Na hora do nascimento, a estrela avisou os Três Reis Magos, que se colocaram em movimento e deslocamento. É passado de geração a geração que cada um dos Reis saiu de um lado, seguindo a estrela e, no caminho, se encontraram. A partir do encontro se deslocaram (guiados pela Estrela da Guia, a Luz de Deus) para a terra de Herodes. Chegando à cidade desse rei a estrela se apagou. Os Três Reis Magos entraram no palácio de Herodes para se informar onde havia de nascer o Menino. Sabendo onde haveria de nascer o Menino, foi concedida a licença para os Magos passarem; todavia, com uma condição: voltar e avisar onde estava o Menino, para que ele (Herodes) também pudesse visitá-lo⁷³.

⁷³ Nos versos narra-se que Herodes mandou, provavelmente, dois soldados acompanharem a comitiva dos Reis Magos até a gruta de Belém, dizendo que era para dar segurança aos peregrinos que se deslocavam: “Na hora do

Diz-se, ainda, que os soldados os guiaram com a intenção de localizar o Menino para denunciá-lo a Herodes. Quando os Reis Magos saíram da cidade de Herodes, recomeçando a peregrinação, a estrela tornou a dar sua luz, iluminando o lugar do Nascimento. Então seguiram em direção à estrela, não se sabendo de outros lugares em que, provavelmente, passaram antes de chegarem ao destino. Canta-se que a lapinha era pequena e não cabiam os Três Reis de uma vez. Assim, ao chegar à entrada da estrebaria foi preciso que entrasse um por vez para adorar e dar presentes (incenso, ouro e mirra) ao Menino. Essa parte encerra a cantoria que narra a interação espacial na ocasião da peregrinação, viagem e visita dos Reis ao Menino Jesus, concluindo a origem e o destino, ou seja, a interligação dos pontos fixos (terra dos Reis, caminhos percorridos, terra de Herodes e gruta de Belém), pelo fluxo de um grupo de pessoas com interesses comuns, segundo os cancioneiros foliões⁷⁴.

4.2.5 A adoração ao presépio ou lapinha

Terminada a parte do canto ao Nascimento, o embaixador adverte os foliões para fazerem a adoração. Todos devem ajoelhar-se e, como os palhaços não entram onde há presépios⁷⁵, o embaixador canta chamando e autorizando-os a se aproximarem do presépio para fazer a saudação e louvação na lapinha:

Pra fazer a adoração,
Vamos todos injueiar.
Pastorinho de Oliveira,
Dá uma chegada prá cá.
Terminô a adoração,
Ocêis torna me entregá.
Com licença dos Treis Rei,
A cantoria eu vô Pará.

nascimento./ A Estrela esplandeceu./ Avisando os Treis Rei Mago./ que Menino Jesus nasceu./ Cada um saiu de um lado./ no caminho foi encontrar./ Rei Belchor e Gaspar./ e também Baltazar./ Guiado pela Estrela./ começaram a viajar./ Na cidade de Herodes./ a Estrela apagou./ Pros Treis Rei pedir licença./ Pra visitar o Salvador./ Herodes deu licença./ pode ir quando for voltar./ Avisa onde está o Menino./ Também quero visitar./ Para dar uma segurança./ Meu soldado vai acompanhar”.

⁷⁴ Os seguintes versos tratam disso: “Quando saíram da cidade./ a Estrela clareou./ Na lapinha de Belém./ onde estava o Salvador./ A lapinha era pequena./ e não cabia todos Três./ Cada um foi injueiano./ cada um em sua vez./ O presente dos Treis Rei./ era incenso./ ouro e mirra./ Ele não quis aceitar./ nasci pobre só pra te salvar”.

⁷⁵ Os palhaços não entram antes que o embaixador os convoque – de forma cantada – por terem sido os últimos a chegar. Segundo informações de “Seu M.”, “É porque ele [o palhaço] foi o último a entrar... ele não sabia quem tava lá. Os primeiros foram os Três Reis, depois o palhaço para louvar” (Entrevista concedida a COELHO em 22/03/2012). Supostamente eram soldados de Herodes que delatariam a localização do Menino. Lá chegando se ‘arrenderam’ e o adoraram.

Estando todos ajoelhados, deixando um corredor para os pastorinhos (palhaços) passarem ajoelhados à meia máscara, estes fazem a adoração em versos (figura 49):

Santa Ana e Joaquim eram velhos,
Não podia mais ter filhos.
Deus mandou Maria com muita dor,
Pra arreceber Jesus, o nosso Salvador.

Vinte cinco de março,
A Virgem concebeu.
Vinte cinco de dezembro,
Menino Jesus nasceu.

A Estrela apareceu,
Quando saiu de Jerusalém.
A Luz daquela Estrela,
Os Treis Rei viram até Belém.

Viajaram a noite inteira,
A Estrela acompanhou.
Até a porta da lapinha,
Onde estava o redentor.

Os Treis Rei pediu a Estrela,
Que queria sua Luz.
Já na porta da lapinha,
Onde estava Senhor Jesus.

Os Treis Rei foram chegando,
Puseram seus juei no chão,
Vei fazendo sua adoração.
Os Treis Rei injueiario,
Vei abrindo seu tesouro,
Ao sertão que lhe trazia,
Mirra, incenso e ouro.

Jesus Cristo nasceu,
Nós havemos de adorar.
Já na porta da lapinha,
Onde Jesus está.

Já terminamo a adoração,
Na lapinha de Belém.
Pai, Filho e Espírito Santo,
Nas horas de Deus, amém.

Lá do céu desceu uma voz,
Quem mandou foi o senhor.
Prá continuar nossa jornada,
Continua imbaxadó.



Figura 49 - Palhaços fazendo a adoração à lapinha.
Foto: Tito Coelho, dezembro de 2010.

Os palhaços, tendo terminado a adoração e entregue novamente a companhia ao embaixador, voltam a colocar a máscara e cantam avisando o término da adoração, permitindo a todos que se levantem para dar prosseguimento ao ritual⁷⁶. O canto do Nascimento e a adoração do presépio conferem centralidade a esse cenário (presépio-fixo), geralmente em miniatura, na interação espacial que vai se criando dentro da casa em seus diversos cômodos e com seu exterior mediante a visita da folia (fluxo), centralidade esta que será confirmada na pousada da bandeira, que falamos a seguir.

4.2.6 O pedido de comida, outros vivas e a desarriação/desarriamento dos instrumentos

Quando a folia é temporã, mesmo que tenha presépio não é preciso cantar o nascimento nos almoços e pousos, só a cantoria saudando a lapinha e passa-se ao pedido de descanso e comida. Na folia sazonal, tendo-se cantado o Nascimento, o embaixador adverte os donos da casa, anunciando a chegada de um portador. Pede descanso para a bandeira, os palhaços, o alferes e para os instrumentos. Em seguida, solicita comida para todos da companhia⁷⁷.

Canta-se perguntando: se o pedido for aceito, que o devoto morador vire a bandeira para a companhia, preparando-a para pousá-la. Voltando a estampa da bandeira para os

⁷⁶ Os versos entoados são: “Já fizemo a adoração,/ vamo todos alevantá./ Pai e Fiho e Espírito Santo,/ nas hora de Deu amém”.

⁷⁷ Os versos referentes aos pedidos são os seguintes: “Sinhere dono da casa,/ agora com vos será./ Aqui vei um portador,/ desse jeito vei fala./ Vei pedi um bom descanso,/ pra bandeira e os vigia./ Pro nosso offeri,/ e os instrumento da folia./ Vei pedir vos um alimento,/ pra toda companhia”.

foliões, o embaixador pede licença para colocar a bandeira na lapinha para que os Reis possam descansar. Geralmente, os foliões estão cansados e famintos, podendo-se relaxar um pouco. Pousada a bandeira, o embaixador anuncia que os Santos foram descansar, permitindo que os foliões descansem também⁷⁸.

Nesse momento os palhaços fazem os versos de saudação aos Três Reis do Oriente, a São José e Santa Maria, aos donos da casa e sua família, a todos os foliões e todos que estão presentes. Os demais devem bradar ‘viva’ ao fim do verso do palhaço. Nesse momento, os pastorinhos perguntam onde podem ‘desarriar’ e guardar os instrumentos. O dono da casa indica um quarto em que os palhaços entram juntos com os instrumentistas para confundir os donos da casa e os convidados. Os instrumentistas e outros foliões devem esperar os palhaços ‘desarriarem’ “e o motivo de entrarem tantas pessoas assim no quarto é justamente para que não se saiba quem é o verdadeiro – deve ser segredo” (VIEIRA, 1987, p. 47). Por tradição, ninguém pode saber quem são os vigias. Eles devem mudar a voz, andar com dois calçados ou trocar com outro folião na hora de ‘arriar’ e ‘desarriar’, e colocar um pano no rosto, com furos nos lugares do nariz e dos olhos. Nesse momento, o presépio confirma sua centralidade por ali estar disposta a bandeira a ser visitada, mas as interações começam a se fazer com outros locais da casa, como observamos, a exemplo do quarto em que ficam guardados os instrumentos.

4.2.7 O pouso da bandeira

Quando a bandeira é pousada na lapinha ou presépio, “algumas pessoas aproximam-se para beijá-la” (BRANDÃO, 1977, p. 26), podendo ser membros da folia, moradores e convidados. Observamos que alguns foliões de pouso (de almoço e jantar) não montam presépios, somente um altar para pousar a bandeira. Nesse caso, a cantoria é abreviada, fazendo-se somente a saudação dos elementos que estão nele, sem ter que cantar no nascimento:

Vai andando passo-a-passo,
Até chegar no seu altar.
Deus vos salve este enfeite,
Que presente aqui está.
Que encontro tão bonito,

⁷⁸ Esse ritual é anunciado nos seguintes versos: “Se o pedido foi aceito,/ vira a bandeira para cá./ Com licença dos Treis Rei,/ ponha ela na lapinha./ Os Treis Rei foi descansa,/ vamo descansa também./ Pai e Filho e Espírito Santo,/ nas hora de Deus amém”.

Que os Treis Rei encontrou.
 Encontrou com lindo altar,
 Onde está o salvador.
 Deus vos salve esta folhagem,
 E também essas flor.
 Abençoada é a mão,
 A mão que enfeitou.
 Deus vos salve as vela acesa,
 E o rosário de Maria
 Deus vos salve os quadro santo,
 E a estrela da guia.
 Já fizemo a saudação,
 Nas hora de deus amém.
 Pai e filho e espírito santo,
 Para sempre amém, amém.
 Sinhore dono da casa,
 Escuta o meu cantar.
 Aqui vei um portador,
 Desse jeito vei fala.
 Vei pedir um bom descanso,
 Pra bandeira e os vigia.
 Pro ofere da bandeira,
 E pros instrumento da folia.
 Vei pedir um alimento,
 Para toda companhia.
 Se o pedido foi aceito,
 Vira a bandeira para cá.
 Com a licença dos Treis Rei,
 Ponha ela no altar.
 Os Treis Rei foi descansa,
 Vamo descansa também.
 Pai filho espírito santo,
 Nas hora de deus amém.

Não havendo lapinha e presépio, os palhaços podem entrar guiando a bandeira até o altar. Não fazem a adoração, diminuindo o tempo de permanência na moradia. Pode haver uma terceira situação ao entrar no salão da casa: o morador não ter montado lapinha, presépio ou altar. Nesse caso, faz-se somente a saudação aos moradores, às imagens santas e aos quadros santos retratados na parede, se houver⁷⁹.

Nessa situação, os devotos moradores guardam a bandeira em cima da cama do casal chefe de família. Os devotos mais íntimos entram no quarto para beijar a bandeira; outros pedem permissão para entrar no quarto e fazer sua devoção, confirmando, assim, que a casa não é tomada por uma publicidade completa durante a folia, mas resguarda-se certa privacidade, observada tanto nos rituais quanto nos costumes. “[...] A bandeira é o objeto

⁷⁹ Não precisa cantar para virar a bandeira e nem pedir licença aos Três Reis para pousá-la: “Os Treis Rei lhe pede licença,/ pra entra no seu salão./ Onde entra essa bandeira,/ entra todo folião./ Vai andando passo-a-passo,/ para nós acompanha./ Deus vos salve os quadro santo,/ retratado na parede./ Deus vos salve esta morada,/ com toda imagem que tem./ Sinhore dono da casa,/ agora com vos será./ Aqui vei um portador,/ desse jeito vei falar./ Vei pedir um bom descanso,/ pra bandeira e os vigia./ Pro ofere da bandeira,/ e pros instrumento da folia./ Vei pedir um alimento,/ para toda companhia./ Se o pedido foi aceito,/ vai guardar a nossa guia./ Os Treis Rei foi descansa,/ vamo descansa também./ Pai filho espírito santo,/ nas hora de deus amém”.

ritual de maior valor religioso. Em vários momentos, quase todos os presentes vão até ao altar e beijam, de joelhos, uma ou algumas fitas da bandeira. A frequência de ‘beijação da bandeira’ é maior quando a Folia chega, quando o terço acaba de ser rezado ou quando a Folia vai se retirar do pouso” (BRANDÃO, 1977, p. 11). O pouso da bandeira é, segundo Moreyra, uma forma de promover a interação espacial através do deslocamento e movimentação de amigos, pois “[...] geralmente as pessoas pedem o pouso, ou seja, pedem para hospedar a Folia – seja pelo desejo de reunir os amigos e parentes em sua casa, seja para pagar uma promessa aos Três Reis (por doença em pessoas ou animais, falta de chuva, praga, etc.)” (1984, p. 96). A autora ressalta que “os convites, dependendo do pouso, são feitos para assistir à Chegada da Folia, rezar o Terço, jantar e para o catira” (MOREYRA, 1984, p. 96).

4.2.8 O almoço propriamente dito

Em certos casos, no intervalo entre a cantoria de pouso da bandeira na lapinha e o almoço, o dono da casa pede para dançar a catira (figuras 50 e 51); isso também pode ser feito antes do ritual de saída da bandeira do pouso: “[...] Em princípio esta dança, alegre e muito vigorosa, nada tem a ver com as sequências de um ritual religioso” (BRANDÃO, 1977, p. 26). A dança é feita por jovens do sexo masculino e feminino no grupo de “Seu M.”; mas, no passado, era realizada apenas por homens. Nessa “troca de prestações de serviços entre os membros da Folia e os da casa, é ao dono que cabem as iniciativas mais importantes. Ele ou sua esposa pedem ‘o terço’ e solicitam à Folia que dance a catira. Dessa maneira, é ele quem determina o comportamento ritual em sua casa” (BRANDÃO, 1977, p. 26). Nesse momento, cria-se uma centralidade no lugar de apresentação dos catireiros, geralmente no alpendre, na área de serviço ou na sala, chamando a atenção dos presentes para esses cômodos da casa e diminuindo o fluxo dos que se destinam ao nicho de pouso da bandeira.



Figuras 50 e 51 - Apresentação de catira depois do almoço. “Seu M.”
Foto: Tito Coelho, 2010.

A catira antecede ou precede a hora da comida e, para elucidar a distinção entre alimento e comida, DaMatta nota que “[...] nem tudo que é alimento é comida. Alimento é tudo aquilo que pode ser ingerido para manter uma pessoa viva; comida é tudo aquilo que se come com prazer, de acordo com as regras mais sagradas de comunhão e comensalidade” (1991, p. 55). Isso quer dizer que o alimento é a massa, a quantidade a ser preparada para ingerir. Já a comida é a qualidade agregada a ele, tal como o prazer de se preparar o que se vai comer de forma ritualizada, o que os foliões, devotos e convidados ficam na expectativa de comer estando nas ruas. Na folia de Santos Reis são as variedades (arroz, feijão, carnes, etc.) oferecidas e consagradas pela cantoria, rezas e bênçãos. É o que foi temperado, aromatizado e servido para alimentar a companhia, para que todos possam saborear, fartando-se. A comida farta é uma das identidades da folia e seu preparo e distribuição implicam em interações espaciais ritualizadas, diferentemente da nossa ‘alimentação cotidiana’.

Ademais, podemos dizer que os alimentos básicos de uma folia são arroz, feijão e macarrão, sendo difícil faltar carne bovina, o tradicional frango e a carne suína, tudo isso acompanhado de tomate, repolho, abóbora, jiló, quiabo, guariroba, mandioca, cenoura e outros. Os condimentos goianos são o alho e a cebola, podendo complementá-los com açafrão, salsa, coentro e outros; cujos fluxos para aquisição são feitos rumo a fixos como supermercados, feiras, mercados, centrais de abastecimento e outros.

A comida é preparada e temperada de diversos modos, a diversas ‘modas’, como dizem os foliões, para o ritual do ‘almoço’ ou ‘janta’, tais como o arroz com frango e pequi, o frango com guariroba, o feijão tropeiro, o tutu de feijão, a carne com mandioca, a macarronada, o macarrão com frango, dentre outros. Há, desse modo, na transmutação do alimento em comida, uma interação entre os gêneros, cozinheiras ou cozinheiros, seus regionalismos, temperos e gostos, e os serventes ou ajudantes na hora do preparo. É uma

interação com a espiritualidade no ritual de se preparar a festa, formando as “propriedades gustativas” (DAMATTA, 1991, p. 56) na mistura dos alimentos. Enfim, de alimento a comida existe um processo alquímico permitido pela vontade de dádiva do devoto, dos cozinheiros, dos serventes e dos foliões que estão em ‘viagem’, pensando não só em matar a fome, mas em comer por prazer.

Para além da cozinha (arte e fixo), ainda existe a mistura do que se quer comer, formando um ‘prato’ de gosto individual. Nesse processo, há a mistura de feijão, arroz, carnes e legumes, cuja síntese é a comida segundo o modo, o jeito e o significado da comida para cada indivíduo. É relevante ressaltar que, uma vez realizado um pouso na casa de um devoto, o lugar se torna uma referência festiva. O devoto morador sente-se feliz em receber a bandeira e os foliões, em dar comida e receber os convidados. É uma responsabilidade muito grande de “Seu M.”, pois os foliões de pouso se despedem da bandeira, sentem a presença divina e já ficam pensando no ano seguinte.

Os serventes e cozinheiros(as) vão terminar de preparar a comida e os foliões descansam, dialogam sobre a andança, os erros e os acertos, criticam e elogiam. Quando a mesa já está pronta, o devoto morador chama o capitão para fazer o ritual de servir; ao silvo do apito todos se movimentam para perto da mesa, sendo o lugar próximo aos pratos o preferido. “Seu M.” aguarda silêncio e diz: “[...] Gente, vamos fazer silêncio pra nós rezar um Pai Nosso e três Ave Maria e oferecer pro Nosso Senhor Jesus Cristo e os Três Reis da nossa Guia, que abençoa o dono da casa e sua família, que nunca é de faltar o pão de cada dia”. Terminada a reza, faz-se o sinal da cruz e o capitão volta a dizer: “oferecemos essa oração para o Nosso Senhor Jesus Cristo, quem vai dar em dobro, o que os donos da casa gastaram com a nossa companhia são os Três Reis da nossa Guia e que nunca é de faltar o pão de cada dia”. Terminada a reza, um dos embaixadores fica distribuindo os pratos e colheres no sentido anti-horário e “Seu M.” fica servindo o refrigerante na outra extremidade da mesa. Os foliões servem-se primeiro para terem tempo de se alimentar e repousar, demorando cerca de 20 a 30 minutos.

O excesso é perceptível no momento em que os Três Reis Santos chegam para ‘descansar’ nos almoços e pousos e o capitão chama para rezar e comer. É comum ver os mais jovens ficarem próximos ao capitão ou embaixador que distribui utensílios domésticos (figuras 52 e 53), e houve casos de mudar a pilha dos pratos para a outra extremidade da mesa, pois a andança, as cantorias e o rufo da caixa provocam a fome e os foliões ‘exageram’ no prato.



Figuras 52 e 53 - Embaixador distribuindo os pratos no sentido anti-horário.
Foto: Tito Coelho, dezembro de 2009.

O capitão da folia distribui o refrigerante ou o suco, sendo o último a comer (figuras 54 e 55). Ele controla a mesa para que não haja tumulto e bebedeira na hora da comida. A fila para pegar os pratos e talheres movimenta-se em sentido anti-horário, como mencionamos, tendo os foliões o direito de se servir primeiro (figuras 56 e 57). É o que chamam de sistema “Seu M.”.



Figura 54 e 55 - O capitão reza abençoando a mesa e serve o refrigerante ou, no caso, o suco, ao dar a ordem para servir.
Foto: Tito Coelho, dezembro de 2009.



Figuras 56 e 57 - Foliões servindo a comida no sentido anti-horário.
Foto: Tito Coelho, dezembro de 2009.

A mesa farta é tida como dádiva de Deus, uma vez que as pessoas têm uma dieta “monótona o ano todo” (SILVA, 1987, p. 50); mas tanto nos almoços, pousos e visita nas casas quanto na entrega, os foliões (considerando-se que todos os presentes são foliões de Santos Reis) comem à vontade. Silva salienta que “o prazer de dar, para ter a reciprocidade de receber as bênçãos dos Santos Reis” (1987, p. 50), pode ser semelhante com o que os foliões de pouso, almoço, visita e festeiro têm ao ver a mesa farta.

No intervalo das cantorias ocorrem as dádivas: comer, beber (refrigerantes, sucos), trocar experiências e outros: “terminados os cânticos, o aspecto solene é quebrado: há uma espécie de relaxamento geral. As pessoas se cumprimentam e o dono da casa” (SILVA, 1987, p. 83), já com a comida à mesa ou ainda por servir. É entre o almoço e o descanso que as pessoas interagem por meio do diálogo (figura 58). Nesse momento as pessoas se conhecem, os integrantes do grupo conversam com intelectuais, pesquisadores e outros.



Figura 58 - Familiares de foliões, integrante de outro grupo de folia e a esposa de “Seu M.” conversando com uma pesquisadora de Folia de Santos Reis.
Foto: Tito Coelho, 2010.

Como não podem demorar muito no almoço – nunca se sabe em quantas casas passarão e quais rituais farão –, um dos embaixadores apita chamando para o ritual de agradecimento de mesa⁸⁰. Nesse momento, os foliões se aproximam do presépio para articularem as vozes da cantoria. São dois grupos: um ‘embaixa’ e o outro responde. Os donos da casa têm que estar próximos à bandeira para pegá-la e acompanhar os palhaços nos arredores da mesa (figuras 59 e 60). Para levar a bandeira até o lugar onde foi servida a

⁸⁰ Ao realizar rituais numa casa, tudo pode ocorrer em relação ao tempo de cantoria. Se for somente a cantoria de visita, bênção, peditório, despedida e saída de uma moradia, o ritual pode durar de sete a dez minutos. Se houver pedido de canto ao falecido, o tempo de permanência aumenta mais cinco minutos. Se há voto para cumprir, dependendo da promessa feita ao Santo, de cinco a dez minutos. Se há uma lapinha ou presépio, o canto do Nascimento acresce, aproximadamente, quinze minutos. Por esses motivos, o capitão não permite mais tempo para o descanso dos foliões, uma vez que o ritual de pouso e jantar tem que acontecer até à meia-noite.

comida, o embaixador emite um silvo de apito e toca uma valsa para que os foliões possam se deslocar em fila, cantando:

Lá se vai, lá se vai,
A bandeira da alegria.
Os Três Reis do Oriente,
É que vai na nossa guia.



Figuras 59 e 60 - Devotos moradores conduzindo a bandeira e cantando o “Lá Se Vai” para se posicionar para o canto de agradecimento de mesa. Almoço na casa de “Dona Fl.”.
Foto: Tito Coelho, 2009.

A bandeira dá uma volta na mesa no sentido anti-horário e, quando todos completaram a volta, o embaixador apita terminando a valsa. O palhaço faz o verso de saudação aos Três Reis do Oriente, ao dono da casa e sua família, aos foliões e aos convidados. Em seguida, diz, em alta voz: “Lá do Céu desceu uma voz, quem mandou foi o Senhor, pra continuar nossa jornada, continua embaixador”. Este apita dando início ao Bendito da Mesa.

O agradecimento de mesa “é uma reza cantada e obrigatória” (VIEIRA, 1987, p. 46), momento em que são invocados anjos para louvar a santa mesa com a licença de Deus. No primeiro par de versos se invoca um anjo para louvar a mesa com a licença do Senhor, seguido de quatro pares de agradecimentos ao almoço, exaltando-se que a Santíssima Trindade e os Santos Reis recompensarão os moradores, que lá no céu encontrarão com a mesa de São Simão e comerão na mesa dos anjos.

Seguem-se mais quatro pares de versos, invocando anjos: um para fazer a defesa do ambiente, dos foliões e de todos os que estão presentes, seguindo-se do pedido aos Santos Reis para que abençoem a mesa; dois para trazerem vida e saúde aos donos da casa; um para vir dando viva à união entre os foliões, considerando-se que todos o são; outro invocado como filho de Nossa Senhora, que “Seu M.” diz ser Jesus Cristo.

Depois, segue-se a cantoria, em que São José pergunta quem tratou da companhia e Nossa Senhora responde dizendo que foram os filhos de Maria, simbolizados pelos devotos

moradores. O Bendito é oferecido para Jesus Cristo em intenção das Cinco Chaves e do coração de Jesus. Muitos questionam dizendo que são as cinco chagas de Jesus, mas o capitão da folia diz que são os Santos da bandeira. No décimo segundo par de versos se reza um Pai Nosso ao Senhor Jesus Cristo, saudando-se a Santíssima Trindade e louvando-se o Bendito. Esse par de versos marca a parte melancólica do agradecimento de mesa. Para quem já está acostumado com o grupo, sabe-se que, nos últimos versos, é hora de deixar a melancolia e rir um pouco; mas, para quem não conhece, continua emocionado até entender o que está ocorrendo.

No décimo terceiro par de versos os foliões começam a apontar para seus colegas mais íntimos satirizando-os, querendo dizer que vão à folia só para comer. Daí os risos e gracejos, quebrando o estado de melancolia entre os foliões, havendo interação espacial com troca de gestos, pequenos movimentos para tentar se esconder, olhar para os lados e rir; o que salienta, como já mencionamos, baseados em Parkin (1992), que o direcionamento e o posicionamento espaciais são necessariamente constitutivos do ritual. Nesse momento, os devotos, convidados, enfim, os presentes que não conhecem o ritual de agradecimento de mesa podem continuar emocionados e aos prantos, mas, ao perceberem a brincadeira, passam a se alegrar. Ressalte-se que, nessa cantoria, a emoção pode provocar ‘náuseas’ e a pessoa pode esmorecer, tendo que receber ajuda para se apoiar.

O décimo quarto par de verso é uma trova dando viva ao Santo da Lapinha e ao da bandeira. Pode haver almoços em que não se monta lapinha ou presépio. Se houver um altar, canta-se dando viva ao santo do altar e da bandeira; se não houver lapinha, presépio ou altar, canta-se dando viva ao Santo das alturas e ao da bandeira.

O bendito da mesa é “uma fórmula ritual de agradecimento e uma oração de pedido de bênçãos para os moradores do pouso e para os auxiliares nas atividades do almoço” (BRANDÃO, 1977, p. 13), e todos podem ser tocados pela cantoria. “Para cantar a oração, um dos grupos entoia os dois primeiros versos de uma estrofe e outro, do outro lado da mesa, responde com outros dois versos, com que se completa uma estrofe” (BRANDÃO, 1977, p. 13). Na folia de “Seu M.”, o bendito da mesa pode ser entoado com ou sem instrumentos. São duas melodias, sendo a mais executada uma mais lenta, muito emocionante; outra é uma valsa mais ligeira, alegre e animada. Nem sempre se entoia a de ritmo triste, sem instrumentos. Quando a folia dispõe de muitos foliões são formadas duas orquestras. Veja a letra do Bendito da Mesa:

Prá louvar a santa mesa ai ai, com a licença do senhor ai ai...
 2 Deus vos pague o belo armoço ai ai, dado de boa vontade ai ai...
 Vós será recompensado ai ai, da Santíssima Trindade ai ai...
 3 Deus vos pague o belo armoço ai ai, que vós deu com alegria ai ai...
 vós será recompensado ai ai, pelos Treis Rei da nossa guia ai ai...
 4 Deus vos pague o belo armoço ai ai, que vós deu pros fulião ai ai...
 Lá no céu vós acha ota ai ai, na mesa de São Simão ai ai...
 5 Deus vos pague o belo armoço ai ai, que matou a nossa fome ai ai...
 Lá no céu vós acha ota ai ai, na mesa que os' anjo come ai ai...
 6 Lá do céu desceu um anjo ai ai, vei fazê nossa defesa ai ai...
 Glorioso santo Rei ai ai, abençoa essa mesa ai ai...
 7 Lá do céu desceu dois' anjo ai ai, ao decê abriu as' asa ai ai...
 Vei trazê vidi' saúde ai ai, pros dono dessa casa ai ai...
 8 Lá do céu desceu um anjo ai ai, com seu livrinho na mão ai ai...
 Vei dizem viva viva ai ai, viva a nossa união ai ai...
 9 Lá do céu desceu um anjo ai ai, é filho de Nossa Senhora ai ai...
 Nós cantemo aqui na terra ai ai, os anjo canta na glória ai ai...
 10 São José perguntou ai ai, quem tratô da companhia ai ai...
 Respondeu Nossa Senhora ai ai, foi os filho de Maria ai ai...
 11 Ofereço esse bendito ai ai, prá o nosso Bom Jesus ai ai...
 Em intenção das cinco chave ai ai, e o coração de Jesus ai ai...
 12 Pai nosso rezeremo ai ai, ao meu Sinhori Jesus Cristo ai ai...
 Pai, filho e Espírito Santo ai ai, seja louvado bendito ai ai...
 13 Esta festa não se acaba ai ai, esta festa não tem fim ai ai...
 Se esta festa se acabar ai ai, ai, meu deus o que será de mim ai ai...
 14 Viva o cravo, viva a rosa ai ai, viva a flor da laranjeira ai ai...
 Viva o Santo do altar ai ai, viva o Santo da bandeira ai ai...

O Bendito da Mesa é encerrado dando viva ao santo da lapinha e da bandeira, quando o palhaço brada: “Viva os Três Reis do Oriente, viva o dono da casa e sua família, viva os foliões, viva os convidados...”, todos respondem: “Viva” (figuras 61 e 62). Então o palhaço deve trovar, agradecendo cada elemento que estiver na mesa: “Silêncio, meu senhor, silêncio que eu quero falar, eu sou aquele poeta que raia nesse lugar, eu raio de hora em hora e não deixo nada pra depois, vamos todos dar um viva nessa panela de arroz”, todos respondem: “Viva”. Sempre tem um verso ‘pejorativo’ para chamar a atenção ao encontrar mandioca, jiló, pepino, e o dono da casa é mencionado: “Silêncio, meu senhor, silêncio que eu quero falar, eu sou aquele poeta que raia nesse lugar, eu raio de hora em hora, nós comemos e achamos muito bom, vamos dar um viva em quem cortou a mandioca do patrão”, daí os risos com excesso. Terminado de fazer os versos de tudo em cima da mesa, o palhaço enche um prato com restos de comida e pede para alguém segurar e diz: “Silêncio, meu senhor, silêncio que eu quero falar, eu sou aquele poeta que raia nesse lugar, eu raio de hora em hora e o embaixador já afinou os instrumentos, vamos todos dar um viva nesse convidado que comeu mais que um jumento”, e todos riem muito. Passando o prato de resto de comida para o patrão (devoto morador), faz-se um verso, em que o palhaço se esconde atrás de alguém. Os presentes no recinto imaginam que sairá um verso pejorativo, mas este pode dizer assim: “Silêncio, meu senhor, silêncio que eu quero falar, eu sou aquele poeta que raia nesse lugar, eu raio de hora

em hora, o patrão é filho da Virgem Maria, vocês estão todos convidados pra entrega da bandeira dos Três Reis da nossa Guia”, e há muita algazarra nesse momento.



Figuras 61 e 62 - Cantoria de agradecimento de mesa e o palhaço fazendo seus versos, agradecendo pela comida.

Foto: Tito Coelho, dezembro de 2009.

O bendito da mesa é imediatamente seguido por uma série de vivas pelo palhaço, respondidos pelos foliões e pelas pessoas presentes, “como uma homenagem de aparte a parte” (BRANDÃO, 1977, p. 14). Em primeiro lugar, o viva é para os Três Reis do Oriente, depois, para os donos da casa e sua família, para todos os foliões e todos os convidados. Após os aplausos, o palhaço puxa os versos de agradecimento de cada vasilhame que foi colocado à mesa para ser servido.

O palhaço finaliza o verso dizendo: “Lá do Céu desceu uma voz, quem mandou foi o Senhor, pra continuar nossa jornada, continua embaixador”. O embaixador apita e inicia-se o Bendito Louvado Seja para retirar a bandeira do lado da mesa e se deslocarem de volta para o presépio, altar ou lugar de guardar a bandeira (figuras 63 e 64)⁸¹.



Figuras 63 e 64 - Retorno da bandeira ao presépio após agradecimento de mesa.

Foto: Tito Coelho, dezembro de 2009.

⁸¹ Seguem os versos do Bendito Louvado Seja: “Bendito, louvado seja, é o Santíssimo Sacramento. Fazei-nos Virgem Maria, Sacrário vivo da Eucaristia. Os anjos, todos os anjos, louvemos a Deus para sempre amém. Nós todos oferecemos, a Jesus Cristo, alma e coração”.

Para encerrar essa cantoria, não se usa o silvo de apito, pois esta é uma reza. “Seu M.” relatou que é pelo fato de estar rezando pra Jesus Cristo, e não cantando para os Três Reis: “quando tá cantando pro Senhor Jesus Cristo não pode ter apito”. Finaliza-se o Bendito, suavizando os últimos versos até terminá-lo. Ao citar a origem e definir a expressão ‘bendito’, Cesar (1975) esclareceu que se trata de louvor e exaltação aos santos, bênção, cânticos e súplicas nas festas:

Bendito se origina do termo latino benedictus, louvar, abençoar. Bendito soa versos de louvor a determinados santos, à Virgem Maria, agradecendo as suas vidas e as suas obras; também é cântico de súplica entoado em novenas e procissões, em festas e missas. (CESAR, 1975, p. 173)

Nos deslocamentos e movimentos rituais da folia de Santos Reis de “Seu M.” são entoados os dois Benditos anteriormente mencionados. O ‘Bendito da Mesa’ e o ‘Bendito Louvado Seja’ mostram-se como cânticos de invocação, súplica de recompensas aos devotos moradores, de defesa dos foliões, anúncio de vida e saúde, alegria no Céu pela união das pessoas; comunicação entre os seres divinos, oferecimento à santidade, reza cantada ao Pai; continuidade de uma festividade como vida dos foliões em geral (de giro, pouso, de festa), louvores a Deus, Jesus Cristo, aos santos e anjos. Tudo isso faz parte de uma preparação para sair novamente em busca dos devotos pelas casas. A bandeira passa a noite em uma residência, mas os foliões do JDA não pernoitam nas casas como antigamente devido “às facilidades de locomoção” (PESSOA e FÉLIX, 2007, p. 204), com exceção do palhaço, que deve vigiar a bandeira. Terminado o agradecimento do jantar, o capitão despacha todos para os lugares onde vão pernoitar. No outro dia recomeçam os rituais já mencionados anteriormente.

Desse modo, o almoço propriamente dito promove três instâncias de interações espaciais: 1) de fora (locais de compra) para dentro da casa, 2) dentro da casa (preparo-catira-serviço de mesa-agradecimento-nicho de pouso da bandeira), e 3) de dentro para fora da casa (abertura à vinda dos comensais). No primeiro caso, a distância, os fluxos e a oportunidade interveniente (entendida aqui como preço, entrega a domicílio e outras) talvez sejam as variáveis principais, mas, nos outros, destacam-se o ritual, o voto e a dádiva, confirmando a constituição de um espaço como experiência no bairro, conforme dissemos na primeira parte do trabalho.

Veja no croqui de pouso/almoço (figura 65) os foliões (pontos em duas colunas) perfilados para o ritual de chegada ao pouso, em que as setas verdes indicam os

deslocamentos do portão para o presépio ou altar e deste para o agradecimento de mesa. Os pastorinhos (simbolizados por dois pontos maiores) se posicionam diante da bandeira para guiá-la. Os donos da casa e familiares (três pontos no portão) esperam pela bandeira e início da cantoria. Durante o pouso da bandeira alguns cômodos da casa podem ser acessíveis (sala, copa e banheiro), reservados (cozinha) e outros restritos (quartos e lugar de guardar os instrumentos). As setas rosa indicam a volta que a bandeira dá ao redor da mesa, com ampla centralidade no ritual do almoço, para a cantoria do Bendito da Mesa e versos dos palhaços. Após a cantoria a bandeira retorna para o presépio, como está indicado pelas setas verdes ao redor da mesa.

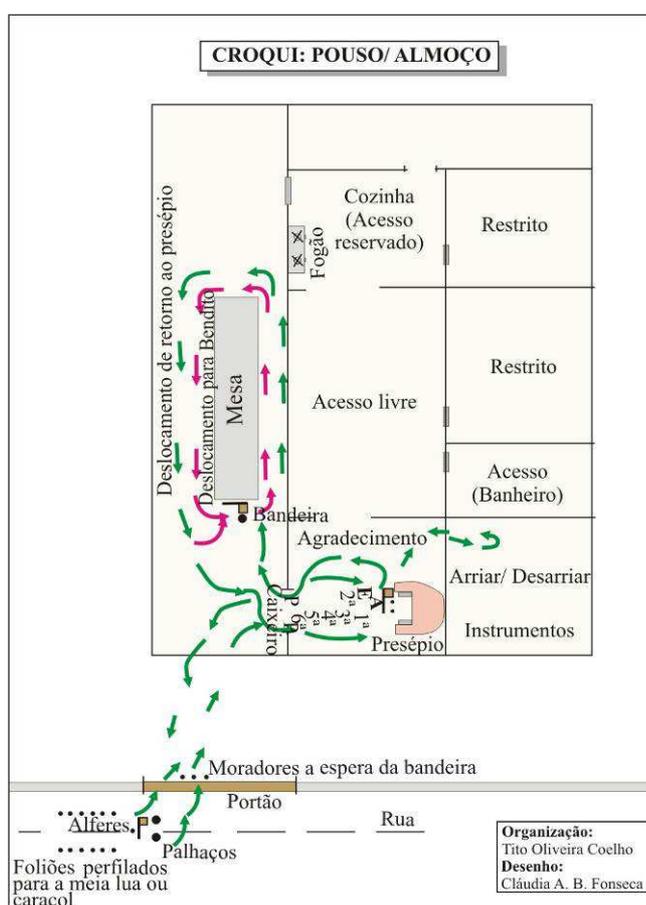


Figura 65 - Croqui dos movimentos de pousos de almoço e janta.
Fonte: Trabalho de campo 2009/10.

4.3 SAÍDA DO POUSO DA BANDEIRA

Na saída do pouso se oferece café da manhã (figura 66), o capitão benze a companhia diante da bandeira, como é feito na saída da casa do festeiro, os instrumentos são afinados, os

pastorinhos são arreados e logo começa a toada. Ressalte-se que na folia do JDA os foliões vão pernoitar em casa e somente um vigia fica no pouso para cuidar da bandeira durante a noite. Como disse Seamon (1980), entre a casa do folião e a casa do festeiro os foliões repetem essa rotina todos os dias: levantamento da bandeira, passando pelo almoço e pousando a bandeira num lugar predeterminado até chegar à casa do festeiro.

O ritual de saída do pouso (almoço e jantar) é o mesmo em termos de cantoria. A mudança que surge é somente na ocasião de cantar para o falecido, entregar voto e, se há alguém da vizinhança ou parentes que queiram pegar na bandeira, sendo esta passada de mão em mão. Quando há voto para entregar o ritual este é feito na saída da bandeira, pois quem fez promessa de dar comida para a companhia só pode entregá-lo depois do almoço ou do jantar realizado. Nessa hora, o palhaço tem a responsabilidade de se informar com os moradores e avisar ao embaixador, porque não adianta oferecer comida sem fazer a cantoria de entrega do voto. Se esquecer de cantar entregando o voto e a bandeira já tiver saído, o ritual só pode ser feito no ano seguinte.



Figura 66 - Café da manhã na saída do pouso de janta na casa do professor “G.”.
Foto: Tito Coelho, dezembro de 2010.

Os versos de saída do almoço ou do pouso são divididos em benzeção e bênção cantada da companhia, levantamento da bandeira, agradecimento, bênção, peditório, despedida e deslocamento da lapinha ou altar para a porta. No caso de sair de um pouso, o embaixador canta chamando os pastorinhos para fazer suas orações e poder seguir viagem. Quando é saída de almoço, geralmente os mesmos já se encontram arreados desde o ritual de agradecimento de mesa. Nesse caso, já estão prontos para partir:

Pai e Filho e Espírito Santo,
Vamo nós benze primeiro.
Vamo nós benze primeiro,
Pra livra do mau que vem.

Pai Nosso Ave Maria,
 A oração foi Deus que fez.
 Nós tá seno abençoado,
 Pelo glorioso Santo Rei
 Sinhore dono da casa,
 Filho da Mãe verdadeira.
 Os Treis Rei tá pedindo,
 Vem levantá nossa bandeira.
 Nossa guia alevanto,
 Nessa hora abençoada.
 Pra nós agradecer,
 Nessa hora tão sagrada.
 Pastorinho de Oliveira,
 Os Treis Rei tá te chamando.
 Vem fazer suas orações,
 Se quiser segui viagem.

Após a benzeção cantada da companhia, levantamento da bandeira, chamamento do pastorinho para fazer as orações (quando é saída de pouso), se iniciam os versos de agradecimento pelo descanso da bandeira, dos palhaços e dos instrumentos da folia. É desejado que os Santos Reis recompensem em dobro a dádiva, ou seja, o valor gasto para dar comida aos foliões, que os bens da família aumentem e que os Três Reis Santos guiem os passos do devoto⁸². Na ocasião da bênção, o embaixador pede oferta e deseja que os Três Reis estejam por perto a cada passo dos devotos; agradece pelo trabalho do dia esperando os Santos e profere que, quando for embora deste mundo, o devoto terá vitória no céu. Canta-se agradecendo em nome dos Três Reis e se deseja que eles sejam vossos guias.

A entrega do voto dos foliões de pouso, como já notamos, é feita depois de agradecer pelo almoço ou pelo jantar, no caso do pouso da bandeira na moradia. Sem dar intervalo, o embaixador adverte para cantar a entrega do voto antes de cantar a despedida e deslocamento de saída da bandeira, podendo ser o dono da casa ou não. Se for um terceiro, o embaixador canta chamando o penitente para pegar a bandeira a fim de que o ritual seja realizado. Depois de entregar o ‘objeto do voto’ (almoço, instrumento, um sacrifício, dinheiro) é obrigatório cantar entregando o voto aos Três Reis Santos. O penitente e o palhaço se ajoelham, ouvem a entrega do voto e fazem o sinal da cruz; o embaixador ordena aos participantes para se levantarem no intuito de finalizar a cantoria:

O meu nobre penitente,
 sua hora já chegô.
 Vamo entregá sua promessa,
 Do jeito que Deus mandô.

⁸² Os versos que traduzem essa troca simbólica são os seguintes: “Os Treis Rei que vai paga,/ o descanso desta guia./ O descanso dos instrumento,/ e também dos dois vigia./ Os Treis Rei te dá em dobro,/ o que vós gasto com a companhia./ Tudo seu há de omentá,/ pra ocê e a família./ Pra onde ocêis andá,/ os Treis Rei será seu guia”.

Os Treis Rei está pidino,
 Procê se injueiá.
 A promessa que ocê feiz,
 Com certeza foi valida.
 Com o poder dos Treis Rei Santo,
 Hoje ela fica cumprida.
 Faz o sinal da cruz,
 Já se pode alevantá.
 Pai e Filho e Espírito Santo,
 Nas hora de Deus, amém.

Quando o penitente é portador de uma deficiência física, ele próprio ou um parente pode fazer a promessa de entregar o voto, cobrindo com a bandeira. É um caso raro, mas uma vez ou outra ocorre, como aconteceu no almoço do dia 29 de dezembro de 2010, na Avenida Volta Redonda, qd. 239, lt. 12, Jardim Novo Mundo. Nesse dia foi necessário improvisar versos, mudando o movimento de ajoelhar-se para cobrir a pessoa que recebeu a graça com a bandeira. Nesse sentido, o penitente tem que avisar para o capitão como o voto foi feito para que este possa orientar o embaixador. Caso haja omissão, descuido ou esquecimento por parte deste, o palhaço tem que estar sempre atento para não deixar de entregar o voto antes da saída da bandeira.

No caso de se fazer uma promessa e pagá-la com um pouso, os devotos acabam se tornando partes ‘permanentes’ do grupo. Esse fato foi observado por Pereira ao estudar a cultura ibérica no Brasil: “a Folia é bem acolhida pelas pessoas que fazem a promessa de oferecer um almoço ou um jantar aos peregrinos. Às vezes, a devoção leva as famílias a se tornarem anfitriãs permanentes da Folia” (1996, p. 86). Por isso, “não são raros os donos que choram ‘ao despedir da bandeira’” (BRANDÃO, 2004, p. 367). Terminada a parte da cantoria de entrega do voto, o embaixador inicia a despedida e o ritual de saída para as ruas novamente⁸³. A entrega do voto marca, então, a interação espacial inversa que notamos na chegada da folia, ou seja, da casa para a rua, ou de dentro para fora, e o retorno da casa a sua dimensão estritamente privada.

Em seguida, os devotos devem se despedir da bandeira e os foliões da lapinha ou do altar. Caso não haja nenhum destes, tendo-se guardado a bandeira em outro lugar no quarto, o embaixador improvisa, utilizando uma palavra diferente para substituir lapinha por “vocês”, “família” ou “morada”. Desse momento em diante, a letra e os deslocamentos são os mesmos na saída da casa do festeiro, almoço e pouso. Quando se canta para sair com a bandeira os foliões recuam para a direita, abrindo espaço para que os palhaços a guiem até a porta pela

⁸³ Esse trecho dos versos é igual ao da visita às casas: “Os Treis Rei agradeceu,/ se despede e vai se embora./ Vai deixar vida e saúde,/ pra quem nessa casa mora”.

esquerda da orquestra. Os foliões acompanham a bandeira, que deve parar na porta para benzer a companhia; os vigias e o alferes passam primeiro. Os Três Reis são invocados para que a companhia possa sair, seguindo-se à invocação de Deus Pai, Filho e Espírito Santo. Encerrada a cantoria, todos passam sob a bandeira e, estando do lado de fora da casa, volta-se a face para a bandeira, beijando-a (figuras 67 e 68)⁸⁴.



Figuras 67 e 68 - Saída de almoço mostrando a saída do palhaço e, em seguida, o alferes da bandeira. Foto: Tito Coelho, 2010.

A folia vai girando entre saída, almoço e pouso, de pouso em pouso até chegar à casa do festeiro, de onde saiu. A cada dia a bandeira sai de um pouso. O que seria o último pouso é o lugar da festa do festeiro, no dia 06 de janeiro, abordada no próximo capítulo.

⁸⁴ Os versos entoados nesse ritual são: “Ocêis despede da bandeira,/ nós despede da lapinha./ Vai saino com a bandeira,/ pra nós acompanhá./ Na porta faz uma parada,/ pros folião beijar./ La do céu já deu sinal,/ vô passá os meu vigia./ Com o poder dos Treis Rei Santo,/ vamo se embora companhia./ Pai e filho Espírito Santo,/ Para sempre amém, amém!”.

CAPÍTULO 5. RITUAIS DE CHEGADA E ENTREGA DA BANDEIRA

O festeiro só se justifica mediante o grupo em peditório para que a festa seja feita e, da mesma forma, o grupo a partir de um festeiro que aguarda as esmolas para que a festa de Santos Reis seja realizada. Há então uma relação dialética de complementaridade entre esses atores. Na casa do festeiro há um verdadeiro improviso para receber e despachar os foliões nos dias da saída e da entrega ou recolhida. É tradição fazer um toldo ou um puxado de folhas de palmeiras, pano de bater arroz, lona e outros materiais para abrigar os foliões do sol ou da chuva, um espaço complementar ao da casa. Hoje em dia, mesmo havendo uma garagem espaçosa, os festeiros adquirem barracas (figura 69) desmontáveis para montá-la na rua no dia de Reis a fim de abrigar a folia e os convidados até que seja finalizada a festa. A mesa pode ser servida no espaço da garagem, na área de serviço e/ou no quintal, mas o forró e a catira são dançados na rua, quando necessário, não havendo regras nesse sentido. Há casos em que a comida é servida na rua mesmo.



Figura 69 - Folião instalando material elétrico no toldo armado na rua no dia da entrega.
Foto: Tito Coelho, 6 de janeiro de 2010.

Ullman (1974) ressalta, no conceito de situação, como já citamos, que determinadas conexões permitem circulação, interdependência e difusão. A partir disso é possível dizer que as interações espaciais se materializam mediante fluxos entre pontos ou zonas. A fluidez se dá por meio dos deslocamentos de pessoas, mercadorias, jornais, ligações telefônicas, transmissão de informações e realização de negócios (ULYSSÉA e KUHLKAMP, 2002). No dia da entrega notamos imensa fluidez, circulação, interdependência e difusão, as quais não são motivadas por uma racionalidade econômica, mas por uma ‘lógica mítica’ e por uma prática espacial ritualística. Assim, mulheres da família de “Seu A.” (um dos sanfoneiros da folia) e as integrantes da igreja de Nossa Senhora da Abadia (que também gostam e recebem a folia) deslocam-se de suas casas até a casa do festeiro para preparar o jantar (cortar carnes,

descascar verduras, ornamentar o presépio e o salão, etc.). São mobilizados serventes e cozinheiras no trabalho de culinária (figura 70), enquanto os homens armam o toldo para abrigar os convidados. Para ornamentar o lugar da festa são confeccionadas bandeirolas, fitas, correntes e flores de papel de seda; além dos arcos com folhas de palmeiras utilizam-se, ainda, balões e outros enfeites, materializando o movimento de coisas e pessoas também para a ornamentação da festa de entrega (figuras 71 e 72).



Figura 70 - Festeiro interagindo com as cozinheiras na festa de entrega no dia 6 de janeiro de 2010.
Foto: Tito Coelho, 2010.



Figuras 71 e 72 - Ornamentação da festa de entrega 2009/2010.
Foto: Tito Coelho, 6 de janeiro de 2010.

A mobilização de pessoas para fazer o presépio, montar o arco no portão, no toldo ou do lado de fora da casa, comprar gêneros alimentícios, montar barraca na rua, fazer comida (figura 73) e outras tarefas é bastante observada. Na cidade não é costume a matança de animais nas casas. Normalmente, o boi é comprado nas fazendas e chega à casa do festeiro já descarnado, tendo este que somente cortar os pedaços; ou já se compra a carne cortada nos açougues e supermercados. O frango já vem abatido dos supermercados e o trabalho é o de cortar as partes. As verduras são adquiridas geralmente no Ceasa e em supermercados. Arroz, feijão e macarrão (alimentos e comidas tradicionais em uma folia) são arrecadados no giro e complementados pelo festeiro, que os compra no comércio (supermercados, feiras e outros).



Figura 73 - Preparo da comida na entrega do dia 6 de janeiro de 2010.
Foto: Tito Coelho, 2010.

No intervalo entre a última casa a ser visitada e o início do ritual de entrega os foliões são liberados para interagir com a festa (figuras 74 e 75). Conversam, cantam, ajudam no preparo da comida e depois se arrumam para a festa. Após o intervalo e a chegada dos convidados se inicia a concentração dos foliões na última casa visitada para uniformizá-los com uma indumentária limpa e passada, fazendo o capitão as últimas recomendações para a chegada à entrega.



Figuras 74 e 75 - Participação de uma foliã no preparo da comida e o capitão da folia observando o trabalho.

Foto: Tito Coelho, 6 de janeiro de 2010.

Em todo processo de deslocamento, tal como vimos, existe simultaneamente circulação e comunicação. Tanto pessoas como bens em circulação portam informações, promovendo a comunicação de alguma coisa; por sua vez, a informação comunicada é, também, um bem em circulação. A circulação e a comunicação são elementos de interação espacial por serem processos de transferência que não se excluem. Como já dissemos, a festa de entrega se trata de conexões que permitem a circulação e a comunicação entre pessoas e coisas, interdependência delas e difusão da festança, materializando as interações espaciais

por intermédio dos fluxos entre pontos ou zonas de maneira ritualizada e desencadeadoras de emoções.

5.1 O MOVIMENTO HORIZONTAL DE COISAS NA COMEZAINA: PREPARAÇÃO DA ENTREGA DA BANDEIRA

Para mostrar o movimento horizontal de coisas, que se destaca na comezaina, buscamos informações com quatro festeiros, no período de 6 (seis) de janeiro de 2007 a 2010. Percebemos que o movimento de pessoas e coisas é considerável nos dias da entrega da bandeira. As compras de alimentos são feitas em supermercados, lojas populares de R\$ 1,99, de aviamentos, papelarias, açougues e chácaras. Esses movimentos no espaço promovem interações espaciais por proporcionar “o deslocamento de consumidores aos centros de compras” (CORRÊA, 1997, p. 279) no sentido de aprovisionamento complementar à festa.

“Dona F.”, festeira de janeiro de 2007 (Vila Concórdia), declarou que recebeu R\$ 100,00 (cem reais) de sua mãe e R\$ 1.000,00 (hum mil reais) de ofertas voluntárias. Com essa arrecadação, a senhora comprou meia vaca no supermercado na Vila Concórdia; 350 (trezentos e cinquenta) pratos de vidro, tendo sido arrebatados, no dia da festa, cerca de 200 (duzentos) pratos pelos participantes; 400 (quatrocentas) colheres e 400 (quatrocentos) copos descartáveis; 06 (seis) caixas de foguetes; 40 (quarenta) metros de papel de seda; 05 (cinco) caixas de alfinetes, 06 (seis) caixas de velas; 1.000 (mil) balões; 10 (dez) bacias; 100 (cem) litros de refrigerantes; e 3 (três) litros de vinho. A despesa da festa ficou em cerca de R\$ 1.200,00 (hum mil e duzentos reais). Os vizinhos e amigos completaram com outras doações, pois a depoente disse que: “Quando vou dar pouso ou almoço, as pessoas já chegam com doações” (Entrevista concedida a COELHO, 10/01/2010). Os deslocamentos para adquirir os alimentos para preparar a comida foram de curta distância, ou seja, na mesma vila ou nos arredores, não sendo necessário comprar em outras localidades. Portanto, a interação espacial foi de baixa intensidade no tocante à distância; contudo, percebe-se a complementaridade das relações e a oportunidade interveniente atuando nas relações de vizinhança, amizade e familiares.

“Dona Sv.”, festeira de janeiro de 2008, comprou uma vaca inteira, tendo seu irmão por negociante e tendo este ficado com dois quartos da mesma. Foi buscar o animal abatido no Jardim das Oliveiras, no município de Senador Canedo, ao custo de R\$ 500,00 (quinhentos

reais). A carne do bovino foi paga com o dinheiro das ofertas, como disse a festeira. Os alimentos básicos foram adquiridos por meio de ofertas ou negociados nos supermercados da localidade e outros. Vejamos o que “Dona S.” declarou: “O arroz foi da arrecadação, as verduras não me lembro, mas acho que foi no Barbosa [supermercado da localidade], compramos 20 litros (garrafas de 02 litros) de refrigerante... compramos 08 frangos no Barbosa” (Entrevista concedida a COELHO, 17/01/2010). No caso dessa festa, o deslocamento foi de aproximadamente 07 (sete) quilômetros para comprar a vaca. Comparada com a festa anterior, nota-se que o deslocamento foi maior, sendo, mesmo assim, inexpressivo.

A festa de janeiro de 2009 foi realizada por “Dona G.” no JDA. “Dona G.” comprou a vaca viva por R\$ 1.000,00 (hum mil reais), tendo “Seu M.” repassado R\$ 600,00 (seiscentos reais); os R\$ 400,00 (quatrocentos reais) restantes foram acertados depois. Para comprar a vaca os festeiros se deslocaram aproximadamente 30 (trinta) quilômetros a Oeste de Goiânia, ao Jardim Primavera, na saída da Cidade de Goiás. “Dona G.” nos declarou que o genro de “Seu M.” foi com uma Kombi buscar os quatro quartos do animal. A vaca foi retalhada pelos festeiros e familiares, demonstrando a mobilização de pessoas para tal fim: “Nós descarnou... nosso sobrinho e as menina [filhas]”. As verduras, os frangos e outros alimentos foram adquiridos no supermercado local, próximo ao lugar da festa: “Compramos verdura e frango no Supermercado Barbosa, tomate, abóbora, quiabo, alface... Não lembro quanto gastei”. No giro foram arrecadados arroz, feijão, macarrão, óleo e outros alimentos: “Arroz arrecadamos 08 (oito) pacotes de 5kg, feijão, macarrão, óleo...” (Entrevista concedida a COELHO, 24/01/2010). O refrigerante foi comprado também no supermercado Barbosa, próximo ao local da festa: 52 (cinquenta e duas) garrafas de 02 litros cada.

“Zé F.”, festeiro de janeiro de 2010, realizou a festa com grande movimentação, objetivando adquirir os recursos necessários para esperar a folia chegar. No dia da saída da bandeira a movimentação teve baixa intensidade de deslocamento e negociação: “Gastei R\$ 35,00, dei pão, pão de queijo, leite, café...” (Entrevista concedida a COELHO, 07/02/2010). Nas vésperas e no dia da recolhida os movimentos foram mais intensos, tendo o devoto se deslocado para vários pontos da cidade a fim de fazer compras, conseguir fogões, panelas, comprar um bovino, refrigerantes, doces e outros mantimentos. “Zé F.” disse ter gastado R\$ 300,00 (trezentos reais) de recurso particular na compra de verduras, fogos (02 caixas) e 01 (uma) vaca para a festa com dinheiro das ofertas: “não tomo nota, mas comprei tomate, cenoura, cebola, foguete... fui no CEASA [Centrais de Abastecimento de Goiás]...”. Quando perguntado sobre qual a quantidade de alimentos e onde os comprou, “Zé F.” informou: “No

CEASA... 18 (dezoito) litros de pequi; 10 (dez) caixas de tomate; 07 (sete) cabeças de repolho (uma delas foi doada); 01 (uma) caixa de cenoura; 01 (um) saco de batata; ½ (meia) caixa de cebola; 01 (um) kg de alho; 10 (dez) gueroba [guariobas], que ‘Seu J.’ do barzinho perto do Tem de Tudo descascou e picou [...]” (Entrevista concedida a COELHO, 07/02/2010)⁸⁵.

No dia da festa, “Zé F.” comprou papel de enfeite, no valor de R\$ 15,00 (quinze reais), sendo 200 (duzentas) folhas de papel de seda rosa e amarelo. Para servir comida e bebida foram investidos R\$ 270,00 (duzentos e setenta reais) em copos, os quais foram 500 (quinhentas) unidades para refrigerantes e 300 (trezentas) unidades para doces com pazinhas; 600 (seiscentos) pratos; e 500 (quinhentos) talheres. Para cozinhar os alimentos, colocou dois fogões industriais à disposição: “peguei emprestado... um com ‘Seu I.’ e outro com ‘Seu M.’ [da folia]”. Sobre as panelas e caldeirões, tomou emprestado da “folia, da sogra e outras da ‘Lç.’ [foliã de pouso e candidata a festeira] mais ou menos 10 (dez) panelas...” . Na festa de janeiro de 2010, pessoas de dentro e de fora da região Leste de Goiânia estavam presentes nesse evento: “Mais ou menos 350 (trezentos e cinquenta) pessoas”, segundo depoimento de “Zé F.” (Entrevista concedida a COELHO, 07/02/2010).

O trabalho de Ullman (1974) nos sugere uma análise das interações baseadas em medidas quantitativas de mercadoria e fluxos, segundo suas complexidades e tipos (das interações). A movimentação quantitativa de pessoas e coisas para o provisionamento das festas relatadas nos permite reafirmar que as interações espaciais na folia de Santos Reis são fundamentais na sua composição festiva; constituindo-se num amplo e complexo conjunto de deslocamentos de mercadorias, capital, informações. Conforme temos afirmado, tais interações estão implicadas em emoções, rituais, votos, etc., que fundamentam um sentido de lugar, ou melhor dizendo, o ‘bairro’ como experiência para o participante a partir de onde essas interações são promovidas e o constituem (o participante) como co-presença.

⁸⁵ Ao ser perguntado sobre onde adquiriu a vaca, contou: “na fazenda Bom Jardim, depois de Caldazinha entre Canedo e Bela Vista...”. O animal custou R\$ 700,00 (setecentos reais), “uma vaca de dez (10) arroba” (“Zé F.”); o cunhado de sua esposa (vaqueiro da fazenda e açougueiro) informou onde podiam adquirir o animal. “Zé F.” disse que ele mesmo descarnou a vaca e retirou as peças: “Eu trouxe a vaca no fusquinha [...], fui fardado com a roupa da folia, se acontecesse algo, eu ligava para “Seu A.”, que ele avisava o comando”. Questionado sobre se não ficaria mais barato comprar a vaca em Goiânia, afirmou que: “Se comprasse a carne aqui, ficava mais cara. Lá, a vaca é criada no capim [...], mais sadia, tem as vacina”. A intenção dele era comprar um suíno, contudo, pensou que podia sobrar muita carne e disse que: “ninguém quer comer carne de porco mais”. O festeiro comprou 06 (seis) frangos no supermercado próximo de sua casa e ganhou 04 (quatro) aves dos vizinhos. Interrogado onde havia adquirido os doces, “Zé F.” disse: “Comprei 20 (vinte) kg de leite e 15 (quinze) de mamão, em Nerópolis, o pessoal da roça (onde comprou a vaca) ia fazer, mas era longe para buscar”. Quanto aos refrigerantes, disse ter adquirido 50 (cinquenta) vasilhames de 02 (dois) e 03 (três) litros: “Deu cento e pouco litro, comprei na distribuidora perto do 4º CIOPS na Vila Pedroso”. Os alimentos básicos, como arroz e feijão, “Zé F.” relatou que: “Arroz e feijão só da arrecadação. Arroz foi 20 (vinte) kg, feijão 17 (dezesete) kg... sobrou muito feijão de caldo, tropeiro não [...]” (Entrevista concedida a COELHO, 07/02/2010). Para complementar os alimentos adquiridos por via das ofertas, foram adquiridos 04 (quatro) kg de toucinho e 02 (dois) kg de linguiça defumada no supermercado próximo à sua casa, no Parque Amendoeiras.

Notemos, mais uma vez, que o preparo da comida é papel importante nas festas de Santos Reis, e as pessoas podem exercer suas habilidades culinárias. A cozinha não é um monopólio das mulheres; os homens também participam do preparo da comida na ocasião das festas de pousos e entregas. O importante é que tanto homens como mulheres participam do trabalho, seja movimentando alimentos ou preparando-os para “satisfazer a necessidade do momento, trazer a alegria de um instante e convir às circunstâncias” (GIARD, 1996, p. 212), o que redimensiona o seu sentido de ser co-presente, pois talvez, no cotidiano, a maioria dos homens não se dedique a essas tarefas. Existe uma dimensão mágico-ritualística no preparo da comida nas festas de Santos Reis, pois há pessoas que fazem promessa de cozinhar para eles enquanto vida tiverem, pois receberam uma graça. Outras pessoas têm um afeto enorme pelo preparo da comida para os foliões e os convidados.

Estando presentes na cozinha no dia de festa de Santos Reis as pessoas sentem felicidade, prazer e alegria de estar ‘trabalhando para o santo’. Na cozinha é possível inventar, imaginar um prato, ou seja, cozinhar com arte e prazer de participar da festa. Quem cozinha geralmente sente “prazer de manipular a matéria-prima, de organizar, combinar, modificar e inventar” (GIARD, 1996, p. 212) tipos de comida. O preparo da comida para a festa de folia é um ponto forte da tradição de Santos Reis, uma vez que cozinhar é um prazer íntimo e coeso. Cozinhar nos dias de festejos de Santos Reis “é o suporte de uma prática elementar, humilde, obstinada, repetida no tempo e no espaço” (GIARD, 1996, p. 218) como ação tradicional na relação com o outro e consigo mesmo.

Cozinhar é também uma alquimia que exige múltipla memória no sentido da força de vontade de aprender os movimentos dos instrumentos de cozinha, o ponto certo de uma comida para retirá-la do fogo e outros; intercalando “as sequências umas às outras, compor a sucessão dos pratos para atingir o grau de calor desejado no momento adequado” (GIARD, 1996, p. 219); deve-se estar atento aos sabores e cheiros da comida sentidos ao degustar e inalar os vapores para aumentar ou diminuir a intensidade de calor nas panelas.

Come-se antes do levantamento da bandeira, na visita às casas (lanches), no almoço e no jantar durante todo o giro. Esse movimento horizontal de coisas para o festejo exemplifica que “alimentamo-nos para viver, mas as razões pelas quais os homens dão tanta importância ao que comem e bebem, e lhe consagram uma parte importante de seu tempo, de sua energia e de suas rendas, não são todas resultado da fisiologia” (CLAVAL, 1999, p. 256), especialmente nas festas, em que o caráter fisiológico da refeição é menos importante que o ritualístico. Assim, vale a pena ressaltar, nesse movimento horizontal de coisas relacionado à comezaina, que “comer serve não só para manter a máquina biológica do nosso corpo, mas

também para concretizar um dos modos de relação entre as pessoas e o mundo, desenhando assim uma de suas referências fundamentais no espaço-tempo” (GIARD, 1996, p. 250).

5.2 A CANTORIA DE CHEGADA

A cantoria de chegada na recolhida é mais detalhada do que as demais, uma vez que os festeiros se tornam rei e rainha, estando coroados (figuras 76 e 77). No dia da entrega geralmente os foliões que não participaram do giro efetivamente aparecem para a grande festa; os foliões de pouso e almoço vão para participar dos festejos e articular o sorteio do festeiro do ano seguinte. Os foliões de pouso têm direito ao sorteio, sendo cinco de cada vez. A recolhida da folia com os rituais de chegada e saudação dos arcos, canto do nascimento, ao falecido, entrega de votos, passagem da coroa; entrega da bandeira, do alferes, dos vigias, dos instrumentos, das vozes, dos embaixadores, do capitão e de outros elementos que porventura estiverem presentes encerram todo ritual da folia. É o ponto culminante da festa, colocando em interação espacial pessoas, coisas e símbolos. Todo processo ritual ocorrido durante o giro “prepara o retorno renovado dos indivíduos e de toda uma sociedade ao fluxo ordinário de suas existências” (PEREIRA, 2009, f. 9). O início da cantoria é o mesmo da saída da bandeira, chegada e saída dos pousos: invocação da Santíssima Trindade, benção para livrar dos males que vem, oração e bênção.



Figuras 76 e 77 - Chegada na casa dos festeiros, rei e rainha 2009/2010.
Foto: Tito Coelho, 6 de janeiro de 2010.

As mudanças na letra da cantoria dão a impressão de chegada a Belém (representada pela casa do festeiro) pelos Três Reis do Oriente. Os festeiros coroados se emocionam nesse

momento, pois o ano inteiro ficam esperando pela realização da grande festa. O embaixador canta perguntando como os festeiros têm passado e estes, por meio da expressão corporal e dos gestos, respondem positivamente. Então, cantam que Deus os têm ajudado e que as andanças no giro de folia são feitas pela vontade de Deus, alegrando-os⁸⁶.

Depois desse momento se inicia a saudação do arco, dos enfeites, da imagem santa, das coroas e da estrela da guia. Tem-se a interação do espaço da rua com o da casa, à semelhança do que já descrevemos antes, nos pousos, pois a estrela anuncia que na lapinha está o Menino procurado pelos Reis. A estrela é perfurada e perpassada por uma linha incolor para que possa ser puxada por uma pessoa até chegar à lapinha⁸⁷.

5.3 A PASSAGEM PELOS ARCOS

Depois da saudação do arco, da imagem santa, das coroas e da estrela, iniciam-se os movimentos e os deslocamentos dos festeiros no espaço ritual da chegada ao primeiro arco. O embaixador chama os festeiros para se aproximarem da bandeira e passarem a imagem santa para o(a) alferes e, em seguida, levá-la aos foliões para que estes a beijem (semelhante nos rituais de chegada, de almoço e de pousos). Os versos são os mesmos de outras chegadas, mas com uma pequena diferença: substitui-se ‘senhor dono da casa’ por ‘rei e rainha’, pois se denota que nesse momento estão coroados:

O meus nobre festeiro,
 Dá uma chegada prá cá.
 Arrecebe a nossa guia,
 Passa o quadro santo pra cá.
 Ooferi bandeira,
 Escuta o meu cantar.
 Arrecebeu o quadro santo,
 Trais ele pra nós beja.
 O meu rei, minha rainha,
 Agora com vois será.

⁸⁶ Vejamos o que dizem os versos: “Boa noite rei e a rainha, boa noite é Deus que dá. Os Treis Rei do Oriente, é que acaba de chegar. Os Treis Rei tá perguntano, como vos tem passado. Tem passado muito bem, porque que Deus tem ajudado. Meu rei minha rainha, fizemo o que Deus quis. Vos fica contente, que no giro fomos feliz”.

⁸⁷ Caso esteja pendurada no arco, o embaixador improvisa um verso para retirá-la e ser conduzida por uma criança: “Deus voz salve este arco, enfiado como está. Deus voz salve o quadro santo, que os Treis Rei encontrou. Deus voz salve essas coroa, junto com a estrela da guia. Vei dize para nós, que o Menino está na lapinha”.

O embaixador pede para que a companhia seja recebida, após ter recebido a bandeira e os foliões terem beijado a imagem santa. Os festeiros são convidados a virarem de frente para o interior da casa e irem seguindo com a estrela da guia e adverte-se que onde entra a bandeira também a companhia deve entrar. Todos os enfeites encontrados no caminho devem ser saudados: bandeirolas, fitas, flores e outros. Há casos de devotos que colocam velas acesas, uma maçã, ferramentas de carpinteiro, frutas, pães e vinho, com a intenção de passar mais tempo ouvindo a cantoria ou experimentando o embaixador. Isso não é comum nas folias de hoje em dia. A partir desse momento, o festeiro passa a ser o responsável pela bandeira dos Santos Reis. Feita a troca, o festeiro – dono da casa de recolhida – leva a bandeira dos Três Reis Magos até o altar (CANESIN e SILVA, 1983)⁸⁸.

Na recolhida são montados mais de um arco com: flores, fitas, correntes de papel e outros enfeites. Eles são saudados obrigatoriamente, tendo-se que fazer uma parada e cantar pedindo para cortar as fitas ou as correntes, abrindo o caminho para a companhia passar, ou seja, dando passagem para os Três Reis Santos. Até o ato de cortar as fitas/correntes, o embaixador vai improvisando versos e relatando a história do Menino Deus que nasceu em Belém:

Deus voz salve o segundo arco,
Que bonito ele está.
Deus vos salve essas fita,
Que presente aqui está.
Os Treis Rei está pedindo,
Corta ela pra nós passá.

Cortada a fita, o embaixador canta para ir seguindo com a bandeira e a companhia o acompanha. Se não houver arco na entrada da moradia é cantado um pedido para que a folia e todo folião possa adentrar ao salão (sala onde está montado o presépio). Às vezes os festeiros constroem o presépio na garagem da casa para que todos possam participar da cantoria do nascimento (mesma letra cantada em outras ocasiões) ou acompanhar o ritual de entrega. A cantoria de entrada no salão até o encontro com o presépio (na recolhida) é a mesma dos pousos de almoço e janta. Quando é folia sazonal, canta-se o nascimento antes da passagem da coroa; já na folia temporã isso não é necessário. Faz-se somente a saudação do presépio (saudação da casa santa onde Deus fez a morada, onde mora o Cálice Bento e a Hóstia Consagrada) e se inicia o canto de passagem da coroa para o festeiro novo.

⁸⁸ Vejamos o cântico dessa parte ritualística: “Arrecebeu a nossa guia,/ arrecebe a companhia./ Os Treis Rei está pedino,/ vira sua frente para lá./ Vai andando passo-a-passo,/ junto com a estrela da guia./ Onde entra esta bandeira,/ entra toda companhia./ Deus voz salve este enfeito,/ com prazer e alegria”.

Na folia de “Seu M.” substituem-se os embaixadores sem que haja intervalo, fazendo-se o ritual no primeiro arco e conduzindo-se a folia até o segundo, onde inicia o revezamento de embaixadores e vozes. Na entrega do dia 6 de janeiro de 2011, o jovem embaixador filho dos festeiros fez o ritual do primeiro ao segundo arco; passou-se para um embaixador aprendiz e recém-formado por “Seu M.” para fazer o ritual do segundo ao terceiro arco, montado no portão da casa dos pais do festeiro. No terceiro arco, um embaixador com 03 (três) anos de experiência fez o ritual até chegar ao presépio, repassando a folia a outro jovem embaixador para que este fizesse o canto do nascimento e um canto ao pai da festeira, que faleceu 03 (três) meses antes da entrega. A seguir, a folia foi assumida por outro embaixador, com experiência desde a fundação do grupo. Este último fez os rituais de condução da folia para os arredores da mesa, passagem da coroa e entrega da folia para os festeiros (velho e novo).

5.4 A PASSAGEM DA COROA

Terminada a adoração por parte dos palhaços e entregue a folia para o embaixador, a cantoria do Nascimento é finalizada para que comecem os movimentos e os deslocamentos rituais de passagem da coroa. Na recolhida da folia não é necessário pedir descanso para a bandeira, o alferes e para os vigias; não se faz pedido de comida, pois a bandeira vai ser entregue juntamente com o alferes, os palhaços, os foliões, os instrumentos, os embaixadores e o capitão para os festeiros. Terminada a cantoria do Nascimento, feito canto do falecido a quem solicitar, entregues os votos de quem estiver presente para entregar, o embaixador passa a outra e inicia-se o ritual de deslocamento para passar as coroas. É outro momento de satisfação para o festeiro do ano, tendo em vista que este está realizando sua festa, mas já é sentida a ausência das coroas e da bandeira em sua casa antecipadamente. Os foliões de pouso que estão no sorteio ficam na expectativa, aguardando os palhaços simularem o encontro dos novos festeiros: rei e rainha do ano seguinte.

Quando a bandeira chega ao almoço ou ao pouso, depois de pedir comida e o pedido ser aceito, é cantado para o devoto morador virar a bandeira para pousá-la na lapinha ou no altar, cuja centralidade nas interações espaciais se assemelha àquela que já expusemos nos rituais de pouso. No caso da recolhida, não se fazendo pedido de descanso e comida, essa parte é substituída por outro movimento. Canta-se que a hora dos festeiros é chegada, sendo

anunciada a procura dos novos festeiros. Como não é pousada a bandeira, o embaixador pede para virar a frente da bandeira para o caminho da mesa:

O meus nobre festero,
Sua hora já chegô.
Vamo procura os festero novo,
Os Treis Rei já ordenô.
Vamo passa a coroa,
Do jeito que Deus mandô.
Vamo procurar o festero novo,
Com carinho e amor.
Pra sai com a bandera,
Vira ela pra cá.

Virada a bandeira para a mesa, os palhaços a conduzem, fazendo o mesmo deslocamento do agradecimento de mesa, mas agora para passar as coroas, assim, a mesa tem uma centralidade diferenciada nessas interações, pois é o lugar em que se dispõe também o novo festeiro. Na recolhida da folia não se canta mais a valsa ‘La se Vai’, o ‘Bendito da Mesa’ e nem o ‘Bendito Louvado Seja’, tanto para se deslocar da mesa quanto para sair dela⁸⁹.

Parada a cantoria, os palhaços dão vivas aos Três Reis Santos, aos festeiros, aos foliões e aos convidados, pedem licença aos festeiros para pegar a coroa e simular a procura dos festeiros novos. Eles são sorteados por duas crianças ‘inocentes’ (com menos de dois anos) e somente os palhaços sabem a identidade dos novos festeiros. Nem o capitão fica sabendo antes, pois os papezinhos com os nomes não sorteados são rasgados e jogados no vaso. Os palhaços fazem grande algazarra, passando as coroas na cabeça dos convidados e até dos foliões. Dizem que ficaram feios, que a coroa ficou muito grande e, não sendo estes os sorteados, improvisam versos dizendo “quem sabe no ano que vem?”. Quando a coroa é colocada na cabeça do festeiro sorteado, um palhaço avisa para o outro: “Achei” (figuras 78 e 79). Então, o segundo palhaço corre em direção à festeira ou ao festeiro e os sorteados sentem grande prazer por terem sido escolhidos pelos Santos Reis para continuarem a festa. Os que estavam no sorteio se dirigem para o sorteado e lhe dão os parabéns, se lamentam por não terem sido sorteados e agradecem, pois querem fazer a festa em outra oportunidade. Uma diversidade de atitudes ocorre nessa hora.

⁸⁹ Todos os agradecimentos já foram feitos durante o giro, não sendo necessário repeti-los, apenas pede-se licença para o fim da cantoria: “Vai andano passo-a-passo,/Pra nós acompanha./Vamo pra redó da mesa,/Prá nós procura./Os novo festero,/Pra festa continuá./O meu nobre pastorinho,/Escuta o que seu vô fala./Agora chegô a hora,/Docêis dois trabaiaí./Pede licença pro festero,/Para a coroa ocêis pegá./Os festero novo,/Ocêis tem que encontrá./Encontro o festero novo,/Ocêis torna me entrega./Com licença dos Treis Rei Santo,/A cantoria eu vô Pará”.



Figuras 78 e 79 - Passagem da coroa.
Foto: Tito Coelho, 6 de janeiro de 2010.

Terminado o momento de abraços e parabéns, um dos palhaços dá viva aos Três Reis Santos, festeiros velhos e novos (figuras 80 e 81), aos foliões e aos que estão presentes e versa: “Lá do céu desceu uma voz, quem mandou foi o Senhor, pra continuar nossa jornada toma conta embaixador”. Ao silvo de apito, a cantoria de advertência aos novos festeiros é iniciada, orientando ser uma responsabilidade dar continuidade à festa dos Três Reis. Cantam-se os parabéns e se anuncia que a coroa recebida é do Santíssimo Sacramento, por mais simples que seja:

O meus festero novo,
Escuta o que eu vô cantá.
Veja a responsabilidade,
Que ocêis acabô de pegá.
Pra festa dos Treis Rei,
Ocêis podê continua.
Arrecebe os parabém,
Do povo aqui presente.
Arrecebe os parabém,
Dos Treis Rei do Oriente.
A coroa que ocêis arrecebeu,
É do Santíssimo Sacramento.



Figuras 80 e 81 - Festeiros velhos e festeiros novos durante o ritual de passagem da coroa.
Foto: Tito Coelho, 6 de janeiro de 2010.

Os festeiros ‘velhos’ (termo usado pelos foliões) também recebem os parabéns ‘dos Três Reis’ pela realização da festa, da companhia e dos convidados presentes no lugar. É um momento de satisfação para os festeiros e toda a companhia, já que está chegando a hora de entregar a bandeira, o alferes, os vigias, os foliões e os instrumentos da folia⁹⁰.

Antes de começar o deslocamento para a lapinha de Belém, onde será feita a entrega da bandeira, os Três Reis Santos, São José e Santa Maria são invocados para ‘acompanharem’ os foliões. Os quatro festeiros (velhos e novos) conduzem a bandeira até o presépio para que seja realizado o ritual de entrega, sendo isso marcado por lágrimas:

Com o poder dos Treis Rei Santo,
São José e Santa Maria.
Vai andando com a bandeira,
Pra nós acompanha.
Pra lapinha de Belém,
Aonde vamo entregá.

O momento da entrega ou recolhida é de muita expectativa, alegria, realização, oração, fé, encontros e despedidas.

5.5 ENTREGA DA BANDEIRA

Conforme o que se encontra, o embaixador vai improvisando versos até chegar à lapinha para que o ritual de entrega seja iniciado. Quando o deslocamento até o presépio termina, o embaixador adverte os foliões que a hora é chegada e que a entrega será feita do jeito determinado por Deus. A bandeira é a primeira a ser entregue, devendo seguir o alferes e os palhaços. Logo após cada embaixador tem uma sequência própria para rimar e trovar os versos. É feita a entrega dos instrumentistas, das vozes, do capitão e, por fim, dos embaixadores da folia⁹¹.

Ao término dos versos de entrega da bandeira pode haver sorrisos, lágrimas e nostalgia. Dá a impressão de que os foliões estão saindo de uma terra e chegando a outra;

⁹⁰ É o último deslocamento ritual do giro ou da jornada: “O meu festero velho,/Com prazer e alegria./Arrecebe os parabém,/Dos Treis Rei do Oriente./Realizou uma grande festa,/Pros Treis Rei da Nossa guia./Arrecebe os parabém,/De toda companhia./Arrecebe os parabém,/De todos aqui presente”.

⁹¹ Os versos desse momento são: “O meus nobre folião,/Nossa hora já chegô./Vamo fazê nossa entrega,/Do jeito que Deus mandô./Te entrego a nossa guia,/Com prazer e alegria./Te entrego o oferi,/E também os meus vigia./Agora vou entregar o sanfonero,/E também o meu caxero./Te entrego os violonista,/Os pandeirista e os violero./Agora vou entregar o capitão,/E também o imbxado”.

parecem ter peregrinado por terras desconhecidas e chegado ao destino que, ao mesmo tempo, foi a origem, finalizando interações espaciais que se estenderam pelo ciclo natalino. Terminada a entrega da bandeira, do alferes, dos pastorinhos, instrumentistas, vozes, capitão e embaixadores, os festeiros são advertidos para virarem a bandeira aos foliões, pedindo licença aos Três Reis Santos a fim de pousá-la no presépio. Como o alferes trocou a bandeira pelo quadro ou imagem santa, o embaixador não pode se esquecer de cantar para que ela seja colocada em seu lugar antes de parar a cantoria. Aqui, se pede desculpa aos donos da casa (festeiros velhos) se a folia não foi realizada do jeito esperado. O embaixador pede perdão aos companheiros em caso de haver maltratado alguém:

O meus nobre festeiro,
 Vira a bandeira pra cá.
 Com licença dos Treis Rei,
 Coloca ela na lapinha.
 Sinhori dono da casa,
 Escuta o que eu vo cantá.
 Se eu não fiz do seu jeito,
 Ocê vai me disculpá.
 O meus nobre companheiro,
 Escuta o meu cantar.
 Se eu martratei algum doceis,
 Ocêis vai me perdoar.

Na etapa seguinte é cantada a despedida da jornada, desejando-se estar no giro novamente no ano seguinte. Terminada a entrega e cantada a despedida, invoca-se Deus Pai, Filho e Espírito Santo para receber a missão cumprida pelos foliões, festeiros e todas as pessoas envolvidas, sabendo-se que “Seu M.” considera que todos são foliões dos Santos Reis:

Já terminamo nossa entrega,
 Nas ora de Deus amém.
 Pai e Filho e Espírito Santo,
 Pra sempre amem, amém.

Concluída a cantoria de entrega da bandeira (de toda companhia) ocorre grande movimento no salão da casa do festeiro pelos cumprimentos dos foliões. É costume pedir ao outro para que desculpe algo desagradável que porventura ocorrera durante o giro. Observa-se que a maioria se confraterniza, numa atitude de superação dos inconvenientes. É desejado que estejam juntos no final do ano para sair em jornada e estarem na entrega novamente no ano seguinte. O capitão faz seus elogios, agradece pelo trabalho de cada um e eles se preparam para comer. Esse momento é uma interação espacial manifesta em rito de passagem: “A festa

é justamente o jogo generoso e não raro tenso da passagem, de todos ou de alguns atores, de um espaço ao outro” (BRANDÃO, 1989, p. 19).

Há festeiros que fazem a mesa dos foliões separada dos convidados para agilizar a comezaina destes e dar a mesma comida àqueles que chegaram de ‘viagem’ e precisam se recompor. Nesse caso, surgem dois fluxos relacionando o espaço de preparação com os de serviço de mesa. Sabem que a jornada é exaustiva, pois são realizados os rituais de casa em casa, cumprindo com todos os passos dos rituais. Na folia de “Seu M.”, os foliões têm direito a se servirem primeiro em mesa única (figuras 82 e 83)⁹². Na hora do jantar, são disponibilizadas várias pessoas para servir a comida aos foliões e demais participantes, sendo a maior parte mulheres. Nesse momento percebemos que:

A ‘entrega’ é um verdadeiro momento de síntese de toda a jornada. Além de os foliões reproduzirem todas as situações rituais de chegada em cada pouso, eles fazem outras cerimônias: a ‘passação da coroa’; a adoração do Menino Jesus na Lapinha (BRANDÃO, 1977, p. 28).



Figura 82 e 83 - Festa de entrega da bandeira no dia 6 de janeiro de 2009.
Foto: Tito Coelho, 2009.

Vimos, portanto, que “há muito mais gente presente no pouso da entrega do que em qualquer outro” (BRANDÃO, 2004, p. 371). Há, também, mais solenidade devido à cantoria de chegada e passagem por mais de um arco, do nascimento, de passagem da coroa, para os festeiros novos e velhos, cantoria de retorno à lapinha e de entrega da folia, conferindo uma centralidade própria à casa e aos espaços disponíveis para a festa. Ao final, os donos da casa ou festeiros do ano “receberão homenagens diferentes das dos donos de pousos” (BRANDÃO, 2004, p. 371) e a festa “culmina nos festejos de Reis, feitos com donativos recolhidos entre os moradores” (PESSOA, PESSOA e VIANÊS, 1993, p. 109).

Na folia pesquisada, os festeiros 2009/2010 foram “Zé F.” e “Dz.”, residentes no Parque das Amendoeiras, em Goiânia (GO). Nos onze dias de peregrinação foram visitadas

⁹² “Seu M.” se serve apenas depois que todos já estão servidos para não deixar que haja atos desagradáveis durante a festa.

212 (duzentas e doze) moradas na região Leste de Goiânia. O grupo se deslocou da casa dos festeiros, peregrinando por 16 (dezesseis) bairros. Na festa de entrega percebemos a força do processo de dar, receber e retribuir (dádiva), materializando-se no espaço. Os foliões andam pedindo ofertas para a festa e deixando desejos de vida e saúde para os devotos moradores. Estes contribuem com o que podem: um café, um quilo de feijão, cinco de arroz, dinheiro, moedas e outros. Todos recebem o convite para a entrega da bandeira, tendo o direito igual de comer, não observando a quantia com que contribuiu. Aquele que pode dar mais está ajudando os que dispõem de menos condições.

Em se tratando da espacialidade da casa, no dia da entrega, “[...] a casa do festeiro perde quase que por completo as interdições: cozinha e quartos são quase que, indistintamente, transitados por todos os ajudantes da festa” (PESSOA, PESSOA e VIANÊS, 1993, p. 143). É uma característica festiva que demonstra a forte interação espacial ritualizada de passagem, pois o movimento se torna mais intenso entre a sala e a cozinha, incluindo quartos, banheiros e outras dependências. A Folia de Santo Reis tem, portanto, enorme força de mobilização, garantindo a sobrevivência do tempo útil (folga) nas cidades, ainda que ameaçada pela economia, pelas religiões ‘alternativas’, pela devoção com o sagrado, entre outros motivos.

O sentido maior de realização da festa de entrega ou recolhida não é a fartura de comida e o simples lazer dos foliões em geral, ou melhor, de todos os envolvidos nessa interação espacial. A entrega é o símbolo da missão dos Três Reis Magos ao chegar à Lapinha de Belém, onde nasceu o Menino Deus. Depois de comerem, os foliões têm que se despedir do capitão da folia e dos Três Reis Santos (figura 84) retratados na bandeira.



Figura 84 - Foliã se despedindo da bandeira ao final da entrega.
Foto: Tito Coelho, 6 de janeiro de 2010.

O croqui do movimento ritual de saída e de chegada de 2009/10 (figura 85) mostra a mesa do café da manhã e indica a saída da bandeira com a seta verde. No dia da chegada os foliões são perfilados para os movimentos da meia-lua ou caracol, o deslocamento para a barraca montada na rua para dar início ao ritual de chegada, passagem pelos arcos, chegada ao presépio para cantar o nascimento. Após isso, o deslocamento ao redor da mesa para a passagem da coroa, retorno ao presépio para fazer a entrega da bandeira, dos instrumentos e dos foliões aos festeiros. Na entrada as letras indicam: A - alferes, E - embaixador e P – palhaços; as coroas em amarelo representam rei e rainha (festeiros) e os pontos após eles indicam os familiares. São seis momentos principais em que observamos os movimentos-rituais durante a passagem da rua para a casa até que a comida seja servida. Notamos que a barraca foi montada na rua para receber os convidados e esperar pela folia; a mesa foi servida na parte direita da garagem e o presépio montado na sala.

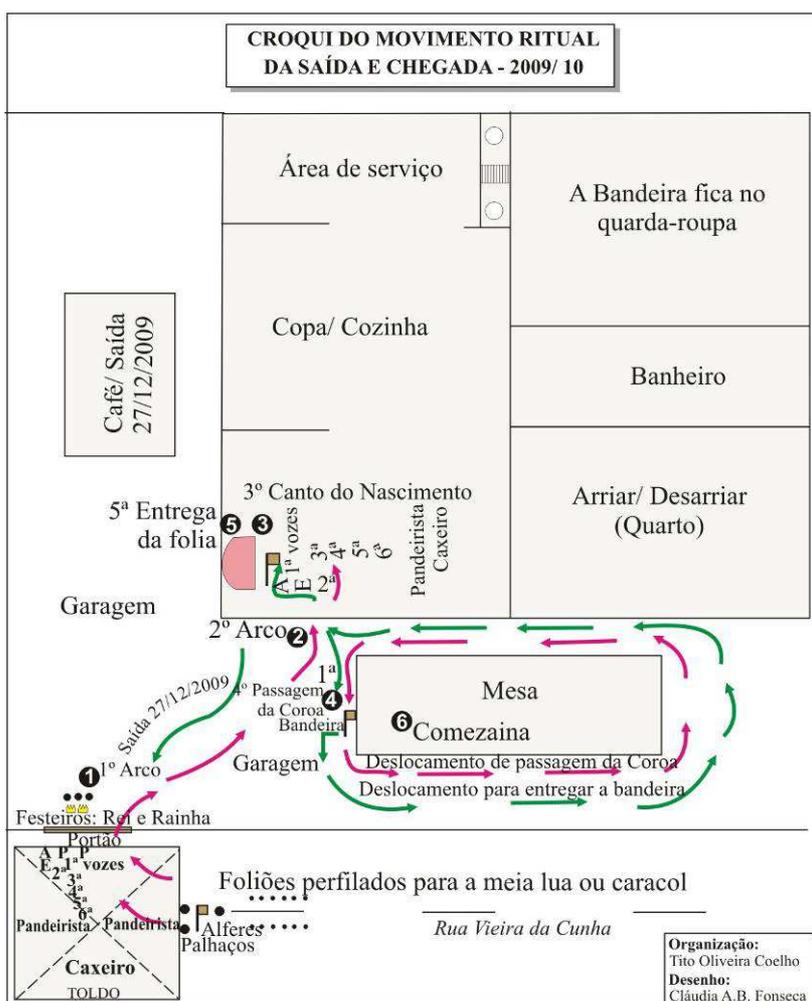


Figura 85 - Croqui da saída e entrega da bandeira do giro de 2009/2010.

Fonte: Trabalho de campo 2009/10.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

O desenvolvimento desta pesquisa implicou em uma jornada de trabalho exaustivo, ao longo do qual nosso olhar sobre a Folia de Santos Reis do Jardim das Aroeiras em Goiânia-GO foi gradativamente metamorfoseado. Adquirimos experiência e a concatenamos com o suporte teórico da interação espacial. Quando realizamos as primeiras análises das interações espaciais em uma folia de Santos Reis tivemos dificuldades em encontrar um nexo compreensivo. A peregrinação, o movimento, os deslocamentos e as mobilizações se ocultavam às sombras dos rituais de saída, visita às casas, pousos e recolhida da folia. Com as (re)leituras teóricas e a pesquisa de campo, passamos a perceber como esses elementos fazem parte da interação espacial. A princípio, apenas notávamos que o grupo tinha uma origem e um destino, passando de casa em casa até chegar à entrega da bandeira. Para quem chega a um grupo de folia é difícil compreender o porquê dos movimentos, deslocamentos, gestos e emoções ocasionados pelas cantorias. O trabalho de campo e a literatura específica sobre os mais variados recortes estudados em folias de Reis abriram novas perspectivas, que trouxeram à tona movimentos rituais que, muitas vezes, nem percebíamos de imediato.

Assim, chegamos à conclusão de que os movimentos rituais de uma folia de Santos Reis promovem fortes interações espaciais por meio da fé, da devoção, da dádiva entre os Santos Reis e da emoção no tempo-espaço do giro. Conclui-se, ainda, que o voto é um dos elementos principais como motor dos deslocamentos, movimentos e seus posicionamentos e direcionamentos rituais ocasionados pelo giro ou jornada de um grupo de folia (fluxo), por uma trajetória fechada ou aberta; saindo de uma casa, passando pelas ruas e outras casas e o retorno para sua origem (fixos).

O resgate da peregrinação dos Três Reis Magos do Oriente até a Lapinha de Belém nos fez ver que a ‘viagem’ é o motivo principal de uma interação espacial complexa na atualidade. Os devotos sentem uma força que os motiva a peregrinar, reproduzindo simbolicamente, ademais, um giro semelhante ao dos magos. Ao analisarmos os estudos específicos já realizados sobre essa peregrinação, constatamos que estes carecem da demonstração de como os movimentos rituais implicam, de forma evidente, em interação espacial na folia. Por outro lado, os textos teóricos da literatura geográfica sobre interações espaciais relegam os rituais e as variáveis aqui estudadas (voto, dádiva, emoção, etc.). Assim, propomos, neste trabalho, o estudo do ritual de giro como um todo e mostramos que cada uma

de suas partes é dotada de deslocamentos, movimentos e gestos distintos produzidos na situação festiva, mas implicados com a dinâmica cotidiana. Isso, então, aponta a geografia do giro com suas forças de convergências dos fluxos de um fixo a outro, ou melhor, da roça para a cidade, de um setor ou jardim residencial a outro, de uma casa a outra; enfim, de uma jornada diária a outra festiva.

Os deslocamentos e movimentos rituais de uma folia revelam, ainda, uma necessidade de coparticipação, copresença e pre-sença como um préstito que sai de um mundo e entra noutro pela fé, sentimentos de reciprocidade e devoção, mas os conflitos são provocados pelo desejo de regras e normas, pela ‘renúncia’ de hábitos, costumes e crenças do cotidiano e pela resistência das exigências. A folia de Santos Reis, de forma geral, não é uma coisa dada, porém interpretada pelo sentido que cada ser-no-mundo atribui à festa e a si mesmo como coparticipante. Assim, a significação da folia vai além de sua presença material, tocando a pre-sença espiritual, mental, emocional, da alma e da dimensão cósmica por meio das preces. O estudo do caso que pesquisamos nos revela essas dimensões, que perpassam outros grupos, pois o grupo de “Seu M.” se assemelha a outros em termos de movimento e deslocamento.

A folia de Santos Reis mostra-se também como mediadora entre lugares, aproximando-os pelas cantorias emocionantes que levam as pessoas a uma espécie de êxtase espiritual, pois as insere no espaço das forças supramundanas. Isso se dá por processos vistos como mágico-espirituais, além da razão perceptiva e experiencial, o que atribui ao capitão da folia estudada certa posição, responsabilidades extraordinárias e capacidade de gerência espiritual. Os efeitos emotivos e misteriosos são geridos ao longo de todo o giro da folia, pois há inúmeras pessoas que se aproximam com diversas intenções. Em outras palavras, é importante a forma em que a folia se torna um mundo e se insere em outros mundos: casas para cantoria de bênção e peditório, pousos e até mesmo nas andanças pelas ruas. Destaca-se que as razões dos deslocamentos e movimentos para que foliões de giro e de pousos se disponham, ainda que com dificuldades, a continuar as ‘festas’ de Santos Reis estão pautadas na reciprocidade entre devotos (em geral) e Divindade, entre foliões de giro e de pousos, criando ‘obrigações’ uns com os outros; são trocas que vem sendo eternizadas por meio do recebimento de graças ‘permutadas’ por intermédio de sacrifícios. Outrossim, o giro de folia de Santos Reis promove uma rede de relações espirituais que ultrapassa as fronteiras do setor (bairro) de origem, da região e do território de atuação.

Acerca especificamente do grupo estudado, chegamos às seguintes conclusões: i) o grupo se destaca na “geografia das folias goianienses” devido ao caráter profundamente atrativo aos devotos de Santos Reis da Região Leste de Goiânia; ii) por ter forte poder de

atração, proporciona a interação espacial por meio do deslocamento de foliões das cidades e ‘setores’ vizinhos, do deslocamento de casa em casa, do movimento de pessoas e coisas, concepções e informações, e a mobilização de várias pessoas paralelas ao grupo para a realização do giro; iii) há espera por parte dos foliões de pouso para dar almoço e jantar a esse grupo, servindo de entrepostos de interações espaciais ao longo de 11 (onze) dias, antes da realização da recolhida; iv) a disciplina do grupo favorece suas interações espaciais, sendo isso evidente pela busca constante por um bom trabalho (uma boa folia) em todas as casas e por satisfazer a necessidade devocional dos moradores.

Almeja-se que, por meio deste estudo, a Folia de Santos Reis possa ser analisada em sua geografia a partir de um enfoque revelador de como “os homens fazem a história, mas apenas sob as condições que lhes são dadas” (HALL, 2005, p. 34). Isso quer dizer que os indivíduos não são agentes autônomos da história, sendo limitados pelas condições materiais e geográficas que lhes são dadas em determinado período histórico, numa dada cultura. Ademais, espera-se que esta pesquisa possa contribuir com outros estudos relacionados não somente com as interações espaciais, mas, também, com outros conceitos e temas da ciência geográfica.

Logo, ao finalizar este trabalho, ressaltamos que todo esforço foi importante e, a nosso ver, trouxe novos caminhos no sentido de se analisarem as interações espaciais. A observação do movimento de pessoas (foliões de giro e de pousos, simpatizantes e outros), ideias (afirmação de fé e devoção através de promessas, milagres e pagamento de votos) e coisas/símbolos (dádivas tal como milagres, retribuições a eles, cantorias emocionantes e posteriores ofertas e consumo de alimentos) na folia abrem um campo de estudo que não foi investigado nas teorias tradicionais sobre o assunto.

REFERÊNCIAS

ALMEIDA, Maria G. de. Festas Rurais e turismo em territórios emergentes. *Revista Bibliográfica de Geografía y Ciencias Sociales*, Universidade de Barcelona, v. XV, n. 919, 15 de abr. de 2011. Disponível em: <www.ub.edu/geocrit/b3w-919.htm>. Acesso em: 08 mai. 2011.

ARNT, Lionara. *Peregrinação X turismo religioso: um estudo de caso no Santuário de Azambuja – Brusque, SC*. 2006. 150f. Dissertação (Mestrado em Turismo e Hotelaria) - Programa de Pós-Graduação em Turismo e Hotelaria – Mestrado Acadêmico do Centro de Educação, Universidade do Vale do Itajaí/UNIVALE, Balneário Camburiú, SC, 2006. Disponível em: <https://www6.univali.br/tede/tde_busca/arquivo.php?codArquivo=288>. Acesso em: 25 jul. 2010.

BENTO, Lillian. VIOLA, CIMENTO, FOLIA E CATIRA: pedreiro, violeiro e coordenador de um grupo mirim de catira e folia de Reis, Miguel é um amante das Artes. *Jornal Daqui*, Goiânia, 23 jun. 2007.

BOFF, Leonardo. *A voz do arco-íris*. Brasília: Letraviva, 2000.

_____. *Os Reis Magos ontem e hoje*. Disponível em: <<http://www.leonardoboff.com>>. Acesso em: 09 jul. 2007.

BOMFIM, Juarez D. *O Jardim de belas flores*. O Hinário O Cruzeiro Universal do Mestre Raimundo Irineu Serra (Livro virtual). Salvador, 2006. Disponível em: <http://www.mestreirineu.org/liberdade.htm>. Acesso em: 07 mai. 2010.

BORTONI-RICARDO, Stella M. *O professor pesquisador: introdução à pesquisa qualitativa*. São Paulo: Parábola Editorial, 2008.

BRANDÃO, Carlos R. *A folia de Reis de Mossâmedes*. Rio de Janeiro: Arte-FUNARTE, Campanha de Defesa do Folclore Brasileiro, Departamento de Assuntos Culturais, MEC, 1977.

_____. *Os deuses do povo: um estudo sobre a religião popular*. São Paulo: Brasiliense, 1980.

_____. *Sacerdotes de viola: rituais religiosos do catolicismo popular em São Paulo e Minas Gerais*. Petrópolis: Vozes, 1981.

_____. *A cultura na rua*. Campinas, SP: Papirus, 1989.

_____. *De tão longe eu venho: símbolos, gestos e rituais do catolicismo popular em Goiás*. Goiânia: Editora da UFG, 2004.

BRICK, Lila. *Peregrinos do sagrado: um estudo da folia de Reis*. Trabalho apresentado ao Concurso Sílvio Romero, 1993.

BUONFIGLIO, Monica. *Virgem Maria: a Rainha dos Anjos*. São Paulo: Editora Monica Buonfiglio LTDA, 2003.

BUTTNER, Anne. Apreendendo o dinamismo do mundo vivido. In: CHRISTOFOLETTI, Antônio (org.). *Perspectivas da Geografia*. 2. ed. São Paulo: Difel, 1985. p. 165-93.

CALVELLI, Haudrey G. A “*Santiago de Compostela*” brasileira: religião, turismo e consumo na peregrinação pelo Caminho da Fé. 2006. Tese (Doutorado em Ciências da Religião) - Programa de Pós-Graduação em Ciências da Religião, Instituto de Ciências Humanas da Universidade de Juiz de Fora, Juiz de Fora, Minas Gerais, 2006. Disponível em: <<http://www.diaadiaeducacao.pr.gov.br/diaadia/diadia/arquivos/File/conteudo/artigoteses/ENSINORELIGIOSO/teses/santiagocompostelabrasileira.pdf>>. Acesso em: 24 jul. 2010.

CANESIN, Maria T.; SILVA, Telma C. da. *A folia de Reis de Jaraguá*. Goiânia: Centro de Estudos da Cultura Popular, UFG/ICHL, 1983.

CASCUDO, Luís da C. *Dicionário do folclore brasileiro*. 11. ed. São Paulo: Global, 2001.

CASSIRER, Ernst. *Antropologia filosófica: introducción a una filosofía de la cultura*. San Lorenzo, México: Impresora y Encuadernadora Progreso, Fondo de Cultura Económica, 2000.

_____. *Antropologia filosófica: ensaio sobre o homem*. 2. ed. São Paulo: Mestre Jou, 1977.

CASTRO, Zaíde M. de; COUTO, Aracy do P. Folia de Reis. *Caderno de Folclore*, n. 16, Rio de Janeiro, 1977.

CASTRO, Janio R. B. de. As festas religiosas em louvor a São João Batista na Bahia: práticas devocionais e elementos míticos na interface sagrado/profano. In: SERPA, Angelo (Org.). *Espaços culturais: vivências, imaginações e representações*. Salvador: EDUFBA, 2008. p. 181-197.

CERTEAU, Michel de. *A invenção do cotidiano: 1 Artes de fazer*. Petrópolis, RJ: Vozes, 1994.

CERTEAU, Michel de; GIARD, Luce; MAYOL, Pierre. *A invenção do cotidiano: 2 morar e cozinhar*. Petrópolis, RJ: Vozes, 1996.

CÉSAR, Getúlio. *Crendices: suas origens e classificação*. Rio de Janeiro: APEX GRAFICA e EDITORA, 1975.

CHAVES, Wagner N. D. *Na jornada de Santos Reis: uma etnografia da Folia de Reis do mestre Tachico*. 2003. 143 f. Dissertação (Mestrado em Antropologia Social) - Programa de Pós-Graduação em Antropologia Social, Museu Nacional da Universidade Federal do Rio de Janeiro, PPGAS/MN/UFRJ, Rio de Janeiro, 2003.

CLAVAL, Paul. *A Geografia Cultural*. Florianópolis: Ed. da UFSC, 1999.

_____. *A Geografia cultural*. Florianópolis: Ed. da UFSC, 2007.

_____. A volta do cultural na Geografia. *Mercator*, Revista de Geografia da UFC, ano 01, n. 01, p. 19-28, 2002.

_____. Uma, ou algumas, abordagem(s) cultural(is) na Geografia Humana? In: SERPA, Angelo (Org.). *Espaços culturais: vivências, imaginações e representações*. Salvador: EDUFBA, 2008. p. 13-29.

CAVALCANTI, M. L. V. de C.; GONÇALVES, J. R. S. *As festas e os dias – ritos e sociabilidades festivas*. Rio de Janeiro: Contra Capa, 2009. p. 7-10. (Apresentação)

COELHO, Tito O. *O comércio varejista periódico no tempo-espaço da Festa do Divino Pai Eterno em Trindade*. 2003. Dissertação (Mestrado em Geografia), Programa de Pós-Graduação em Geografia, Universidade Federal de Goiás, IESA/UFG, Goiânia, 2003.

_____. Reizeiros da Bahia. *Tribuna do Planalto*, Goiânia, 20 mar. 2006. Cartas do leitor. Disponível em: <http://www.tribunadoplanalto.com.br/modules.php?name=News&file=article&sid=272&mode=thread&order=0&thold=0>. Acesso em: 26 mar. 2006.

CORRÊA, Aureanice de M. Espacialidades do sagrado: a disputa pelo sentido do ato de festejar da Boa Morte e a semiografia do território encarnador da prática cultural afro-brasileira. In: SERPA, Angelo (Org.). *Espaços culturais: vivências, imaginações e representações*. Salvador: EDUFBA, 2008. p. 161-179.

CORRÊA, Roberto L. Interações espaciais. In: CASTRO, Iná E. de; GOMES, Paulo C. da C; CORRÊA, Roberto L. (Org.). *Explorações Geográficas*. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 1997. p. 279-318.

_____. *O espaço urbano*. São Paulo: Ática, 2002.

COSTA, Carmem L. *Cultura, religiosidade e comércio na cidade: a festa em louvor a Nossa Senhora do Rosário em Catalão – Goiás*. 2010. 214 f. Tese (Doutorado) - Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas da Universidade de São Paulo, Departamento de Geografia, São Paulo, 2010.

COSTA Jr, Emanuel de O. *Dúvidas litúrgicas*. Goiânia: 2011.

CUNHA, Antônio G. *Dicionário etimológico da língua portuguesa*. Rio de Janeiro: Leixikon Editora Digital, 2007.

DAMATTA, Roberto. *Carnavais, malandros e heróis: para uma sociologia do dilema brasileiro*. Rio de Janeiro: Zahar Editores, 1983.

_____. *O que faz o Brasil, Brasil?* Rio de Janeiro: Editora Rocco Ltda., 1991.

DUMONT, Sálvia. *O Brasil em Festa*. São Paulo: Companhia das Letrinhas, 2000.

DUNCAN, James. A paisagem como sistema de criação de signos. In: CORRÊA, Roberto L.; ROSENDAHL, Zeny. (orgs). *Paisagens, textos e identidade*. Rio de Janeiro: EdUERJ, 2004. p. 91-132.

- DURKHEIM, Émile. *As formas elementares da vida religiosa*. São Paulo: Ed. Paulinas, 1989.
- _____. *As formas elementares da vida religiosa: o sistema totêmico na Austrália*. São Paulo: Martins Fontes, 2000.
- ELIADE, Mircea. *Imagens e símbolos: ensaio sobre o simbolismo mágico-religioso*. São Paulo: Martins Fontes, 1996.
- _____. *O sagrado e o profano: a essência das religiões*. São Paulo: Martins Fontes, 2001.
- ESTRELA, Carlos. *Metodologia científica: ciência, ensino, pesquisa*. São Paulo: Artes Médicas, 2005.
- EU PEÇO A JESUS CRISTO (Hino 64). *Hinário O Cruzeiro*. Centro da Rainha da Floresta (CRF). São Paulo: Alumínio, 2001.
- FERREIRA, Aurélio B de H. *Mini Aurélio: o mini dicionário da língua portuguesa*. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2004.
- FOLIA DE REIS. *Boletim da Comissão Catarinense de Folclore*, São Paulo, UNICAMP, ano XXXVI, n. 52, 2000.
- GIARD, Luce. Cozinhar. In: DE CERTEAU, Michel; GIARD, Luce; MAYOL, P. *A Invenção do Cotidiano* (2 Morar, Cozinhar). 6. ed. Petrópolis, Vozes, 1996. p. 211-334.
- GIL FILHO, Sylvio F. *Espaço sagrado: estudos em geografia da religião*. Curitiba: Ibpe, 2008.
- GODBOUT, J. T. Introdução à dádiva. *Revista Brasileira de Ciências Sociais*, São Paulo, v. 13, n. 38, out. 1998. Disponível em: <<http://www.scielo.br/scielo.php?pid=S0102-69091998000300002&script=sciarttext>>. Acesso em: 07 jun. 2010.
- HALL, Stuart. *A identidade cultural na pós-modernidade*. Trad. de Tomaz Tadeu da Silva e Guaracira Lopes Louro. 10. ed. Rio de Janeiro: DP&A, 2005.
- HATZFELD, H. *As raízes da religião: tradição-ritual-valores*. Lisboa: Instituto Piaget, 1993.
- HEIDEGGER, Martin. *Ser e tempo*. Petrópolis: Vozes, 1988.
- HYDE, Lewis. *A dádiva: como o espírito criador transforma o mundo*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2010.
- HOUAISS, Antônio *et al.* *Minidicionário Houaiss da Língua Portuguesa*. 3. ed. Rio de Janeiro: Objetiva, 2008.
- JACÓB, Amir S. *A Santíssima Trindade do Barro Preto: história da romaria de Trindade*. Goiânia: Redentorista, 2000.
- JARDIM DAS AROEIRAS. Lição de educação. *Diário da Manhã*, Goiânia, 26 jul. 1988a.

JARDIM DAS AROEIRAS. Um João de Barro da cidade grande. *Diário da Manhã*, Goiânia, 26 jul. 1988b.

KIMURA, Shoko. *Geografia no ensino básico: questões e propostas*. São Paulo: Contexto, 2010.

LANNA, Marcos. Nota sobre Marcel Mauss e o ensaio sobre a Dádiva. *Revista de Sociologia Política*, Curitiba, 14, p. 173-194, jun. 2000. Disponível em: <<http://ojs.c3sl.ufpr.br/ojs2/index.php/rsp/article/viewFile/3565/2822>>. Acesso em: 07 jun. 2010.

MAGNANI, José G. C. De perto e de dentro: notas para uma etnografia urbana. *Revista Brasileira de Ciências Sociais*, v. 17, n. 49, jun. 2002. Disponível em: <http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0102-69092002000200002&lng=pt&nrm=iso>. Acesso em: 06 ago. 2009.

MAIA, Carlos E. S. *Segregação residencial urbana: análise teórica e síntese comparativa entre as perspectivas positivista e marxista*. Rio de Janeiro: PPGG/UFRJ, 1994. (Dissertação – Mestrado em Geografia)

_____. S. Ensaio interativo da dimensão espacial das festas populares: proposições sobre festas brasileiras. In: ROSENDAHL Zeny; CORRÊA, Roberto L. (Orgs.). *Manifestações da cultura no espaço*. Rio de Janeiro: EdUERJ, 1999.

_____. *Enlaces geográficos de um mundo festivo – Pirenópolis: a tradição cavalheiresca e sua rede organizacional*. Tese (Doutorado em Geografia). Rio de Janeiro: PPGG/UFRJ, 2002.

_____. O lugar do bairro no mundo do samba. In: ALMEIDA, M. G. De, RATTIS, A. J. P. *Geografia: leituras culturais*. Goiânia: Alternativa, 2003. p. 185-206.

_____. *Ritual e emoção nas interações espaciais: repensando o espaço sagrado nas festas populares de romarias e folguedos*. In: ROSENDAHL, Zeny (Org.). *Trilhas do sagrado*. Rio de Janeiro: EdUERJ, 2010.

MAIA, Carlos, E. S.; COELHO, Tito O. Giros de folia na roça e na cidade: romanização da igreja e intervenção em práticas de devoção popular no bispado de Goiás. In: I SIMPÓSIO NACIONAL O RURAL E O URBANO NO BRASIL. São Paulo: USP/UFRGS, 2006.

MARCONI, Marina de A.; LAKATOS, Eva M. *Fundamentos de metodologia científica*. São Paulo: Atlas, 2007.

MASSEY, Doreen. *Pelo espaço: uma nova política da espacialidade*. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2008.

MAUSS, Marcel. *Sociologia e Antropologia*. São Paulo: EPU, 1974.

_____. *A prece*. In: OLIVEIRA, Roberto C. (Org.) de. São Paulo: Ática, 1979. p. 102-155.

_____. *Sociologia e Antropologia*. São Paulo: Cosac Naify, 2003.

MAUSS, Marcel; HUBERT, Henri. *Sobre o sacrifício*. São Paulo: Cosac Naify, 2005.

MELLO, João B. F. de. *Dos espaços da escuridão aos lugares de extrema luminosidade: o universo da estrela Marlene como palco e documento para a construção de conceitos geográficos*. 2000. Tese (Doutorado em Geografia) – Programa de Pós-Graduação em Geografia, Universidade Federal do Rio de Janeiro/UFRJ, 2000.

MESQUITA, Roberto Melo. *Gramática da língua portuguesa*. 9. ed. São Paulo: Saraiva, 2007.

MONTEIRO, Ofélia, S do N. *Como nasceu Goiânia*. São Paulo: Empresa Gráfica da Revista dos Tribunais, 1938.

MOREYRA, Yara. De folias, de reis e de Folias de Reis. *Revista Goiana de Artes*, v. 3, n. 2, jul./dez. 1982.

_____. Memórias de Folias. *Revista Goiana de Artes*, Instituto de Artes, Universidade Federal de Goiás, Goiânia, v. 5, n. 1, jan./jun. 1984.

MOTA, Rosiane D. “*Senhor dono da casa, se não for muito custoso, vem abrir a vossa porta que nós viemos de pouso*”: as territorialidades produzidas pelos Grupos das Folias de Reis em Goiânia. 2011. Dissertação (Mestrado) – Programa de Pesquisa e Pós-Graduação em Geografia, IESA/UFG, 2011.

OS SANTOS REIS. *O Lidador*, Goyaz, 12 jan. 1911.

PARKIN, D. Ritual as spatial direction and bodily division. In: COPPET, D. *Understanding ritual*. Londres: Routledge, 1992. p. 11-25.

PEREIRA, Dario. *Os peregrinos da folia: um estudo etnográfico sobre uma festa em movimento no Município de Urucuia – MG*. 2009. Tese (Doutorado), Prêmio Sílvio Romero de Monografias Sobre Folclore e Cultura Popular, Rio de Janeiro, 2009.

PEREIRA, Edimilson de A. Religiosidade popular: uma ponte entre Brasil e Península Ibérica. In: NASCIMENTO, Braulio do (Coord.). *Euro-América: uma realidade comum?* Rio de Janeiro: Comissão Nacional de Folclore/IBICC/UNESCO: Tempo Brasileiro, 1996.

PEREIRA, Roberta C. *Comunicação e cultura popular: a trajetória dos lugares através do samba*. Dissertação (Mestrado em Comunicação) – Universidade Estadual do Rio de Janeiro/UERJ, 2006. Disponível em: <<http://www.bdt.d.uerj.br/tdebusca/arquivo.php?codArquivo=661>>. Acesso em: 30 mai. de 2010.

PESSOA, Jadir de M. (Org.); PESSOA, Edson; VIANÊS, Edson A. *Meu senhor dono da casa: os 50 anos da folia de Reis das Lages*. Goiânia: Gráfica e Editora O Popular, 1993.

PESSOA, Jadir de M.; FÉLIX, Madeleine. *As viagens dos Reis Magos*. Goiânia: Ed. da UCG, 2007.

PORTO, Guilherme. *As folias de Reis no Sul de Minas Gerais*. Rio de Janeiro: MEC-SEC FUNARTE, Instituto Nacional do Folclore, 1982.

POSSEIROS DEIXAM YATE E VÃO PARA O AROEIRAS. *Diário da Manhã*, Goiânia, BAIROS, 06/07/1988.

RAFFESTIN, Claude. *Por uma Geografia do poder*. São Paulo: Ática, 1993.

RELPH, Edward. *Place and Placelessness*. London: Pion, 1980.

RÉMY, Jean; VOYÉ, Liliane. *A cidade: rumo a uma nova definição?* Lisboa: Afrontamento, 1994.

RIBEIRO, Letícia P. *Interações espaciais na fronteira Brasil-Paraguai: as cidades gêmeas Foz de Iguaçu e Ciudad del Este*. Dissertação de Mestrado, PPGG/UFRJ, 2001.

ROHDEN, Huberto. *Cosmoterapia: a cura dos males humanos pela consciência cósmica*. 2. ed. São Paulo: ALVORADA, 1989.

ROSENDAHL, Zeny. *Espaço e religião: uma abordagem geográfica*. Rio de Janeiro: EdUERJ/NEPEC, 1996.

SABOURIN, Eric. *Marcel Mauss: da dádiva à questão da reciprocidade*, *RBCS*, v. 23, n. 66, p. 132-138, fev. 2008. Disponível em: <<http://www.scielo.br/pdf/rbcso/v23n66/08.pdf>>. Acesso em: 07 jun. 2010.

SANTOS, Milton. *Metamorfoses do espaço habitado*. São Paulo: Hucitec, 1996a.

_____. *A natureza do espaço: técnica e tempo, razão e emoção*. São Paulo: Hucitec, 1996b.

_____. *Da totalidade ao lugar*. São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo, 2008.

SANTOS, Milton; SILVEIRA, Maria L. *O Brasil: território e sociedade no início do século XXI*. Rio de Janeiro: Record, 2001.

SEAMON, David. Body-subject, time-space routines, and place-ballets. In: BUTTMER, Anee; SEAMON, D. *The human experience of space an place*. New York: St. Martin's Press, 1980.

SEVERINO, Antônio J. *Metodologia do trabalho científico*. São Paulo: Cortez, 2007.

SILVA, Antônio R da. *Folia de Reis na Baixada Fluminense: reprodução das relações sócio-culturais do campo no tecido urbano*. 1987. 165 f. Dissertação (Mestrado em Geografia) – Programa de Pós-Graduação em Geografia da Universidade Federal do Rio de Janeiro/UFRJ, Rio de Janeiro, 1987.

SILVA, Denise B. do N. Curso sobre metodologia de pesquisas quantitativas. ENCE-IBGE, III Escola de Amostragem e Metodologia de Pesquisa, s.d., s.l.

SOARES, Marcos A. *Entre sombra e flores: Continuidades e rupturas na educação estética de devotos-artistas de Santos Reis*. 2006. 265 f. Tese (Doutorado em Educação) – Universidade Federal de Goiás, Goiânia, 2006.

SOUZA, Marcelo J. L. De. O bairro contemporâneo: ensaio de abordagem política. *Rev. Bras. Geog.*, Rio de Janeiro, IBGE, v. 51, n. 2, p. 139-172, abr./jun. 1989.

STEIL, Carlos A. *O sertão das romarias: um estudo antropológico sobre o santuário de Bom Jesus da Lapa – Bahia*. Petrópolis: Vozes, 1996.

SUERTEGARAY, Dirce M. A. *Pesquisa de campo em Geografia*. Disponível em: <<http://www.uff.br/geographia/ojs/index.php/geographia/article/view/78/76>>. Acesso em: 18 nov. 2011.

TEIXEIRA, Sérgio A. *Os recados das festas: representações e poder no Brasil*. Rio de Janeiro: FUNARTE/Instituto Nacional do Folclore, 1988.

THOMPSON, John B. *A mídia e a modernidade*. Trad. de Wagner de Oliveira Brandão. 2. ed. Petrópolis: Vozes, 1998.

TOMÁS, Amélia. FOLIA DE REIS. *Boletim* da Comissão Fluminense de Folclore, ano IV, n. V, mar. de 1972.

TREMURA, Welton A. *A música caipira e o verso sagrado na folia de Reis*. Anais do V Congresso da Seção Latino-Americana da Associação Internacional para o Estudo da Música Popular, Rio de Janeiro, 21-25 jun. 2004. Disponível em: <[http://www.hist.puc.cl/iaspm/rio/Anais2004%20\(PDF\)/WelsonTremura.pdf](http://www.hist.puc.cl/iaspm/rio/Anais2004%20(PDF)/WelsonTremura.pdf)>. Acesso em: 15 set. de 2010.

TREWARTH, Glenn T. *Geografia da população: padrão mundial*. São Paulo: Atlas, 1974.

TUAN, Yi-Fu. *Espaço e Lugar*. (Trad. Livia de Oliveira). São Paulo: Difel, 1983.

ULYSSÉA NETO, Ismael; KÜHLKAMP, Nilo. *O tratamento do espaço em modelos de interação Espacial: considerações sobre a determinação das oportunidades intervenientes*. Congresso Brasileiro de Cadastro Técnico Multifinalitário/COBRAC 2002, UFSC, Florianópolis, 06-10 out. 2002. Disponível em: <http://geodesia.ufsc.br/Geodesia-online/arquivo/cobrac_2002/018.HTM>. Acesso em: 30 jan. 2007.

ULLMAN, E. L. Geography as spatial interaction. In: ELIOT-HURST, M. E. (Ed.). *Transportation Geography: Comments and Readings*. New York: McGraw-Hill, 1974.

VIEIRA, Sônia Maria. *Folia de Reis*. Rio de Janeiro: UFRJ, 1987.

FONTES DOCUMENTAIS

DECRETO n. 1833, de 18 de setembro de 1998, *Diário Oficial do Município* n. 2.205, 03/11/1998.

Diário Oficial do Município, n. 2.205, 03/11/1998, p. 6

Divisão de Cartografia da Secretaria Municipal de Planejamento. PARECER n. 500/98, Processo n. 1231.183-4, INTERESSADO: Secretaria Especial da Solidariedade Humana, ASSUNTO: Regularização, 05/05/1998.

Divisão de Cartografia da Secretaria Municipal de Planejamento. DOFT/DCG n. 390/99, Processo n. 1231183-4/98, INTERESSADO: GOVERNO DO ESTADO DE GOIÁS, Regularização, 06/07/1999.

GOVERNO DO ESTADO DE GOIÁS, SECRETARIA ESPECIAL DA SOLIDARIEDADE HUMANA/DIRETORIA DE HABITAÇÃO E ASSENTAMENTO URBANO, Projeto de Regularização, 01/04/1998.

I-CGPS/NCC/AJU-NSR – N. 0307/93, PROCESSO N. 189.916-4, INTERESSADO: SECRETARIA DE ASSUNTOS COMUNITÁRIOS, ASSUNTO: Loteamento (Jardim das Aroeiras), Goiânia, 05/05/1993.

MEMORIAL DESCRITIVO DE PARTE INTEGRANTE DA FAZENDA RETIRO, 24/09/1987.

Núcleo de Cartografia e Cadastro do IPLAN. I-CGPI/NCC/NSR, n. 0720/94, Processo nº 607.870-2, INTERESSADO: Alankardec Antônio de Souza, 17/10/1994.

PREFEITURA DE GOIÂNIA, IPLAN, Núcleo de Cartografia e Cadastro, Resposta ao Of. 028/95, 25/04/1995.

PROGRAMA HABITACIONAL COMUNITÁRIO, Secretaria de Assuntos Comunitários, Superintendência para Assuntos de Posse Urbana e Habitação Popular, Governo Santillo, s. l., s. d.

Registro de Imóveis da 4ª Circunscrição Imobiliária de Goiânia, 08/03/2000.